



Kaenar Langford

O anjo de Lúcifer

Ele é alto e moreno, e tenta escapar desesperadamente de seu passado. Ela é baixa, curvilínea e está muito zangada depois de esperar ao lado de seu carro quebrado sob o sol ardente. Quando Gabriel para sua motocicleta e tira o capacete, Mariah joga um olhar nesses penetrantes olhos azuis e ao seu comprido cabelo negro, e se dá conta de que encontrou o próprio Lúcifer e de que está em um sério problema.

Fugindo de seus demônios, Gabriel não tem tempo para deter-se, mas quando um vento diabólico levanta essa saiazinha afetada e deixa à vista uma tanga adolescente e a liga que segura as meias negras dela, seu destino está selado. E também o dela.

Merece um renegado como Gabriel encontrar a sua metade da laranja? Mariah acredita que sim, e o arrasta a uma viagem erótica para demonstrar isso.







Comentários

Comentário da Revisora Gis Baptista: O livro não tem história legal, entretanto, são tantas cenas hots que me questionei se a temperatura em SP não elevou por conta da revisão desse livro. Creia os personagens tem uma imaginação super fértil. Com todo esse calor que faz em SP não consigo olhar para um cubo de gelo sem lembrar de uma das cenas "hotíssimas" desse livro!! Mas enredo que é bom necas!

Comentário da Revisora Sandra: Este é um daqueles livros em que o resumo engana. Eu esperava mais. Uma historinha bem água com açúcar com muitas e muitas passagens hot. Eu só queria saber o que esse homem toma para ter tanto fôlego.

Capítulo um

Havia algo nele, nos jeans velhos, na camiseta branca ajustada sobre o largo peito, nas botas negras e na jaqueta de couro. No momento em que ouviu a Harley que se aproximava soube que aquele homem significava problemas, entretanto, após ter esperado no sol durante horas ao lado do carro avariado teria dado boas-vindas ao próprio Lúcifer. Ao descer da moto e aproximar-se dela, soube que devia ter voltado para casa caminhando, mas não com aquelas botas de salto alto. Em seguida ele tirou o capacete e uma cabeleira negra como carvão caiu sobre suas costas. Aqueles olhos azuis e penetrantes avaliaram lentamente o corpo dela. Quando os olhos de ambos se encontraram, se deu conta que era o próprio Lúcifer e que estava metida em uma boa confusão.

Soube que ela significava problemas no instante em que a viu com o sol poente formando uma auréola ao redor de seu cabelo avermelhado e dourado. Era uma mulher pequena, mas tinha suas curvas e parecia muito zangada. Vestia uma singela saia negra rodada e um top negro. Entretanto, não pôde evitar sorrir ao ver que também calçava umas botas altas de couro com cordões. O que lhe faltava: problemas em forma de um anjinho sexy.

Pôs o capacete sobre o assento, girou e caminhou para ela. Ao aproximar-se, ela deu uns passos para trás, logo se armou de coragem, deteve-se e o olhou. Ele entendia seu nervosismo e



sorriu para tranquiliza-la.

Que sorriso! O propósito era tranquiliza-la, mas parecia mais um claro convite ao pecado. Quando ele sorriu, um vento repentino os envolveu e Gabriel estendeu a mão para tocar o cabelo dela porque pequenos cachos escaparam da presilha e revoaram ao redor do rosto da mulher. O suave roçar a assustou, ao que ele retirou a mão. O momento mágico tinha desaparecido.

Ele não necessitava esta complicação. Precisava montar em sua moto e seguir adiante. Era a única forma de deixar atrás seus demônios.

Podia parecer-se com Lúcifer, mas sabia que não poderia deixá-la ali sem mais.

—Precisa que a leve? —perguntou.

Era uma pergunta singela, mas ao fazê-la com aquela voz baixa e áspera, conjurou em sua cabeça todo tipo de imagens de lugares em que a poderia levar: a uma cama, a uma mesa, a um balcão, ao seu colo; ambos nus.

Sacudiu a cabeça para dissipar aquelas imagens e ao mesmo tempo assentir. Não o conhecia; não sabia aonde ia ou onde tinha estado, mas sabia que o demônio a estava chamando e sua resposta era definitivamente sim. Estremeceu antecipando o que estava por chegar.

Gabriel viu como a mulher estremeceu e se excitava, mas tentou ignorar aquela reação. Precisava seguir movendo-se se queria tirar vantagem de seus pecados. Em lugar disso, soltando um suave suspiro, tirou a puída jaqueta de couro e a colocou sobre os ombros dela.

Envolta no calor do corpo daquele homem e no aroma de sua pele Mariah notou como se apertavam suas coxas e seus mamilos endureciam. Tentou recuperar o controle de seu corpo. Não podia explicar a reação que aquele estranho provocava e o desejo não desejado a punha nervosa.

—Meu carro quebrou — disse com mais aspereza que a intencionada. Estava irritada pela longa espera no sol abrasador e por ser tão consciente da presença daquele homem. Não queria que percebesse o quão desequilibrada a fazia sentir— estive esperando durante horas que passasse alguém. Só quero chegar em casa.

—Não precisa me arrancar a cabeça. Só estava oferecendo minha ajuda — respondeu ele levantando as mãos num gesto defensivo— Para dizer a verdade, para mim dá no mesmo se a deixo aqui — Tirou a jaqueta dos ombros e começou a caminhar para a moto. Mariah mordeu os lábios ao vê-lo afastar-se. Não pretendia partir e deixá-la ali, verdade? Vestiu a jaqueta e agarrou o capacete. Ela queria deixá-lo ir, mas assim que o viu soube que o destino já tinha decidido.

—Espere! —gritou. Ele girou para olhá-la. Sinto — se desculpou com estupidez — Não costumo ser tão mal educada.

—Sério? Quanto de mal educada está acostumada a ser? — Perguntou tentando não sorrir.

—O que? — ela espetou. Em seguida se pôs a rir — Não costumo ser nada mal educada, mas você parece tirar o pior de mim. Poderia me levar, por favor?

—Claro. De todo modo, não seria capaz de deixá-la aqui. Tem que pegar algo no carro?

—Só minha bolsa — respondeu e girou para o carro tentando recuperar de novo o equilíbrio. Ao abrir a porta e inclinar-se para pegar a carteira o vento endiabrado a envolveu e levantou a saia por cima das altas botas de cordões para mostrar umas coxas cobertas de meias negras, em seguida a pequena liga negra e por último uma tanga diminuta de renda negra. Mariah



deu a volta desejando que ele não presenciasse tamanha revelação, mas um só olhar para essa cara faminta bastou para saber que tinha visto tudo.

Só podia pensar em tombá-la sobre o capô do carro e percorrer com as mãos aquelas pernas longas. Era pequena, mas aquelas pernas pareciam não ter fim. Queria cobri-la com seu corpo e segurar suas mãos acima da cabeça enquanto beijava sua nuca e seguia a curva da orelha com a língua. Queria soltar seu cabelo para que caísse pelas costas. Quanto de comprido seria? Chegaria à curva das nádegas? Queria passar as mãos entre o cabelo e sentir a suavidade não só nas mãos, mas também no rosto. Queria passar as mãos pelas costas e pelas bochechas e levantar sua saia. Queria entreter-se na suave pele justamente acima das meias, primeiro com as mãos e logo com a língua e usando-a para riscar a junta das nádegas. Com doçura lamperia suas dobras e afastaria a tanga com a língua. Queria lamper suas dobras secretas e saborear seu mel. Sorriu ao se perguntar se seria capaz de levá-la ao orgasmo usando somente a língua.

Mariah se perguntou o que estaria passando pela cabeça daquele homem. Pela expressão do rosto parecia querer devorá-la, mas imediatamente em seguida sorriu. Agarrou a bolsa e a meteu em um dos alforjes da moto.

—Em marcha — disse com aspereza— Tem alguém a quem pode chamar para recolher o carro?

—Odeio os telefones celulares — respondeu — Chamarei a oficina mais tarde. Agora só quero chegar em casa.

—Até onde teremos que chegar? — perguntou ele. Mariah não pôde evitar rir ao pensar até onde teriam que chegar. Ele teria que tirar a camiseta branca e mostrar o estupendo peito. Logo teria que soltar o cabelo para que caísse solto pelos ombros e as costas. Teria que desabotoar os jeans e os baixar. Ela elevou a vista e o pegou olhando-a. Veria o que estava passando por sua mente? O que a fazia pensar nessas coisas? Tinha visto homens bonitos antes, mas nenhum a tinha feito sentir o que este fazia.

—Quero dizer a que distância está sua casa — disse sorrindo. Sabia perfeitamente o que estava passando pela cabeça daquela mulher: o mesmo que passava pela sua. Ainda que não pronunciasse as palavras soube que teria que chegar ao final com ela. Precisava saber que mais se escondia debaixo daquela roupa tão correta. Uns objetos tão corretos por um lado e uma roupa interior tão sexy pelo outro: essa mulher era pura contradição. Usaria um sutiã de renda combinando com a liga e a tanga? Seria um desses sutiãs que não ocultam de tudo os mamilos e os poderia ver aparecer? Seriam os mamilos rosados e escuros? Ou talvez marrons? Seriam de um rosa forte? Adoraria vê-la com apenas a sexy roupa íntima e as meias com as botas de cordões. Adoraria tirar sua tanga e sentá-la em uma cadeira. Ajoelharia diante dela e poria o pé dela em seu colo para desamarrar as malditas botas. Enquanto as desatasse poderia ver as formosas dobras rosadas e ver como transbordaria de desejo. Agitou a cabeça para que seus pensamentos voltassem a se centrar no presente e se deu conta que o simples fato de pensar nela e nas coisas que poderia fazer com ela bastava para pô-lo duro como uma rocha.

Mariah se ruborizou pelo giro que tomavam seus pensamentos e com que facilidade ele era capaz de lê-los e refleti-los no olhar como se fosse um espelho.



—Só terá que seguir uns quilômetros mais e virar à direita — Gabriel a olhou perdido em seus pensamentos eróticos — Temos que seguir uns quilômetros mais e logo girar à direita para chegar em minha casa — Gabriel se dirigiu a sua moto e agarrou o capacete. Tentou que o rebelde pênis voltasse a obedecer enquanto ficava de costas para ela. Mariah seguia de pé esperando. Ele suavizou o tom de voz e estendeu a mão com o capacete dizendo:

—Tome. Ponha-o

—Não! Você o necessita — respondeu afastando-o com um gesto da mão de novo para ele.

—Estarei bem. Não fica muito longe, não? —perguntou embalando o capacete no braço dobrado.

—Uma vez que saíamos da autoestrada exatamente antes de Hopeville será somente uns poucos quilômetros.

—A que distância de Hopeville?

—Uns cinco quilômetros.

—Estarei bem — disse e entregou o capacete. Esperou que o pusesse e ajustasse. Mariah se deu conta que era mais fácil pôr o capacete sem ter que discutir com ele. Gabriel montou na moto e indicou por gestos que se sentasse atrás. Mariah passou a perna por cima do assento e o rodeou com os braços. Notava como o calor dele esquentava seu peito e mandava chamas por todo seu corpo. Podia notar cada linha dos músculos peitorais. Quis segui-los primeiro com a mão e em seguida com a boca ao mesmo tempo beijar o peito, chupar e morder cada músculo. Quis subir a camiseta e pôr a boca sobre a suave pele das costas. Quando pôs a moto em movimento o cabelo dele formou redemoinhos ao redor dela e roçou sua face como se estivesse acariciando sua mandíbula.

Ouviu em algum lugar que os homens gostavam de montar motos porque lhes provocava uma ereção. Quis deslizar as mãos e agarrar suas partes. Seria grande e duro e estaria pressionando contra os jeans? Adoraria riscar a forma com o dedo e sentir seu poder sob as mãos. Era um homem grande. Recordou a mão que estendeu para tocar seu cabelo: uma mão longa com dedos longos e retos. O resto também seria longo? Imaginou o formoso pênis: comprido e grosso e pulsando cheio de vida. Com a vibração da moto podia imaginar aquele enorme pênis introduzindo-se nela e saindo. Imaginava esse homem passando as mãos pelo seu pescoço, pela clavícula e os seios. Imaginava-o acariciando seu estômago com as enormes mãos e com o polegar fazendo círculos sobre o clitóris e acariciando-a por dentro e por fora.

—Quanto falta? —gritou Gabriel afastando-a das alucinações. Ele mal podia concentrar-se na estrada. Tinha as pequenas mãos dela fortemente agarradas ao redor da cintura e só podia pensar que gostaria que agarrasse seu pênis ereto. Adorava a ereção que tinha cada vez que montava sua Harley, mas acrescentando isso à atenção que seu pênis parecia dedicar à passageira estava de tal forma que era quase doloroso. Desejava que ela baixasse as mãos e sentisse o que sua proximidade provocava nele. Queria que soubesse como estava grande, grosso e que se perguntasse se seria capaz de ter tudo aquilo dentro dela. Podia sentir as pernas dela contra as suas e imaginava seu sexo nu apertado contra suas costas. Perguntou-se se estaria no ponto, úmido e ansioso, por uma investida dele.



—Quanto falta? —voltou a perguntar. Teria que reacomodar o próprio pênis se a viagem durasse muito mais.

—Há um lugar com árvores velhas exatamente em frente à direita. Deverá vê-las embora esteja escurecendo. Gire à direita sem passá-las.

Gabriel viu a silhueta das árvores desenhadas contra o céu escurecido e diminuiu a velocidade. Ao inclinar-se para fazer a curva o corpo dela se apertou com mais firmeza contra o seu. Gabriel quase soltou um gemido ao tê-la plantada contra ele. Esperava que não faltasse muito já que não sabia quanto tempo mais poderia aguentar essa tortura. Andaram uns quantos quilômetros mais e Mariah deu uns toques em seu ombro.

—Onde estão àquelas luzes à esquerda — gritou em seu ouvido — Entre ali. —Conduziu por um comprido caminho de entrada e se deteve perto da casa. Havia luz suficiente para discernir um estábulo e algumas construções que viu à medida que se aproximava de uma granja antiga. Tinha um alpendre frontal grande com um balanço antigo nele.

Quando desligou a moto e desceu Mariah se perguntou o que estava fazendo aqui com um homem que sequer conhecia e distante do povoado mais próximo. Sabia o que estava fazendo, mas não sabia se devia seguir em frente. Não conhecia este homem e, entretanto, sabia sem a menor dúvida o que queria dele. Desceu e girou para olhá-lo. Depois do contínuo ruído e vibrações da moto o silêncio resultou quase inquietante. Ouviu o latido de um cão ao longe e algumas aves noturnas chamavam, mas a casa permanecia em silêncio.

—Sequer sei como se chama — disse tirando o capacete e devolvendo.

—Meu nome é Gabriel, Gabriel Blackburn — respondeu ele enquanto pegava o capacete e o colocava sobre o assento. Ela começou a rir. Pensara que era Lúcifer, mas levava o nome do arcanjo Gabriel.

—O que tem de engraçado meu nome?

—Bom, imaginei que seria Lúcifer ou Merlin pelo modo que apareceu do nada e me levou com você — Gabriel jogou a cabeça atrás e riu. Logo a pegou no colo — Sem dúvida sequer te ocorreu fechar a porta com chave, não é, senhorita?

—Nunca senti necessidade de fazê-lo. Sempre imaginei que se quisessem os problemas entrariam igualmente com a porta fechada ou não — Gabriel sorriu num gesto de cumplicidade.

—Você ainda não sabe o que são problemas. —Subiu as escadas para a porta principal com ela nos braços. Logo deixou que deslizasse por seu corpo para poder abrir a porta. Ela notou a atroz ereção. Queria que soubesse que sensação causava os problemas, a que cheiravam e que sabor teria. Depois de abrir a porta de tecido metálico, agarrou-a pelo pulso e a atraiu para ele.

—Não me diga que se chama Anjo.

—Não — riu — É assim como me vê, como um anjo?

—Vejo-a de muitas maneiras — foi a resposta — Sobre a mesa, no chão, sobre o tapete em frente à chaminé, inclusive na cama com as asas estendidas.

—Não me chamo Anjo, nem sou uma tampouco. De fato, quando estou perto de você me sinto muito diabólica. Meu nome é Mariah Forrester e agora que já fizemos as apresentações entre.



Capítulo dois

Abriu a porta interior e a porta de tecido metálico se fechou de repente a suas costas. O som reverberou no silêncio. Gabriel girou para Mariah e a imobilizou contra a parede. Estendeu com delicadeza as mãos sobre a cabeça e sussurrou em seu ouvido:

—Me diga que não quer isto e parto agora mesmo.

Deixava que ela tomasse a decisão final, mas a verdade era que não havia decisão a tomar. Decidiu-se no instante em que o viu descer da Harley. No instante em que tirou o capacete e o cabelo negro carvão se soltou sobre as costas e lhe dirigiu um olhar de falcão. Certamente que não teria que tomar decisão alguma: ela sabia que era precisamente isto o que queria. Voltou a baixar as mãos e agarrou a dele. De mãos dadas o levou pelo corredor e subiram as escadas. Seus passos ressonavam no comprido corredor que levava ao dormitório. A porta estava aberta e quando entraram Mariah se deu conta que Gabriel observava o quarto. Seus olhos brilharam ao ver que um canto do quarto era dominado por uma antiga cama de quatro colunas perto da janela. A luz da lua penetrava por entre as cortinas de renda formando delicadas formas sobre a colcha. Quando a mulher quis acender o abajur ele a deteve. Bastava a luz da lua que banhava o quarto com reflexos chapeados e desenhava suaves sombras no chão.

Parecia estar sonhando quando levou sua mão à boca, girou-a e beijou com ternura sua palma. Lambeu e colocou cada um dos dedos, um após o outro, na boca. Quando Mariah desabou contra ele porque as pernas já não a sustentavam Gabriel a rodeou com o braço e rindo a levantou e deitou na cama. Deitou-se com todo o peso sobre ela de modo que pudesse senti-la, cheirar e absorver. Apoiou-se sobre os cotovelos e lambeu seus lábios. Mordiscou o lábio superior. Em seguida beijou com ternura as pálpebras e as bochechas. Apoderou-se de novo da boca e desta vez tomou posse dela com um forte e exigente beijo. Colocou a língua na boca e a passou pela suave parte interior da bochecha e pelo palato de modo que Gabriel começou a gemer. Retirou-se e ficou de pé rapidamente. Estendeu as mãos e a fez levantar-se.

Ela se afastou de seus braços o suficiente para acender o abajur da mesinha de noite. Ao perceber a pergunta no olhar dele, disse:

—Tenho que acender o abajur. Não quero perder um só detalhe.

Quando girou para olhá-lo Gabriel sorria e indicava com o dedo para aproximar-se. Mariah se aproximou lentamente, agarrou sua mão e levou o dedo à boca. O pênis de Gabriel deu um salto e inchou enquanto lhe acariciava o dedo e o chupava com lábios e língua.

—É uma garota muito má — disse muito baixo e Mariah dedicou um sorriso malicioso.

—Está diante de um eu completamente novo. Antes de te conhecer não fui nunca uma garota má — respondeu.

— Gosto de seu novo eu, mas acredito que seu velho eu teria me agradado da mesma maneira — Embora acabassem de se conhecer ele possuía o poder de elevá-la e fazê-la sentir.



—Não tem que encher minha bola — disse sorrindo — Desta vez sairei com a minha, aconteça o que acontecer.

Viu como Gabriel ficava sério. Quando por fim falou se deu conta de que queria que ela soubesse que aquilo era especial, que não eram somente palavras. Faria amor com ela.

—Não era para encher a bola. Faz com que me sinta... diferente: melhor do que sou. Não se fia em mim e, entretanto, confia em mim; sabe que te tratarei com delicadeza. Não sou uma pessoa que outros acreditam que se pode confiar — disse com tristeza. Seu olhar parecia tão distante que Mariah se perguntou o que estaria guardando. Passou a mão pela mandíbula. Gabriel apoiou a face naquela mão e sorriu. Baixou a cabeça um pouco mais e lhe deu um suave beijo — Preciso vê-la — disse com voz baixa. Pondo as mãos na cintura tirou lentamente sua camiseta.

"Meu Deus" pensou Gabriel. Era tal como tinha imaginado. Vestia um desses diminutos sutiãs que não cobria os mamilos, preciosos mamilos rosa escuro apareciam pela parte superior da renda e estavam expostos para ele como se fosse um succulento banquete. Apenas começava a despi-la e a mente já parecia paralisada assim como grande parte do corpo. Inclinou-se e agarrou um dos mamilos com a língua enquanto beliscava o outro com o polegar e índice. Aplicava uma pressão muito ligeira, mas bastava para fazê-la retorcer-se. Com os polegares baixou o sutiã para deixar expostos aqueles exuberantes seios coroados com longos mamilos rosados. Esfregou a ponta dos mamilos com os polegares e ficaram firmes. Tinha mamilos preciosos, compridos e duros como rubis. Primeiro aplicou a boca em um e logo no outro e foi recompensado com um grunhido de prazer.

—Quero me assegurar de prestar a mesma atenção a ambos — disse.

Mariah estava segura de que Gabriel estava dizendo algo, mas tinha o corpo perdido em meio uma névoa sensual e não podia concentrar-se em nada mais que aquela boca celestial e o prazer que estava lhe proporcionando. Era como se um cordão de seda unisse os mamilos ao sexo. Cada vez que ele puxava ou beliscava, um relâmpago atravessasse seu corpo e se centrava no clitóris. Sentiu como se inchava a cada puxão e como gotejava nata. Acaso não pensava em prestar atenção ao resto do corpo?

Como se ouvisse o mudo pedido, Gabriel elevou a cabeça para tirar o sutiã. Acariciou a suave pele enquanto procurava os broches para liberar os seios. Ante as sensações que percorriam seu corpo ela jogou a cabeça para trás e Gabriel mordiscou seu pescoço, com um pouco mais de força na região em que sentia seu pulso. Desabotoou o sutiã e o deixou cair no chão. Embalou os seios com as mãos grandes e ásperas. A sensação resultou divina para ambos: para ela, porque a suave pele era acariciada por aquelas mãos ásperas; para ele, porque as mãos ásperas acariciavam aqueles suaves seios. Sustentou-os e os juntou para poder espremer-los e brincar com eles.

Era muito para Mariah. Com um grito afogado explodiu. O orgasmo seguia e seguia enquanto Gabriel seguia manuseando seus seios. Era tão receptiva que não podia acreditar. Nunca conseguiu que uma mulher chegasse ao orgasmo somente lhe acariciando os seios. De fato, não sabia que pudesse fazer. Quis golpear o peito e uivar à lua.

—Vá. Que vergonha! —disse Mariah tentando voltar a meter-se em seu corpo, mas ao



mesmo tempo evitando olhar ao homem. Ele a agarrou pelo queixo e ela viu o sobressalto em seu olhar.

—Vergonha? Não sei você, mas para mim foi a melhor experiência de minha vida. Pode imaginar o que senti? Ainda não estive dentro de você e já pude sentir o calor te atravessando. Foi como atravessar o espaço juntos. Saber que pode alcançar o orgasmo só com o tato de minhas mãos, te acariciando os seios... É incrível!

Mariah não podia entender como as pessoas não confiariam neste homem. Tratava-a como algo valioso e em vez de zangar-se agradecia que houvesse dado aquele presente.

Gabriel pôs as mãos em sua face e atraiu sua boca para a dele. Com a língua seguiu a linha dos lábios e mordiscou o lábio inferior. Ela abriu a boca para permitir sua entrada, mas ele se negou a ser apressado. Tomou seu tempo. Acariciou sua boca como um artista teria feito com sua obra prima. Beijou-a passando pelo pescoço e mais abaixo notando pela primeira vez uma diminuta linha de sardas entre os seios. Assegurou-se de beijar cada uma delas decepcionado por não tê-las notado antes. Pôs a língua sobre a suave pele e foi lambendo de sarda em sarda.

Mariah soltou um risinho ante a sensação da revoadada de mariposas.

—O que faz? —perguntou.

—Quando era pequeno sempre quis um jogo desses em que se pintava seguindo os números, mas nunca me compraram um. Agora por fim estou cumprindo uma fantasia infantil e devo admitir que a versão adulta fosse muito mais satisfatória — respondeu enquanto seguia pintando com a forte língua. Ela tremeu quando ele se ajoelhou e começou a beijá-la e mordiscá-la para baixo. Em seguida a virou de modo que ficou de costas para ele e começou a desabotoar a saia.

Desceu-as pelo quadril e foi recompensado com a tentadora panorâmica de impressionantes nádegas pedindo ser acariciadas e beijadas. Colocou as ásperas mãos sobre elas e com a ponta dos dedos riscou círculos sobre a pele. Como resposta ela suspirou de prazer. Trocou as mãos pela boca e deu pequenas e fortes dentadas amorosas deixando pequenas marcas vermelhas que aliviava com a língua. Já que ela ronronava de prazer, colocou a língua na parte superior da racha e afastou com ela a tanga de modo que pôde descer para a dobra. Com as mãos na parte superior das costas a obrigou a inclinar-se. Nesta nova postura penetrou a língua por baixo da tanga e saboreou o lugar secreto. Tinha sabor de mar: salgado e doce. Pôs a língua rígida e a introduziu dentro dela. Assim ela recordaria o que faltava chegar neste baile erótico. Golpeou com delicadeza o clitóris, mas antes que pudesse pôr as mãos na parte dianteira para torturá-la com os dedos, ela gozou com um tremor tão violento que inclusive atravessou o corpo dele.

Mariah notou como Gabriel a voltava para ele e se obrigou a abrir os olhos e olhar seu rosto. Ele sorriu. Não era um sorriso presunçoso, mas um sorriso de sorte e satisfação. Passou as mãos com ternura pelas bochechas seguindo os angulosos, mas delicados ossos. Em seguida pôs as mãos no cabelo e o soltou esparramando-os pelos ombros e costas. Era como seda negra fluindo entre os dedos. Ele se inclinou para frente para poder esfregar a áspera bochecha contra aquela barriga suave como a pele de um bebê.

Adorava a sensação daquela pele. Também adorava o aroma, doce, porém forte. Doce por



uma sutil fragrância e forte pelo avançado estado de excitação.

Ela se perguntou o que estaria pensando quando se levantou do chão de repente.

Então agarrou a camiseta pela parte de atrás do pescoço e a tirou.

—Preciso te sentir contra mim — disse. Abraçou-a e a atraiu para ele com firmeza de modo que sentiu os tensos mamilos esfregando-se contra ele.

Mariah adorou a sensação que a atravessou quando os mamilos tocaram o peito masculino. Queria estar ainda mais perto dele. Era uma sensação muito erótica e ao mesmo tempo exótica. Deu um passo atrás e passou as mãos pelo pelo do peito. Era puro contraste com o homem: era suave e sedoso e, entretanto, o homem era todo músculo, ombros largos, abdômen firme e quadril e cintura estreitos. Perguntou-se no que trabalharia. Parecia um homem muito duro e, entretanto, estava sendo muito delicado com ela. Ao que teria se referido ao dizer que as pessoas não confiavam nele?

Suas cogitações foram interrompidas já que Gabriel lhe deteve as mãos.

—Está fazendo algo muito perigoso. Tenho uma espécie de gatilho de cabelo. Não gostaria de disparar a meia tarefa, por assim dizer — disse com uma risada seca. Baixou o olhar pelo corpo dela e se deteve nas botas altas de cordões. Sorriu e procurou com o olhar uma cadeira adequada. Localizou uma de encosto duro num canto. Foi ali e a pegou. Mariah parecia não entender.

—Tenho uma ideia que poderia te agradar — foi a resposta ao olhar inquisitivo de Mariah — Você gostou de minhas outras ideias, não?

— Adorei suas ideias, mas o prazer parece ter sido unilateral.

— Você pode ter tido os orgasmos, mas te asseguro que o prazer não foi unilateral — assegurou — O simples fato de estar com você, te tocar, sentir como goza também me proporciona prazer. Assim, você gostaria de provar minha nova ideia?

—Terei ocasião de provar também alguma ideia minha? —perguntou Mariah com olhar travesso.

—Suponho que o justo seria alternar-se. Enquanto meu pobre coração possa resistir estou aberto a tudo.

Mariah agarrou-o descaradamente pelo pacote que era seu membro movendo-o com delicadeza para cima e para baixo.

—Já vejo que está disponível para algo. Adiante, provemos outra de suas ideias. Parece que gosto.

Gabriel ficou olhando a impressionante roupa íntima. Deu-se conta que não poderia começar tirando a tanga já que a vestia por baixo da liga. Mas tampouco queria começar com a liga e as meias porque senão estragaria a fantasia. O que podia fazer? Mas, o que podia fazer?

Mariah se perguntou o que, por todos os Santos, estaria passando pela cabeça dele. Parecia muito preocupado enquanto observava a roupa íntima. Por fim tomou uma decisão e perguntou seriamente:

—Posso cortar a tanga?

—O que?

—Posso cortar a tanga? Adorarei comprar outra nova em troca. Inclusive te ajudarei a



escolhê-la. E ficarei para ver como prova isso se quiser.

Mariah riu. Não tinha nem ideia do que pretendia, mas sabia que a agradaria, fosse o que fosse.

—Adiante. Corta se tiver que fazer. Tenho outras.

—Temia isso — grunhiu. Mariah arregalou os olhos como pratos quando Gabriel colocou a mão no bolso e tirou uma navalha. Bateu-a contra o lábio superior enquanto tratava de decidir qual seria a melhor forma de tirar a tanga. Ela não pôde evitar rir já que parecia que estava tomando uma decisão de vital importância. Talvez estivesse. Uma vez que a tanga já não estivesse e ficasse exposta ante ele estaria se entregando por completo e desta vez se sentia diferente de como havia se sentido antes com outros homens. Voltou a virá-la com suavidade de maneira que ficou de costas para ele. Pôs um dedo atrás da tira da tanga e puxou para separá-la do corpo. Abriu a navalha e cortou com destreza o material em ambos os lados da cintura. Fechou a navalha, voltou a meter no bolso e puxou a tanga tirando-a entre as pernas e passando-a pelo já sensível clitóris. Gabriel fechou os olhos ao inalar aquele aroma salgado. Logo a atirou atrás dela.

—Agora te ajudarei a tirar essas botas — disse ao mesmo tempo em que puxava a cadeira. Antes de sentar-se deu um passo atrás para desfrutar daquela impressionante visão: ela nua exceto pela liga que emoldurava uns cachos avermelhados, as meias sexy que cobriam boa parte da coxa e as botas que pediam a gritos que o fizesse.

—Caminha pelo quarto, assim posso vê-la por trás. —Mariah deu a volta, foi para a janela e fingiu olhar por ela. Os olhos de Gabriel a seguiram. Mal podia respirar ao ver como aquele traseiro em forma de coração se balançava com as botas. Visto por trás a liga emoldurava as nádegas perfeitamente como a obra de arte que eram. Tinha um pequeno lunar justo em cima da racha. Estava seguro de que o lunar encaixaria perfeitamente na ponta de sua língua.

—Dá a volta, caminha de novo para mim e sente-se na cadeira — ordenou. Ela se afastou da janela, veio e ficou de pé na frente dele.

—Não me atará à cadeira, verdade? —perguntou sem fôlego.

—Não tinha me ocorrido isso — disse pensativo — Podemos fazer em outra ocasião. — Mariah não soube se sentia alívio ou decepção.

—Venha, sente-se — insistiu. Ela se sentou e notou o frio da cadeira nas nádegas nuas. Gabriel se ajoelhou em frente a ela.

—Vai suplicar?—perguntou brincando

—Bom alguém vai acabar suplicando e não acredito que serei eu — foi a resposta junto com uma luz diabólica desprendida daqueles preciosos olhos. Mariah baixou a vista para olhá-lo. Era incrível com a cabeleira solta caindo sobre as costas e o peito! Aquele corpo forte e musculoso recordava um antigo guerreiro. Além disso, a fazia sentir-se muito bela e ao mesmo tempo segura. Mariah se armou de coragem e olhou diretamente em seus olhos, sentou-se ereta na cadeira e abriu as pernas. Gabriel por pouco não se engasga.

—OH, sinto —disse ela brincalhona— Isto não era parte de seu plano? É verdade: alguém suplicaria! E pensava que seria eu. — Ameaçou fechar as pernas, mas Gabriel pôs as mãos na parte interior das coxas e impediu que o fizesse.



—Céu. Tem razão. Alguém vai suplicar e sigo pensando que será você — Já estava se inclinando para frente para lhe pôr a boca em cima quando recordou que inicialmente o plano era outro, mas o sexo oral seguramente tomaria parte do mesmo. Queria saborear cada minuto que passava com ela, fazer durar, alongar até que gritasse ou suplicasse.

Quando se inclinou sobre ela Mariah fechou os olhos antecipando a sensação luxuriosa daquela boca sobre seu corpo. Temia gozar de novo somente em pensar e não queria fazê-lo sem tê-lo dentro dela. Notou o quente fôlego sobre a pele e logo nada mais. Abriu os olhos de repente e o viu de cócoras com um amplo sorriso na cara. Por que estava sorrindo? Cada vez que sorria daquela forma Mariah sabia que estava metida em problemas. E,... Céus! Como gostava disso!

Gabriel segurou um pé e o colocou sobre seu colo. Desatou o nó na parte superior da bota e começou a tirar os cordões lentamente. Quando chegou ao final a tirou. Enquanto puxava a bota ergueu a perna um pouco e foi recompensado com uma atraente vista dos cachos e a rosada carne brilhante. Mariah pensava: "Este jogo podem jogar dois perfeitamente". Quando Gabriel voltou a deixar o pé sobre o colo, ela o afastou e pôs no peito acariciando os pelos. Ele riu pelas cócegas que fazia a meia. Mariah riscou uma linha com os dedos do pé de sedoso cabelo até a crescente ereção. Tinha-a muito inchada e dura e é certo que estava sofrendo muito. Ela já gozara duas vezes, mas ele ainda não tinha tido prazer. Percorreu o membro com o dedo do pé e brincando disse:

—O que, menino? Está disposto a suplicar?

Rindo Gabriel agarrou seu pé e o trocou pelo outro. Pôde ver como a nata começava a gotejar para fora. Ria, mas estava tão brincalhona como ele. Desfez o nó da outra bota rapidamente e tirou os cordões. Estava vez foi duro ir lento. Já demorava poder pôr a boca em cima e meter-se dentro dela. Tirou a bota e abriu suas pernas somente para olhá-la. Agradava-o vendo o lugar secreto. Era preciosa, com dobras rosadas e pequenos cachos avermelhados. Passou os dedos pelos cachos. Não eram tão suaves como os outros cachos, mas tinham a mesma cor encantadora. Não aguentava mais, mas não queria fazer amor em uma cadeira. "Ao menos não a primeira vez" pensou. Talvez a segunda ou a terceira. Agarrou-a pela mão e a levou para a cama.

—É possível que a cadeira seja muito dura para o que tenho em mente—disse. Mariah levantou as sobrancelhas e ruborizou. Agarrou-a pelos ombros com delicadeza e a sentou na cama. Ajoelhou diante dela, abriu suas pernas e as pôs sobre os ombros de modo que Mariah caiu de costas sobre a cama. Voltou a se erguer e se apoiou nos cotovelos ao mesmo tempo em que o olhava brincalhona.

—Isto é parte do plano? —perguntou.

—Vou contar um pequeno segredo — disse pensativo.

—Sim?

—A verdade é que não tenho um plano. Estou improvisando à medida que avanço.

—Seriamente? Sabia que não tinha um plano, mas adoro tudo o que está fazendo.

—Bom, se gostou do que fiz até agora, então pode ser que isto a faça sentir a mulher mais feliz do mundo — disse brincando. Puxou suas pernas para aproximar seu traseiro da beirada da cama, inclinou sobre ela e soprou seus cachos. Ela estremeceu. Ele riu. Com os polegares afastou



as dobras e começou a dar lambidas. Mariah tentou afastar-se incapaz de suportar o endiabrado gozo que sentia no interior. Agarrou-a com mais firmeza e voltou a atraí-la para a beira da cama. Começou a mordiscá-la, beliscá-la, chupá-la e acalmá-la. Lambeu a parte de fora das dobras para acabar lambendo o succulento centro.

—Por favor, me deixe gozar! —gemeu Mariah.

—Será um prazer — respondeu sorrindo. Voltou a lambe a parte central, mas ao chegar aos clitoris puxou brandamente dele com os dentes. Cravou-lhe a língua. Ela gozou soltando um grito forte e a força do orgasmo se deu contra a boca de Gabriel. Sentiu como os músculos internos de Mariah se apertavam e relaxavam ao redor da língua e Gabriel temeu verter seus próprios sucos. Apoiou a cabeça na coxa dela para tratar de respirar. Recordou o que se perguntou com antecedência e a resposta era um sim cortante. Era capaz de levá-la ao orgasmo usando só a língua. Como seria quando ele estivesse dentro? Agora já conhecia a sensação dos músculos interiores contraindo-se e relaxando-se ao redor da língua. Como seria quando fosse seu pênis que estivesse dentro e ela gozasse? Notaria como esses mesmos músculos apertariam como um punho seu pênis. Teve que apertar os dentes para não gozar naquele mesmo instante.

—Suponho que tinha razão em ambas as coisas — disse Mariah quando conseguiu voltar a pensar com clareza.

—A que se refere?

—Primeiro te supliquei e em seguida me fez a mulher mais feliz do mundo.

—Está zangada porque teve que suplicar primeiro?

—Está de brincadeira? Obtive justo o que queria.

Gabriel ficou de pé, olhou-a e viu uma mulher que foi bem amada.

"Fui eu" pensou. Era possível que depois de tudo sim houvesse algo bom nele. Era amável com ela e em troca ela confiava seu corpo. Possivelmente pudesse enfrentar os demônios dos quais estava fugindo. Possivelmente ela pudesse ajudá-lo a enfrentá-los. Seus pensamentos voltaram ao presente quando Mariah se ergueu para soltar o cabelo.

—Espera — pediu.

Olhou-o interrogante

— Poderia dar a volta e em seguida soltar o cabelo? — Ela girou. Olhou por cima do ombro enquanto tirava a presilha do cabelo. Gabriel olhava fascinando enquanto via como soltava uma cortina de compridos cachos. Chegava mais à frente do lunar que tinha nas costas. Perguntou-se até onde chegaria sua cabeleira, mas ver como cobria suas costas como uma cascata o deixou sem fôlego. Era como ver uma daquelas mulheres de uma antiga fotografia vitoriana. Era sabido que o elaborado penteado escondia uma longuíssima juba, mas nunca se chegava a ver. Tinham o cabelo preso de forma tão complicada que era difícil imaginar até onde chegaria.

Não era de estranhar que os Vitorianos estivessem tão interessados em coisas de meninos maus. Estavam rodeados por muitos mistérios como aquele. As mulheres iam completamente tampadas da cabeça até os pés com objetos restritivos. Entretanto, isso não impedia que os homens fantasiassem com elas, de fato, isso os incitava ainda mais a fantasiar. Entrever um tornozelo era algo atrevido, mau e proibido. Mariah era como uma daquelas mulheres vitorianas.



Levava o cabelo preso e vestia roupa conservadora dando a impressão de ser o arquétipo de uma menina boa. Mas, quando se olhava com mais atenção, se dava conta de que debaixo daquela roupa correta de dissimulada se escondiam botas altas de couro e que debaixo daquelas capas de roupa... Vá surpresa! E o cabelo! Se aquilo não bastava para avivar as fantasias de um homem adulto, não sabia que outra coisa poderia fazê-lo. Que sensação causaria a juba roçando-o enquanto Mariah o montava fazendo amor? Era o suficientemente longa para cobrir suas costas e cair sobre as coxas. Antecipou a sensação sobre a pele e o pênis começou a pulsar e os testículos esticaram.

Sentou na cadeira e disse:

—Pode voltar aqui? —Mariah voltou e se colocou entre suas pernas, mas Gabriel indicou com um gesto da mão que desse a volta. Agarrou uma mecha do cabelo glorioso e levou ao rosto. Era suave como penugem e cheirava a chuva. Afastou um pouco a juba, inclinou-se para frente e tocou com a ponta da língua o lunar. Ela começou a gemer. Em seguida ergueu a juba e a colocou sobre o ombro. Assim pôde desabotoar a liga por trás. Primeiro um, logo o outro. Girou ao Mariah para que pudesse ver. Percorreu com o dedo a pele ultrasensível da parte interior da coxa até chegar à fenda chorosa. Respondeu gemendo e jogando a cabeça para trás.

Mariah não queria que visse quão úmida estava, mas já era muito tarde para isso. Tentou apertar as coxas para aliviar assim a dor, mas ele não deixou. Gabriel deslizou os dedos dentro de uma meia e a seguir na outra. Passou pela pele suave como a de um bebê para poder desabotoar a liga pela parte de trás. Passando as mãos de novo pelas costas, tirou totalmente a liga e a deixou cair ao chão. Mariah se afastou uns passos, girou e pôs um pé no colo. Acreditava firmemente na ordem de virar o jogo justamente agora certamente agora chegada sua vez.

—Acredita que poderia me tirar esta meia? —perguntou. Gabriel voltou a inclinar-se e a passar a ponta do dedo pela suave parte interior da coxa. Inclinou-se um pouco mais e roçou com os lábios a pele delicada. Mariah sentia como voltava a escapar o controle da situação, mas não se importou nem um pouco.

Gabriel lambeu com delicadeza a pele sedosa, mordiscou e voltou a passar a língua para acalmá-la. Agarrou a parte de cima da meia e foi enrolando com suavidade até tirá-la. Após jogar a meia no chão, Mariah pôs o outro pé em seu colo. Gabriel prestou a mesma atenção, mordiscando e lambendo a outra coxa para enrolar a meia e tirá-la também. Pôs o pé no chão e deu um passo atrás para que pudesse vê-la. Recordava o quadro O Nascimento de Vênus de Botticelli, com a cabeleira emaranhada ao redor do corpo e a suave luz banhando-o. Poderia passar a noite inteira contemplando-a, mas, entretanto, já não aguentava mais. Tinha que estar dentro dela.

Mariah precisava vê-lo nu. Adorava como a olhava com tanto desejo nos olhos, mas estava ansiosa por tocá-lo e amar como ele a amara. Foi para ele e obrigou-o a ficar de pé. Ao passar as mãos pelo peito, notou que os músculos se contraíam ante o mero contato. Deslizou as mãos pelo peito até chegar aos botões do jeans. Desabotoou um a um.

À medida que desabotoava os botões ia afastando o tecido do jeans. Gabriel notava como seu pênis inchava em busca daquelas mãos impaciente. Foi levando de costas na cama e



surpreendeu-o dando um empurrão. Ao cair sobre a cama Gabriel se deu conta que gostava que ela tomasse o comando. Quem não estaria disposto a submeter-se a uma mulher incrivelmente bela, nua, disposta a fazer o que tivesse vontade com você?

Aí estava esse homem impressionante exposto diante dela sem saber por onde começar. Estava de dar água na boca com os cabelos estendidos ao redor como um leque e olhando-a através daqueles olhos negros. Bom, se queria vê-lo nu, teria que lhe tirar as botas. Inclinou-se, agarrou uma bota pelo salto e puxou. Pôs no chão e agarrou a outra. As meias seguiram o mesmo caminho. Olhou seus pés. Eram longos e estreitos e estavam salpicados de pelo negro. Se fosse certo o antigo provérbio que dizia que o tamanho do pé era indicador do tamanho do pênis, então, dizendo com delicadeza, este menino estaria muito bem dotado.

Estendeu uma mão e ajudando-o fez com que ficasse em pé. Incumbiu-se do jeans e baixou-os. Gabriel foi levantando os pés para ajudá-la a tirar. Estava claro que vestia cueca simples e branca, nada extravagante, simplesmente cotidiana. Antes que pudesse arrancá-la Gabriel tirou-a e estava nu na frente dela.

Embora tivesse imaginado qual seu aspecto, nada a teria preparado para contemplar esse corpo que estava sendo revelado. Era como se alguém houvesse dado vida ao David de Michelangelo.

Capítulo três

Gabriel tinha as mesmas linhas fortes e formosas que a estátua de mármore, mas a estátua era fria e inanimada e ele estava quente e cheio de vida. Tinha braços e antebraços musculosos. Não parecia desconhecer o que era o trabalho duro. O peito era duro como uma rocha e se distinguiam os tendões dos músculos. Cobria-o um suave pelo escuro e sedoso e os mamilos apareciam como pequenos discos marrons escondidos atrás do pelo. Tanto a cintura como o quadril eram estreitos. Não era um corpo esculpido em ginásio. Era um corpo que a vida esculpira. Baixou o olhar e viu que o pênis estava reclamando atenção impacientemente. Esticou-se até quase tocar o umbigo e tinha uma delicada gota de esperma antecipada na ponta bulbosa. Mariah o pegou com uma mão. Com o polegar da outra tirou a gota. Brandamente deslizou os dedos passando do pênis até chegar às pernas e agarrar entre ambas as mãos o peso dos testículos.

—Está-me matando — conseguiu dizer Gabriel— Não sei quanto tempo mais aguentarei. — Mariah abriu a gaveta da mesinha de noite e tirou um preservativo. Gabriel parecia aliviado. Ela o abriu e o desenrolou sobre o pênis. Se as carícias já tinham parecido muito, a tortura de pôr o preservativo foi ainda mais deliciosa. Por fim estavam protegidos e ela ficou sobre a cama. Gabriel a abraçou. Quis beijá-la meigamente, mas assim que os lábios de ambos entraram em contato, apertou a boca com força contra a dela e aprofundou o beijo. Queria tragá-la inteira. Mariah interrompeu o beijo e o empurrou para que deitasse de costas. Ficou em cima e beijou seu peito. Encantou-o a sensação do centro úmido de Mariah estendendo-se sobre ele à medida que



percorria seu corpo.

—Está jogando com fogo, senhorita — disse.

—Não é de estranhar então que tenha a sensação que vou estalar em chamas de um momento para outro — sussurrou Mariah. Posicionou-se de maneira que o pênis pudesse deslizar facilmente dentro dela. Estava tão úmida que deveria entrar sem problema, mas se esquecera do tamanho. Gabriel tentou penetrá-la com suavidade, mas o corpo dela resistia ante tremenda invasão. Era muito grande. Gabriel agarrou os mamilos e os beliscou. Logo colocou um na boca. Primeiro chupou brandamente e em seguida com mais firmeza. Era uma sensação tão forte que Mariah se esqueceu do desconforto e deixou que seu corpo relaxasse. Gabriel aproveitou e conseguiu entrar. Mariah tomou ar. Era muito grande!

Soltou o mamilo, mas usou o polegar para riscar círculos e levar os mamilos à posição militar de firmes. Empurrou um pouco para poder introduzir-se mais. Notou como os músculos internos de Mariah se apoderavam dele e mostravam o caminho. Os polegares passaram por cima da ponta dos mamilos e ela gemeu encantada. Com a ponta dos dedos formou figuras sobre a barriga dela enviando rajadas de excitação por todo o corpo. Os dedos de uma mão se posicionaram sobre o pelo púbico e o polegar se dedicou a brincar com o clitóris. Notou que saía do capuz e se endurecia. Com o polegar também notou onde ambos se uniam; o pênis pulsava e, rígido, tentava ganhar espaço. Agarrou-a pela cintura e a elevou, quase tirando o pênis de dentro, logo tentou meter-se dentro dela empurrando para cima. Ao mesmo tempo empurrou Mariah para baixo e centímetro a centímetro conseguiu introduzir tudo.

Agora que estava todo dentro dela Mariah pôs as mãos sobre seu peito e utilizou os joelhos para subir e baixar com ele enterrado dentro. Era como parte dela, uma parte que tinha faltado, mas agora era como a peça final de um quebra-cabeça.

Gabriel a observava enquanto subia e baixava sobre a enorme ereção. Tinha os olhos fechados pela excitação. Estabeleceu um ritmo lento. Gabriel tinha a sensação de voltar-se louco cada vez que sentia como os músculos dela se aferravam a ele. Teria o encantado fazer amor sem preservativo para poder sentir seu interior. Nunca fez amor sem preservativo nem se expôs, entretanto, a ela queria senti-la nua sem nenhum tipo de barreira. Usando o corpo a fez deitar-se sobre a cama e a girou de modo que ficasse debaixo dele. Mariah abriu os olhos de repente, mas logo sorriu. Gabriel colocou as mãos debaixo dela e começou a acariciá-la buscando seu interior, no princípio devagar e com calma.

Ela não aguentava ficar com as pernas estendidas de modo que as enrolou ao redor da cintura dele. Ele começou a investir implacavelmente, como um pistão. Mariah notou que o orgasmo começava a emergir ao seu redor e embora quisesse atrasá-lo uns minutos mais seu corpo resistia a obedecê-la. Gozou e soltou um grito. Detrás das pálpebras tudo era vermelho e negro. Os sentimentos eram tão intensos que sentia que desmaiaria por causa de tanta intensidade.

Gabriel notou a força e soube que ele não demoraria. Notou-a tremer e quando o orgasmo a golpeou sentiu toda a fúria com que a atravessava, não só a ela, mas também a ele. Foi o detonador para sua própria reposta de modo que a invadiu. Não pôde atrasá-lo mais. Mas o que



lhe passava? Teve orgasmos antes e, entretanto, nunca tinha tido a sensação de elevar-se acima de seu próprio corpo. Sentia como essas pessoas que falam de experiências próximas à morte e dizem olhar para baixo e ver seus próprios corpos estendidos. Realmente temeu morrer. O prazer era tão intenso que não conseguia recuperar o fôlego.

De repente Gabriel se encontrou de volta na cama. Uma capa de suor cobria seu corpo. Mariah estava debaixo dele e notou como os corações de ambos pulsavam no mesmo compasso, mas acelerados. Que demônio tinha sido isso? Que demônio acabava de acontecer? Sabia o que era fazer sexo. Havia feito um montão de vezes e, entretanto, não era o que acabava de acontecer entre eles. Fazer sexo não o fazia pensar em voltar a fazer sem preservativo. Fazer sexo não o fazia pensar em ter um bebê nem pensar em Mariah grávida com seu filho. Fazer sexo não o fazia pensar que isto formava parte de si e que tinha faltado até agora. Ou sim?

Mariah permanecia estendida pensando em que demônio acabava de acontecer. Em um instante estava montando um pênis incrível e no seguinte estava elevando-se para o espaço. Nada mais sentiu do que notar que Gabriel perdia o controle e gozaria. Esticavam-lhe os músculos cada vez que a investia. Logo ficou tão duro que Mariah temeu morrer. A força do orgasmo que o atravessou também atravessou a ela e a surpreendeu por sua intensidade. E Mariah que pensava que já tinha tido orgasmos antes, mas nada do que experimentou se podia comparar com o que acabava de ocorrer entre eles. Desde o primeiro momento em que o viu soube que havia algo nele que a atraía irremediavelmente.

Gabriel a abraçou e giraram de maneira que agora era ele o que estava estendido de costas com ela aconchegada entre seus braços. Quis permanecer dentro dela o maior tempo possível, mas não soube o que dizer. Acariciou seu cabelo e Mariah ergueu a cabeça o suficiente para poder beijá-lo no peito fugazmente.

—Foi incrível — disse em voz baixa— Parecia estar me elevando por cima de meu próprio corpo. — Nesse momento Gabriel tirou o pênis e Mariah já sentiu falta daquela íntima conexão entre ambos. Ele a afastou com cuidado e girou as pernas de maneira que ficaram pendurando do lateral da cama.

—Onde está o banheiro? Queria tirar isto — perguntou assinalando o preservativo. Mariah apontou com o dedo a porta que havia ao lado da mesinha de noite e Gabriel entrou. Quando saiu encontrou Mariah de pé ao lado da cama olhando. Olhava-o com tanto acanhamento que o coração dele deu um tombo. Como era possível que uma mulher tão sexy e apaixonada parecesse tão insegura? Havia muitas coisas contraditórias nela: da roupa que levava até a forma em que o tinha tratado. Podia ser doce e inocente e imediatamente em seguida uma tigresa tentadora.

Não sabia o que esperar dela. Pegava-o continuamente com a guarda baixa e se deu conta que gostava disso. Nunca teve uma mulher que jogasse com ele enquanto fizessem amor, que brincasse com ele e o desafiasse. Isso era algo que adorava nela. "Espera um momento. De onde saíra a palavra que começa por A? Essa questão ficava estacionada por agora. Logo haveria tempo para pensar nisso."

Gabriel abriu os braços e sem pensar Mariah se adiantou, agarrou-o pela cintura e o abraçou. Apoiou a cabeça no peito dele e ouviu o batimento sólido e reconfortante de seu



coração. Agarrou sua cabeça entre as mãos e deu um beijo com o que pretendia tranquilizá-la. Mas, ao tocar seus lábios soube que seria difícil lhe dar só um rápido beijo tranquilizador. Aquele anjo despertava o demônio nele. Mariah ficou nas pontas dos pés para que ele pudesse beijá-la e que ambas as bocas se encontrassem e pudesse lançar a língua dentro dela. Ele não pôde evitar sorrir. Aí estava outra vez pegando-o com a guarda baixa. Gabriel sabia que ela não estava segura do que estava passando entre ambos, mas, assim como ele, não era capaz de controlar o fogo que flamejava entre os dois. Aceitou a língua oferecida e a absorveu.

Os joelhos de Mariah falharam. A língua de Gabriel desafiou em duelo à sua e quando quis retirá-la ele a seguiu e riscou círculos pela parte sensível do interior do lábio superior. Era incrível o que aquele homem era capaz de fazer com a língua! Tinha que ser ilegal!

Mariah passou a mão pelo peito e o estômago para acabar agarrando o pênis. Ao primeiro contato com as mãos ele resistiu, mas logo começou a responder. Não se surpreendeu em nada ver que se voltava a pôr duro. O corpo dele parecia se encantar com tudo o que ela fazia para lhe dar prazer.

—Está incômoda? — perguntou. Em vez de responder se ajoelhou ante ele e esfregou a bochecha contra o pênis. Nessa parte a pele era muito suave. Inalou o aroma do pelo púbico. Cheirava a homem, a sexo e a algo selvagem.

Gabriel não podia acreditar que tivesse aquela mulher ajoelhada rendendo culto ao seu corpo. Adorou a sensação da bochecha contra o pênis e se perguntou a que ela cheiraria em seu pelo e em sua pele. Cheiraria a si mesmo ali onde estiveram unidos? Cheiraria a paixão selvagem que sentia por ela?

Mariah passou a língua pelo membro endurecido enquanto deslizava uma mão para agarrar os testículos e brincar com eles. Essa dupla sensação resultou ser uma tortura para Gabriel. O prazer era tão intenso que não conseguia concentrar-se nas duas coisas de uma vez. Gemeu por causa das sensações eróticas que atravessavam seu corpo. A maioria delas pareciam estar centradas no membro que se endurecia cada vez mais com cada lambida. Não sabia como reagiria se metesse o pênis na boca. Não teve oportunidade de pensar nisso já que Mariah o obrigou a sentar na cama e ele obedeceu. Pôs a língua no cocuruto do pênis e delicadamente lhe fez amor com a língua. Olhou-o sorrindo, agarrou o pênis e o cobriu com a boca. Era muito grande, mas tratou de relaxar e introduzi-lo inteiro.

Ele baixou o olhar para ver como aquela mulher o acariciava com a língua. Fazia ruídos para demonstrar que desfrutava. Gabriel sentiu que estava preparado para gozar de modo que tentou se afastar, mas ela não permitiu. Gritando ejaculou dentro da boca dela e notou que tragava ansiosa.

Ela limpou a boca e sorrindo disse:

—Depois de todo o prazer que me deu com a boca, pensei que merecia desfrutar da mesma maneira — Gabriel se agachou, agarrou-a nos braços e voltou a deitar com ela na cama.

—Foi incrível. Nunca pensei que quisesse fazer isso.

—Nunca o fiz antes, mas desfrutei de cada segundo.

Gabriel se recostou contra o travesseiro e atraiu à mulher para ele.



—Não sei você, mas necessito um pequeno descanso. Preciso renovar energias se por acaso voltar a me desejar — disse.

—É obvio que voltarei a te desejar — Esse era o problema. Desejava-o e temia não conformar-se com uma simples aventura. Estava pensando em sexo sem preservativo e em preciosos bebês de cabelo negro e olhos azuis como os do pai. Como reagiria Gabriel se conhecesse aqueles pensamentos? Era certo que montaria na moto e fugiria a toda velocidade. Por Deus, acabavam de conhecer-se! Existiria amor a primeira vista? Certamente que ela não seria a primeira em falar do tema. "Gabriel, acredito que me apaixonei por você" ou "Gabriel, acredita em amor a primeira vista?" Melhor seria não tocar no assunto. A respiração suave e regular dele indicou que adormecera. Recordou a longa espera sob o sol abrasador e o tempo que tinha passado com Gabriel e se deu conta de que também estava esgotada. A última coisa de que foi consciente foi passar a mão pelo estômago e beijar o flanco de Gabriel.

Capítulo quatro

Gabriel estava sonhando algo muito bonito. Parecia centrar em Mariah e em sua deliciosa boca. Através da névoa onírica percebeu um som como o que se faz ao chupar e que estavam puxando seu pênis. Não era um sonho. Permaneceu feliz com os olhos fechados enquanto ela se inclinava sobre ele para torturar seu pênis. Afastou a boca e montou em cima dele.

—Já imaginava que isto o despertaria — disse rindo quando ele olhou para cima.

—Confesso sinceramente que nunca antes me tinham acordado de maneira tão deliciosa. Poderia me acostumar a que me despertassem assim todos os dias.

—Não estava segura se estava acordado ou não, mas acordei e me dei conta que dormimos já umas quantas horas e que preciso voltar a te fazer amor. —Beijou-o e disse— Dá a volta, por favor.

—O que?

—Dê a volta, se ponha de barriga para baixo — Tentava voltá-lo, mas era como tentar mover uma montanha.

—Por quê? — Olhou-a sem saber o que pretendia.

—Confie em mim. Você gostará — Por pouco não lhe parte a alma ao ver a cara que pôs quando disse que confiasse nela — Pode confiar em mim, sabe — disse solenemente. Esticou-se para a mesinha de noite esfregando de passagem o sexo contra o estômago dele. Ele soltou um grunhido e Mariah não pôde evitar sorrir. Rebuscou na gaveta e por fim tirou um frasco pequeno — Aqui está. Nunca pensei que teria ocasião de usá-lo — Voltou a colocar-se em cima de Gabriel assegurando-se de voltar a esfregar de novo o sexo úmido e quente enquanto se acomodava sobre ele.

—O que é? — perguntou tentando ignorar sua presença escancarada sobre o estômago.

—Uns amigos me prepararam uma festa de aniversário e a alguém ocorreu me dar de



presente óleo de massagem. Era sua forma de me dizer que devia foder mais frequentemente — Gabriel riu ao ouvi-la pronunciar uma palavra tão ordinária como "foder" — Foi a palavra que utilizou. Não eu.

—Eram amigos ou amigas? —perguntou Gabriel curiosamente intrigado por saber se eram homens ou mulheres.

—Amigas, é obvio. Algumas das mulheres com as quais dou aulas em Hopeville.

—É professora! —exclamou incrédulo.

—Sou professora de pré-escolar e adoro — disse defensiva. Ao menos por um instante assim pareceu a ele.

—Sabe? Posso imaginá-la numa classe cheia de pessoazinhas. Seguro que é muito boa trabalhando com meninos pequenos.

—Adoro meus meninos, mas no final do dia retornam as suas casas com suas famílias e eu para uma casa vazia. Não quero dizer que sejam todos uns anjinhos e que queira trazer todos para casa, mas gostaria de compartilhar minha vida com alguém e ter filhos — Nunca antes tinha falado com tanta clareza a respeito de sua necessidade de ter filhos. De fato, era a primeira vez que realmente admitia inclusive a si mesma. Havia algo neste homem que a fazia querer confiar nele.

—Assim, suas amigas acreditam que não pratica muito — Gabriel riu e tratou de afastar a conversa do tema dos filhos e de outras coisas nas que ainda não podia pensar.

—Se pudessem me ver agora, estariam encantadas com o nível que alcancei com as práticas — foi a resposta coquete — Ao menos eu estou.

—Bom, me alegro de que não estejam aqui — disse Gabriel olhando-a sentada sobre seu estômago — Ter público poderia me cortar um pouco e prejudicar meu estilo e, por certo, acredito que ainda não praticou o suficiente — Mariah o golpeou no peito de maneira brincalhona.

—Deixa de atrasar isto e se ponha de barriga para baixo. Prometo que gostará.

—Vai me dar uma espécie de massagem de garotas? — perguntou Gabriel estremecendo.

—Ao seu corpo encantar-se-á uma pequena massagem e não vai ser nada de garotas. De modo que relaxe e desfrute — Mariah se ajoelhou primeiro e afastou uma perna para que ele pudesse dar a volta. Tão logo ele esteve de barriga para baixo ela voltou a sentar escarranchada sobre ele e afastou seu cabelo. Abriu o frasco e verteu um pouco de líquido sobre as costas. Gabriel suspirou pela combinação de óleo e o sexo úmido e quente de uma mulher sobre suas costas. Pôs as mãos nos ombros e começou a lhe amassar os músculos. Flexionava as mãos sobre o poderoso corpo e pressionava com os polegares. Ele gemia enquanto trabalhava os músculos tensos das costas para logo passar aos braços e acabar nas mãos. Desceu de seu corpo e foi ao extremo da cama. Antes que pudesse perguntar algo Mariah agarrou um pé e com os polegares aliviou uma dor que nem sequer sabia que tinha. Voltou a colocar o pé dele sobre a cama, agarrou o outro e também o massageou com os polegares. Com cuidado pôs também este pé de novo sobre a cama, levantou-se e se colocou frente a ele para que pudesse vê-la.

—Pareceu uma massagem de garotas? —perguntou.

—Foi genial — Suspirou feliz e com a cara enterrada no lençol. Mariah foi lavar as mãos.



Quando retornou Gabriel estava deitado de costas e tinha um braço dobrado debaixo da cabeça e sorria— Obrigado — disse. A ela deu a impressão de que fazia muito tempo que alguém havia feito algo especial por aquele homem.

—Aproveitarei cada oportunidade que apareça para pôr as mãos em cima de você — voltou a se meter na cama e deitou em cima dele. Permaneceram estendidos daquela maneira fazendo carinhos durante algum tempo e escutando os ruídos da noite que entravam pela janela. Logo ele a girou e imobilizou sob seu corpo. Ajoelhou, ficou em cima dela e a fez ficar de barriga para baixo. Pode ser que ela estivesse escutando os ruídos da noite, mas ele estava pensando em novas formas de lhe dar prazer.

Mariah estremeceu quando notou que pegava o óleo. O que ia fazer? O que faria com o óleo? Gabriel se situou ao pé da cama.

—Pode vir até aqui e ficar de quatro? —pediu. Mariah duvidou um instante porque sabia que daquela maneira ficava totalmente exposta e em uma posição vulnerável — Não tem por que fazê-lo se te incomoda — disse Gabriel— mas me ocorreu algo para dar prazer aos dois. — Ela se moveu para onde ele disse e ficou como tinha pedido. Os lábios inferiores já ardiam antecipando a sensação prazerosa que estava a ponto de chegar. Gabriel deixou o frasco de óleo, pôs as mãos nas nádegas e as suavizou. Tinha mãos ásperas, mas tratava a pele delicada com sutileza. Inclinou, beijou-lhe o traseiro e esfregou a bochecha contra a suave pele. Levantou e Mariah sentiu seu olhar cravado nela. Envergonhava-se estar exposta naquela posição e, entretanto, desfrutava com a sensação daquelas mãos e olhos explorando-a.

—É muito formosa vista assim. Tudo é cor rosa e malva. Recorda-me o interior das conchas grandes que tinha um amigo de infância. Não é estranho que eu gostasse tanto. Adorava passar o dedo pela superfície brilhante e imaginar que ainda conservavam o aroma salgado do mar — passou um dedo oleoso pela racha e disse — Você também cheira a mar. — ela apoiou a cabeça no colchão para facilitar o acesso e foi recompensada por ele passando os dedos pelo clitóris. Esfregou-o devagar e graças ao óleo o movimento resultou fino e delicado. Retirou um pouco a mão e colocou um dedo dentro. Encontrou o ponto G e o massageou por dentro.

—Gabriel, por favor, evite que eu goze tão cedo. Quero você dentro de mim. Preciso você dentro — matizou.

—Vire a cabeça e me olhe — disse em tom brusco. Ela olhou para trás e ele agarrou o pênis com uma mão. Mariah notou que era fácil masturbar-se graças ao óleo de massagem. Observou enquanto se acariciava com força. Viu como o pênis ia aumentando em tamanho e grossura sob a mão. Gabriel fechou os olhos. Não precisava tê-los aberto para saber que estaria olhando-o e desfrutando vendo-o se masturbar. Chamou-o. Abriu os olhos languidamente e a viu passar a língua pelos lábios de tanto prazer. Gabriel temeu gozar naquele preciso instante.

Sabia que o estava olhando, que via quão extasiado estava e que adorava.

—Gabriel! Gabriel! —gritou— Gabriel preciso de você dentro de mim! — O pênis oleoso deslizou para frente e para trás na entrada, logo se introduziu lentamente de tudo prefaciando daquela maneira a agonia e mantendo-a ao bordo. Mariah temeu desmaiar. A sensação do pênis deslizando na entrada junto com a imagem de Gabriel pulverizando o óleo com a mão era muito.



Logo notou que colocava o pênis pressionando com delicadeza. Graças ao óleo se introduziu fácil e rapidamente. Notava-o dentro dela, bem no fundo. Nesse instante Gabriel começou a mover-se.

Ele não acreditava que estivesse no interior de Mariah sem preservativo. Nunca antes havia feito sexo sem usar uma borracha. Nunca antes havia sentido o contato da pele masculina contra a feminina fazendo amor. Era uma sensação extraordinária. Notava cada músculo interior dela enquanto se agarrava ao seu pênis sem uma borracha no meio que matasse aquela sensação. Era celestial.

Meu Deus! Deu-se conta de que o tinha dentro sem preservativo. Não é que se deitou com muitos homens, mas sempre se assegurou que usassem amparo. Agora sabia o que se sentia quando não havia nada entre ambos para diminuir o prazer. Sentia cada carícia; sentia o contato de ambas as peles. Era uma sensação indescritível. Perguntou-se se tiraria antes de gozar, mas no fundo desejou que se esquecesse de fazê-lo.

Gabriel notou como ia entrando tudo. Já não pôde se reter mais. Era tão delicioso estar dentro dela sem preservativo que não era capaz de deter o orgasmo. No último momento se retirou e ejaculou sobre as costas dela.

—Sinto — desculpou — Fiz testes recentemente e estou bem. Não sei o que me passou. Sempre pratico sexo seguro, mas quando coloquei isso sem borracha não pude tirar outra vez. Foi algo celestial.

—Sei. Notei que se colocava dentro de mim nu, mas no instante em que começou a me acariciar por dentro não pude pensar em outra coisa que não fossem as sensações que alagavam meu interior. Também fiz testes recentemente, mas isso não justifica nosso desajuízado. A próxima vez, "sem borracha não funciona".

—A próxima vez? Assim, gostaria de repetir? —brincou ele.

—Disso estou segura.

—Espera um momento que te limpo — disse Gabriel. Foi ao banheiro e abriu a torneira. Molhou uma toalha em água quente e voltou a fechar. Pegou outra toalha, voltou ao dormitório e com muita delicadeza limpou a essência das costas e logo a secou com a outra toalha. Encestou as duas toalhas dentro da banheira e voltou a meter-se na cama.

—Você não sei — disse bocejando — mas, eu poderia dormir um pouco — Cobriu a ambos com as mantas e atraiu Mariah para si. Pôs uma perna em cima e acomodou o rosto no flanco dele.

—Gabriel? —titubeou.

—Sim?

—Estará aqui quando eu acordar? — Notou insegurança na voz dela. Rodeou-a com o braço, cobriu-a e tratou de tranquilizá-la com sua proximidade.

—Sim. Não te abandonarei — Dizia a sério.

Capítulo cinco



O gorjeio dos pássaros despertou Mariah. Abriu os olhos o bastante para ver os primeiros raios do sol saliente tratando de chegar com a luz até a cama. Normalmente adorava despertar cedo para um céu resplandecente de formosas cores, mas aquela manhã só desejava dormir. Seu cérebro cansado tratava de decifrar a mensagem que o corpo lhe mandava: que estava muito cansado para levantar-se. Além disso, tentava descobrir a razão pela qual se sentia assim. Ao afastar-se da claridade que entrava pela janela, soltou um ligeiro gemido devido a uma dor nas coxas. Pouco a pouco as imagens deliciosas da noite anterior começaram a tomar forma no cérebro e recordou encantada o motivo daquela dor e mal-estar. Estendeu a mão para tocar a origem das maravilhosas imagens, mas o coração deu um tombo quando se deu conta de que o outro lado da cama estava vazio. Abriu os olhos e viu que estava sozinha na cama. Voltou a fechá-los e as lágrimas começaram a descer lentamente pelas bochechas. Não se ouvia nenhum ruído procedente do banheiro. Estava sozinha de verdade. Ele tinha ido.

Soube que não seria capaz de voltar a dormir. Poderia levantar-se, tomar uma xícara de chá e preparar as aulas. Não era realmente assim que na noite anterior tinha planejado passar o domingo. Os planos tinham incluído Gabriel. Agora já não precisava preocupar-se por incluí-lo. Se fora. Por que havia dito "Não te abandonarei" e se foi sem sequer despedir-se?

Mariah levantou devagar e foi para a penteadeira. Abriu a gaveta de cima e tirou uma camiseta velha. Tirou umas calcinhas da segunda gaveta. Foi ao banheiro, lavou o rosto e vestiu a camiseta e as calcinhas. Escovou o cabelo, trançou-o para que não incomodasse, mas também para esquecer-se do prazer que causava a Gabriel olhá-lo. Viu de relance a toalha na banheira. Recordou como a tinha cuidado na noite anterior. Recolheu-as e as meteu no cesto de roupa suja porque não queria que a recordassem. Caminhou cruzando os claros de luz que o sol matinal deixava no corredor e desceu as escadas. Ao chegar ao último degrau se topou com aroma de café recém feito e o ruído de alguém se movendo pela cozinha. Foi para a parte de trás da casa e caminhou pelo comprido corredor que levava a cozinha. Atraiu-a uma voz profunda. Vá! Que vozeirão tinha esse homem! Tinha posto um de seus CDs favoritos do Bruce Springsteen e estava cantando a plenos pulmões a canção Born To Run.

Mariah ficou na porta da cozinha e absorveu a cena: estava trabalhando em sua cozinha. Não tinha ido! Estava ocupado tirando coisas da geladeira. Meu Deus, um homem que sabia cozinhar! Se cozinhasse a metade de bem que fazia amor, o café da manhã seria memorável. Enquanto procurava as coisas na despensa ia cantando o dueto com o Boss. Quando encontrou o que procurava, agarrou a xícara de café e se apoiou contra o balcão cruzando os tornozelos. Ainda não tinha se barbeado de modo que mostrava a sombra escura da barba. Só tinha posto os jeans e o último botão estava desabotoado. Tinha o cabelo solto e caía sobre o peito. Era como se pertencesse àquele lugar e o coração dela deu um tombo ante aquela revelação. Fazia só um instante tinha pensado que se foi e agora o via encaixando perfeitamente em sua cozinha. Nesse momento Gabriel elevou o olhar e a descobriu de pé na porta. Seu rosto se iluminou e dedicou um sorriso de genuíno prazer. Veio para ela, plantou-se diante, agarrou seu rosto entre as mãos e a beijou meigamente. Desligou a música e falou com voz rouca matinal.



—Olá. Sinto haver despertado. Nunca sou capaz de dormir até tarde. Acredito que acordo com os pássaros — Mariah sorriu ante a informação pessoal.

Fez um gesto de negação com a cabeça.

—Ouvi o ruído que faziam os pássaros e já não pude dormir mais. Pensei em descer, fazer um chá e preparar algo para o colégio.

—Pensava que tinha ido, verdade? —perguntou.

—Como? — Fingiu não saber a que se referia.

—Pensava que eu tinha ido — repetiu.

—Bom, quando despertei e vi que seu lado da cama estava vazio, sim, imaginei que tinha ido — confessou.

Gabriel falou com ternura:

—Ontem à noite disse que não te abandonaria e falava a sério.

—Suponho que a confiança é algo que funciona em ambas as direções — disse Mariah sorrindo timidamente — Me alegro muito de ver que continua aqui — Rodeou-o com os braços somente para poder inalar o delicioso aroma de um homem recém levantado. Logo disse alegremente — O que planejava fazer e onde está o café? Cheira fabuloso.

Gabriel riu e foi pôr uma xícara de café.

—Como o quer?

—Com quase nada de leite e um pouquinho de açúcar. Suponho que você toma negro.

—Pois a verdade é que gosto igual você: com pouco leite e pouco açúcar.

—Encontrou tudo o que necessitava para o café da manhã? —perguntou.

—Pensava fazer umas omeletes francesas ou uns ovos mexidos, mas o que realmente adoraria seria um bom montão de tortilhas. Que tal lhe parece?

—Por acaso é uma de minhas especialidades. De fato tenho xarope fresco de arce que minha irmã mandou do Canadá — disse orgulhosa.

—Tem uma irmã no Canadá? Que demônios perdeu lá em cima? —perguntou Gabriel.

—Foi à universidade lá, conheceu um canadense simpático e o resto, como se costuma dizer, é história. Seu marido é médico num pequeno povoado nos subúrbios de Toronto e ela fica em casa com os meninos.

—Deve sentir sua falta. Veem-se frequentemente? — Gabriel gostava que Mariah falasse de sua família. Era óbvio que ela e sua irmã se davam muito bem.

—Umas duas vezes ao ano, mas mandamos muitos e-mails. Graças ao céu por existir e-mails. Nossas faturas de telefone costumavam ser colossais — disse com nostalgia.

—Seus pais também estão no Canadá? — perguntou Gabriel.

—Certamente que não. Vivem aqui perto, em Houston. Meu pai veio trabalhar aqui faz uns anos de modo que nos mudamos do estado de Nova Iorque. E você? Tem seus pais perto? — Assim que formulou a pergunta se deu conta que sequer sabia de onde era.

—Meus pais morreram faz uns anos: primeiro minha mãe e meu pai, que sentia muito sua falta, seguiu-a pouco depois. Tenho um irmão na Califórnia, mas faz anos que não o vejo. Depois que meus pais morreram parece que fomos nos distanciando e perdemos o contato — Gabriel



duvidou como se fosse dizer algo mais, mas girou e voltou para o balcão — E essas tortilhas que disse que faria? — perguntou. Mariah se deu conta que de momento não contaria nada mais de si mesmo.

—Pode pegar o leite? E ver se encontra o xarope. Acredito que está atrás do leite — Gabriel rebuscou até achar o xarope, um pote de conserva escondido atrás de umas garrafas. Pegou-o e junto com o leite o pôs sobre o balcão. Mariah tirou a farinha de aveia, a levedura e o açúcar e também pôs tudo sobre o balcão. A seguir tirou uma tigela grande. Abriu o congelador e tirou um pacote de framboesas congeladas. Girou e viu que Gabriel a observava — O que foi? — perguntou — Você não gosta de framboesas?

Gabriel riu com vontade.

—Adoro framboesas.

—Onde está a graça?

—Na minha casa, quando minha mãe fazia tortilhas, primeiro abria o armário e tirava um pacote de preparado de massa de tortilhas, logo voltava a rebuscar no armário e tirava uma garrafa de xarope de Aunt Jemima.

Mariah também riu.

—Bom, pois se prepare para que suas experiências culinárias deem um giro de cento e oitenta graus. Vamos começar do zero e vamos pôr xarope de verdade.

—O que quer que faça primeiro? — perguntou Gabriel.

Mariah pegou um livro de cozinha muito manuseado que se abriu sozinho na página da receita das tortilhas. Gabriel soltou uma risada.

—Vejo que já fez isto antes — disse apontando a página enrugada e manchada.

—Adoro cozinhar. Minha mãe me deu de presente seu velho caderno de receitas. Como agora estão os dois sós já não cozinha como costumava fazer, assim, pensou que eu gostaria de ter alguns de seus velhos livros de cozinha. Encontro todas as coisas que adorava que fizesse procurando tão somente nas páginas mais manchadas. Esta também era uma de suas receitas favoritas.

Mariah apoiou o livro contra a torradeira e tirou as colheres e os potes medidores.

—Está seguro que quer ajudar?

—Se vou comê-las, quero ajudar a fazer. Adoraria ajudar — respondeu sério.

—Certo. Pode ir medindo os ingredientes secos. — Gabriel leu a receita e foi colocando os ingredientes em uma tigela enquanto Mariah tirava a prancha de cozinhar e a conectava.

—Nunca vi ninguém acrescentar farinha de aveia às tortilhas — comentou Gabriel.

—Adoro o sabor que dá. Gosto de considerar meu ingrediente secreto — Mariah acrescentou o leite, os ovos e as framboesas. Logo deixou que Gabriel mexesse tudo com a batedeira.

—Certo, a prancha está quente. Ponha um pouco de manteiga em cima para que derreta e acrescente a massa.

Deu um concha de sopa com a que Gabriel pôs massa na prancha dando forma redonda. Vigiou as tortilhas e as virou quando começaram a soltar bolhas. Ficou encantado quando



colocou numa travessa o primeiro turno de tortilhas perfeitas.

—Parece um autêntico profissional — elogiou Mariah rindo.

—Faz que seja fácil. Seus meninos no colégio devem te adorar. Com sua tranquilidade e paciência consegue que as coisas funcionem bem mais. É assim como ensina a matéria?

—Não têm tanta vontade de aprender como você e nenhum deles é tão sexy!

—Assim, acredita que sou sexy?

—Como o pecado original. Por que acha que te chamei de Lúcifer?

Gabriel a apoiou contra o balcão e cobriu a boca com a sua. Começou com um beijo doce, mas assim que agarrou a cabeça com as mãos o beijo se aprofundou. Mariah passou a mão pelo cabelo e devolveu o beijo com o mesmo desejo. Afastou-se ofegando e perguntou.

—Comemos primeiro?

Gabriel tentou diminuir a respiração. Cada vez que a tocava se sentia como um cavalo de corrida: sem fôlego, ansioso e inquieto.

—Certo —disse— Primeiro a comida. Mas me assegurarei de que sigamos justamente daqui onde não paramos, só adiamos — Abraçou-a e lhe deu um beijo casto na cabeça rindo baixo — Já que nos incomodamos em fazer, vamos sentar à mesa e comer as malditas tortilhas.

Mariah se separou da neblina sensual em que se perdeu, jogou uma última olhada à boca de Gabriel e girou para o balcão. Rebuscou num cesto de vime que estava em cima, tirou toalha e guardanapos e pôs a mesa, ao lado da janela.

—Pode pegar os talheres? Estão na gaveta que tem ao lado e pega uns pratos do armário que está à direita da pia — disse por cima do ombro. Gabriel tirou garfos e facas, agarrou dois pratos e se reuniu a ela na mesa. Esta parecia muito antiga e Gabriel se perguntou se seria uma peça herdada de geração em geração. Estava em frente a uma enorme janela que dava para o pátio e da que se viam as montanhas ao longe. O sol começava a banhar o estábulo com luz matinal e Gabriel pôde distinguir cavalos num curral ao lado do estábulo.

—Quer mais café? — perguntou Mariah.

—Adoraria. Por que não se senta e pego a cafeteira?

Gabriel pegou a cafeteira e serviu outra xícara de café a cada um. Voltou a pôr a cafeteira em seu lugar, agarrou umas colherinhas, o açúcar e o leite do balcão onde os tinha deixado.

—Você gosta de cozinhar? —perguntou ao sentar-se.

—Adoro fazer bolos, mas para uma pessoa só não vale a pena. Poderia congelá-lo, mas não é o mesmo que recém feito assim já nem me incomodo.

—Sabe fazer bolachas com partes de chocolate? —perguntou com saudade— Não me lembro quando foi a última vez que comi bolachas de chocolate caseiras. Laura costumava fazer muito.

—Laura?

—É, a mulher de meu companheiro. Para ser mais exato, meu companheiro morreu assim agora é a viúva de meu companheiro — disse enigmático.

Mariah queria saber muito mais coisas dele, mas não sabia o que estaria ele disposto a contar.



—Estava doente?

—Não, não estava doente — respondeu negando ao mesmo tempo com a cabeça — Atiraram nele.

—Atiraram nele! Quer dizer que foi um acidente de caça ou algo pelo estilo?

—Não. Nós dois éramos agentes de polícia em Chicago e mataram meu companheiro uma noite depois que acabou nosso turno.

—O que aconteceu?

—Voltávamos para delegacia de polícia e me detive para comprar comida para gatos.

—Tem um gato? —perguntou Mariah incrédula.

—Sim, é um moço velho e grande que encontrei uma noite fora da delegacia de polícia depois do trabalho. Simplesmente o peguei e fiquei com ele. Nada mais.

Mariah supôs que certamente sim era algo mais. Só que queria ocultar às pessoas essa faceta dele.

—O que aconteceu?

—Disse ao Hank que tinha que comprar um pouco de comida para o gato e Hank disse que ele iria. Tinha que entrar porque Laura tinha pedido sorvete. Laura estava grávida e telefonava sempre ao trabalho para pedir algum desejo. Era a piada da delegacia de polícia; todo mundo mexia com ele, mas Hank não se importava. Tomava com filosofia. Estava muito encantado com o bebê — Gabriel fez uma pausa e olhou pela janela. Mariah se deu conta que não estava olhando nada em concreto. Sua mente estava de volta em Chicago — Quando Hank entrou na loja se meteu no meio de um roubo. O menino disparou sem lhe dar sequer tempo de tirar a arma. Ao ouvir os disparos entrei correndo, mas Hank já estava morto. Consegui prender o menino, que estava completamente drogado, mas não pude salvar Hank.

—É a isso que se refere quando diz que não é alguém em quem se possa confiar de verdade? Acredita que falhou com Laura ao não proteger Hank. É disso que foge?

Gabriel se levantou de um salto e golpeou a mesa com as mãos.

—Mataram-no por minha culpa! —gritou— Era eu o que tinha que ter entrado não ele. Fui quem o fez parar. Como podia olhar Laura na cara depois do que tinha feito? Pouco depois da morte de Hank teve o menino. Chamou-o Milagre. Dizia que era seu milagre, seu laço com Hank. Tinha que partir. Não suportava que me olhasse com ódio.

—Gabriel — disse Mariah levantando-se, ficou a seu lado e o abraçou — Não é sua culpa. Você não era o protetor de Hank. Ele não iria quer que viva desta maneira, se culpando por algo que não foi sua responsabilidade.

—Como demônios sabe o que Hank queria? — gritou Gabriel. Agarrou os braços dela e os afastou. Calçou as botas, agarrou a camiseta do respaldo da cadeira, foi como um torvelinho pelo corredor e saiu dando uma portada. Uns segundos mais tarde Mariah ouviu como punha a moto em marcha e partia.

"Bom, não era isto o que tinha planejado. Esperava poder ajudá-lo e a única coisa que fiz foi zangá-lo. Pensava que se o fizesse enfrentar aquilo que o preocupava, se sentiria melhor. Mas não tinha nem ideia que carregasse tremenda culpa."



Mariah recolheu a mesa. Perdeu o apetite. Guardou tudo. Colocou as tortilhas em um saco e o saco no congelador. Foi silenciosa pelo corredor e saiu ao alpendre principal. O velho balancinho lhe fez um gesto de modo que se sentou e começou a chorar. Não sabia se chorava por ela ou por Gabriel.

Capítulo seis

Mariah não estava segura de quanto tempo passou sentada no balancinho. Podiam ter sido minutos como podiam ter sido horas. Tinha coisas a fazer. Telefonar por causa do carro e pedir que o levassem a oficina. Desde que se envolveu com Gabriel tinha esquecido por completo do carro. Tinha cavalos dos quais se ocupar.

Obrigou-se a ficar em pé, arrastou-se até a porta principal como uma anciã esperando poder chegar acima e vestir-se. Uma vez dentro foi até a sala e se aconchegou no sofá. Não pôde chegar mais longe porque as pernas tremiam. Não tinha forças para subir a escada. Estava muito zangada consigo mesma por ter espantado daquela maneira Gabriel. Ele tinha razão. Não conhecia Hank. Não sabia o que teria querido. Tinha sido muita presunção de sua parte pensar que o podia curar com umas quantas palavras banais. Cobriu-se com uma manta e permaneceu ali deitada olhando pela janela e as lágrimas começaram a correr pelas bochechas. Deve ter adormecido porque despertou com a sensação de que alguém estava acariciando seu cabelo. Abriu os olhos e viu Gabriel ajoelhado ao lado do sofá com cara de preocupação. Beijou-a ligeiramente na frente.

—Não estava zangado com você — disse com voz tão baixa que Mariah teve que esforçar-se para entender— Suponho que estava zangado comigo mesmo. Carreguei esta culpa durante meses e não fui capaz de soltá-la. Suponho que me culpava por não ter sido eu que morreu. Sou solteiro. Hank tinha uma família: uma mulher que o queria e um bebê a caminho. Devia ter sido eu. Ele tinha muitas coisas pelas quais viver.

A Mariah quebrou o coração quando viu as lágrimas que corriam pela face dele.

—OH, Gabriel — disse — me alegro tanto que não fosse você. Sinto a perda de seu amigo, mas me alegro muito que não fosse você.

—Pode ser que seja um anjo — murmurou Gabriel — Pode ser que seja meu anjo da guarda. Alguma vez antes tinha acreditado em anjos, mas por que estava na estrada quando precisamente eu passei? Desde que saí de Chicago simplesmente segui as estradas, levassem aonde me levassem. Nunca tinha nem destino nem plano. Você estava ali quando toquei fundo.

—Não foi sua culpa, sabe. Como saberia o que aconteceria? Pode ser que se tivesse entrado você, Hank tivesse te seguido de todo modo e pode ser que matassem os dois. Não sabe o que poderia ter acontecido.

Gabriel afastou a cabeça e fechou os olhos. Mariah viu que estava lutando com seus demônios.

—Fui ao funeral, sabe? —disse abrindo os olhos de novo—. Não recordo muito. Lembro ter



pensado que todo mundo estava me olhando e que estariam pensando que devia ter sido eu que recebesse a bala.

—Realmente acredita nisso? Não estariam te olhando perguntando-se como sobreviveria à perda de seu companheiro? Quanto tempo estiveram juntos?

—Oito anos.

—Oito anos! Há matrimônios que não duram oito anos!

—Conhecíamos-nos muito bem um ao outro. Estávamos mais unidos que dois irmãos. Depois do funeral me deu a impressão que as coisas no trabalho tinham mudado: ninguém me falava. Foi então quando me ocorreu que me culpavam.

—Possivelmente não soubessem o que dizer. Sabe como é isso. As pessoas vão por aí pisando em ovos, sem querer falar por temor a ferir alguém. Falou com alguém depois da morte do Hank? Têm um psicólogo ou algo parecido para agentes de polícia?

—Sim, falei com o psicólogo do departamento e disse que estava bem.

—Disse que estava bem, mas não estava, verdade?

—Não. Sentia-me miserável e me remoia a culpa, mas pensava que se trabalhasse mais me sobreporia.

—O que aconteceu?

—Houve um problema com a detenção do menino que matou Hank, algo a respeito de não ter seguido o regulamento adequadamente assim tiveram que o soltar.

—Meu Deus! Soltaram o assassino por um tecnicismo formal?

—Decidi que não podia ficar e fazer meu trabalho ao ver que nós arriscávamos as vidas todos os dias e os meninos maus ficavam soltos.

—De modo que o assassino do Hank passeia por aí como um homem livre?

—Não exatamente. Poucos dias depois de ficar livre o mataram por um assunto de drogas. Suponho que foi justiça poética. Aos olhos policiais se fez justiça, mas não devolveu Hank. Foi quando decidi partir e pedi uma permissão de ausência. Não tinha tido férias durante anos e meu capitão estava encantado por me deixar ir. Achava que os meninos na delegacia de polícia não se entusiasmavam muito em trabalhar comigo. Desde a morte do Hank me converti num solitário. Pedi a um amigo que cuidasse do gato, coloquei um par de coisas numa bolsa, peguei minha moto e fui. Isso foi faz uns três meses.

—Esteve vagabundeando por aí durante três meses?

—Sim. Dirigi-me para o sul onde faz mais calor, logo pensei em ir para o oeste. Faz um par de dias me meti no Texas para seguir essa direção. —Sua voz se suavizou— Então vi um anjo parado na beira da estrada e as coisas começaram a mudar.

—E agora, o que pensa fazer? —perguntou.

Gabriel elevou uma sobancelha e a olhou maroto.

Mariah riu e disse:

—Me refiro a Laura e ao bebê.

—Acredito que gostaria de visitar Laura e conhecer o bebê. Não sei se já estou preparado para voltar, mas acredito que gostaria de ver a família de Hank.



—Isso parece um bom começo — Mariah estava de acordo. Queria que fosse capaz de ir e enfrentar o passado, mas também temia que partindo não voltasse a vê-lo nunca mais. Sabia que era uma estupidez: só o tinha visto uma vez, mas se converteu em algo muito importante para ela. Queria-o em sua vida, mas sabia que a vida dele, seu trabalho estavam em Chicago e seria ali aonde retornaria.

—Posso usar seu telefone? —disse Gabriel—Ligarei para Laura e verei o que diz.

Mariah o levou ao telefone da cozinha e esperou sentada no salão para dar um pouco de privacidade. Ouviu como marcava o número e esperava ansiosamente que respondessem. Embora tivesse ido ao salão pôde ouvir parte da conversa, ao menos a parte de Gabriel. A Mariah encheram os olhos de lágrimas quando o ouviu dizer que era o padrinho do bebê. Durante todo este tempo tinha pensado que Laura estaria zangada com ele e em vez disso era certo que esteve muito preocupada com ele. Quando ouviu que desligava esperou uns minutos antes de ir à cozinha. Encontrou-o com as mãos nos bolsos olhando pela janela. Passou os braços entre os seus e apoiou a cabeça contra suas costas.

—Bom. Que tal foi?

—Ficou muito contente. Estava muito preocupada porque não soube nada de mim durante tanto tempo. Vou vê-los, a Laura e a Milagre, no fim de semana. Também tem meu nome: Milagre Gabriel. Chama-o Gabi — Girou a cabeça para olhar Mariah — Quer vir comigo?

—Está seguro de querer que vá? Isto é algo muito pessoal.

—Necessito que vá. Quero compartilhar com você.

—Adoraria ir e conhecer Laura e ajudarei em tudo que possa — Gabriel a abraçou para poder sentir sua força. Logo a olhou e disse — Tenho somente uma pergunta — Mariah esperou ansiosa perguntando-se qual seria a pergunta.

—Restam algumas tortilhas? Estou morto de fome.

—Rato! — disse Mariah rindo — Pensava que seria uma pergunta séria.

—É uma pergunta séria! Falo muito a sério quando falo de comer. Assim: sobraram tortilhas?

—Sim. Coloquei-as no congelador, mas podemos usar um dos velhos truques de mamãe.

—Qual é?

—Por na torradeira e esquentar. —Mariah tirou as tortilhas e o xarope e colocou duas na torradeira. Enquanto ela punha de novo a mesa, Gabriel foi pelo corredor até a porta principal, tirou as botas e as deixou ali. Quando voltou para a cozinha, Mariah estava pondo as tortilhas nos pratos e colocando mais na torradeira. Gabriel se sentou e lubrificou a sua com manteiga e xarope. Logo tomou um bocado.

—Vá! Estão deliciosas. Sua mãe é brilhante.

—É obvio que é brilhante. Olhe a filha que criou — respondeu Mariah rindo. Gabriel estendeu o braço e acariciou sua bochecha com o dorso da mão.

—Criou uma filha maravilhosa e inteligente — disse sério. Permaneceram calados um momento, simplesmente desfrutando da companhia um do outro. Gabriel recolheu os pratos quando acabaram e os levou a pia. Encheu de água e começou a lavá-los.



—Acredito que será melhor que telefone para levarem o carro a uma oficina e vejam o que aconteceu — Mariah foi ao telefone e fez as chamadas. Quando desligou olhou Gabriel — Vão recolher logo que possam. Ligarão amanhã depois de darem uma olhada. OH, não! No que vou ao colégio amanhã?

—Levo você.

—Na moto?

—Claro.

—Adorarei ir ao colégio de moto. Seguro que esta noite não vou poder pregar olho pensando nisso — Brincou embora não estava muito longe da verdade.

—Posso garantir que não vai pregar o olho esta noite, mas não será por pensar na moto — Gabriel se separou da pia para olhá-la. Mariah viu o olhar que lhe dirigiu. Bastou para atear fogo na habitação.

Foi dançando para onde ele estava acabando com os pratos.

—Necessita ajuda com isso? — perguntou com voz sedutora.

—Não. Acredito que posso me arrumar sozinho com o que falta.

—Nunca pensei que um machão grande e forte como você soubesse lavar pratos. Possivelmente devesse te dar uma mão. — situou-se ao seu lado e colocou as mãos na água. Gabriel a olhou com cautela perguntando-se o que estaria tramando. Ela tirou as mãos molhadas e as pôs no peito dele sobre a camiseta. O olhou com olhos inocentes.

—Vá. Parece que molhou a camiseta. Deve estar incômodo. Talvez seja melhor tirar.

Gabriel sorriu ao ver o plano. Gostava do plano, muito. Retirou as mãos da água e tirou a camiseta.

—Isso. Agora se sente melhor? — Mariah secou as mãos num pano de cozinha e se colocou às costas de Gabriel. Por trás lhe pôs as mãos na braguilha e foi recompensada com uma ereção maciça empurrando contra o zíper— Meu Deus! Que incômodo que deve estar! Esses jeans parecem muito apertados. Deixa que te ajude — Sabia que Gabriel se deixaria um momento mais. Sentia que desfrutava com este jogo tanto como ela. Foi desabotoando a calça lentamente.

—Aí tem. Isso está muito melhor, verdade? — Colocou uma mão dentro da calça e se surpreendeu uma vez que adorou descobrir que não levava roupa interior. O pênis comprido e forte pulsava sob a mão e Gabriel suspirou de prazer.

—Não vou poder seguir adiante com estes pratos se seguir por aí — comentou rindo.

—Esperava que seguisse adiante e em frente com isto — disse enquanto acariciava seu pênis.

—Parece que não tenho nenhum problema seguindo com isto em frente se não estiver perto — disse secamente. Nesse instante girou e agora foi ele quem pôs as mãos molhadas na camiseta. Ela gritou e deu um salto atrás.

—O justo é que joguem os dois. OH, OH. Vejo que tem a camiseta molhada. Talvez seja melhor tirar. Não gostaria que pegasse um resfriado.

Não havia muitas possibilidades que pegasse um resfriado. Estava ardendo, ardendo de desejo, ardendo de necessidade, ardendo por ele. Ele deu uma olhada travessa, agarrou a



camiseta por baixo e a tirou. Gabriel a olhou de cima e observou o corpo sem nada mais que umas diminutas calcinhas. Um amplo sorriso alagou seu rosto. Fartou-se olhando porque ainda não a havia visto nua à luz do dia.

—Ontem à noite estava preciosa à suave luz do dormitório, mas agora, à luz do dia, está impressionante — disse com veneração. Agarrou um pano e secou as mãos rapidamente, logo se ajoelhou diante dela. Pôs as mãos no traseiro, aproximou-a dele e tirou suas calcinhas. Com cuidado ela levantou os pés para poder tirar e Gabriel as atirou para trás. Sentou-se sobre os tornozelos e permaneceu observando-a. Ela olhava de cima com acanhamento. Já não se sentia tão segura de si mesma como havia se sentido ontem à noite na intimidade do dormitório e no amparo do véu que a escuridão da noite lhes tinha proporcionado. Gabriel se inclinou para diante e começou a mordiscá-la ao redor do umbigo. Ela estremeceu. Ele estendeu as mãos sobre a parte superior das pernas e as separou com os polegares. Com um deles massageou devagar o clitóris. Ela gemeu. O clitóris endureceu com a delicada ajuda de Gabriel. Mariah pensou que se nesse momento pusesse a boca em cima, ela explodiria. Gabriel baixou o polegar para a racha e a nata banhou seu dedo. Enquanto passava o lubrificante sobre o pequeno clitóris ereto ela choramingava. Ele aproximou sua cabeça e ela percebeu em seguida a intenção. Temeu gozar inclusive antes que a tocasse.

Ele notou como ia se acendendo. Tinha conseguido tirar o clitóris do capuz e agora estava ansioso por apoderar-se dela. Pôs a boca em cima e ela gritou:

—Gabriel, não acredito que possa suportar. Faz-me gozar. Por favor!

Absorveu o clitóris com a boca e o forçou contra o lábio inferior usando tão somente a pressão do lábio superior. Logo acrescentou a pressão da língua para entrar no capuz. Com a ponta da língua passava para frente e para trás pela parte baixa do capuz. Agarrou-lhe a cabeça e aproximou mais a ela.

—Meu Deus, Gabriel! Tenha compaixão! Alivie-me deste sofrimento!

Gabriel lhe ferrou o clitóris com a ponta da língua e com uma sacudida ela explodiu. Gabriel saboreou os sucos quando ela gozou em sua boca. Lambia-a enquanto gozava e tratou de lhe alargar o orgasmo o máximo possível.

Mariah se inclinou para frente descansando sobre a testa dele e pôs as mãos nos ombros. Temeu derreter-se e fundir-se com o chão se não a ajudasse a suportar o peso do corpo.

—Foi mágico — disse Gabriel— Adoro quando se entrega tão livremente.

Mariah lhe acariciou os ombros e as costas. Gabriel deixou que o acariciasse uns instantes. Logo se inclinou para diante e agarrou o mamilo com os dentes e o mordeu um pouco. Mariah deu um salto. À medida que o mordia, o mamilo se alargava e pôde o puxar com a ponta da língua enquanto o tinha prisioneiro na boca. Ela notou que o puxão e a dentada a percorriam do peito até o sexo como se ambos estivessem unidos por fio de seda. Cada vez que Gabriel puxava o mamilo, ela sentia a resposta entre as pernas e apertava as coxas para saborear a sensação. Gabriel moveu a boca para o outro mamilo e começou a mamar nele como um bebê enquanto beliscava o companheiro. Estava tão sensível pelas lambidas, puxões e dentadas que Mariah não sabia se sentia prazer ou dor. Gabriel sabia perfeitamente quanta pressão aplicar ao mamilo para



fazer que o prazer roçasse a dor, mas também sabia que ela confiava nele sabendo que não lhe faria mal. Era para proporcionar prazer e nunca fazer mal intencionalmente. Soltou o mamilo e soprou sobre ele. Ficou firme como pedindo mais.

—Gabriel, não sei quanto mais vou aguentar. Tenho o corpo muito sensibilizado como se a pele fosse muito fina.

—Carinho — disse acalmando-a, levantando-se e abraçando-a — Só quero te dar prazer.

—Isso é maravilhoso, mas vou ter oportunidade de dar prazer a você também? — perguntou.

—Asseguro que sim — disse com um sorriso digno de Lúcifer —Primeiro quero te aliviar algo da tensão, te tranquilizar. Parece bem, posso? —Mariah assentiu com a cabeça. Gabriel pôs as mãos na sua cintura, elevou-a e a sentou no balcão. A superfície de mármore era fria ao tocá-la nas nádegas, mas aliviava de algum modo o sexo ardente e dolorido. Fechou os olhos e começou a esfregar-se para frente e para trás contra o balcão empurrando o sexo para baixo para que beijasse o refrescante mármore. Gabriel observava como ela se masturbava contra a superfície fria. Punha a cem ver como aquele corpo cantarolava de prazer. Aproximou a boca ao ouvido e sussurrou:

—Mantém os olhos fechados.

Mariah o ouviu caminhar pela cozinha, abrir a geladeira e tirar algo. O corpo dela estava tão compenetrado com o dele que seguiu seus movimentos sem necessidade de olhar. Ouviu o suave som dos jeans caindo sobre o chão e soube que estava nu e ansioso por ela.

Gabriel a viu ali sentada serena esperando por ele, mas sabia que estava qualquer coisa menos serena. Tinha uma fome que só ele podia saciar. Voltou para seu lado e colocou algo sobre o balcão.

Mariah o ouviu pôr algo sobre o balcão, perto dela, mas não sabia dizer o que era. Seria um prato ou um pires? Talvez uma tigela? O que estaria fazendo? Quis abrir os olhos e ver o que tinha preparado, mas era muito melhor esperar que ele revelasse.

—Abre as pernas — pediu Gabriel. Mariah atendeu tremendo ao antecipar o que estava chegando — Está com frio? — brincou Gabriel — Vejo que está tremendo.

—Sabe que não tenho frio! —respondeu com dureza; a tensão a punha nervosa.

—Deixa que te ajude a aliviar essa tensão — disse Gabriel com tom conciliador. De repente Mariah sentiu seu quente fôlego na vulva e se deu conta que estava inclinado sobre ela olhando seu lado mais secreto. Ontem à noite no dormitório tudo estava escuro e em sombras, mas agora estavam em plena luz do dia. Sabia que podia ver tudo — Apoia as mãos atrás e inclina o traseiro para frente — Ao fazer soube que estaria ainda mais exposta. Ouviu-o suspirar de prazer quando ela se inclinou para frente — Não abra os olhos — insistiu — Aconteça o que acontecer.

—Tentarei mantê-los fechados, mas está ficando difícil. Quero olhar, quero ver o que está fazendo.

—É o contrário — replicou Gabriel entre risadas.

—O que quer dizer? — perguntou ela confusa.

— Você faz isso difícil, tão duro que o desejo me faz sentir dor.



—Bom, acredito que posso fazer algo a respeito se me deixar te agradar.

—Sei. Já chegará sua vez. Assim terá mais tempo para planejar. Sabe o muito que gosto de um bom plano — Mariah riu. Adorava os planos de Gabriel. De fato, estava ansiosa por idealizar um bom plano para lhe dar prazer.

Enquanto Mariah seguia com os olhos fechados Gabriel se levantou, tirou a carteira do bolso e agarrou um preservativo. Pôs o preservativo no balcão para que estivesse à mão. Logo colocou a mão na tigela e tirou um cubinho de gelo. A água derretida gotejou pela mão.

—Mantém os olhos fechados! — ordenou.

—Sim.

Gabriel colocou o cubinho de gelo na barriga e riscou com ele uma linha para baixo. Uma vez que passavam pela pele, pequenos riachos de água seguiam e se perdiam no pelo púbico.

—Meu Deus! —gritou Mariah—. Gabriel, o que está fazendo?

—Te refrescando, neném, simplesmente te refrescando.

Passou o cubinho pelo pelo e roçou o clitóris com um canto do gelo. A sensação era indescritível. O frio do gelo se encontrou com o calor ardente do clitóris. Baixou mais o cubinho e riscou círculos sobre a entrada dela. A água gotejava pelas mãos. Introduziu um pouco o cubinho.

—Abre as pernas um pouco mais.

Ela o fez. Sustentando o cubinho com o índice e o polegar introduziu um pouco mais — Mantém dentro — disse.

Mariah ouviu como rasgava o pacote do preservativo e o imaginou desenrolando sobre o glorioso membro. Atraiu-a mais sobre o balcão e introduziu o pênis a empurrões. O pênis empurrava por sua vez o cubinho mais para o interior. Mariah temeu desmaiar. Elevou-a para que pudesse lhe rodear a cintura com as pernas. Ela abriu os olhos de repente. Sorriu e a beijou nos lábios. Sustentou-a e deixou que o pênis se deslizasse para o interior dela. Estava muito quente por dentro e o gelo muito frio.

—Engancha as pernas atrás — disse Gabriel e começou a empurrar lentamente. Com cada impulso a ponta do pênis tocava o gelo. Cada impulso a fazia arder.

Gabriel não foi capaz de distinguir cada uma das sensações que o bombardeavam de uma vez. Sentia o frio do gelo e o calor do estreito canal, mas não saberia dizer qual pertencia a qual, onde acabava uma e começava a outra. Notou a revoadada dentro dela e soube que estava a ponto de gozar. Empurrou mais, até o fundo, e ela gritou aliviada. Notou os músculos internos quentes e vibrantes aferrando-se ao pênis de uma vez que notou também a sensação do cubinho de gelo. Voltava-o louco. Quando ela começou a gozar, ele também já estava a ponto. Golpeou-a como um trem de carga. Era algo tão poderoso que gritou pela força com que saiu. Nenhum dos dois foi capaz de mover-se. Permaneceram quietos como se fossem figuras congeladas num quadro. Gabriel manteve as pernas de Mariah ao redor da cintura o máximo possível, mas quando as dele pareceram não poder suportar o peso mais tempo, deixou que deslizasse e ficasse de pé.

Gabriel manteve Mariah abraçada e ela o agradeceu porque acreditava que suas pernas não a sustentariam. Apoiou a cabeça no peito dele. Ouviu o batimento de seu coração; ouviu-o passar de um ritmo enlouquecido a um ritmo normal e forte. Permaneceram durante uns minutos um



nos braços do outro, logo Mariah o olhou e sorriu.

Capítulo sete

Mariah não sabia o que pensar. Fazer amor com este homem era completamente diferente de fazer com qualquer outro. Era como se tudo se magnificasse, se intensificasse, se fizesse mais forte pelo desejo de ambos, por sua proximidade, pela necessidade que sentiam um pelo outro.

Gabriel sacudiu a cabeça lentamente.

—É difícil acreditar que algo tão pequeno possa proporcionar tanto prazer. Está bem? — perguntou franzindo o cenho.

—É quase insofrível —suspirou Mariah— Não era capaz de respirar. Em uma ocasião, quando era pequena, estava saltando sobre a cama, caí e o golpe me deixou sem poder respirar. Assim é como acabo de me sentir, sem poder nem respirar nem me mover. Acreditei estar morrendo.

—Não é de estranhar que os franceses o chamem a petit mort, a pequena morte — murmurou Gabriel.

—Certamente foi como uma pequena morte. Não pude me controlar. Eram sensações muito confusas. Sentia o frio do cubinho de gelo por um lado e pelo outro, seu pênis ardente empurrando-o cada vez mais para dentro. Não sabia se era a sensação de gelo ou de fogo. — Mariah fez um gesto lento de negação com a cabeça.

—Cada vez que empurrava a ponta de meu membro tocava o gelo e quando me retirava sentia como seu canal se aferrasse me queimando com o calor. Foi um dos prazeres mais intensos que já senti. —Olhou-a com um sorriso malicioso e disse— Que mais tem na geladeira?

—Disso nada. Precisamos um descanso. Gabriel olhou o pênis.

—Bem, ele parece ter descansado já, fora de você, e te asseguro que não gosta nada, nada de estar fora.

—OH, Gabriel! — disse Mariah lhe dando um murro brincalhão no braço—. Dê-me um minuto para limpar isto e acredito recordar que disse que seria minha vez depois.

Gabriel tragou saliva perguntando-se o que tramava e se seria capaz de suportar.

Mariah limpou o balcão. Logo abriu a despensa que estava debaixo da pia. Assinalou o cubo de lixo e disse:

—Pode jogar o preservativo aí dentro.

Gabriel tirou a camisinha com cuidado e a jogou. Agarrou um lenço do balcão e se limpou.

—Estas barreiras são uma porcaria. Sei que são necessárias, mas não posso evitar pensar que gostaria de voltar a te fazer amor sem nada. Adoro sentir como seus músculos se aferram ao meu membro sem uma borrachinha no meio. Quero voltar a te sentir sem barreiras entre nós, mas sei que por agora temos que usar camisinha.

"Por agora", pensou Mariah. Significava que tinha pensado em passar com ela mais tempo



que só um par de dias? O coração deu um tombo ao pensar o quão maravilhoso seria que fizesse parte de sua vida. Tratou de controlar o entusiasmo e o viu ir para a janela.

— Parece que vai ser um dia maravilhoso — comentou.

Gabriel girou e viu que Mariah estava tirando algo do armário.

— Não tenho fome, de verdade — disse.

— Certo. De todo modo o único que se comerá aqui será você. — Indicou com o dedo que se aproximasse — Volta aqui, garotão, e cumpra sua palavra como um homem.

— Cumprir minha palavra — repetiu ele rindo — Gosto de como isso soa.

Retornou com parcimônia oferecendo uma deliciosa panorâmica frontal. Era um homem que se sentia confortável consigo mesmo, e por que não? Se parecia com um deus. Mariah deu uns tapinhas no balcão e disse:

— Quero que sente aqui enquanto me preparo.

Gabriel passou o cabelo por cima o ombro, e de costas para o balcão, encarapitou-se nele com as mãos.

— Ai! Está frio! — queixou-se.

— Verdade? — Ela riu — Estou segura que se acostumará. Eu o fiz.

Seguiu de costas para ele para que não visse o que estava fazendo. Gabriel achou muito erótico estar com uma mulher nua caminhando pela cozinha.

— Já estou quase pronta — disse ela por cima do ombro — Já pode fechar os olhos.

Gabriel sabia que não usaria nada frio porque a ouviu mover uma panela sobre a cozinha, mas que coisa quente usaria? Estava ansioso por descobrir. Nunca antes tinha praticado jogos eróticos com uma mulher, mas com Mariah era muito fácil. Bom, a verdade era que bastava que a olhasse para que ficasse duro como granito. Soltoou uma risada ao pensar.

— Do que está rindo? — perguntou ao girar. Observou o belo rosto, agora áspero pela barba matinal. Com os olhos fechados quase resultava angélico. As longas pestanas escuras roçavam as bochechas. Mas o conhecia melhor.

— Estava pensando em pedras, nada mais — murmurou ele.

— Em pedras?

— Sim. Já sabe. Coisas duras como pedra — Ela girou para olhar o pênis. Pôs os olhos como pratos — OH. Já vejo a que se refere. Parece doloroso. Veremos o que posso fazer por você — Voltou a lhe dar as costas e verteu algo em uma tigela — Mantém os olhos fechados, moço. Nada de olhar escondido! — advertiu com tom severo. Pode ser um tira de Chicago grande e mau, mas isso não significa nada nesta cozinha.

Gabriel se deu conta que não reagiu ante o fato de que o chamasse tira grande e mau. Bom, o membro sim tinha reagido, e não pouco, mas o peito já não doía ao recordar que era policial. A cura tinha começado e a mulher responsável por isso o tinha a sua mercê. De fato esperava que não mostrasse mercê alguma com ele. Esperava que fosse muito má. O jogo como parte do sexo era muito divertido. Talvez algum dia conseguisse que se fantasiasse para ele de criada francesa ou ele de vaqueiro. Poderia estar completamente nu com somente umas perneiras de couro. E poderia fazer que ela se sentasse em seu colo. Ele desfrutaria muitíssimo com isso. Igual a ela. Se



ele usasse as pernas de couro, ela poderia aproximar-se por atrás e lhe acariciar as nádegas e talvez mordiscá-lo. Sorriu ao imaginar Mariah lhe mordiscando o traseiro. Pequeno esquentamento!

Quando Mariah se aproximou de Gabriel o viu sorrir. Preocupou-se que ao chamá-lo de tira o tivesse ofendido, mas não parecia nada ofendido. De fato, parecia satisfeito. Bom, isso mudaria em seguida.

Gabriel a ouviu aproximar-se e colocar-se entre suas pernas. Sentiu-a colocar algo em cima do balcão passando por cima da coxa.

—Quero que ponha as mãos atrás e também que se incline um pouco para trás — Gabriel assim o fez impaciente por descobrir o que tinha preparado. De repente notou que estava gotejando algo em cima da barriga. Era refrescante e quente ao mesmo tempo — Não faça armadilhas! Não abra os olhos! — admoestou-o — Sei que quer ver como tiro isto a lambidas, mas ainda não.

"Ainda não", pensou Gabriel. Lamberia e ele teria a possibilidade de observá-la enquanto o fazia. Estava impaciente. Oxalá não expirasse primeiro só imaginando.

Enquanto vertia a calda quente de chocolate por cima Mariah pensava: "Certo! Minhas duas coisas favoritas juntas: Gabriel e chocolate. Melhor não poderia ser". Inclinou-se sobre ele e começou a lamber o chocolate. Tinha sabor de chocolate e homem, uma combinação embriagadora. Limpou o chocolate da barriga com lambidas curtas como as de um gato. Era delicioso.

Gabriel notava como a língua dela se movia pela barriga e lambia o que fosse que tinha jogado em cima. Inalou profundo e cheirou. O que? Chocolate? Tinha derramado calda de chocolate em cima e agora o estava lambendo. Nunca mais seria capaz de tomar um sorvete de chocolate sem ter uma ereção. Mariah acabou de lamber todo o chocolate e se inclinou sobre sua coxa para pegar mais.

—Bom, e desta vez em cima de onde derramarei? —murmurou.

"Sobre o membro, sobre o membro", gritou a mente dele.

—Que tal aqui? —voltou a murmurar Mariah.

"Onde?", perguntou-se Gabriel em silêncio.

—Poderia abrir as pernas um pouco mais e deslizar mais para frente? — pediu ela. Se realmente derramaria onde ele desejava que o jogasse, faria o que fosse. Moveu-se para frente e abriu mais as pernas. O recompensou jogando o xarope doce e pegajoso sobre o interior da coxa. Gabriel quase se eleva sobre o balcão imaginando Mariah lambendo. Estaria muito perto do membro. Inclusive poderia sentir pena dele e o lamber. Ouviu-a falar de longe. Custou concentrar-se no que estava dizendo.

—Está indo muito bem — disse— Não abriu os olhos em nenhum momento. Merece uma pequena recompensa — abaixou-se para lamber o chocolate da parte interior da coxa. Gabriel se agarrou a borda do balcão com tanta força que os nódulos se puseram brancos. Ela se aproximava cada vez mais do membro, mas parecia ignorá-lo. Mas como podia ignorá-lo? Tinha que estar ondeando como uma bandeira!



—Será melhor que me assegure de levar tudo de uma vez — disse Mariah pensativa. Assim jogou também um pouco de calda de chocolate sobre a outra coxa e começou a lambê-lo. Os sons que fazia ao chupar e lamber junto com os sons de prazer que surgiam da sua garganta conseguiriam que até um morto se pusesse duro. E ele não estava morto. Certamente que não estava!

—Vá. Espero que fique bastante chocolate para isso — disse Mariah séria.

"Para que?" pensou Gabriel. "Para o membro?"

Ela deve ter lido sua mente porque notou que se inclinou uma vez mais por cima da coxa para pegar mais calda.

Logo derramou sobre a ponta do pênis. Gabriel notou como deslizava lentamente para baixo e começou a se excitar antecipando e esperando que pusesse sua boca em cima.

—É a sobremesa de chocolate com a melhor pinta que jamais vi — disse ela — Se abrisse um restaurante e oferecesse esta sobremesa, teria que afastar as mulheres a pauladas. É a coisa mais deliciosa que jamais vi.

—Poderia...? — suplicou Gabriel.

—Poderia o que?

—Poderia me lamber o chocolate do membro, por favor?

—Adorarei te agradar. Quer olhar? — perguntou Mariah.

—Adorarei olhar — respondeu ao mesmo tempo em que abria os olhos e a olhava e ao pênis gotejando chocolate. Não pôde evitar rir ao ver seu pênis muito duro melado de chocolate. Mas a risada se engasgou quando a viu abrir a boca e começar a lamber com delicadeza a enorme ponta. Limpou todo o chocolate a lambidas, logo lambeu os laterais usando às vezes a ponta da língua às vezes a língua inteira. Era uma tortura a base de chocolate! A seguir ela se ajoelhou e lambeu o resto do pênis para tirar o chocolate que tinha gotejado. Teve que abordar de diferentes ângulos para assegurar-se de que ficava limpo. Inclusive lambeu os testículos.

—Ei! Aí não há chocolate! — disse Gabriel.

—Não quero que passe nada — replicou Mariah — Além disso, acredito que escapou uma gota por aqui — disse e passou outra lambida no testículo — Não sei se fiz um bom trabalho nesta zona — disse assinalando a ponta do pênis — Acredito que posso fazer melhor.

Melhor. Se fizesse melhor, ele morreria de gozo.

E ato seguido, ela se inclinou e colocou a ponta do pênis na boca. Passou a língua formando círculos com o pretexto de tirar qualquer resto de chocolate que pudesse ter ficado, mas Gabriel sabia que era somente para lhe dar prazer. Usava a língua para excitar e logo sugava com ajuda das bochechas. Foi uma sensação deliciosa e resultou uma combinação embriagadora junto com o aroma do chocolate.

De cima Mariah passou a língua por todo o pênis e notou que a medida que aumentava a excitação de Gabriel as veias se faziam cada vez mais proeminentes. Soltou o pênis e o lambeu até os testículo. Abrangeu-o com a mão. Era enorme. Começou a esfregá-lo para cima e para baixo como se fosse lhe fazer uma palha. Sabia que Gabriel estava a ponto de gozar assim voltou a meter na boca e sugou. Os testículo começaram a esticar e levantou sobre o balcão para introduzir



o pênis mais na boca dela. Agarrou sua cabeça entre as mãos e fechando os olhos começou a mover-se ao ritmo que necessitava. Mariah notou que a força ia se concentrando e com um grunhido Gabriel gozou em sua boca fazendo-a tragar. Saboreou o sabor salgado do esperma misturado com o chocolate e foi muito para suportar. Começou a tremer e a balançar num inesperado orgasmo próprio. Gabriel abriu os olhos languidamente depois daquele evento apocalíptico, abaixou a vista e riu.

—Acabo de te proporcionar a melhor experiência sexual de toda sua vida e está rindo? — disse Mariah com fingido aborrecimento.

Gabriel a levantou e a colocou entre suas pernas. Disse:

—Não posso evitar. Tem a boca melada de chocolate e está muito graciosa — Abraçou-a, atraiu sua boca e começou a lambar o chocolate — Tem sabor muito bom —disse— Tem sabor de chocolate e de mim. Uma combinação deliciosa!

Mariah procurou não rir quando a pele sem barbear fez cócegas ao chupar o chocolate de seu rosto. Quis se fingir de zangada com ele, mas imaginou seu próprio aspecto, a boca cercada por chocolate. Gabriel tomou seu tempo para lambar delicadamente o lábio inferior. Logo se afastou para passar o dedo pelo lábio superior e tirar o chocolate.

—Abre a boca — pediu. Ela obedeceu e ele colocou o dedo na sua boca. Mariah chupou todo o chocolate de cima abaixo e logo ao redor para acabar passando a língua pela ponta do dedo como se fosse o pênis.

Gabriel não pôde reprimir um gemido ante o atrevimento dela.

Empurrou com a língua o dedo contra o palato e o sugou ferozmente. Quando relaxou a pressão Gabriel tirou o dedo e o passou pela comissura dos lábios de Mariah.

—Não sei se alguma vez serei capaz de voltar a tomar um sorvete de chocolate — disse sorrindo — O chocolate já não voltará a ser o mesmo para mim.

—Preciso tomar uma ducha — disse ela passando um dedo pela áspera bochecha dele — Quer se aprontar, colega?

—Esse convite não posso rechaçar. Minha barriga está colando pelo chocolate. E que conste que não estou me queixando. —Gabriel se inclinou para pegar os jeans e a camiseta—. Mas vou sair um momento para pegar a bolsa e um pouco de roupa limpa.

Vestiu os jeans, fechou uns botões e se foi pelo corredor para sair pela porta principal. Mariah recolheu sua camiseta e calcinhas e subiu as escadas. Acabava de chegar acima quando ouviu alvoroço fora. Distinguiu o ruído de vozes zangadas e se perguntou quem estaria com Gabriel.

Vestiu rapidamente a camiseta e as calcinhas e abriu a porta principal para ver o que estava acontecendo. Aí estava Gabriel de pé ao lado da Harley com as mãos apoiadas na cintura e cara a cara com um homem alto e musculoso que vestia um uniforme de xerife. Apesar de Gabriel só levar postos os jeans, parecia forte e capaz de dirigir qualquer situação, inclusive este zangado desconhecido. Mariah gemeu e apoiou a testa contra o marco da porta de tecido metálico.

—Fiz uma pergunta — estava dizendo o homem—. Quem demônios é você e o que está fazendo aqui?



—De fato, isso são duas perguntas — disse Gabriel não disposto a deixar se intimidar.

—Não brinque comigo. Há um homem semi-desnudo aqui fora e quero saber que demônios está acontecendo — disse o outro avançando para Gabriel.

—Não sei que seja incumbência do xerife saber o que estou fazendo aqui — respondeu Gabriel tratando de conter a raiva.

Mariah abriu a porta e saiu.

—Bom, quanto ao xerife, isto não é assunto dele, mas quanto ao meu irmão, gosta de converter tudo em seu assunto — disse Mariah com um suspiro de resignação.

—Este tipo é seu irmão? — perguntou Gabriel olhando incrédulo ao homem alto que tinha a frente.

—Temo que sim. Gabriel apresento meu irmão Burke. É o xerife. —Burke ignorou Gabriel e se voltou para Mariah.

—Quem demônios é este tipo e o que faz aqui fora em jeans e nada mais? E você por que diabos não usa mais que uma camiseta?

—Burke, já disse isso em outras ocasiões. Já não tenho dezesseis anos. Não tem por que me vigiar.

—Céu santo, Mariah — disse indo para as escadas da entrada —Dê uma olhada! — Olhou primeiro ela e logo Gabriel — Este tipo leva a palavra "problemas" escrita na testa.

—Burke, o que está fazendo aqui? Supõe-se que isto é uma visita social?

—Johnson me chamou para dizer que tinha visto seu carro ao lado da estrada a oeste de Hopeville e que não a via por nenhuma parte. Preocupei-me.

—Por que não telefonou simplesmente? — perguntou Mariah. Burke ruborizou e olhou para outro lado enquanto murmurava algo.

—O que? Não ouvi o que disse.

—Disse que me preocupe; temia que tivesse acontecido algo e queria me assegurar com meus próprios olhos de que estava bem. Mas já vejo que está bem — disse com sarcasmo lançando um olhar por cima do ombro a Gabriel, que se tinha colocado a suas costas. Mariah desceu as escadas e abraçou seu irmão.

—Obrigado, Burke, por preocupar-se comigo. Mas não tinha por que preocupar-se. O carro quebrou ontem e tive que esperar que alguém passasse.

—Por que não tem um celular como todo mundo? — perguntou Burke zangado.

—Já disse. Não quero um celular. Até ontem sempre me arrumei bastante bem sem um.

—Vale. Não vou começar outra briga pelo celular. Não agora ao menos — Burke fez um gesto com a cabeça a Gabriel — Suponho que foi ele quem te recolheu. No que estava pensando, Mariah? — disse baixando a voz — Poderia ser um criminoso. Pelo menos tem um aspecto suficientemente perigoso para parecer um criminoso.

Mariah soltou uma gargalhada quando Gabriel girou para seu irmão. Estendeu a mão e apresentou:

—Gabriel Blackburn, Departamento de Polícia de Chicago. — Burke soprou.

—Sim, claro. Departamento de Polícia de Chicago — se burlou Burke. Gabriel colocou a mão



no bolso dos jeans e tirou a carteira. Abriu, tirou os papéis de identificação e os passou a Burke, que os examinou atentamente.

—Bom, pode ser que seja quem diz ser, mas isso não responde a minha pergunta: o que está fazendo aqui semi-desnudo?

—Sabe uma coisa, Burke? — interrompeu Mariah olhando fixamente seus olhos — Não é seu assunto! E agora, se me desculpar, tenho coisas a fazer — Subiu as escadas, deteve-se e olhou seu irmão — Se quiser, pode vir na terça-feira para jantar. Prepararei uma lasanha.

—Ele continuará aqui? — perguntou Burke assinalando com o polegar Gabriel.

—Não sei — respondeu Mariah evitando olhar Gabriel — Terá que perguntar a ele. — E sem mais girou e desapareceu no interior da casa.

—Bom, e o que? — disse Burke olhando Gabriel diretamente aos olhos — Continuará aqui ou já terá partido?

—Pode estar seguro de que continuarei por aqui. De fato, Mariah irá comigo a Chicago na sexta-feira.

—A Chicago? Por que vai a Chicago com você?

—Vamos visitar uma amiga minha, mas se quer saber mais, será melhor que fale com Mariah. — E dito isto Gabriel também subiu as escadas com intenção de entrar. Ao abrir a porta girou para olhar Burke e dizer:

—Nos vemos na terça-feira.

—Sim, nos vemos na terça-feira. E, se me inteiro de que minha irmã não está bem, me assegurarei de que se arrependa.

Gabriel se meteu na casa e deixou atrás um Burke pensativo.

Capítulo oito

Burke se meteu em sua picape e chamou pelo rádio o escritório. Esperou um pouco até que Margaret localizasse seu ajudante.

—Sim, Jake. É Burke. Quero que investigue algo para mim. Descubra o que puder sobre um tal de Gabriel Blackburn. É policial no Departamento de Chicago. — Deixou que Jake destrambelhasse um pouco a respeito de incomodá-lo em seu dia livre e logo disse — Olhe, não o incomodaria em seu dia livre se não fosse algo muito importante. E não comente com ninguém, certo? — Burke voltou para a estrada pensando em sua irmã e perguntando-se em que teria se metido desta vez.

Dentro da casa Mariah estava se perguntando o que teria dito Gabriel a Burke para ter esse aspecto tão petulante.

—Parece muito cheio de si mesmo. O que disse ao Burke?

—Queria saber se ainda estaria por aqui na terça-feira quando virá jantar.

—E o que disse?



—Disse que certamente sim e que iria comigo para Chicago na sexta-feira. Mariah soprou.

—Como recebeu a notícia?

—Me disse que se te acontecer algo fará que me arrependa.

—Te ameaçou!

—Mariah, não foi nada. Alegro-me que seu irmão se preocupe com você. Tem sorte por tê-lo.

—Pode chegar a ser aborrecido como um grão no traseiro, mas o adoro. Só que às vezes gostaria que me deixasse mais espaço para respirar.

—Bom, e há mais alguma surpresa familiar, algo assim como um pai presidente ou outro irmão Ranger do Texas?

—De fato...

—O que?

—Estava brincando — disse Mariah rindo — Não há mais surpresas. Tenho uma irmã que vive no Canadá e um irmão que é xerife. Isso é tudo. —Mariah lhe deu um beijo na bochecha e subiu as escadas.

—Ei! Aonde vai? — perguntou Gabriel ao ver o coquete traseiro de Mariah subir as escadas.

—Vou tomar a ducha que pensei antes que meu irmão nos interrompesse tão mal educadamente. — No meio da escada se deteve. Continuava de costas para ele. Tirou a camiseta e a jogou escada abaixo. Foi parar na cara de Gabriel. No final da escada tirou as calcinhas, dedicou-lhe um meneio de traseiro e também as jogou escada abaixo. Gritou:

—Vem ou vai ficar aí parado o dia todo?

Gabriel soltou um uivo de alegria e a seguiu.

—Espera eu te pegar... — ameaçou correndo escada acima. Mariah correu pelo corredor ouvindo o som das pegadas de Gabriel correndo atrás dela para pegá-la. Esperava que a pegasse logo. Estava impaciente para que a pegasse! Entrou correndo no dormitório e foi para o extremo da cama. Gabriel entrou justo depois tentando tirar os jeans. Saltava sobre um só pé para tirar uma perna da calça e logo trocou de pé para tirar a outra. De sua posição ao lado da cama, Mariah se impregnava, sem perder um detalhe de toda aquela beleza masculina. Se não fosse pela mancha de chocolate na barriga, seria perfeito. Com certeza foi precisamente essa mancha o que apertou as cueca de Burke. Por certo se perguntou por que Gabriel estava melado de chocolate. Tendo em conta quão zangado estava Burke, Mariah supôs que tinha deduzido. Já não tinha dezesseis anos e era uma mulher independente! Era bonito saber que se preocupava com ela, mas sua vida íntima não era nada assunto de Burke.

Gabriel viu que Mariah se posicionou de maneira que a cama se interpunha entre eles.

—Assim acredita que pode escapar de mim — disse brincando. Foi lentamente para a cama e a rodeou para chegar ao outro lado. Mariah saiu correndo cruzando a cama de gatinhas. E quando Gabriel chegou onde ela esteve, ela já se encontrava no outro extremo.

—Não escapará de mim tão facilmente — avisou com olhar lascivo.

Voltou a rodear a cama e quando ela tentou cruzá-la de novo ele esticou a mão e a agarrou pelo tornozelo.



—Peguei! — Gabriel estava radiante de euforia. A puxou para a beirada da cama enquanto ela fingia lutar para soltar-se. Agarrou-a pelo outro tornozelo. Ela riu pela tática empregada. Gabriel se deixou cair com cuidado sobre a cama e a cobriu com seu corpo nu. Ela se retorceu para aproximar-se mais dele e ele se apoiando sobre as mãos deslizou para cobri-la toda. Mariah elevou a cabeça para lhe morder o lábio inferior. Gabriel ficou de pé e puxou para levantá-la também.

—Preciso de uma ducha para tirar este chocolate. Sério. O que acontece se temos mais companhia? —disse Gabriel brincando.

Entraram juntos no banheiro e enquanto Mariah abria a torneira, Gabriel se colocou atrás dela e lhe desfez a trança. Passou os dedos pelo cabelo e logo pegou uma escova de um suporte e escovou o cabelo com cuidado.

—Posso lavar seu cabelo? —perguntou.

Meteram-se juntos na ducha. Depois de molhar o cabelo, Gabriel pôs xampu e massageou o couro cabeludo. Ajudou a tirar todo o sabão e logo ela aplicou um pouco de condicionador.

—Não consigo passar o pente se não usar condicionador — explicou. Gabriel estava encantado por tomar parte destes rituais femininos secretos. Nunca tinha tido uma mulher que desfrutasse daquela maneira estando com ele e descobriu que adorava observá-la sendo mulher. Quando Mariah deu a volta para ele tirar o condicionador, Gabriel pôs sabão nas mãos e ensaboou seus seios já sensíveis. Foi fácil puxar os mamilos com dedos escorregadios. Logo baixou as mãos para o meio das pernas de Mariah. Com o polegar e o indicador puxou e beliscou o clitóris. Mariah arqueou as costas para facilitar o acesso. Gabriel a levou ao topo duas ou três vezes, mas a manteve controlada na borda não a deixando gozar.

Ela se sentia guerreira e insatisfeita assim ensaboou as mãos e agarrou seu pênis. Era delicioso deslizar as mãos acima e abaixo com a lubrificação acrescentada do sabão. Colocou as mãos entre as pernas e acariciou os testículos. Ele deixou que o manuseasse até que ambos não aguentaram mais. Gabriel a elevou e a colocou sobre o pênis escorregadio. Apoiou-a contra a parede e centímetro a centímetro se introduziu nela depois que o sabão facilitou a entrada.

Penetrou-a até o fundo pelo que Mariah gemeu. Gabriel se manteve ali um instante para poder senti-la sem uma borracha no meio. Mariah sabia que isto era arriscado. Ele teria que sair antes de ejacular. Então ela começou a mover-se e foi celestial, pele contra pele, sem nada entre ambos, sem nada que diminuísse o prazer. Gabriel se afundou nela fazendo um ruído que ressonou em todo o banheiro.

Mariah adorava senti-lo sem uma camisinha que mascarasse a glória nua. Sentia tudo. Era como se as sensações entre as pernas aumentassem intensificadas pelo prazer de ambos. Gabriel começou a gemer e Mariah notou que estava abrindo caminho dentro. Gabriel soltou suas pernas e ela voltou a pisar no piso da ducha. Gabriel agarrou suas mãos e as colocou sobre o pênis para logo as cobrir também com as suas e juntos seguir o ritmo: para cima, para baixo, para cima, para baixo. Mariah observou como ele contraía o rosto e viu quando soltando um grito ejaculou sobre as mãos unidas de ambos. Foi maravilhoso ver aquela essência expulsa e correndo pelos dedos dos dois. Gabriel se deixou cair contra a parede.



—Mulher, vai provocar minha morte. Já não sou um jovenzinho, sabe?

Mariah riu.

—Pois então me enganou — disse.

Lavaram-se os restos de fazer amor e de chocolate e saíram. Mariah passou uma toalha para ele, mas em vez de secar-se ele a envolveu com ela e a abraçou forte apoiando as costas dela contra o peito dele.

—Foi muito bonito — sussurrou em seu ouvido. Tirou a toalha para secar o cabelo. Mariah se separou dele e pegou um pente que havia numa cestinha sobre o suporte. Gabriel pegou outra toalha e começou a secar-se. Mariah nua ante o espelho penteava o cabelo emaranhado. Era uma imagem muito erótica. Via a si mesma com o cabelo molhado caindo sobre o corpo nu e ao fundo Gabriel secando-se. Pequenos riachos de água deslizavam pela pele e o cabelo negro grudado no corpo. Quando elevou os braços para secá-los e secar a cara viu as mechas de pelo negro nas axilas. Inclusive esse pelo parecia suave e sedoso e incrivelmente excitante.

Quando Mariah ficou satisfeita com todas as mechas domadas voltou a trançar o cabelo. Logo pegou uma toalha pequena e a pôs sobre vaso sanitário. Indicou a ele que se sentasse e disse:

—Sente-se aqui que te penteio.

Gabriel ficou boquiaberto. Desde a infância ninguém o tinha penteado. Sentou-se e Mariah começou a passar o pente.

—Você também deveria usar condicionador — sugeriu.

—O que? E cheirar como uma garota? Nem pensar — disse fingindo estar aborrecido.

—Estou segura que ninguém se atreveria comentar nada de um menino grande e forte como você — replicou Mariah soltando uma gargalhada.

—Hank me teria dito isso — disse ele— Não deixava escapar nenhuma ocasião para mexer comigo. —Gabriel fez uma pausa—. Sabe? Agora já sou capaz de falar dele.

Mariah sorriu. Continuou penteando o cabelo enquanto cantarolava uma canção. Gabriel fechou os olhos arrulhado por aquela voz e pelo movimento das mãos no cabelo. Estar com ela o enchia de paz e felicidade.

—Vá! Já está. Vou me vestir. Quer que saia e pegue sua bolsa? —perguntou enquanto voltava a pôr o pente no cesto.

—Isso é uma ideia genial. Se voltar a andar nu por aí fora, seria como buscar mais problemas por estas bandas. — Gabriel a seguiu ao dormitório e se sentou na cama para observar como se vestia. Pôs um conjunto de lingerie que fez que escapasse um grunhido.

—O que aconteceu? — perguntou Mariah.

—Terei que passar todo o dia sabendo que debaixo da roupa leva isso — disse assinalando o conjunto diminuto.

—Bom, também pode pensar em quão divertido será tirar isso esta noite — replicou ela com um sorriso travesso. Gabriel se deixou cair na cama e com um forte grunhido tampou os olhos com o braço. Ainda rindo Mariah foi ao armário e tirou uma camiseta sem mangas e uns jeans. Primeiro vestiu os jeans e logo a camiseta. Gabriel a observava. Calçou umas sandálias e saiu do



quarto entre risadas.

—Volto em seguida — gritou.

—Temo isso — disse Gabriel sem dirigir-se a ninguém em particular. Permaneceu ali deitado seguindo o ruído das pegadas dela pelo corredor e escadas. Ouviu abrir a porta principal e fechar de repente a porta de rede metálica. Era como a portada para uma aventura. Nunca se sabia o que ia acontecer quando se cruzava uma porta. Às vezes se cruzava a porta e se encontrava com uma aventura sexual que superava os sonhos mais selvagens e às vezes se deparava com um xerife muito zangado. Era como esse antigo concurso onde tinha que escolher: a porta número um, a porta número dois ou a porta número três. Sabia que atrás de cada uma te esperava uma surpresa, mas não sabia o que era até que se aproximava e abria.

Através da janela do dormitório Gabriel ouviu golpear a porta indicando que Mariah voltava.

—Vê a que me refiro? —disse Gabriel em voz alta—. Em tão somente uns momentos a delícia de meu coração voltará a entrar por essa porta. —Ouviu-a subir as escadas e a recebeu com um amplo sorriso. Seguia estendido na cama justo onde ela o tinha deixado.

Mariah pôs os alforjes sobre a cama.

—Recordei que minha bolsa continuava aí dentro e assim a tirei. Espero que não se importe. — girou para ele ali estendido e o viu sorrir— Por que sorri? Parece muito satisfeito consigo mesmo.

—É que acaba de me dar razão.

—E que razão é essa?

—Estava pensando nessa porta de tecido metálico.

—Estava pensando na porta de tecido metálico? —repetiu Mariah franzindo o cenho— Está bem?

—Não, sério. Estava pensando que essa porta é como a porta da aventura. Não se sabe o que vai acontecer quando a cruza. Às vezes acaba fazendo amor loucamente e às vezes acaba em numa topada com um xerife cabeça dura. Acabo de ouvir golpear a porta e estava pensando que desta vez a porta me enviaria a delícia de meu coração. E aqui está você.

—Sou a delícia de seu coração? —perguntou Mariah duvidosa.

—Bom, a verdade é que pensava que voltaria com mais chocolate.

Mariah agarrou um travesseiro.

—Gabriel! —gritou ao acertar em plena cara com ele. Gabriel agarrou o travesseiro e a atirou ao chão para em seguida agarrar Mariah pelos pulsos. A fez deitar-se a seu lado.

—O chocolate era brincadeira — disse olhando-a sério— Ia dizer que é a delícia de meu coração, mas temia que pensasse que era uma loucura dizer isso. Acabamos de nos conhecer, mas me sinto completo com você ao meu lado. É como se encontrasse a parte que me faltava.

Mariah estendeu a mão e acariciou sua mandíbula.

—Também estou bastante louca por você. Sei que tem uma vida e um trabalho em Chicago, mas talvez possa ficar até que descubramos o que está acontecendo e saibamos como enfrentar isso.



—Tenho férias todo o tempo que quiser, assim não há nada que queira mais que ficar com você. Essa necessidade que tinha de viajar, de escapar, já não parece tão importante. Estou desejando ver Laura e me alegro que venha comigo. Porque continua querendo me acompanhar, não? —disse repentinamente preocupado.

—Vou ver se posso conseguir a sexta-feira livre para podermos partir cedo — respondeu Mariah o tranquilizando—. Possivelmente devesse chamar para reservar os bilhetes. Assim já sei quais serão nossos planos.

—Suponho que poderia me vestir e fazê-lo, sim — disse Gabriel—. Sempre e quando creia que acabou comigo, malvada.

—Nunca terei acabado com você, mas tenho que fazer umas quantas coisas. —Mariah lhe deu uns leves golpes na barriga e disse—. Vemos-nos embaixo. Se ficar aqui mais tempo, não serei capaz de me controlar.

—E em que sentido seria mau isso? —perguntou Gabriel olhando-a de lado. Mariah deu a volta, levantou e foi para a porta.

—Vou — disse dali— Nos vemos lá embaixo — foi pelo corredor cantarolando.

O quarto parecia mais apagado e silencioso sem ela, assim, Gabriel lançou as pernas para a lateral da cama e agarrou os alforjes. Encontrou uns jeans e uma camiseta limpa, mas não havia roupa interior. Não gostava de levar roupa interior, limitava muito os movimentos. Além disso, gostou da ideia de Mariah desabotoando os jeans e descobrindo que não levava nada debaixo. Talvez conseguisse convencê-la que fizesse quando estivesse embaixo.

Passou a mão pela cara e se deu conta de que precisava barbear-se. Tirou um barbeador elétrico e creme de barbear do fundo. Foi ao banheiro e se barbeou. Não queria que a barba irritasse a delicada pele de Mariah, nem a pele do rosto nem a pele suave das coxas próxima ao lugar secreto.

Deixou as coisas de barbear no banheiro. Agarrou um par de meias da bolsa e desceu à cozinha. Mariah estava limpando o caos que tinham deixado ali.

—Precisa de ajuda? —perguntou Gabriel. Mariah girou ruborizada—. Não. Não preciso. Só estava limpando os restos de chocolate. — Olhou-o e soltou—: Vá! Barbeou-se.

—Não queria irritar essa pele tão delicada que tem — disse Gabriel passando um dedo pela bochecha— A próxima vez te deixo olhar se quiser — sussurrou.

—Adoraria —disse ela sorrindo — De verdade que adoraria — Voltou a pôr a chaleira no armário, incorporou-se e disse — Menos mal que Burke não entrou.

—Estou seguro de que nem se daria conta da razão deste caos — lhe assegurou Gabriel.

—Não me referia a ele entrando depois. Referia a ele entrando enquanto.

—OH! Enquanto! Bom, certamente ia se faltar olhando. Não te parece? —disse Gabriel com um amplo sorriso. Mariah olhou tentando mostrar seriedade, mas explodiu em risadas.

—Poderia servir de lição para não voltar a apresentar-se aqui sem aviso prévio. —Acabou de limpar o balcão e se virou para Gabriel — Gostaria de ir ao Fort Stockton para jantar? Há um pequeno restaurante mexicano que é genial e que serve umas apimentadas maravilhosas.

—Sim, mas só temos um capacete. Não quero que um de nós viaje sem.



—Burke tem uma moto guardada no abrigo ao lado do estábulo e acredito que também tem um capacete. Podemos soltar os cavalos na pradaria e em seguida pegá-lo. —Mariah pegou os sapatos na porta de trás e os pôs enquanto Gabriel calçava as meias — Tenho que pôr as botas — disse e foi pelo corredor até a porta principal para pegar as botas onde as tinha deixado. De volta à porta de trás as pôs e saíram para um pequeno curral que havia ao lado do estábulo. Os cavalos relincharam e se aproximaram da cerca para saudar Mariah. Entretanto, recuaram ao ver Gabriel aproximar-se do corrimão, mas ela os tranquilizou falando com suavidade.

Acariciou o focinho e virou para apresentar os cavalos a Gabriel.

—O potro se chama Ruby. Adora que a mimem e é muito dócil. Esse é seu irmão Starfire. Se assusta um pouco mais com os estranhos, mas adora sair e correr. Uns vizinhos me deram de presente Molly, a velha alazã. Mudaram da cidade e procuravam um bom lar para ela. Não pude me negar. Agora só pasta e vadia, mas é dócil como um cordeirinho. Se encontrar o portão aberto, sai e me segue como um cachorrinho. —Mariah abriu o portão para que os cavalos pudessem sair à pradaria. Logo ficou olhando um momento para vê-los perseguir uns aos outros e galopar pelo campo.

Gabriel se aproximou por trás e a abraçou. Mariah se recostou contra seu corpo grande e magro. Uma suave brisa movia as árvores. Ruby e Starfire corriam pelo campo dando coices no ar de vez em quando, desfrutando do prazer da liberdade. Molly se dirigia a passo lento para uma árvore velha e se conformou ficando a sua sombra e observando os outros dois. Mariah girou em seus braços e o olhou.

—Nunca compartilhei isto com ninguém — disse — Sei que não vai ficar, mas te ter aqui embora seja só um par de dias será maravilhoso.

—Não teve namorado que trouxe para casa? —perguntou Gabriel. Externamente falava com ela, mas tinha a cabeça cheia de sonhos nos quais ficava ali com ela. Esteve seguro durante muito tempo que fugiria de Chicago para aliviar a dor pela morte de Hank e logo retornaria e retomaria de onde tinha parado. Agora já não estava tão seguro de ser isso o que queria. Não pode enfrentar à morte de Hank e sua própria culpa até conhecer Mariah. E estava condenadamente seguro que agora não partiria e deixaria assim a troco de nada o que de melhor já tinha lhe ocorrido. Tentou imaginar o que o esperaria em Chicago. Seu apartamento, seu gato, seu trabalho. Podia viver em qualquer lugar. Afinal era só um apartamento. Seu gato: esse velhote adoraria tomar sol, passear pela granja e perseguir ratos. Seu trabalho: bom, isso já era algo mais complicado. Tinha amigos, muito bons amigos na corporação, mas o estresse do trabalho parecia aumentar a cada ano que passava. Era muito mais difícil ser polícia agora do que quando começou. Sentiria falta dos amigos, mas sabia que aqui, ao lado de Mariah, também encontraria a felicidade. Inclusive podia ser que houvesse algum trabalho para ele por aqui. Talvez algum trabalho de investigação ou montar uma agência. Também podia ser que houvesse um posto livre com o xerife. Sem dúvida estava suficientemente preparado para trabalhar na manutenção da ordem, fosse onde fosse. Ai! Um momento. Já conhecia o xerife local e não o agradava muito. Embora pensando bem, talvez fosse melhor saber o que opinava Mariah antes de fazer grandes planos, planos que no final incluíam a ela.



—Estive muito ocupada para me preocupar com namorados — disse Mariah e se deu conta que Gabriel tinha a mente em outra parte— Perguntou se não trouxe meus namorados aqui. Lembra?

—Sim. Lembro. Sinto muito. Estava pensado em outra coisa.

"Estou pensando que não quero te deixar. Estou pensando que quero ir a Chicago para ver Laura e em seguida retornar para ficar aqui com você."

Mariah o olhou divertida. Logo continuou:

—Minhas amigas continuam tentando me amarrar com alguns caras, mas não estou interessada em encontros às cegas com alguém que não conheço.

Gabriel brincou:

—Homem, não seria um encontro às cegas se conhecesse o menino, não? —riu, mas serenou em seguida imaginando-a saindo com outro, rindo e falando com outro, o trazendo para casa. Deu-se conta que estava enciumado e que se sentia possessivo, algo que não sentiu com nenhuma outra mulher.

—Gabriel, o que acontece? Tem um olhar muito estranho. Está bem? —perguntou Mariah preocupada.

—Estou bem. Só estava pensando que não estou muito seguro de querer voltar para Chicago.

—Quer dizer que mudou de ideia com respeito a visitar Laura e o bebê? —perguntou incrédula. Pouco antes Gabriel tinha aparentado estar muito seguro de querer ir. O que tinha acontecido para que mudasse de ideia?

—OH, não. Vou. Quero dizer, espero que vamos os dois. Referia-me a voltar para Chicago para ficar ali.

—Mas Chicago é seu lar. Ali tem seu emprego.

—Tenho meu apartamento ali e meu trabalho, mas isso não significa que tenha que ficar.

—O que está dizendo, Gabriel? —perguntou.

—Estou dizendo que depois que voltemos da visita a Laura, vou ter que decidir o que fazer da minha vida. Acredito que é hora de fazer algumas mudanças.

—Pensei que amava seu trabalho.

—E amo, mas estou começando a me dar conta de que há coisas mais importantes que trabalho.

—Como quais?

—Como estar com a mulher que quer... com a mulher que me importa — Esteve a ponto de dizer "a que quero". Mariah acreditou estar eufórica ao ver que ele sentia o mesmo que ela. Também sabia que estava confuso pelos sentimentos que surgiam entre ambos. Seria melhor dar um pouco de tempo para ir assimilando. Ela esteve esperando todos estes anos que aparecesse um homem especial em sua vida. Não tinha problema algum em esperar um pouco mais, porque estava segura de que Gabriel era esse homem especial. Sabia que agora tinha que dar algum espaço para ele respirar.

—Vamos procurar esse capacete? —disse. Gabriel agradeceu poder concentrar-se em outra



coisa durante um momento, outra coisa que não fosse esses sentimentos que assaltavam sua mente e coração.

—Claro. Certo.

—Tenho que me assegurar primeiro de que os cavalos têm água — disse Mariah enquanto seguia da cerca para o bebedouro— Genial. Está cheio. Quando retornarmos para casa ligarei para meu vizinho Sam Talbot para que cuide deles enquanto estamos em Chicago. —Gabriel assentiu com a cabeça.

—Por que seu irmão guarda uma moto velha em seu abrigo? —perguntou enquanto se dirigiam ao estábulo.

—Faz algum tempo se mudou para um apartamento e não tinha onde guardá-la assim disse que a trouxesse aqui. Estava segura de que encontraria algum lugar onde colocá-la. —Voltaram ao estábulo e Mariah tentou abrir a porta velha do abrigo— Acredito que não a abri desde que Burke guardou a moto faz uns dois ou três anos — Deu um puxão ao trinco, mas a porta não se moveu.

—Me deixe tentar ver se posso abri-la — disse Gabriel enquanto a afastava ligeiramente para um lado. Agarrou o trinco e puxou com força. A porta saiu das dobradiças e Gabriel ficou com ela na mão. Mariah riu tanto que saltaram as lágrimas. Riu ainda mais quando Gabriel colocou a porta de lado. Entrou e tirou a capa de pó. Tinha curiosidade por saber que tipo de moto Burke guardou ali.

—Caralho! —exclamou.

Mariah ficou imediatamente ao seu lado e perguntou: — O que acontece?

—Disse que seu irmão tinha uma moto velha no abrigo — disse incrédulo.

—Sim. OH meu Deus! Não me diga que não está! —disse Mariah— Burke vai me matar se aconteceu algo.

—OH, sim. Continua aqui — disse Gabriel com voz estranha — Mas não é simplesmente uma moto.

—O que quer dizer com não é simplesmente uma moto? —disse Mariah ao mesmo tempo em que o empurrava a um lado. Ao ver que a moto continuava ali no abrigo poeirento disse— Do que está falando? Continua aí e te asseguro que me parece uma moto.

—Sim, claro, é uma moto, mas não uma moto qualquer — disse Gabriel reverentemente. Foi para a moto e acariciou com doçura a máquina— Esta beleza é uma 1960 Dueto Glide e tenho que dizer que seu irmão tem muito bom gosto. É uma máquina incrível e retiro todos os pensamentos maus que tive a respeito dele.

—Deus! Homens! É difícil descobrir como pensam — disse Mariah enquanto rebuscava nas estantes velhas e nas caixas em busca do capacete. Gabriel aproveitou para admirar a bela moto. Era de linhas elegantes e formosas. Sim, de certo modo era como Mariah, pensou. O objeto de seus pensamentos estava rebuscando numa caixa debaixo de uma diminuta janela. Levantou triunfante.

—Aqui está! —disse estendendo-o para poder inspecioná-lo—. Estava certa de que teria um capacete em algum lugar aqui dentro. Sabe? Também há outras coisas — disse enquanto deixava o capacete e voltou a rebuscar na caixa— Uma jaqueta de couro, parece. A pego também?



—Se formos a Fort Stockton, seria uma boa ideia que a vestisse já que fará frio quando retornarmos para casa.

Mariah se perguntou se Gabriel teria se dado conta de que acabava de dizer "quando retornarmos para casa". Já pensava neste lugar como sua casa e nem sequer parecia dar-se conta. Deixaria que descobrisse sozinho. Ela sabia que ele pertencia ali, mas Gabriel tinha que descobrir sozinho. Ela o estaria esperando quando fizesse.

—Que mais há aí dentro? —perguntou Gabriel por cima do ombro. Tinha voltado para o minucioso exame da moto de Burke e estava de costas para Mariah.

—Parecem umas calças de couro. Não recorro ver Burke com elas. Sequer me posso imaginar isso — Mariah os tirou da caixa e os sustentou frente a ela — Que gracioso! Não parecem calças. Onde está o resto que falta? — Virou-as e ficou olhando-os com uma estranha expressão no rosto.

—A que se refere? —disse Gabriel virando para vê-la e as pernas que sustentava frente a si — Deus! — disse quase sem fôlego — Disso estão feitas as fantasias.

—O que disse?

—Nada.

—O que são? — perguntou Mariah enquanto passava a mão pelo couro — São muito suaves. Como imagina que deve vestir isto?

—São pernas — conseguiu articular Gabriel ao vê-la acariciar o couro. De repente teve a impressão de que seu próprio jeans tinha encolhido uns três números ao redor da braguilha.

—Pernas? Como se veste? — perguntou Mariah curiosa.

—Põem por cima do jeans para proteger as pernas quando vai de moto — conseguiu dizer Gabriel.

Mariah começou a entender e gostou da imagem que foi formando em sua mente.

—Não estou segura de entender. Pode me mostrar?

—Mostrar — disse Gabriel com voz meio afogada — Quer dizer pôr isso...

—Sim. Não entendo muito bem o que está explicando — mentiu na cara de pau.

Gabriel agarrou a contra gosto as pernas e abriu a fivela da cintura. Vestiu as pernas ao redor da cintura e voltou a fechar a fivela. Logo começou a fechar os zíperes no interior das pernas das calças. Mariah deu um passo para frente e disse:

—Me deixa ajudar.

Ajoelhou-se diante dele e fechou primeiro um zíper e logo o outro. Quando acabou deu um passo atrás para inspecionar o resultado. Estudou-o com calma de cima abaixo e disse:

—Dê a volta. Quero ver por trás.

Gabriel girou e foi tal como Mariah tinha imaginado. A vista da parte traseira era cativante. Adoraria vê-lo nu sem nada mais que as pernas. Montando-o como um vaqueiro! Isso seria perfeito! Esse formoso corpo embutido em pernas de couro. Essas nádegas preciosas embutidas em pernas de couro. Começou a sentir uma sensação familiar entre as coxas, essa sensação que sentia cada vez que estava perto dele e quanto mais o imaginava vestindo somente pernas mais segura estava que gozaria ali mesmo. Tentou dizer algo e dominar o desejo.



—Certo. Agora pode tirar isso. Já faço uma ideia — Gabriel as tirou e voltou a deixar na caixa — OH, não! Não ponha aí.

—Por que não? — perguntou Gabriel, embora já conhecesse a resposta. Mariah agarrou o capacete e as pernas. Em seguida foi em direção à casa — O que vai fazer com as pernas? — voltou a perguntar.

—Guardar no dormitório para que mais tarde possamos brincar de Roy Rogers e Dê Evans embora ela montará ao Roy.

—Bom, o cavalo do Roy na realidade era Trigger — disse Gabriel às costas de Mariah. Ela virou e disse:

—Acredito que vou trocar a história da televisão e vou montar ao Roy eu mesma. Vem, Roy? —gritou por cima do ombro para ele.

Enquanto se afastava ouviu Gabriel murmurar:

—Sou um homem morto.

"Sim, mas que maneira de morrer", pensou ela enquanto ia assobiando.

Capítulo nove

Burke pensava como louco a caminho do escritório do xerife. Quem demônio pensava esse tipo que era? Não necessitava nenhum tipo de treinamento policial para saber o que estava passando a sua irmãzinha. E o que tinha grudado por toda a barriga? Cheirava a chocolate e, agora que pensava sua irmã também. Como podiam dois adultos estar melados em chocolate? Talvez estivessem fazendo um bolo. Sim, tinha que ser isso. Estavam fazendo um bolo. Por que estariam semi-desnudo fazendo um bolo? Era possível que tivesse manchado a camiseta com chocolate e tivesse que tirá-la, Burke sabia que não estavam fazendo um bolo. Sabia perfeitamente o que estavam fazendo e certamente não era um bolo. O que tinha visto Mariah naquele tipo de aspecto perigoso? Normalmente gostava dos homens de aspecto intelectual. Como esse professor de matemática que trabalhava no mesmo colégio que ela. Como se chamava? Andrew, Aliam, Archie. Isso: era Archie. Parecia um bom tipo. Bem vestido, boas maneiras, um encontro seguro. Burke não tinha que preocupar-se por tipos como Archie. Eram amáveis, seguros e aborrecidos. "Certamente que são aborrecidos como água de esfregar os pratos. É possível que seja isso o que a atraia nesse Gabriel." Certamente que não parecia nem amável nem aborrecido e apesar da aura ameaçadora que o rodeava Burke tinha a impressão de que era de confiança. Levava tempo suficiente no corpo policial para fazer caso a seu sexto sentido no que dizia respeito às pessoas. O radar dizia que Gabriel era dos bons apesar de seu aspecto.

Burke deteve o carro em frente ao escritório do xerife e entrou para ver se Margaret tinha notícias de Jake.

—Margaret — disse ao abrir a porta—, já se sabe um pouco de Jake?

—Ok, boa tarde para você também, xerife— disse Margaret.



—Sinto muito. Boa tarde, Margaret. Como se encontra nesta maravilhosa tarde? Já se sabe algo de Jake? — Margaret riu pela rápida resposta do Burke.

—Sim. Já sabemos algo de Jake.

—Beeeeemmmmm — disse Burke alargando a palavra.

—E bem o que?

—O que disse? —perguntou Burke impaciente. Adorava Margaret. Suspeitava que estivesse trabalhando no escritório do xerife desde os tempos da administração de Truman e levava o escritório melhor que ninguém, mas às vezes, só às vezes, desejava que houvesse outra pessoa nesse escritório.

—Me deixe verificar as mensagens — disse Margaret. Burke sabia que não precisava verificar as mensagens. Tinha uma mente que parecia uma armadilha de aço. Não se esquecia de nada. E tampouco permitia que ele esquecesse. Como naquela ocasião em Houston em que teve que escutar uma modelo ao julgamento. Ele tentava esquecer, mas Margaret gostava de lembrar e brilhar a memória ao menos uma vez ao ano e desempoeirá-lo para lhe tirar suco uma vez mais.

—Margaret, simplesmente me dê a maldita mensagem — disse Burke irritado.

—Não há necessidade de se zangar comigo —foi a resposta dela — Jake disse que telefonasse tão logo chegasse. Conseguiu a informação que queria e também um esplêndido puxão de orelha.

—Um esplêndido puxão de orelha? Quem lhe deu um esplêndido puxão de orelha?

—Estou certa de não estar inteirada dessa informação — replicou Margaret altiva. Burke riu.

—Quer dizer que Jake não disse isso?

—Não tem que dar um telefonema? — disse voltando para papelada — Estou segura de que não tenho todo o dia para ficar aqui sentada conversando com você.

Burke foi entre risadas diante da irritação de Margaret. Sentou-se na mesa e pegou o telefone. Jake respondeu ao primeiro tom.

—Sim, Jake. É Burke. O que aconteceu?

—Que aconteceu? Deus, a próxima vez que queira informação sobre outro tira chame você.

—O que aconteceu? —Burke estava interessado.

—Bom, me pediu que procurasse informação sobre Gabriel Blackburn e fiz isso.

—E como foi? — Burke quase temeu perguntar.

—Chamei o Departamento de Polícia de Chicago e comecei a perguntar até que dei com a delegacia de polícia em que trabalha. Logo liguei ali. —Burke estremeceu ao pensar quanta gente já sabia que estava indagando sobre Gabriel.

—O que descobriu? —Escutou sem fazer comentário algum enquanto Jake contava a história do assassinato de Hank e a subsequente saída de Gabriel do trabalho.

—Deus, perdeu seu companheiro — Burke nem pôde imaginar como seria isso. Devia ser duro perder alguém com quem tinha trabalhado durante tantos anos— Bom, e quem te deu o puxão de orelha?

—Ok. Margaret contou — disse envergonhado — Falei com seu capitão.



Burke era todo ouvidos.

—O que disse seu capitão?

—Disse que Gabriel Blackburn era um dos melhores homens com os quais tinha trabalhado e se alguma vez precisasse de alguém que cobrisse suas costas, Gabriel seria um dos primeiros a estar pronto.

Burke começou a ter a impressão de que se equivocou com Gabriel, mas tendo em conta as circunstâncias de seu encontro era compreensível.

—Algo mais?

—Sim. Disse que Gabriel tomou a morte de seu companheiro muito mal e que tomou um tempo livre para assimilá-lo.

—Algo mais?

—Sim. Disse que se alguém por aqui causasse problemas a Gabriel, viria pessoalmente e arrancaria os ovos e cito as palavras textuais do capitão.

—Certo — disse Burke soltando uma risada breve — Obrigado, Jake, por tudo. Nos vemos amanhã — Burke desligou e permaneceu sentado um bom momento. Perguntou-se quanto tempo teria passado Gabriel viajando tentando se acostumar à ideia da morte de seu companheiro. Podia haver uma razão para que fosse ele quem se detivera para ajudar Mariah. Riu sozinho ao pensar nos dois juntos: sua irmã parecia um anjo e Gabriel era escuro e inquietante como o próprio Lúcifer. Sua irmã era uma mulher incrível e se havia alguém que podia ajudar Gabriel a sair desta, essa era Mariah. Poderia ser essa a razão para ir a Chicago na sexta-feira. Teria algo a ver com a morte de seu companheiro.

—Xerife Forrester? — A voz de Margaret interrompeu seus pensamentos. Elevou a cabeça e a viu de pé na porta de seu escritório — Chamei pelo telefone, mas não me respondeu.

—Sinto muito, Margaret. Estava pensando em algo. O que há?

—Mark Coombes está aqui. Quer falar com você.

—Claro. Faça-o entrar — Margaret se afastou e deixou passar um homem alto, de cabelo grisalho e aspecto distinto. Mark se aproximou do escritório com a mão estendida.

—Me alegre ao vê-lo, Burke.

Burke se levantou e se deram a mão.

—Quanto tempo, Mark!

O homem se sentou e colocou o chapéu de vaqueiro num canto da mesa do escritório. Burke conhecia bem Mark. Era um granjeiro da região e por ser o xerife esteve na casa de Mark há alguns anos quando teve problemas com ladrões de gado. Burke veio para a parte dianteira da mesa de escritório e se apoiou cruzando os pés e os braços.

—Como está Doris? —Burke não pôde evitar perguntar-se por que Mark teria vindo, entretanto, sabia que não podia apressá-lo para que dissesse.

—Está bem, mas necessito sua ajuda em outro assunto. —Mark se aproximou mais da mesa como se fosse a revelar um segredo—. Recorda a cabana que construí na parte detrás da casa no bosque? Pensávamos que poderíamos alugar para esses loucos da cidade que querem umas férias na natureza selvagem.



—Sim, lembro — disse Burke assentindo com a cabeça—. Se não se importar que diga: as pessoas por aqui pensam que você também está louco. Quero dizer, quem vai querer passar as férias aqui? Não há muito que fazer.

Mark ruborizou.

—Foi Doris quem teve a ideia e pensei que seria bom fazer sua vontade agora que os meninos já estão grandes e se foram. Estava muito contente com a ideia de voltar a ter alguém perto e não se importava ter que limpar e tudo isso. Pensei que poderia me ocupar da manutenção.

Burke estava se impacientando e desejava que Mark fosse direto ao ponto.

—E isso tudo? O que tem a ver comigo? —perguntou.

Mark se recostou na cadeira e cruzou os braços pensando em como seguir.

—Bom, nosso filho maior, Matt, disse que nos ajudaria a pôr na Internet, assim trouxe um computador velho e ensinou Doris como ligá-lo e como colocar a cabana em uma página Web e todas essas coisas. Dóris agora gosta tanto disso como um pato de água. Agora já sabe mandar emails aos netos e pedir coisas pela Internet, falar com gente de todo o país e...

—Mark! —interrompeu-o Burke exasperado—. Vá ao ponto! O que tem a ver tudo isso comigo?

Mark elevou o olhar surpreso pela interrupção. Estava acostumado a Dóris, que lhe permitia ir pelos ramos.

—Sabe? Não houve muita gente que usasse a cabana. Só alguns poucos o ano passado e então Dóris recebeu uma chamada de um homem interessado em alugar o lugar. Quer alugar o lugar, mas não só por uma semana ou duas. Quer alugar por dois meses. Pareceu-me raro já que, como bem sabe, não há muito que fazer por aqui, mas também pensei que o dinheiro estaria bem.

—Sim. Já sei. Bom. Então, para que me necessita? —perguntou Burke.

—O senhor Simms chegou quando disse que chegaria, mas não trouxe a família nem sequer à esposa. Parece-me umas férias estranhas embora muitas pessoas considerariam autênticas férias se pudesse partir sem a parentada. —Mark soltou uma risada, mas ficou sério ao ver a cara impaciente de Burke—. Assim vai e diz que de vez em quando vai trazer os sócios da empresa para que desfrutem da região. Sei que acreditam que por sermos granjeiros somos como deficientes mentais, mas é preciso ter cérebro para manter uma granja fluindo nestes dias e nesta idade. Assim, me perguntou o que deverá por em minhas mãos para que possa estar afastado e ir e vir sem que ninguém se inteire. E é então quando me ocorreu que deveria falar com você e saber o que opina.

Burke se levantou.

—Opino que o melhor que pode fazer é voltar para casa e fingir que tudo vai bem. Segue com a rotina de sempre e diga a Dóris que faça o mesmo. Se realmente está acontecendo algo, certamente que não quer que se fixem nem em você nem em Dóris. Deixa que sigam pensando que é um granjeiro idiota e enquanto isso verificarei o que está passando. —Burke fez um gesto para indicar que a entrevista acabou. Mark se levantou para partir, mas se deteve na porta.

—Também parece que há muitos carros e pequenos caminhões indo e vindo. Têm sua



própria pista para chegar à cabana, mas ando por aí controlando o gado e as cercas e vejo que estão acontecendo coisas.

—Tem que se manter afastado do que seja que esteja acontecendo — advertiu-o Burke—. Poderia ser perigoso! Deixe que me ocupe disso.

Mark assentiu e foi. Burke foi para a porta e chamou Margaret. Precisava saber quem estava disponível para acompanhá-lo de noite a verificar aquilo. Não era um corpo muito numeroso e ficava bastante longe para chamar alguém de outro condado. Quando Margaret entrou pediu que fizesse uma verificação com os agentes disponíveis. Jake tinha folga, mas teria que pedir que viesse. A esposa de Jesse acabava de ter um bebê; por isso tinha uns dias livres. Não tinha sentido chamá-lo a não ser que realmente fosse necessário. Nate estaria no turno da noite e como Rob já estava patrulhando, talvez pudesse convencê-lo para fazer turno duplo. Era jovem e não se importava pelas horas extras. A papelada acrescentada seria um pesadelo, mas se ocuparia disso mais tarde.

Esta era uma zona com uma taxa de criminalidade relativamente baixa, mas o que Mark havia descrito não se parecia com um homem de férias. Soava mais como um homem que tinha algo a ocultar. Burke estava pensando em seus ajudantes e que a verdade era que não tinham muita experiência com o tipo de situação que acreditava que encontrariam quando naquela noite fossem à casa do Mark. Oxalá tivesse a alguém com mais experiência. Isto poderia ficar feio.

Um momento! Tinha alguém. Pegou o telefone, embora, pensou melhor e decidiu tratar do assunto pessoalmente. Teria que esquecer o ego para conseguir cooperação e isso tinha que ser feito em pessoa. Rodeou o escritório e tirou algo da gaveta superior. Guardando bem no bolso, pegou o chapéu que estava ao lado da porta e saiu para dar instruções a Margaret. Acabou dizendo:

— Diga que se reúnam aqui comigo o quanto antes.

Enquanto ia de novo para a casa de Mariah imaginou que Gabriel não ajudaria assim sem mais. Riu sozinho. Não esperava menos. Faria o mesmo nessa situação.

Capítulo dez

Gabriel pegou a jaqueta de couro e seguiu Mariah ao interior da casa. Pendurou a jaqueta ao lado da entrada, foi até o pé das escadas e gritou:

—Quero telefonar para me informar dos voos para Chicago nas sextas-feiras. Posso fazê-lo antes de ir ao Fort Stockton? —Não houve resposta—. Mariah? Mariah? —Ouvindo-a andar pelo dormitório. Subiu uns degraus—. Mariah? —gritou mais alto.

—Sim?

—O que está fazendo?

—Procurando um bom lugar onde guardar as pernas, Roy — respondeu rindo.

"Meu Deus!", pensou Gabriel. "É sério isso de provar as pernas." Gabriel se perguntou se



Fort Stockton seria o suficientemente grande para ter uma loja em que pudesse comprar umas perneiras para ela. Era só por questão de segurança na moto. Era isso. Estava pensando em sua segurança na moto. Assim, por que não podia apagar da mente a imagem de Mariah nua exceto por um par de perneiras de couro, escarranchada sobre ele e com ele dentro dela?

—Gabriel! — Chamou ela desta vez.

—Sim?

—Adiante. Telefone para saber das passagens. Tenho que saber o que vou fazer com o trabalho na sexta-feira.

A imagem de Mariah nua, só com umas perneiras de couro se foi evaporando lentamente e a contra gosto foi fazer o telefonema. Encontrou a lista telefônica em uma mesa pequena debaixo do telefone. Não demorou nada pedir e reservar as passagens que retirariam no aeroporto de Santo Antonio. Mariah entrou na cozinha no preciso instante em que desligou o telefone.

— Teve sorte? —perguntou. Ele virou e sorriu.

—Temos reservas para sair do aeroporto de Santo Antonio na sexta-feira às 11h53min. Chegaremos a Chicago às 14h31min. Reservei o voo de volta para domingo e estaremos de retorno no aeroporto de Santo Antonio às 17h24min.

—Genial. Liguei para a diretora para dizer que necessito da sexta-feira para um assunto familiar. —"Um assunto familiar". Gabriel gostou de como soava aquilo.

—Gabriel? —disse Mariah vacilante— Quantas passagens de volta reservou? —Gabriel viu insegurança nos olhos dela.

—Volto com você se é isso o que está perguntando — disse. Ela assentiu com a cabeça — Comprei duas passagens de volta. Pensei em retornar com você se não se importar. — Desta vez ela assentiu com força.

—Não me importa absolutamente. Só pensei que teria coisas para fazer ali e que ficaria depois de visitar Laura e o bebê.

—Não poderia ficar ali, Mariah. Estaria deixando aqui algo importante. — ela o olhou com adoração — Minha moto — Quando as palavras tocaram a fundo, ficou boquiaberta, incrédula. Gabriel fechou sua boca pondo um dedo debaixo da mandíbula — Era brincadeira. Não poderia ficar em Chicago com você aqui. Se você não estiver, não há nada que me retenha ali. Retornarei com você e decidirei o que fazer com minha vida. Quero que faça parte de minhas decisões porque concernem aos dois. Posso procurar um apartamento ou uma casa até que tenhamos decidido o que queremos fazer. — Essa sugestão horrorizou-a.

—Não quero que viva em outro lugar — disse, angustiada só de pensar que estaria separada dele — Quero que fique aqui comigo. Fará isso, não?

—Certamente que quero ficar com você, mas precisava saber se você também queria. É sua casa e seu espaço e preciso saber se há um lugar para mim na casa e em sua vida.

—Há lugar de sobra em meu coração e em minha vida e você o ocuparia estupendamente. Quero você comigo. Necessito-o comigo — disse muito séria. Gabriel se aproximou dela e a abraçou.

—Estou desejando fazer planos com você. Faz meses nem podia me imaginar vivendo e



agora estou aqui fazendo planos para o futuro com... —Gabriel se deteve porque ouviu um carro que se aproximava— Quem pensa que será desta vez? —perguntou.

—Vamos ver — Saíram ao alpendre dianteiro. Surpreendeu aos dois ver Burke apear da picape. Mariah desceu para ver o que queria e Gabriel se apoiou contra uma das colunas do alpendre.

—Olá, Burke. O que te traz aqui outra vez? — perguntou ela abraçando-o — Pensei que não voltaríamos a vê-lo hoje — Enganchou seu braço e subiram juntos ao alpendre — Burke lembra-se de Gabriel — Gabriel inclinou a cabeça a modo de saudação.

—De fato, Mariah, é Gabriel quem vim ver — disse muito sério. Ela deu um passo atrás surpresa, perguntando-se o que teria acontecido para que seu irmão mudasse de ideia. Da última vez que esteve ali queria jogar Gabriel a pontapés e agora parecia ter algo muito importante para falar com ele. Era óbvio que não era algo que queria tratar na frente dela, assim Mariah se desculpou.

—Tenho coisas a fazer. Vou ligar à diretora pela sexta-feira. Logo ligarei ao Sam para que dê uma olhada nos cavalos durante minha ausência. —Voltando-se para seu irmão disse— me avise quando for, Burke. —Abriu a porta e desapareceu no interior da casa. Era certo que Gabriel contaria por que seu irmão tinha vindo.

Gabriel esperou que Burke falasse. Tinha curiosidade em saber por que queria vê-lo, mas esperou.

—Fiz umas averiguações sobre você — disse o irmão de Mariah olhando para o campo que estava frente à casa.

—E o que averiguou? — perguntou Gabriel fingindo não estar interessado.

—Inteirei-me da morte de seu companheiro. Sinto muito. —Gabriel assentiu com a cabeça para aceitar as condolências — Deve ser muito duro perder o companheiro. — Gabriel voltou a assentir e olhou para o outro lado — Meu ajudante falou com seu capitão — Gabriel riu. O Capitão Jenkins não era um homem que se olhasse olhos nos olhos. Dizia o que pensava, mas atravessaria um muro com o intuito de proteger seus homens. Gabriel sentia um grande respeito por ele.

—Isso deve ter sido muito interessante — disse e se apoiou no corrimão — O que disse?

—De fato disse que se alguém aqui te causasse algum problema, viria pessoalmente e esmagaria os ovos — disse Burke virando para olhar Gabriel. Este soltou uma sonora gargalhada.

—Isso sem dúvida soa ao Capitão Jenkins.

Burke se pôs na frente de Gabriel.

—Também diz que é um dos melhores homens que conheceu e se estivesse em uma confusão, não haveria outro a quem queria ter a seu lado — Gabriel pareceu surpreso com essas palavras do Capitão. Burke seguiu falando.

—Faz uma hora mais ou menos veio ao meu escritório um dos rancheiros da região com uma história muito interessante. Pensei que se interessaria por ouvi-la — Falou da visita de Mark Coombes e das suspeitas sobre o senhor Simms. Gabriel escutava com muita atenção.

— O que pensa que estará ocorrendo? — perguntou ao Burke.

— Gostaria que me acompanhasse esta noite quando formos comprovar. Estou seguro de



que tem mais experiência nestes casos do que eu ou qualquer dos meus ajudantes.

— Adoraria poder ajudar — assegurou Gabriel — Mas não está se esquecendo de algo importante?

—Do que? — perguntou Burke.

—Pertencço ao Departamento de Polícia de Chicago. Não tenho jurisdição aqui. — Tão logo ouviu isso, Burke sorriu e tirou do bolso o que pegou antes em seu escritório. Abriu a mão e mostrou uma insígnia de ajudante nova e reluzente

— Pensou em tudo — disse Gabriel com sorriso irônico.

—Queremos que tudo seja legal. Não vou oferecer a ninguém uma lacuna jurídica pela qual possam escorregar. Sei de muitos casos em que a escória se livra porque alguém não seguiu o procedimento. Não vou permitir que isso ocorra aqui se dermos com algo suspeito esta noite. Nomeio-o ajudante do Escritório do Xerife do Condado do Orono. Bem vindo à corporação, Gabriel Blackburn — Gabriel gostou de como soava isso: Ajudante Blackburn do Escritório do Xerife do Condado do Orono. Poderia acostumar-se a isso. Talvez os planos para o futuro resultassem mais fáceis do que imaginou — Pedi a meus ajudantes que se reúnam comigo no escritório e gostaria que me acompanhasse. Pode vir agora? —perguntou Burke — Agradeceria com o que contribuísse em experiência.

—Tínhamos pensado em ir jantar em Fort Stockton, assim tenho que avisar Mariah que há mudanças de planos — Gabriel virou para entrar em casa, mas se voltou para olhar Burke — Não seria nada de mais se você também estivesse presente enquanto falo com ela. Pode ser que frente a testemunhas não me bata — disse rindo e segurou a porta aberta para que Burke entrasse.

— E então? Livrou-se de meu irmão *mete-se em tudo*? — gritou Mariah contente de ouvir Gabriel no corredor. Sorriu quando entrou na cozinha. Estava desejando ir a Fort Stockton com ele. O que poderia ser melhor do que ir de moto agarradinha a essa corpão?

—Bom, não exatamente — respondeu Gabriel.

—O que quer dizer com "não exatamente"? — quis saber ela.

—Quer dizer que seu irmão *mete-se em tudo* segue aqui — disse Burke rindo e entrando atrás do Gabriel. Foi para o balcão e se apoiou nele.

Ela se aproximou e pondo uma mão no peito se desculpou.

—Sinto muito, Burke. Não estava planejado que ouvisse isso. Pensei que tivesse ido. — Dedicou-lhe um sorriso lisonjeiro.

— Então é assim como fala de mim quando não estou — disse cobrindo a mão com a sua e fingindo sentir-se ferido.

—De fato, Burke, a verdade é que não passamos muito tempo falando de você — confessou honestamente — Temos muitas coisas com que passar o tempo.

—Ai! Acredito que mereço isto, e sabe? A verdade é que não quero pensar no que fazem quando não estou.

Gabriel se aproximou e abraçou Mariah por trás. Ela se apoiou contra ele encantada pela cercania e por poder mostrar a seu irmão o que sentia.

—De modo que são esses os termos — disse olhando a um e a outro.



Gabriel o olhou nos olhos e disse:

—Exatamente estes termos. Vamos juntos a Chicago na sexta-feira para atender uns assuntos pessoais e quando retornarmos procurarei um emprego por aqui para que possamos continuar juntos. — Gabriel esperava que Burke dissesse algo, mas não o fez. Em vez disso olhou sua irmã que assentiu com a cabeça em total acordo com os planos de Gabriel. Não recordava a última vez que a tinha visto assim relaxada e contente. Quando estava perto de Gabriel iluminava literalmente seu rosto. Lá no interior Burke os invejou por terem encontrado alguém que significasse tanto.

—Não sei o que dizer — replicou Burke movendo a cabeça.

Mariah olhou-o e disse com doçura:

—Sabe Burke? Não tem que dizer nada. Não é seu assunto o que fazemos. Tem sorte que Gabriel te contasse seus planos porque por certo eu não teria contado nada de nada. —Gabriel sorriu e explicou o plano de Burke até onde acreditou poder contar. Em seguida mostrou a insígnia que Burke tinha lhe dado — Não entendo nada, Gabriel. O que significa isto?

Interveio Burke.

—Significa que não sei o que está acontecendo na casa de Mark Coombe e que necessito de um homem com experiência que me cubra as costas e esse homem é Gabriel. Não sei com que tipo de problemas vamos nos deparar e ele tem mais experiência nestas coisas que meus homens ou eu. É interessante que tenha aparecido precisamente quando necessito um homem com experiência, não parece?

—Não sei o que pensar. O que significa tudo isto, Gabriel? —Mariah se voltou para ele—. De um momento a outro muda os planos de ir jantar juntos a vai com meu irmão, o xerife, a sabe Deus onde. Não entendo.

Gabriel não queria ir antes de esclarecer isto com Mariah. Queria ajudar Burke, era para o que o tinham treinado, mas tampouco queria ir sem o consentimento dela. Queria demonstrar que era bom em seu trabalho e que tomaria cuidado. Não queria deixá-la atrás nem aborrecida nem preocupada. Voltou-se para Burke:

—Se importaria de me esperar no alpendre? Tenho que falar com Mariah.

—Sem problemas. Estarei lá fora. — Deu um beijo de despedida em Mariah e saiu.

Ela se voltou para Gabriel e espetou:

—O que há? Pensei que íamos jantar e agora vai sair de vigilância com Burke.

—Podemos jantar outro dia, possivelmente amanhã — sugeriu Gabriel.

—Não me preocupa o jantar, idiota. Me preocupa você. Acabo de te encontrar e não quero te perder — As lágrimas apareceram nos seus olhos. Gabriel deu um passo atrás ante a veemência da voz dela. Ela foi para a mesa e se sentou sem o olhar. Gabriel se ajoelhou ao seu lado. Era uma relação tão recente a sua que não sabia muito bem como enfrentar esta situação. A maioria das mulheres fazia uma manha de criança quando se zangavam. Gritavam e normalmente o culpavam e isso era mais fácil de tratar. Normalmente partia e deixava que relaxassem um pouco. Logo voltava para o segundo assalto, mas com Mariah era diferente. Queria fazê-la ver que importava o que ela pensava. Não queria ir com Burke e deixá-la zangada e desgostada. Se fossem



compartilhar uma vida juntos, teriam que procurar uma forma de tratar com o que surgisse e este era um momento tão bom como outro qualquer para começar a fazê-lo.

—Mariah. Mariah me olhe — pediu brandamente. Esperou que olhasse — Seu irmão fez indagações sobre mim.

—Indagações? — disse— por que faria algo assim?

—Depois de nos ver juntos fez umas chamadas à Chicago para saber algo mais de mim. Não o culpo. Teria feito o mesmo.

—O que descobriu para mudar de opinião a respeito de você? Quando saiu daqui deixou bem claro que não confiava em você. Sequer gostava.

— Acredite ou não, meu capitão contou maravilhas de mim — disse. Gabriel se sentia um pouco envergonhado. Acariciou seu cabelo para consolá-lo sem sequer dar-se conta de que o estava tocando. Isso era algo dela que Gabriel adorava. Sempre o estava tocando para reconfortá-lo ou para qualquer outra coisa, mas sabia que ela não era consciente de que o fazia.

—O Capitão Jenkins falou de minhas excelentes qualidades e também disse que em uma situação de apuro me quereria e não a outro lhe cobrindo as costas. Tenho mais experiência que qualquer ajudante de Burke e por certo que também tenho mais experiência policial que o próprio Burke. Não estou sendo fanfarrão. É simplesmente um fato quando se é tira numa cidade grande como Chicago. Se vê muitas coisas que preferia não ter visto ou que preferiria esquecer.

Mariah se pôs a pensar no que estava dizendo Gabriel. Sabia que ter alguém com a experiência do Gabriel na investigação faria que esta fosse mais segura para todos e a segurança de seu irmão importava. Não havia forma de saber com o que topariam na casa do Mark, mas se a presença de Gabriel os ajudava de algum jeito, então devia apoiá-lo.

—O que necessita para estar pronto? — perguntou levantando-se e o fazendo levantar também.

Gabriel a olhou surpreso.

—Não se importa se tomo parte nesta missão?

—Claro que me importa, mas se formos viver juntos, terei que deixar meus sentimentos egoístas de lado e te apoiar sempre que puder — Afirmou com a cabeça uma só vez para mostrar sua determinação.

—Mariah, não acredito que seja egoísta. Em nada. Alegro-me que se preocupe por mim. Nunca tive ninguém que se preocupasse comigo enquanto estava trabalhando. Nunca tive ninguém junto a quem retornar depois de um turno duro. Normalmente retornava a um apartamento vazio. Seria bonito voltar para casa e ter alguém me esperando. Além disso, também gosto da ideia de sexo selvagem e louco ao retornar para casa. Isso tampouco estaria mau. — Olhou a ela sorrindo e esperando encontrar aceitação.

—Bom — disse fingindo considerar o assunto de todos os pontos de vista possíveis e também para mantê-lo em brasas — sexo selvagem e louco soa interessante — Gabriel ficou olhando por um segundo digerindo as palavras e logo soltou uma gargalhada.

—Isso é o que adoro em você. Desequilibra-me constantemente. Nunca sei com o que sairá.

—Abraçou-a dizendo—. Sei que não sou a pessoa mais fácil com a que tratar, mas quero estar com



você.

—Posso pleitear o posto, se ainda está vago, de alguém junto a quem retornar pelas noites?

—pediu Mariah rindo.

Gabriel agarrou sua mão.

—O posto fica reservado para você. A parte prática da entrevista teremos esta noite — disse com olhar lascivo.

—Então pode ser que pegue as perneiras para a parte prática, Roy — foi a resposta descarada. Antes que Gabriel tivesse ocasião de responder ouviram que a porta principal se abria.

—Acabaram, crianças? — gritou Burke dali — Temos que ir, Gabriel.

Gabriel se levantou, abraçou Mariah, pegou o rosto entre ambas as mãos e lhe deu um beijo apaixonado. Era o beijo de um homem marcando seu território. Agarrou-a pela mão e juntos foram pelo corredor. Burke os estava esperando no alpendre impaciente para ir.

—Está de acordo, Mariah? —perguntou quando os dois saíram ao alpendre. Viu a preocupação no rosto de sua irmã e tratou de tranquilizá-la. Deu-se conta que este homem forte e reservado significava muito para ela — Não sei o que vamos encontrar ali esta noite e tampouco vou fingir que não vai ocorrer nenhum risco. Seria uma estupidez dizer isso. Mas, me conhece o suficientemente bem para saber que nunca permitiria que meus homens entrassem em uma situação de perigo se não estivessem preparados. Ao menos isso posso prometer. Assegurarei-me que estejamos preparados para o que seja — Mariah seguia agarrada fortemente na mão de Gabriel para prolongar a união com ele o máximo possível. Seu irmão era xerife fazia muitos anos e sabia que era bom em seu ofício, mas agora estava deixando partir aos dois homens que amava. Vá! Havia dito. Amava Gabriel e queria que retornasse junto dela. Além disso, ainda não tinham tido oportunidade de brincar de Roy Rogers e Dê Evans com as perneiras. Soltou sua mão e deu um passo atrás.

—Será melhor que encontre algo com que me entreter enquanto os espero — se obrigou a dizer — Tomem cuidado! — Gabriel a beijou rapidamente e junto com Burke foi para a picape. Mariah os viu entrar e permaneceu no alpendre vendo o carro se afastava pela pista de entrada para meter-se na estrada principal. Seguiu olhando até que fosse somente um ponto na estrada — Protege-os — murmurou — E, por favor, deixa que Gabriel retorne inteiro. — Abriu a porta e se meteu dentro da casa.

Capítulo onze

Assim que saíram à estrada Gabriel e Burke fizeram um trato oficial. Era fácil para eles deixar de lado suas vidas privadas e centrar-se por completo no trabalho. Era o modo de sobreviver.

—Como pretende expor o assunto desta noite? — quis saber Gabriel. Virou para observar o irmão de Mariah enquanto dirigia e viu que tanto ele como a irmã tinham a mesma mandíbula



resoluta.

Burke falou sem afastar a vista da estrada.

—Quando chegarmos ao escritório pegarei o mapa do condado que abrange essa região. Tenho um bom mapa topográfico que deve nos mostrar tudo o que há nos arredores da cabana de Mark. Acredito me lembrar de uma antiga estrada que dava na propriedade do Mark, perto de onde está a cabana. Acredito que não é mais que um velho e poeirento atalho, mas deve nos permitir entrar sem ser vistos e dar ao menos uma olhada para ver o que está acontecendo. Meus ajudantes não têm muita experiência, mas são homens bons que trabalham bem sob pressão.

Gabriel permaneceu calado durante uns quilômetros observando a paisagem e deixando que Burke conduzisse.

—Não vou lhe fazer mal. Sua irmã é especial — disse por fim.

— Como se não soubesse! Preocupa-se com tudo desde que era menina. Não suporta ver ninguém sofrendo.

Gabriel riu.

—Talvez por isso me ajudou.

—Não seja modesto — repreendeu Burke — Precipitei-me ao tirar conclusões a primeira vez que te vi. Agora sei que estava equivocado. Seu capitão te apoia e tendo em conta o veementemente que nos advertiu devo confiar em você e nele.

Não levou muito tempo para chegar no escritório, onde os outros ajudantes já estavam esperando. Burke apresentou Gabriel e disse que se uniria a eles para a operação daquela noite. Embora os homens sentissem curiosidade por saber como tinha tomado parte da equipe o aceitaram como um a mais. Reuniram-se todos na pequena sala de reuniões ao lado do escritório de Burke e este estendeu o mapa sobre a mesa raiada. Aos homens de Burke agradou ver que Gabriel fazia perguntas para descobrir coisas sobre a propriedade e o que esperar quando chegassem ali. Propunha ideias e escutava o que os outros tinham a dizer sabendo que naquela zona eram eles os peritos, não ele.

—Este mapa mostra um velho estábulo ou um tipo de edifício justo aqui na velha estrada onde vamos estar. Isto poderia nos proporcionar um esconderijo para os carros — disse Burke assinalando um ponto no mapa—. Não é muito distante dali até a cabana, mas fica o suficientemente longe para que não se ouçam nossos carros.

—E se estiverem passando drogas através do condado? —perguntou Jake.

—Se houver drogas pelo meio teremos que informar ao FBI em Houston. Sabem que as drogas não são parte de nossa competência. Teremos que os chamar. Jake, você e Nate pegam o carro camuflado. Nós levaremos a picape. Rob necessito que você fique aqui. Alguém tem que ficar no escritório se por acaso surgir algo. Se necessitar algo, pode contatar conosco por rádio ou me chamar no celular. Ficaré em modo vibrador. Jake, Nate, nos vemos lá fora. —Voltando-se para Gabriel disse— Gabriel necessitará de algum tipo de arma. Suponho que não leva nenhuma, não? —Gabriel negou com a cabeça—. Siga-me. Vamos ver o que temos aqui.

Entraram no escritório, abriu uma gaveta fechada com chave e tirou uma pistola Glock, parecida com a arma que Gabriel usava em Chicago. Burke também encontrou um coldre de



ombro. Gabriel tirou a jaqueta de couro para vestir e colocar a pistola dentro. Assustava notar com que facilidade o corpo se reencontrava com a sensação familiar de levar uma arma e um coldre. Tendo sido policial durante tantos anos quase era como reencontrar-se com um velho amigo.

—Que comece a função — disse Burke ao sair junto com Gabriel pela porta detrás e reunir-se com seus homens. Foram até a casa de Mark e se encontraram com uma caminhonete usada e suja. Já fazia muito que o sol tinha se posto, mas a lua ainda não tinha saído. De modo que o terreno estava escuro e perfeito para seus propósitos. Conduziram uns quilômetros pela pista e deram com o velho estábulo indicado no mapa. Estava desmantelado e parte do telhado caído, mas puderam estacionar perto e esconder os dois carros. Desceram, reuniram-se ao redor de Burke e começaram a falar em voz baixa.

—Vamos entrar e ver o que acontece— sussurrou Burke. Os quatro homens se puseram silenciosamente em marcha e atravessaram o bosque vislumbrando um pequeno ponto de luz procedente da cabana. Chegaram escondidos num grupo de árvores ao lado da cabana e permaneceram escondidos na sombra. Havia dois carros caros estacionados na frente, mas o lugar parecia tranquilo. Gabriel tocou no ombro de Burke e assinalou as árvores que estavam à esquerda da casa. O resplendor de um cigarro aceso brilhava na escuridão como um farol. Em seguida apareceu pelo canto da casa um homem corpulento com um rifle automático que seguia patrulhando; passou em frente à casa e em seguida foi para o outro lado. Estas pessoas se sentiam tão seguras que deixaram acesa a luz do alpendre e quando o guarda passou debaixo da luz puderam ver seu rosto claramente. Os agentes viram estacionados perto da casa uma Mercedes e um Land Rover, carros que simbolizavam a riqueza de seus proprietários. Burke fez gestos aos outros dois ajudantes para que fossem verificar o perímetro a oeste. Gabriel indicou que o seguisse.

Andaram um trecho pequeno e logo se aproximaram mais se arrastando pelo chão. Aproximaram-se uns dez metros da casa e permaneceram escondidos ao amparo de umas árvores. Permaneceram ali uns vinte minutos vigiando a casa e observando o guarda que aparecia de vez em quando durante a ronda. Burke escaneou a zona com binóculos de visão noturna que havia trazido, mas não viu nenhum outro guarda. Supôs que esse era o único guarda. As suspeitas foram confirmadas quando Jake e Nate contataram com ele para comunicar que pela zona deles tudo estava em ordem. Passou a informação a Gabriel, que assentiu com a cabeça. Permaneceram ali à espera. Quando o guarda deu outra ronda diante da casa e foi para o outro lado, Burke indicou por gestos ao Gabriel que queria dar uma olhada mais de perto. Gabriel ficaria e o cobriria se fosse necessário. Burke se levantou lentamente.

Começou a caminhar lentamente para a casa, movendo-se de árvore em árvore. Usou o bosque para se cobrir quando a porta se abriu. Deslizou-se silenciosamente atrás de uma árvore e viu aparecer dois homens no alpendre dianteiro. Conversaram debaixo da lâmpada que pendurava em cima da porta. A luz os iluminou perfeitamente e tanto Burke como Gabriel os viram rir e falar como dois velhos amigos. Burke reconheceu um pela descrição que tinha dado Mark Coombe. Era sem dúvida o misterioso senhor Simms, mas o outro era desconhecido. Acabaram apertando as



mãos e Burke entreouviu fragmentos da conversa quando o senhor Simms acompanhou seu convidado ao carro.

—Nos vemos amanhã de noite — dizia o senhor Simms.

—A que hora acredita que chegará o carregamento do navio? —perguntou o desconhecido—. Quero recolhê-lo e sair daqui o quanto antes.

—Luis acredita que até cruzarem a fronteira e o trazerem aqui já será perto de meia-noite — respondeu o senhor Simms — Também irei depois da entrega. Estive por aqui muito tempo e temo que as pessoas comecem a suspeitar. É hora de seguir e procurar outro lugar.

O desconhecido fez um rápido gesto de assentimento e disse:

—Então até manhã de noite.

Abriu a porta e se meteu na Mercedes. Com um gesto de despedida partiu devagar pelo atalho de cascalho entre as árvores. O senhor Simms deu uma última olhada e com um amplo sorriso de satisfação voltou a desaparecer na cabana.

Burke sentiu quase o coração sair quando Gabriel apareceu ao seu lado.

—Como chegou aqui sem fazer o menor ruído? — perguntou num sussurro.

—Anos de prática — respondeu Gabriel — Estava acostumado a deixar louco meu companheiro.

—Não é de estranhar — disse Burke em voz baixa movendo a cabeça.

— Vamos sair daqui esborrifando! Vi tudo o que precisava.

Desconcertado pelo comentário de Gabriel, Burke retornou pelo mesmo lugar por onde tinha vindo. Quando estiveram a salvo Gabriel disse:

—Pode chamar seus ajudantes e dizer que se reúnam conosco no velho estábulo? Falaremos ali.

Burke assentiu com a cabeça e se comunicou em voz baixa com seus homens. Retornaram em silêncio junto aos carros onde Nate e Jake já estavam esperando.

—Viu algo, xerife? —perguntou Jake—. Só estava esse guarda assim Nate e eu permanecemos ali vigiando. Viram algo?

Burke contou aos seus ajudantes sobre o senhor Simms e o desconhecido. Logo girou para Gabriel e indicou com um gesto que falasse.

—Bom, parece que se pode encontrar com velhos conhecidos nos lugares mais estranhos — disse — Duvidei ao princípio se era ele ou não, mas definitivamente, já tinha visto o senhor Simms antes.

—Quem é? —quis saber Burke. Prestou muita atenção ao Gabriel.

—Faz uns anos tivemos uns tipos que tentavam introduzir droga procedente da Colômbia e pensaram que Chicago seria um ponto estratégico de distribuição. Pensaram que era uma cidade que encobriria bem a operação. Os descobrimos e detivemos a tempo, mas o cabeça escapou. Alguém lhe deu um aviso e quando chegamos já tinha ido — disse Gabriel contrariado.

—Está insinuando que o senhor Simms é esse homem? —perguntou Burke assombrado.

—O mesmo: Harvey Simpson também conhecido como senhor Simms. Em carne e osso — confirmou Gabriel — Estivemos buscando-o durante anos e acabam de me servir isso de bandeja.



—Não esqueça que temos que chamar o FBI — recordou Burke.

—Não há problema, mas quero participar. Feriram um de meus companheiros na jogada da rede em Chicago e quero me assegurar de que esse tipo receba seu castigo.

—Ouça, pode ser que isto seja o tranquilo Texas, mas por aqui não acreditam na justiça de ruas — advertiu acalorado Burke.

—Nem eu, mas quero me assegurar de que não escape como da última vez — disse Gabriel sem querer começar uma discussão com o xerife.

Retornaram em silêncio ao escritório do xerife onde Burke chamou à agência federal. Estava sentado na cadeira apoiada contra a parede escutando os federais que explicavam o que iam fazer e o que não queriam que fizessem. Elevou as sobrancelhas para Gabriel como dizendo "É que acaso acreditam que sou idiota?". Em dado momento, apesar da chateação, anotou algo. Por fim desligou contrariado.

—Não sei se estou aliviado ou aborrecido pelo fato de que vão se encarregar, mas suponho que isso tampouco importa porque afinal não posso ultrapassar os limites.

—Vamos pelo menos poder participar da operação? — quis saber Gabriel — Tenho interesse pessoal em que apanhem esse tipo.

Burke dedicou um sorriso pormenorizado.

—Cuidei muito de não mencionar esse interesse pessoal seu. Digamos que me passou ao largo. Não acredito que necessitem essa informação. Poderia entorpecer seu próprio estilo se o fizesse, não? Assim não o fiz.

—Mas, vamos participar ou não? — Gabriel se impacientou e Burke tomou seu tempo antes de responder. Sabia que com isso incomodava Gabriel, mas estava começando a desfrutar de incomodá-lo. Aparentemente Gabriel estaria por ali durante muito tempo e já era hora de começar a amansá-lo. Se quisesse formar parte da família, necessitaria uma boa pele e uma boa dose de senso de humor.

—Devem chegar amanhã cedo, e sim, vamos formar parte disto. A parte eles decidirão. Quer que chame quando chegarem?

—Imagino que vão controlar toda a operação de modo que levarei Mariah ao trabalho e volto aqui.

Burke assentiu com a cabeça e se voltou para papelada.

—Vou cuidar da papelada agora, assim não terei que fazê-lo amanhã. Até manhã. — despediu-se de Gabriel com um gesto da mão—. Estou seguro que Mariah está ansiosa esperando sua chegada.

—Acredito que vou telefonar para dizer que já estou a caminho. Posso usar o telefone?

Burke lhe assinalou o telefone e disse:

—Sinta-se em sua casa. Estamos num país livre. — girou na cadeira para voltar aos papéis. Estava ocupado trabalhando no computador quando se deu conta que Gabriel seguia ali—. Passa algo?

—Não, nada — disse Gabriel—. É só que necessito o número do telefone de Mariah. Acabo de me dar conta de que não sei.



Burke se pôs a rir e o disse. Gabriel agradeceu antes que Burke voltasse para trabalho. Marcou o número e esperou que Mariah atendesse. Quando a ouviu dizer "diga" não pôde falar. Estava tão contente de ouvir sua voz que não sabia o que dizer.

Burke voltou a olhá-lo porque ouvia Mariah repetir "alô, diga" e Gabriel não respondia.

—Gabriel! —chamou rindo —. Não vai responder?

Gabriel olhou o fone e se deu conta de que o tinha na mão, mas que não falava.

—Mariah — foi só o que pôde articular.

—Gabriel, Gabriel, é você? — perguntou ela. Falava tão alto que Burke podia ouvir tudo — Está bem? O que aconteceu? Por que não fala? Gabriel! Gabriel!

—Estou bem, Mariah. Não aconteceu nada. Vou para casa agora. Falamos quando chegar.

Burke não pôde evitar rir quando viu a expressão de *panaca* na cara de Gabriel. "Vá, pois sim que está caidinho" pensou.

—Vou — disse Gabriel — Nos vemos amanhã.

Burke fez um gesto rápido com a mão e esperou. Ato contínuo Gabriel voltou com cara de tolo.

—Tenho tanta vontade de voltar para Mariah que me esqueci que foi você quem me trouxe e agora não tenho como ir a casa.

—Perguntava-me quando se daria conta por fim — disse Burke com um amplo sorriso— Quer que o leve ou prefere que te empreste um carro?

—Poderia me levar? —perguntou Gabriel exasperado—. Preciso ver Mariah.

Burke riu pela inquietação dele. Ele nunca deixaria que uma mulher o caçasse daquela maneira. As mulheres eram geniais, mas ele não precisava atar-se a nenhuma em particular. A sua era sair com muitas. Não necessitava uma relação séria. O pobre menino certamente nem se deu conta de que pedira que o levasse "a casa". Sim. Dedicou-lhe um último sorriso zombador, agarrou as chaves do escritório e se dirigiu à saída com Gabriel o seguindo de perto.

Capítulo doze

Assim que Gabriel e Burke partiram, Mariah voltou a entrar na casa. Estava preocupada com seu irmão, mas ainda mais por Gabriel. Não queria que acontecesse nada a ele. Decidiu fazer o que sempre fazia quando estava desgostada: limparia, cozinhar e se preocuparia. Foi à cozinha para dar uma folheada no livro de receitas. Prepararia uma comida para Gabriel quando retornasse. Da sobremesa pecaminosa Dê se ocuparia do Roy. Era possível que dessem uso às pernas de noite. Sempre e quando Gabriel estivesse disposto, claro. Pôs-se a rir, aquele homem sempre estava disposto.

Mariah abriu a geladeira. Queria ter algo preparado quando Gabriel voltasse para casa. "Voltasse para casa", isso soava bem. Nunca tinha sido ela a pessoa para quem voltavam para casa. Era bonito estar ali para alguém. Era bonito estar ali para Gabriel. Deu uma olhada na



geladeira para ver o que havia e decidiu fazer chili. Assim não importaria a que horas voltasse. Quanto mais tempo cozia o chili, melhor o sabor.

Mariah tirou cebolas e alho e começou a cortá-los. Seguiu trabalhando cortando e fritando a verdura e acrescentando todo tipo de coisas boas à panela fervendo. Quando o chili estava preparado e deixou-o em fogo lento, deu uma olhada nas receitas de chocolate do livro para ver se encontrava alguma sobremesa decadente. Optou por um bolo de caramelo e doce de leite. A receita dizia que era um bolo de chocolate que fazia sua própria calda de caramelo de doce de leite e recomendava servi-lo com sorvete de baunilha. Mariah verificou se tinha sorvete de baunilha e encontrou uma tigela de sorvete de baunilha pedindo a gritos ser usada com doce de leite quente. Uma boa amiga disse em uma ocasião que uma mulher obteria o que quisesse de um homem se contava com uma tigela de sorvete de baunilha e um vestido curto negro. Ela obteria o que quisesse com ou sem vestido negro e com ou sem sorvete de baunilha, mas não era demais servir-se de todos os meios possíveis quando se tratava de sedução. Em seguida juntou os ingredientes e preparou o bolo. Meteu-o no forno, pôs o relógio e subiu para um banho relaxante. Parecia uma boa forma de matar o tempo.

Não estava acostumada a usar a antiga banheira com pés, mas esta situação parecia pedir. Depois de verter os sais de banho favoritos foi ao quarto pegar um pijama. Um pijama não era muito romântico, mas não sabia quanto demoraria Gabriel para chegar. Assim se aconchegaria e ficaria lendo e esperando. Além disso, a verdade era que não importava o que estivesse vestindo quando retornasse. Se tudo seguia o previsto, não permaneceria com o que vestiria durante muito tempo. A única pessoa com algo vestido seria Gabriel e seriam as sexys pernas. Mariah foi ao banheiro imaginando o corpo estupendo de Gabriel nu à exceção das pernas e deu um grito quando viu o quanto já estava cheia a banheira. Estivera sonhando acordada com Gabriel e as pernas durante mais tempo de que pensou. Tirou as sandálias e jeans. Acrescentou a camiseta sem mangas, as calcinhas e o sutiã ao montão de roupa e se meteu na banheira. O calor da água e o aroma relaxante eram gloriosos e a banheira incrivelmente cômoda. Mariah apoiou a cabeça na cabeceira da banheira e fechou os olhos.

"Esta é uma banheira perfeita para Gabriel" pensou. "Pode esticar-se nela e ainda sobrará lugar suficiente para os dois." Imaginou-o voltando para casa depois de um longo dia de trabalho e ela esperando na banheira. O ouviria subir as escadas dirigindo-se ao banheiro, este que tinha a banheira grande. Entraria na banheira, quente e cansado e preparado para um bom encharcamento. A veria esperando por ele na banheira. Seus olhos se iluminariam de prazer e poria o enorme sorriso sexy. Não diria nada tão somente tiraria a camiseta com lentidão oferecendo uma fantástica vista do peito. Sentaria na velha cadeira de madeira no canto e a observaria enquanto tiraria primeiro as botas e logo as meias. Sem afastar a vista dela, desabotoaria o jeans. Permaneceria ali nu ao pé da banheira e ela desfrutaria vendo como seu membro aumentava sabendo-se observado por ela. Ele soltaria o cabelo e passaria os dedos por ele para soltá-lo de tudo.

A observaria enquanto ficava atrás dela à cabeça da banheira. Pegaria o sabão da saboneteira e ensaboaria as mãos. Então se ajoelharia, inclinaria sobre a beirada da banheira e



passaria as mãos pelos seios. Dedicaria especial atenção aos mamilos que estariam eretos solicitando atenção. Sustentaria os seios com as enormes mãos e passaria os dedos por cima dos mamilos inchados para acabar agarrando-os com o polegar e o indicador. A sensação seria tão deliciosa que seria difícil suportá-la. Pediria clemência, mas não a obteria. Ele sabia quão sensíveis eram seus seios e a atormentaria prazerosamente. Quando a tivesse no ponto apartaria as mãos. Ela protestaria, mas não lhe serviria de nada.

Ele se levantaria e iria a lateral da banheira. Olharia para ela e se meteria dentro da banheira do outro lado para poder vê-la de frente. "Veem aqui" diria e ela ficaria escarranchada sobre ele. Inclinaría sobre ele e mordiscaria seus lábios até que os abrisse e pudesse colocar sua língua. Compartilhariam compridos e suculentos beijos até que ele a afastasse com delicadeza. Afastaria para passar as mãos de novo sobre os seios. Teria os mamilos tão tensos que doeriam. Teria que chupá-los brandamente ao princípio, mas aumentando a pressão para acabar puxando-os com os dentes. Aliviaria um pouco, mas não seria suficiente. Finalmente a elevaria e a colocaria sobre seu membro e a baixaria muito lentamente até que estivesse completamente empalada sobre o membro palpitante.

Sentiria através dela o batimento de seu coração de tanto que estaria dentro dela e tão apertada que ela estaria. Dobraria as pernas e apoiaria as mãos sobre o peito dele para poder subir e descer o corpo torturando-o com o ritmo. O veria com os olhos fechados saboreando cada deslizamento do pênis dentro da estreita passagem. Abriria os olhos languidamente e gemeria de prazer enquanto ela o montasse. Logo aumentaria o ritmo e o prazer e ele teria que elevar a cabeça para poder juntar sua boca com a dela e assim devorá-la aos beijos. Ela diminuiria a marcha para controlar de novo o ritmo de modo que se elevaria e deixaria que só a ponta do pênis ficasse dentro. Deslizaria sobre ele e quase sairia deixando cada vez que a ponta do pênis roçasse o clitóris até que tivesse que seguir até o final e acabar com o tortura e pudesse o sentir mais profundamente dentro dela.

Em seguida a giraria zombeteiramente e se posicionaria em cima dela. Investiria com golpes fortes e rítmicos. A água na banheira transbordaria pelos lados enquanto a brocasse como um martelo pneumático. O prazer seria interminável, absurdo e frenético.

Mariah estava tão imersa sonhando com Gabriel que começou a acariciar os seios. Apenas roçou os mamilos, mas estes já estavam eretos e doloridos. Ensaboou as mãos e passou pelos seios atirando e beliscando os mamilos. Brincar com os seios enquanto pensava no Gabriel era glorioso. Passou as mãos pela barriga e esfregou a suave pele. Finalmente meteu uma mão entre as pernas e começou a esfregar o clitóris com o dedo. Este já estava inchado e desejando ser tocado. Esfregou-o com movimentos circulares aplicando a pressão necessária. Sentiu como o orgasmo começava a avivar. Sentiu que o corpo esticava. Jogou a cabeça para trás e gritou liberando a força do orgasmo.

Permaneceu estendida na banheira surpresa pela força. Mal podia imaginar o prazer que haveria sentido se Gabriel também estivesse ali na banheira. Apoiou a cabeça contra o respaldo alto da banheira, fechou os olhos e saboreou os últimos golpes do orgasmo que atravessava seu corpo. Mariah permaneceu relaxando na banheira, vários minutos fraca demais para mover-se



depois daquele explosivo orgasmo. Enquanto permanecia ali pensando nos prazeres por explorar na enorme banheira soou o telefone. Seu primeiro instinto foi permanecer ali estendida e ignorá-lo, mas logo se deu conta de que poderia ser Gabriel e saiu da banheira e correu ao dormitório deixando gotas de água por tudo. Pegou o telefone que estava na mesinha de noite e respondeu. Silêncio. Percebia que era Gabriel, mas por que não dizia nada? Por fim o ouviu pronunciar seu nome.

—Gabriel. Gabriel é você? —gritou ao auricular— Está bem? O que aconteceu? Por que não fala? Gabriel! Gabriel!

—Estou bem, Mariah. Não aconteceu nada. Vou para casa agora. Falamos quando chegar —disse e desligou. Mariah ficou olhando o auricular e se perguntou o que tinha acontecido.

Esperava que Gabriel não tivesse tanta fome e que esperasse depois de ser seduzido. Estava bastante segura de que não lhe importaria esperar. Abriu as gavetas para ver se tinha algo verdadeiramente sexy para pôr em vez do pijama. Sabia que Gabriel adorava os diminutos conjuntos, mas queria algo que o deixasse sem fôlego ou ao menos sem cueca. No fundo da gaveta vislumbrou um detalhezinho que as garotas a presentearam no aniversário há uns anos. Por certo o tinham comprado para incluir no enxoval e usá-lo na noite de núpcias. O conjunto consistia em diminuta calcinha negra que se segurava dos lados com um lacinho e em um pequeno sutiã que elevariam os seios bem altos para passar uma inspeção por parte de Gabriel, mas que também deixava expostos os mamilos. Havia, além disso, um negligé transparente que se segurava com um laço sobre o peito e que não chegava além das coxas. As garotas inclusive incluíram sapatos de bico aberto com saltos impossíveis.

Naquele dia tinha pensado que quando desempoeirasse aquela roupa já seria uma anciã e recordaria das amigas bobas que haviam lhe dado semelhante presente, e passaria muito bem. Entretanto, agora o vestiria para receber Gabriel. Vá. Poderiam ir melhor as coisas? Sim poderiam. Ainda não tinham provado as perneiras. Mariah voltou chapinhando ao banheiro e se secou com uma toalha grande e suave. Teria que estar preparada. Com este homem nunca se sabia o que aconteceria ou onde se iria parar. Ao voltar para o dormitório soou o temporizador do forno. Menos mal que o tinha posto. Estivera tão ocupada pensando em como seduzir Gabriel que se esqueceu da sobremesa. Foi correndo à cozinha, tirou do forno e deixou no balcão para que esfriasse. Cheirava divinamente e era quase pecaminoso com tanto calda de caramelo de doce de leite.

"Terá que voltar aos preparativos de sedução de Gabriel Blackburn." Outra vez acima guardou o pijama e vestiu o muito escasso sutiã e as diminutas calcinhas. Atou os laços do negligé. A seguir introduziu os pés nos sapatos e deu uns passeios pelo quarto testando. Teria sorte se não caísse e torcesse um tornozelo, mas se olhou no espelho e vendo-se embelezada com aquele modelito e aqueles sapatos, decidiu que valia a pena arriscar-se com os saltos. Foi com cuidado ao banheiro e recolheu o cabelo em um coque de maneira que somente ao tirar a presilha se soltasse. Não pôde evitar sorrir ante o quão sexy estava. Gabriel adoraria.

Nisso, ouviu chegar um carro. Esperava que Burke não entrasse em casa desta vez e que a Gabriel não ocorresse convidá-lo. Isso estragaria os planos. Teria que vestir o roupão velho e falar



de amenidades com seu irmão levando embaixo os objetos mais sexy que tinha. Embora pensando bem, isso resultaria bastante maldoso. Quando Burke não estivesse olhando poderia afastar um pouco o roupão para que Gabriel visse. Voltar-se-ia completamente louco ter que permanecer ali sentado entretendo Burke sabendo-a vestida com intenções de sexo e sedução. Foi à janela do banheiro e viu Gabriel sair disparado da picafe; viu-o saudar Burke ligeiramente com a mão e subir os degraus de dois em dois. Viu também seu irmão devolver a saudação e ir rindo a gargalhadas. Mariah sabia que não podia se enganar em relação ao tipo de relação que tinham Gabriel e ela. Ao ouvi-lo cruzar o alpendre, Mariah se pôs no final das escadas. Ouviu que fechava as portas. Estava em casa! De onde estava não pôde ver a porta de modo que tampouco o pôde ver entrar. Estava tensa pela emoção. Agora entendia a que se referiu Gabriel quando havia dito que aquela porta era como a entrada da aventura.

—Nunca sabe o que vai acontecer quando a atravessa — havia dito — Às vezes a atravessa e se encontra com uma aventura sexual além de seus sonhos mais selvagens e às vezes dá de cara com um xerife realmente zangado.

Mariah sabia que agora não ia dar de cara com um xerife zangado porque acabava de o ver partir. De modo que só ficava a aventura sexual e para essa estava mais que preparada. E sabia que Gabriel também. E mais: sabia que estaria preparado ao cruzar a porta.

Gabriel entrou e se deteve. Não recordava a última vez que tinha chegado em casa e que o recebeu o aroma do jantar. Fosse o que fosse que tinha preparado, cheirava divinamente. Sua mulher o estava esperando. Gabriel sabia que isso soava machista e antiquado, mas gostava da ideia de que o visse como seu homem. Quis uivar à lua, mas em vez disso chamou Mariah. Onde estava? Estava ansioso por abraçá-la. Voltou a chamá-la e recebeu uma resposta procedente da parte alta das escadas.

—Estou em cima. Ocorreu-me que você gostaria de se banhar.

Bom, isso estaria em segundo ou terceiro lugar na ordem das coisas que gostaria de fazer, mas certamente não no primeiro. O que sem dúvida estava em primeiro lugar era praticar sexo selvagem seguido de um fazer amor tranquilamente. Dispôs-se a subir as escadas e reunir-se com ela quando a viu ali de pé.

Céu santo! O que tinha posto? Era um diminuto negligé que apenas a tampava e que parecia feito para ser arrancado com os dentes. Sem dúvida! Subiu uns degraus e se reafirmou em sua opinião de que esses laçinhos queriam ser desfeitos com os dentes. Então ela virou de lado e Gabriel se fixou nos sapatos. Onde teria conseguido aqueles sapatos? Com esses sapatos gritando "foda-me" até um morto se poria duro.

—Espero que possa correr com esses sapatos — disse pronunciando uma palavra em cada degrau e aproximando-se deliberadamente dela—Porque uma vez que te pegue vou fodê-la de tal maneira que durante uma semana não poderá se mover.

Mariah soltou um gritinho e correu para o dormitório. Não se esforçou muito em tentar escapar porque de fato ansiava que a pegasse.

Levou uns três passos longos aproximar-se dela, agarrá-la e fazê-la girar até que pediu que a soltasse. Ignorou o pedido e a levou ao quarto onde a soltou com delicadeza. Tirou o coldre da



pistola e a arma e guardou na gaveta da mesinha de noite. Logo se voltou de novo para Mariah.

—Por favor, me diga que nenhum outro homem te viu com isto — rogou indicando os eróticos objetos que levava — Por favor, me diga que é para mim, só para mim.

Mariah pôs a mão no peito dele, olhou-o e assentiu com a cabeça.

—É para você, só para você. Minhas amigas me deram de presente de aniversário para fazer uma brincadeira e depois ficou esquecido no fundo da gaveta. É a primeira vez que ponho isso. Para você, só para você — reiterou.

Gabriel a olhou com luxúria.

—Qualquer homem que te veja com isso jamais pensará que é uma brincadeira. É o sonho erótico de todo homem, feito realidade — Inclinou a cabeça e tratou de olhar por debaixo dos laços frontais do negligé — O que está vestindo debaixo?

—Acho que terá que tirar isso para descobrir — respondeu com voz de menina má apressando-o para que o fizesse. Com aquele comentário e aquele olhar o autorizava a despi-la. Ele aceitou o desafio. Sentou-se na cama e a atraiu para ele de maneira que ficou apanhada entre suas pernas. Inclinou para diante, pegou o laço superior com os dentes e puxou com cuidado, logo se dirigiu com a boca para o segundo laço e também puxou para soltá-lo. O terceiro laço teve o mesmo destino, assim o quarto e o último. Gabriel suspirou quando soltou o último laço. Agarrou ambos os lados e os afastou para ato seguido deslizá-los pelos braços e deixar que aquele objeto diáfano caísse flutuando no chão. Tragou ao ver o resto do conjunto. Tinha os seios altos e firmes e presos e os mamilos... Céu santo! Aquela diminuta coisa sequer os cobria. Saíam por cima do sutiã pedindo que jogasse a boca em cima. Viu as escassas calcinhas e sorriu angelicalmente ao ver que havia mais laços segurando as calcinhas. Parece que ia ser tão divertido soltá-los como tinha sido soltar os laços do negligé.

Mariah passou as mãos pelas laterais da cabeça dele e acabou abrangendo a mandíbula. Ao acariciar desfrutou da pele áspera pela parte das costeletas. Ele girou a cabeça de maneira que repousasse naquelas mãos. Logo beijou a palma de uma mão. Mariah estremeceu ao sentir o contato dos lábios de Gabriel sobre a palma sensível. A seguir ele a lambeu zombeteiramente e Mariah se viu perdida.

Inclinou-se para frente para que Gabriel se desse um banquete com seus seios e ele agradeceu capturando um dos mamilos com os lábios e puxando dele com força com a língua. Repetiu a mesma ação no outro mamilo usando o polegar. Os mamilos se alargaram e se endureceram como pedras. Trocou de peito atormentando ao companheiro do mesmo modo só que usando o polegar. Sabia que os seios de Mariah eram tão sensíveis que com a mais ligeira pressão a fazia retorcer-se. Adoraria vê-la amamentar ao filho de ambos. Poderia estar sentado ao lado observando-a enquanto alimentava ao bebê e talvez depois deixasse a ele mamar. Adoraria compartilhar com seu filho ou filha.

—Tem uns seios preciosos — disse reverentemente e passou as mãos pelas costas para tirar o sutiã — Adoraria vê-la amamentar nosso filho.

—Gabriel, está dizendo que você gostaria de ter um filho? —perguntou Mariah surpreendida ante tal confissão.



—Nunca antes tinha pensado nisso, mas agora toda minha vida parece estar mudando — confessou Gabriel e a verdade de tal revelação se evidenciava nos olhos — Não estou dizendo que queira que fique grávida justo agora nem nada do tipo só que se nossa relação continua, gostaria que tivéssemos um bebê.

A Mariah surpreendeu muito o rumo que estava tomando a conversa.

—É um passo muito importante — disse — Temos que estar seguros de que ambos queiramos.

—Estive esperando todos estes anos sem nem sequer me expor a isso de modo que acredito que posso esperar um pouco mais até que nos asseguremos que seja o correto. Agora mesmo o que me preocupa é como vou tirar isso — disse sorrindo. Afastou-a um pouco e se deslizou para ajoelhar-se. Voltou-a de lado. Inclinou-se sobre ela e agarrou o laço das calcinhas com os dentes embora se assegurasse de lamber e morder a suave e sensível pele por cima e debaixo do laço antes de desfazê-lo. A girou e enquanto o fazia lhe beijava a barriga até chegar ao outro laço. Antes de desfazer também este lambeu a parte exterior da coxa, mordiscou e logo desfez o laço com os dentes.

A esta altura Mariah já se derretia. As coisas que este homem sabia fazer com a boca! Tinham que ser ilegais! Gabriel se levantou, incorporou-a na cama e voltou a ajoelhar-se diante dela. Elevou um pé e riscou com a língua uma linha ao longo da planta. Sabia que gostava. A nata já começava a deslizar pelo corpo de Mariah sem que ela pudesse evitar. Seguiu lambendo a planta de seu pé às vezes com toda a língua e às vezes com a ponta rígida.

Perguntou-se o que seria mais difícil para Mariah suportar: que a lambesse com toda a língua ou só com a ponta. Apostaria que ela desconhecia por completo que tinha pés tão sensíveis. Quando acabou de atormentar aquele pé o pôs no chão e levantou o outro. Adorou ver que aquela delicada tortura conseguiu fazer que corresse a nata pela parte interior da coxa.

Ao ver isso quis lambê-la como um gato glutão. Mais que como um gato: um tigre ou um leão. Tirou seu outro sapato e começou a lamber agora esse pé. Embora Mariah soubesse o que vinha a seguir não conseguiu abafar os gemidos que escapavam pelos lábios. Por fim Gabriel pôs esse pé no chão. Colocou as mãos entre as pernas e a obrigou a abri-las um pouco mais. Dedicou atenção àquele riacho na parte interna da coxa e começando a lamber Gabriel ronronou ao descobrir o sabor do prazer de Mariah, perguntou-se se Mariah o ouviria.

Foi lambendo até chegar ao cone. Logo a abriu mais e puxou os lábios inferiores usando os dentes. Colocou a língua dentro e foi chupando até chegar ao clitóris. Estava inchado e pedindo a gritos atenção de modo que dedicou toda a atenção que merecia. Puxou tirando-o do capuz e o empurrou para cima com a ponta da língua. Com isso bastou. Notou como o orgasmo atravessou Mariah. Sentia suas sacudidas na boca enquanto ela se entregava por completo a um enorme orgasmo. Quando passou, Mariah somente pôde se deixar cair sobre a cama completamente espremida. Gabriel sorriu. Sorriu à sua Mariah, a uma Mariah muito aturdida, muito excitada inclusive para mover-se. Amou isso. Estava estendida sobre a cama com as pernas muito abertas e oferecendo uma vista gloriosa de seu sexo. Poderia tomá-la agora mesmo de novo, mas lhe daria uns minutos para que se recuperasse.



Mariah jazia ali exposta ante seu amante incapaz de mover-se. Como conseguiria seguir fazendo isso? Não necessitava penetração para ter um orgasmo descomunal. Bastava que ele se apoderasse dela para ficar a sua mercê ou a de suas mãos ou a de sua boca, segundo o caso. Gabriel deitou ao seu lado e a atraiu para ele. Ela apoiou a cabeça no peito dele e desfrutou daquele momento de íntima conexão.

Gabriel não recordava a última vez que se dedicou ao carinho com uma mulher. De fato, não o havia feito nunca. Era um gesto muito íntimo e nunca se sentiu suficientemente perto de nenhuma mulher para fazê-lo. Mariah era exceção. Descobriu que gostava de passar um momento assim com ela depois de ter feito amor ou brincar. Parecia o certo.

A janela ao lado da cama estava aberta e uma ligeira brisa movia as cortinas e acariciava os corpos reluzentes. Ouviam os ruídos da noite transportados pela brisa, o grito de alguma ave noturna e algum animal que uivava ao longe. Era quase irreal na evocadora melodia noturna.

Capítulo treze

Permaneceram estendidos em silêncio durante vários minutos, com energia renovada, Mariah se afastou e levantou. Não tivera ocasião de pôr em prática o jogo de sedução e agora tocava a parte do plano que cabia a ele. Foi para o armário e Gabriel se apoiou nos cotovelos para observá-la com ar de interrogação.

Mariah se baixou para pegar algo do fundo do armário. Gabriel se viu ameaçado com uma vista realmente esplêndida daquele luxurioso traseiro e aquela succulenta racha. Não pôde evitar maravilhar-se com essa preciosidade de traseiro. Só pensar nele e já sorria. Mariah se ergueu e se voltou para ele. Agora viu o que tinha nas mãos: as pernas e o olhava com determinação. Entretanto, o sorriso de Gabriel deu lugar a um olhar de contemplação. Se ela tinha acreditado que não gostaria de vesti-las, então a esperava uma boa surpresa. Por ela estaria disposto a fazer qualquer coisa.

Mariah se aproximou com passo lento da cama e ofereceu as pernas com os dedos estendidos. Gabriel saiu disparado para tentar agarrá-las provocando gargalhadas nela.

—Vejo que não tem inconveniente em pôr isto, Roy.

—Estou desejando brincar de vaqueiro luxurioso e vaqueira inocente, Dê — disse Gabriel movendo as sobrancelhas.

—E o que acha de brincar de vaqueira luxuriosa e granjeiro aficionado? — perguntou ela.

—Parece bom — respondeu Gabriel — De fato, tudo me parece bom, sempre e quando for com você.

Mariah deu um passo atrás atraindo Gabriel para que agarrasse as pernas. Ele foi se aproximando cada vez mais dela e das pernas difíceis de pegar.

—Venha, carinho — provocou — Veem, pegue, pedaço de semental.

Gabriel se jogou e a agarrou pela cintura. Mariah gritou e tentou livrar-se. Gabriel a levou



ao canto e a sentou no canapé.

—Se sabe o que te convém, não se moverá daqui até que eu diga - avisou tomando o controle. Logo foi para a cama e largou as pernas. Mariah seguiu com o olhar cada um dos movimentos. Gabriel tirou a camiseta e observou sua reação. Ela tratou de permanecer quieta no canapé como ele havia dito, mas não era capaz por causa de tanto desejo. Sentou na beirada para não perder um só detalhe. Gabriel desabotoou lentamente os botões dos jeans sem tirar os olhos de cima dela. Abriu a braguilha de maneira que Mariah pudesse ver seu enorme pênis grosso e volumoso. Ela se levantou do assento para ir para ele, mas voltou a sentar-se para desfrutar do resto do espetáculo. Gabriel se sentou na beirada da cama para tirar as botas e as meias. Voltou a levantar e colocando os polegares na cintura abaixou os jeans. Manteve suspense levando uma eternidade para tirá-los. Ela queria que tirasse de uma vez e que se voltasse a erguer para poder ver quão excitado estava, mas a fez esperar. Por fim os tirou e Mariah pôde contemplá-lo em toda sua glória nua. O pênis estava tão inchado, pulsando cheio de energia que Mariah distinguiu de onde estava sentada as veias inchadas. Gabriel agarrou as pernas, pôs ao redor da cintura e segurou. Quando quis fechar o zíper chegou o momento de Mariah se pôr em movimento. Levantou do sofá e se ajoelhou frente a ele.

—Fecharei o zíper com gosto — disse levantando o olhar e vendo a enorme ereção. Juntou as duas partes da perna da calça, uniu e fechou o zíper. Assegurou-se de roçar o membro com a mão ao chegar à parte de cima. A respiração de Gabriel pareceu um bufido. Mariah adorou ver que ambos podiam jogar aquele jogo.

Gabriel baixou o olhar e a imagem tão erótica o deixou sem palavras: ela de joelhos a seus pés e com a boca a apenas milímetros do necessitado membro. Ela voltou a baixar a cabeça para prestar atenção ao outro zíper. Desta vez, quando o zíper chegou à parte de cima, levantou a cabeça quando esteve ao mesmo nível do pênis endurecido, tirou a língua e o lambeu. Gabriel quase ficou gelado.

Mariah levantou e sentou em um assento que havia em um canto. Era uma velha poltrona de respaldo alto que embalou seu corpo quando se sentou e contemplou Gabriel nu à exceção das pernas.

—Ficam geniais — disse. Tinha o membro tão longo e rígido que quase roçava a fivela da cintura — Veem aqui — ordenou. Assim fez Gabriel. Mariah observou como o pênis balançava com cada movimento. Deixou que desse uns passos e disse:

—Para e dá a volta — Assim fez Gabriel ficando de costas para ela. Tinha umas costas maravilhosamente esculpidas e as pernas proporcionavam uma moldura muito erótica para o traseiro firme — Não se mova! Não gire! — ordenou tomando de novo o controle.

Gabriel não podia acreditar o brincalhão que se punha que lhe desse ordens. Era muito erótico cumprir as ordens sobretudo sabendo que acabaria em prazer mútuo.

—Não quero que se mova. Ouviu?

—Não me moverei aconteça o que acontecer — assegurou. Ouviu-a levantar e ficar atrás dele sem saber o que pretendia fazer. Pela extremidade do olho a viu ajoelhar-se. "Esta é a parte em que me converto em homem morto", pensou. Pôs as mãos nas nádegas e percorreu com



delicadeza os contornos. Logo se inclinou para frente e começou a morder para logo passar a língua e acalmar as mordidas. Inclusive lhe colocou a língua na racha e acariciou com a ponta da língua a pele enrugada. Gabriel não sabia o que fazer. As sensações eram quase insuportáveis. Nunca antes alguém o tinha acariciado daquela forma e descobriu que adorava. Não tinha nem ideia de que aquela zona era tão sensível nem de que gostava que andassem ali. Quando tivesse ocasião provaria nela.

—Dê a volta para que possa te fazer uma mamada — Mariah não estava segura se teria o valor de dizer todas aquelas palavras sujas, mas a ele pareceu gostar, assim como a ela. Gabriel se voltou e ela se esticou para rodear com a boca. Sugou um pouco com as bochechas e Gabriel ficou desesperado. Mariah notou como esticaram os testículos e soube que Gabriel não poderia evitar ejacular na sua boca. Mariah adorava sentir que ele se deixava ir e era glorioso apanhar na boca todo aquele poderio. Quando Gabriel acabou lhe deu um pequeno beijo na ponta do pênis e se levantou. Ele parecia muito aturdido de modo que perguntou:

—Está bem, Gabriel?

Respondeu com olhar vidrado.

—Acredito que acabo de ter uma experiência religiosa. Pareceu-me estar por um minuto no céu.

Mariah riu e ficou olhando. Tinha um corpo maravilhoso, musculoso e forte e estava esplêndido com as pernas. Se fosse por ela, as usaria todo o tempo. Mariah agarrou sua mão e o levou para a cama.

—Deite-se aí. Ainda não acabei com você, cavalheiro.

Gabriel se meteu na cama e se esticou. Ela ficou escarranchada sobre ele. Começou por lhe beijar as pálpebras e por chupar as maçãs do rosto. Logo passou a sensual boca e morder e chupou o lábio inferior. Gabriel colocou a língua na boca de Mariah e passou sua língua primeiro por cima e logo por debaixo. Ela retirou a sua um pouco e a passou pelos dentes dele e pelo interior das bochechas. Retirou a língua e foi beijando o pescoço, chupando e deixando uma marca. Em seguida beijou a clavícula e passou a ponta da língua. Passou as mãos pelo cabelo do peito; acariciou como se fosse um gato. Lambeu o umbigo e descobriu ao lhe colocar a ponta da língua dentro que Gabriel tinha cócegas. Moveu o corpo para baixo e com uma mão se apoderou do pênis. Ato seguido o cobriu com a boca como querendo tragá-lo inteiro. Estava de novo tão excitado que quase não pôde colocá-lo inteiro na boca. Aplicou pressão com a língua e as bochechas e Gabriel começou a gemer e a contorcer-se debaixo dela.

—Não aguento mais. Tenho que te foder — disse. Ela se elevou. Estava tão úmida que Gabriel se introduziu dentro dela sem esforço. Ela se abaixou sobre ele e Gabriel pôde sentir como seus músculos interiores se apoderavam dele. Ela sentia o couro das pernas esfregar-se contra as nádegas cada vez que baixava. Era muito suave e fino e em marcado contraste com o áspero pelo púbico de Gabriel. Gabriel não pôs um preservativo e ainda não se deu conta. Estava muito perdido no êxtase do momento.

Ele adorou sentir que os músculos dela puxavam-no para introduzi-lo cada vez mais naquele canal. Ela estava muito úmida e pronta para ele. Ele se colocou até o fundo e começou a marcar o



ritmo. Ela o aceitou e se golpeava contra ele para assim introduzir o máximo possível dentro dela. Gozaram os dois juntos em uma explosão de cor. Por um momento Gabriel ficou cego e quão único podia fazer era sentir as ondas do multiorgasmo de Mariah atravessando-a e reverberando nele. Tratou de cadenciar a respiração e relaxar o corpo. Logo afundou a cabeça na suavidade do travesseiro. Mariah se deixou cair para frente e ficou estendida de barriga para baixo sobre o corpo dele incapaz de mover-se. Permaneceram assim uns minutos até que Gabriel se deu conta de que algo quente e úmido estava caindo sobre a cama. Assustou-se ao ver que era seu sêmen e o primeiro que lhe veio à mente foi que estourara o preservativo. Logo recordou a sensação ao estar dentro dela e se deu conta de que a alta sensibilidade se devia à falta do preservativo. Não tinham usado camisinha.

—Mariah — disse com voz suave. Ela se incorporou e se apoiou nos cotovelos e o olhou sorridente.

—Olá — respondeu com o sorriso torto — Nunca imaginei que montar seria tão divertido.

—Mariah — disse ele sério— Fizemos sem camisinha — Olhou-a e tratou de avaliar sua reação diante tamanha notícia.

—Sei. Foi maravilhoso, ou não? O contato pele contra pele é alucinante.

Gabriel ficou boquiaberto.

—Isso é tudo o que tem que dizer? — perguntou incrédulo — Me esqueci de te proteger e a você não ocorre outra coisa que dizer que foi alucinante.

—Não se esqueceu de me proteger. Os dois nos esquecemos de tomar precauções. É tanto tua responsabilidade como minha, portanto não trate de se culpar por isso — Moveu o dedo indicador em sinal de advertência. Ele se inclinou para frente e lhe chupou o dedo delicadamente. Logo afastou a boca e disse:

—Não estou falando de culpa, mas devemos ser sensatos. Ambos fizemos exames recentemente assim do que nos temos que preocupar é de que fique grávida — Desceu da cama, agarrou-a pela mão e a levou com ele para a cadeira. Gabriel se sentou e a fez sentar-se em seu colo. Ela se aconchegou e colocou a cabeça debaixo do queixo dele — E bom? —perguntou — O que tem a dizer a respeito? — Ela se afastou e girou a cabeça para poder vê-lo. Gabriel ficou à espera da resposta.

Olhou-o cheia de amor e confiança.

—Já sabe. Se descobrisse que estou grávida com seu filho, ficaria muito feliz — disse precipitadamente — E você? Como se sentiria?

Ele pensou bem antes de responder. Já tinham falado da possibilidade de ter um bebê, mas agora os atos se converteram numa possibilidade real.

Por fim falou e disse:

—Preferiria esperar, mas se descobríssemos que está grávida, ficaria encantado — Mariah, que tinha segurado a respiração, voltou a respirar. Gabriel tinha o rosto iluminado. Aquilo era o que ela queria ouvir e ele reconheceu para si mesmo que havia dito a verdade. Adoraria vê-la gorda com um bebê seu dentro. Adoraria vê-la nua e ver como mudaria o corpo com o filho de ambos crescendo no interior.



Mariah, sentada em seu colo, deu-se conta de que estavam nus e que teria que fazer algo a respeito. De fato, deu-se conta de que ela estava nua e que ele levava as pernas. Notou que o pênis voltou a crescer debaixo dela e lhe cravava o traseiro. Desceu do colo, foi para a mesinha de noite e agarrou um preservativo. Quando retornou Gabriel tinha ido sentar-se à poltrona.

—Acredito que será mais fácil fazer amor aqui — disse. Mariah abriu o pacote do preservativo e o desenrolou sobre o pênis. Montou sobre a poltrona. Colocou um pé a cada lado de Gabriel e a seguir se abaixou sobre ele sem afastar a vista dele até que esteve completamente empalada. Inclinou-se para frente e enterrou a cara no cabelo do peito dele e deixou que a língua brincasse com os mamilos. Atormentou o primeiro mamilo e logo mudou ao outro. Passou a mão pelo pelo do peito e com um dedo seguiu a linha do suave pelo que ia do peito passando pela barriga até chegar ao pênis. Com o polegar e o dedo indicador rodeou o pênis ali onde os dois estavam unidos. Elevou o justo para que houvesse espaço suficiente para que seguisse dentro dela e ela pudesse apertar seu pênis e subir polegar e indicador ao mesmo tempo que o resto.

Gabriel gemeu ante o duplo ataque de sensações. Tinha o pênis fortemente apanhado em seu canal e ao mesmo tempo no aro que formavam o polegar e o indicador dela. Mariah observou como iam mudando as expressões de Gabriel à medida que o orgasmo se apoderava dele. O rosto se esticou e fechou os olhos no momento crucial. Soltou-o rapidamente e Gabriel a empurrou pelos ombros para baixo para que o tomasse em sua totalidade. Viu-o jogar a cabeça para trás extasiado e a surpreendeu seu próprio orgasmo. Deixou-se cair na proteção que ofereciam os braços de Gabriel e ele a rodeou e a aproximou ainda mais.

Depois de uns minutos se retirou devagar de dentro dela e lhe pondo um braço sob as pernas a elevou no ar. Ela se agarrou no pescoço dele e deixou que a levasse a cama, onde retirou as mantas e a depositou. Gabriel foi ao quarto de banho e tirou o preservativo. Voltou e tirou as pernas. Mariah observava como em transe ele baixar os zíperes e abrir a fivela da cintura e tirar as pernas. Colocou-as sobre o respaldo da cadeira e se meteu na cama com ela. Envolveu-a com seu corpo na postura da colher e a apertou contra seu peito.

—Me pergunto se Roy e Dê terão passado alguma vez tão bem com um par de pernas — disse Gabriel pensativo. Mariah riu com vontade. Era difícil visualizar a imagem que se formou na mente. Seguiram calados uns minutos e logo Gabriel disse — Sabe uma coisa? Agora não há forma de que consiga dormir. Estou morto de fome. Podemos descer e comer algo? Não sei o que cozinhou, mas cheirava muito bem.

Mariah se desenroscou dos braços dele e levantou. Foi ao armário e tirou um penhoar. Gabriel suspirou ao vê-la esconder aquele precioso corpo. Bom. Sabia com que facilidade o tirava. Ela retornou ao lado da cama e estendeu os jeans.

—Desmancha prazeres! — disse Gabriel agarrando os jeans e vestindo — Tinha pensado em comer nu.

—Já imaginava — replicou Mariah — E isso significaria que não chegaríamos nunca a comer algo — fixou-se no detalhe de que Gabriel vestiu os jeans, mas não os abotoou de tudo. Deixava entrever a sexy linha de pelo sedoso que ia da barriga até o pênis.

—Sempre poderíamos nos comer mutuamente — disse Gabriel — Tem essa preciosa mesa



antiga na cozinha e a imagino estirada sobre ela como um banquete para um homem faminto.

Mariah explodiu em risadas.

—Pois terá que se conformar com chili e bolo de doce de leite de sobremesa. — Saiu do quarto com ele a seguindo de perto. Irromperam na cozinha atraídos pelos deliciosos aromas. Gabriel tirou tigelas e copos do armário enquanto Mariah pegava a concha de sopa e toalha. Pegou do fogão a panela com o chili e se reuniram na mesa onde se sentaram em meio de risadas. Mariah serviu um pouco de chili para cada um e logo se levantou para pegar algo da geladeira.

—Ei, volta e come — disse Gabriel. Mariah olhou por cima do ombro e disse — Sim, já vou. Só quero pegar um pouco de queijo ralado para o chili. Aqui está! —disse agitando a vasilha. Voltou a sentar e o abriu.

—Tem um pouco de molho picante para pôr nisto? — perguntou Gabriel. Mariah rebuscou no armário e tirou uma garrafa pequena de calda Red Hot que entregou com cautela. Ele abriu o frasco e começou a jogar generosamente sobre o chili.

—Céu santo, Gabriel! — exclamou assombrada — Pensa em te atear fogo?

—Adoro comida picante — respondeu Gabriel com um sorriso encantador — Este chili cheira maravilhoso — disse aspirando.

—Quer pôr um pouco de queijo? — ofereceu Mariah.

—Não. Gosto de picante, com especiarias e sem adornos. Como você, mais ou menos — disse com uma piscada. Tomou uma boa colherada e fez um gesto de aprovação com a cabeça. Mariah pôs um pouco de queijo em cima de seu prato e tomou um bocado.

—Está realmente bom, verdade? — disse voltando a tirar outra colherada. Quando acabaram, Gabriel agarrou as tigelas e colocou no balcão. Mariah pegou o sorvete de baunilha e o bolo de doce de leite.

—Pode pegar outras tigelas e umas colherinhas para a sobremesa? — pediu. Ao deixar o sorvete e o bolo, Gabriel a agarrou pelo pulso e a fez sentar-se em seu colo — O que faz? — perguntou Mariah rindo.

—Gosto de uma sobremesa dupla. Bolo e você — Mariah serviu duas porções do saboroso bolo nos pratinhos deixando que o cremoso calda de chocolate ficasse na parte de cima. Colocou a colher na vasilha de sorvete e pôs em cima de cada porção. Recordou o que havia dito a amiga com respeito ao vestidinho negro e o sorvete de baunilha. Imaginou que Gabriel se importaria de em vez do vestidinho fosse um robe, sobretudo tendo em conta que debaixo do robe não usava nada. Gabriel afundou a colherinha na mistura de bolo e sorvete e ofereceu a ela. Esta abriu a boca e deixou que Gabriel lhe desse de comer. Mariah gemeu respeitosa. Estava muito bom. Logo encheu sua própria colher. Gabriel abriu a boca para receber o oferecimento. Mariah se assegurou de manchar sua boca com calda de chocolate para assim poder tirar com lambidas. Gabriel adorou. Voltou a pôr a colherinha na tigela embora desta vez só pegasse o sorvete. Ao levar a colher à boca de Mariah, deixou que caísse a pegajosa e fria massa justo por cima das lapelas do robe.

—Vá — disse com cara de chateado — Não quero manchar seu robe — E afastou o robe e chupou o sorvete que já se derretia e descia pelos seios.



Uma vez mais Mariah pensou que este jogo podia ser jogado por dois. Pegou sorvete com a colher, recostou-se para trás e lubrificou o ombro de Gabriel. Inclinou para frente e chupou para logo a seguir lambeu o pescoço. Tanto o frio como os lambidas felinas estremeceram Gabriel. Continuaram dando um ao outro a sobremesa deixando-se levar de vez em quando por estes travessos jogos preliminares. Quando acabaram a sobremesa, Gabriel sentou-a na mesa. Ele se recostou na cadeira e Mariah abriu as pernas.

— Parece estar igualmente saborosa como a sobremesa — disse com os olhos fixos no lugar secreto — Bonita e cremosa. Pergunto-me se terá sabor igualmente bom.

— Suponho que terá que averiguar — foi a proposta dela, que se inclinou para trás apoiando-se com as mãos estendidas na mesa. Gabriel por sua vez se inclinou para frente e a cheirou. O aroma de mulher era muito erótico. Tirou a língua e apenas a roçou com a mesma. Mariah gemeu. Lambeu a racha com a língua plana e logo lhe cravou a ponta no clitóris. Meteu-o na boca e começou a chupar. Tornando-se um pouco para trás viu como a rica nata de Mariah começava a correr de modo que a saboreou com a língua. Tinha realmente sabor igual à nata mais saborosa que tivesse provado. Olhou-a e disse:

— Tem um sabor delicioso — passou a língua pelos lábios. Introduziu um dedo. Tirou-o e o mostrou. Reluzia com seus sucos — Abre a boca — ordenou. Mariah obedeceu e Gabriel colocou o dedo em sua boca e deixou que o chupasse.

— Vê? Disse que tinha um sabor delicioso — sussurrou. Ela assentiu com a cabeça e observou fascinada como Gabriel se levantava e tirava os jeans e antes de deixá-los cair no chão tirou um preservativo do bolso. Colocou-o no enorme pênis ereto e atraiu-a para a beirada da mesa. Os músculos dos ombros e braços se incharam ao elevá-la da mesa e colocá-la sobre o pênis. Graças ao cremoso lubrificante de Mariah deslizou com facilidade dentro dela. Ela notou como seu próprio corpo engolia pouco a pouco Gabriel até ter tudo dentro. Ele não se moveu. Seguiu ali sentado com ela montando-o e flexionado dentro dela. Em resposta, os músculos de Mariah lhe fizeram cócegas. Logo a agarrou pela cintura, elevou-a e a voltou a baixar. Seguiu um ritmo lento permitindo que o pênis estimulasse o clitóris em cada baixada. Mariah precisava mover-se, assim pôs as mãos nos ombros para apoiar-se e começou a mover-se cada vez mais rápido. Olhou diretamente seu rosto e observou as mudanças à medida que se aproximava do orgasmo. Gabriel fechou os olhos, esticou a face e soltou um alarido como resultado de tanta intensidade. Mariah gozou justo depois e se deixou cair sobre o peito do Gabriel gritando no seu ouvido enquanto os tremores pareciam não querer acabar nunca. Não podia mover-se e temia desmaiar por causa da força do orgasmo. Cada vez que faziam amor era mais potente que a vez anterior. Gabriel agarrou seu rosto entre as mãos. Beijou-a com delicadeza e logo a cobriu em seus braços.

— Aproveitou a comida? — perguntou Mariah apoiada contra o peito de seu homem. Notou o estrondo de risada de Gabriel.

— Não recordo a última vez que desfrutei tanto de uma comida — disse ainda rindo — De fato, acredito que nunca tive oportunidade de comer primeiro a comida e em seguida acabar comendo o cozinheiro.



—Olhe só, minha amiga tinha razão — disse Mariah pensativa.

—A que se refere? — pediu Gabriel que esclarecesse.

—Minha amiga disse que com um vestidinho negro e uma tigela de sorvete de baunilha, uma mulher era capaz de obter tudo o que quisesse. Suponho que isso é aplicável tanto para um vestidinho como para um robe. Em pouquíssimo tempo te tive comendo da palma de minha mão.

Gabriel a olhou com um sorriso irônico.

—Bom, para ser preciso, não foi exatamente da palma de sua mão de onde comi, mas de todo modo foi delicioso.

Mariah ruborizou ao dar-se conta de onde tinha comido e o muito que ela tinha gostado.

Voltou a colocá-la com cuidado sobre a mesa e se desfez do preservativo. Voltou para a mesa, juntou as duas partes do robe e atou com o cinturão. A pegou nos braços. Deteve-se na porta para que pudesse apagar as luzes e subiu pelas escadas. Deixou-a na cama e ato seguido se deixou cair a seu lado. A aconchegou entre seus braços. Em poucos minutos notou por sua respiração que tinha adormecido. Deu-se conta de que sequer contou o que tinha acontecido com Burke. Contaria pela manhã. Estava ficando tarde e ela no dia seguinte tinha que ir ao colégio, a deixaria no colégio e em seguida iria ao escritório do xerife para ver como ia a operação na casa de Mark. Sentiu que Mariah tocou suas partes. Que pena que tivesse o corpo muito cansado para lhe responder!

Capítulo quatorze

Mariah abriu os olhos e viu que tinha estendido o braço sobre seu amante e que acomodava a cabeça em seu peito. Flexionou os dedos e os passou sobre a suave pelagem. Foi recompensada com um gemido. Seguiu baixando a mão e deu com a impressionante ereção. Graças a Deus por ter inventado as ereções matinais! Ele deveria pensar o mesmo porque colocou a mão debaixo do travesseiro e tirou uma camisinha do montão que tinha posto ali a noite anterior. Abriu-o com os dentes, o pôs, separou-a dele e a penetrou por trás. Daquele ângulo a penetração resultava tão profunda que Mariah se surpreendeu com a sensação de ser estirada de tal maneira. Gabriel entrava e saía a um ritmo lento desfrutando da sensação de despertar ao lado daquela mulher. Quando os músculos dela começaram a agarrar aumentou o ritmo e seguiu investindo por trás. Agarrou-a pela cintura aproximando-a dele em cada investida. Em seguida Mariah sentiu a já conhecida sensação reveladora e soube que estava a ponto de gozar. Gabriel gritou no momento de ejacular, mas continuou bombeando até que também a seguiu à inconsciência.

Mariah ouviu a risada dele bem ao lado de seu ouvido.

—Poderia me acostumar a despertar assim todos os dias — disse Gabriel. Ela se aconchegou contra ele deleitando-se com a comodidade que aquele corpo proporcionava. Era perfeitamente consciente de quão fácil seria acostumar-se a despertar ao lado de Gabriel todos os



dias. Elevou a cabeça e olhou o relógio. Tinha que levantar-se, mas resistiu a abandonar o casulo que tinham criado.

—Deveria me levantar já para me arrumar e ir ao colégio. Se importaria de me levar? — deitou de costas enquanto ele se posicionou colocando um braço sobre a barriga dela e pondo uma perna em cima das suas. Brincava fazendo circulozinhos ao redor do umbigo e brincando disse:

—Quer que te leve de novo? E eu que acreditava que acabava de te levar a um lugar fantástico.

— Me levar ao colégio — replicou Mariah dando um golpe frouxo no braço — Adoraria que me levasse a dar este tipo de voltas durante todo o dia, mas acredito que a diretora não estaria totalmente de acordo. É muito boa, mas pode não entender que necessite um Dia de Sexo. — Fez um gesto de negação com a cabeça — Folgarei na sexta-feira assim não posso faltar mais dias.

—Bom, não podia deixar de perguntar — disse Gabriel — Deixo-a no colégio e depois vou ver Burke.

—Não me contou o que aconteceu ontem à noite — disse girando para olhá-lo. Gabriel duvidou por um instante; queria contar o que tinha acontecido, mas sabia que não podia compartilhar com um civil.

Mariah viu que pensava no que ia contar e não se importou que não quisesse contar tudo. Queria que soubesse que ela sempre estaria ali se a necessitava e o que dissesse estaria bem. Gabriel fez um pequeno resumo do que tinha acontecido na granja. Deixou-a sem palavras.

—Procuram esse tipo por ter matado um agente em Chicago e aparece aqui no meio do nada. É muito estranho.

—Essa é a razão pela qual está aqui. Está no meio de um nada e encerrado. Encontra-se seguro para terminar suas destrezas. A verdade é que foi uma grande sorte que Mark decidisse contar ao seu irmão — Gabriel se levantou e foi ao banheiro. Na porta se deteve e a olhou — Burke chamou o FBI e ficamos de encontrar hoje com eles para ver o que planejam — Entrou no banheiro. Mariah o ouviu. Gabriel se sentia tão a gosto com ela que sequer se incomodava em fechar a porta. Teve que rir. Em somente uns poucos dias tinha passado de uma mulher que vivia sozinha a uma mulher que vivia com um amante que se sentia tão a gosto consigo mesmo e com ela que nem se incomodava em fechar a porta do banheiro. Era uma sensação muito agradável. Gabriel apareceu a cabeça e disse:

— Vou para ducha. Gostaria de compartilhá-la?

—Adoraria, mas sei que se o fizer não chegarei a tempo no colégio.

Gabriel elevou uma sobrancelha.

—Pois então terei que remediar saltando em cima de você assim que chegar em casa esta noite.

—Já estou impaciente — confessou Mariah. Gabriel voltou a entrar e uns segundos depois se ouviu a água correndo da ducha. Ela continuou estendida na cama escutando o ruído da água. Logo começou a imaginá-lo nu na ducha. Imaginou aquele formoso corpo caindo água sobre o peito, sobre o delicioso pênis, e descendo pelas longas pernas e os enormes pés. Ensaboaria as



mãos e lavaria o rosto e os braços. Podia imaginá-lo ensaboando o pelo das axilas e logo lavando a barriga. Pegaria mais sabão e primeiro com uma e logo com as duas mãos lavaria o pênis. Teria as mãos tão escorregadias que teria que aplicar mais pressão. Agarraria o pênis com ambas as mãos e o esfregaria de cima abaixo, cada vez mais forte. Poderia inclusive ser que pensasse nela, em lhe colocar esse enorme membro dentro, de modo que moveria as mãos com mais rapidez e mais dureza para acabar gozando. Mariah evocou a imagem de Gabriel masturbando-se até gozar. De repente se perguntou se não o estaria fazendo precisamente naquele momento. Queria observar como chegava à ejaculação e que soubesse que estava olhando.

Desceu da cama e foi ao banheiro. Distinguiu a silhueta através do biombo opaco. Viu-o lavar o rosto e os braços tal como acabava de imaginar. Observou ensaboar a barriga e logo viu que ia baixando as mãos. Quando agarrou o pênis e começou a lavá-lo, Mariah notou uma mudança no ambiente. Carregou-se como se soubesse que ela estava ali e soubesse que estava olhando. Gabriel sorriu ao virar-se e ficar de costas para a água. Mariah abriu o biombo. Sabia que a tinha ouvido, mas manteve os olhos fechados fingindo o contrário.

Gabriel se achava imerso em um estado de felicidade acariciando os testículos e o pênis com as mãos ensaboadas. Seus movimentos se fizeram mais duros e Mariah soube que estava a ponto de ejacular assim se meteu na ducha e se ajoelhou a seus pés. Elevou as mãos, afastou as dele e deixou que a água da ducha o limpasse.

Gabriel abriu os olhos para ver como o masturbava primeiro e em seguida fazia uma mamada. Voltou a fechar os olhos para se concentrar na boca dela e no prazer que proporcionava. Chupava e puxava dele e lambia e num abrir e fechar de olhos Gabriel se converteu em um gêiser. Abriu os olhos e viu que Mariah tinha as bochechas ruborizadas e que respirava entrecortadamente. Dobrou-se e a agarrou para abraçá-la. Sustentou-a pela cintura com uma mão para evitar que deslizasse como derretida ao fundo da banheira. Com a outra mão agarrou o delicado clitóris. Gabriel colocou dois dedos e começou a imitar o que teria feito seu pênis ao estar dentro dela. Com uma única sacudida Mariah se derrubou e gritou. Ele permaneceu completamente quieto deixando que a água descesse pelas costas e esperando poder voltar a articular ao menos duas palavras seguidas.

—Como soube que estava tendo fantasias com você nas quais entrava e me olhava?

—Estava estendida na cama ouvindo o ruído da água — explicou Mariah sem respiração — e comecei a imaginar o que estaria fazendo. Imaginei que estaria tocando seu membro e quis ver como se masturbava. A intenção era só olhar, mas não pude resistir a te fazer uma mamada. Tem um sabor muito rico — confessou tímida.

—Adorei. Saber que estava olhando me pôs muito excitado — Mariah o beijou e voltou a ensaboá-lo para tirar os restos da sessão de sexo. Passou muito tempo assegurando-se de que primeiro o peito e logo as costas estivessem perfeitamente limpas, mas antes de poder dedicar a mesma atenção ao pênis, Gabriel arrebatou o sabão e ensaboou a mão. Ensaboou-lhe os seios e desfrutou passando o sabão também entre as pernas — Tenho que me assegurar de que esteja totalmente limpa.

—Obrigado pela atenção aos detalhes — agradeceu ela.



—Encantado de servi-la, senhora — replicou ele.

—Acredito que será melhor que me prepare para ir trabalhar. Fazer duas vezes amor pela manhã antes de ir trabalhar transtorna a pontualidade — Gabriel fingiu estar desiludido ao que ela respondeu rindo — Não estou me queixando. Tão somente estou deixando claro um fato. Por norma me levanto, tomo uma ducha e saio. Fazer amor pela manhã acrescenta um desafio ao meu horário, mas adoro — Gabriel saiu da ducha, pegou uma toalha e ajudou-a a sair. Envolheu-a na suave toalha e se secou com outra. Desapareceu no dormitório e a deixou para que acabasse de secar-se.

Quando Mariah voltou para dormitório, Gabriel estava estendido na cama, recostado nos travesseiros com um braço atrás da cabeça. Mariah se pegou a si mesma fixando-se no pelo que saía da axila dele e não pôde explicar por que aquilo a punha tão excitada.

—Quero ver como se veste — explicou Gabriel interpretando mal o olhar dela. Ela tentou centrar-se no fato de ter que vestir-se, mas era difícil com um homem impressionante como aquele seguindo cada um de seus movimentos. Tirou um sutiã e calcinhas coquete. Procurou no armário até encontrar seu vestido de verão favorito. Pôs os objetos sobre a cama. Vestiu as diminutas calcinhas. Passou os braços pelas tiras do sutiã e grampeou o fechamento frontal de mariposa. Gabriel a observava atentamente.

—Acredito que esta poderia converter-se em minha parte favorita do dia — declarou — Adoro ver como se veste. Gosto de ser a única pessoa que sabe o que se esconde debaixo dessa comportada e formal roupa, saber que se colocasse a mão debaixo, tocaria o traseiro nu mal coberto por essas calcinhas diminutas. Gosto de saber que um pequeno puxão na parte frontal do sutiã te deixaria livre os mamilos e que poderia tampá-los com minha boca e chupá-los até fazer que goze.

—Gabriel! —disse Mariah fingindo indignação—. Que coisas tão escandalosas diz!

—Sim, mas acredito que você gosta — disse às costas dela enquanto esta voltava a entrar no banheiro. Seguiu-a porque não quis perder nada da rotina matinal. Apoiou-se contra a porta com mãos e pés cruzados. Dirigiu um olhar inquisitivo ao que ele respondeu— Quero ver como se arruma. Importa-se? —Mariah assentiu com um tímido gesto da cabeça— É que nunca tive uma relação tão livre e pessoal e gostaria de olhar quando faz "coisas de mulheres".

—Fico um pouco nervosa que me olhe, mas enquanto que também tenha oportunidade de te ver fazendo "coisas de homens" não haverá nenhum problema — foi a resposta um tanto tímida.

—Tendo em conta o que acaba de ver acredito que não há coisa mais de homens que essa — disse rindo. Mariah se ruborizou ao recordar.

—Gabriel! Referia-me a coisas de homens como barbear-se e outras — replicou Mariah com fingida indignação — Certamente, me deixará olhar depois enquanto se barbeia?

—Tinha entendido que tinha pressa — Gabriel sorriu e se colocou ao lado do lavabo.

—Bem, tampouco tanta. Para isso arrumo tempo. Nunca vi ninguém senão meu pai barbear-se e acredito que isto vai me agradar muito — respondeu Mariah jogando uma olhada no espelho ao glorioso corpo nu de Gabriel. Observou-o encher o lavabo com água quente e pegar



creme de barbear. Destampou e pôs uma boa quantidade na palma da mão. Mariah voltou a tampar. Seguiu fascinada olhando como esfregou ambas as mãos, cobriu o rosto até as costeletas com a espuma e em seguida se raspou. Molhou o rosto com água do lavabo, tirou todos os restos de pelo que pudessem ficar e secou a face com uma toalha. Destampou o lavabo para que a água saísse pelo deságue, secou o lavabo e se voltou para Mariah.

—Nunca antes alguém me observou enquanto me barbeava. Mas tenho que dizer que gostei.

—E eu gosto de vê-lo fazer coisas de homens.

Sem nada mais dizer Gabriel se ajoelhou frente a ela e disse:

—Então acredito que esta coisa de homens vai te agradar muito mais. — Começou a beijar sua barriga quente. Logo inclinou a cabeça e esfregou a recém barbeada bochecha contra a delicada pele igual faria um gato grande.

—Se seguir assim não vou conseguir na vida me preparar para ir ao trabalho.

Gabriel olhou para baixo e viu que começava a ter outra ereção. Riu e disse:

—A não ser que vá trabalhar não conseguirei fazer outra coisa que não seja continuar assim.

—Perverso — ela recriminou — Não pensa em outra coisa?

—Parece que não. Cada vez que a tenho perto minha mente só pensa numa coisa.

Mariah se afastou dele e se obrigou a centrar-se na rotina matinal. Tratou de fingir que Gabriel não estava ali enquanto passava o desodorante, um pouco de creme no rosto e escovava e trançava o cabelo.

Gabriel se sentou na tampa do vaso sanitário e a observava atentamente. O fascinava o hábil movimento dos dedos ao domar a juba e convertê-la em uma formosa trança francesa. Era como ela: tudo perfeitamente ordenado, mas esperando a mínima oportunidade de soltar-se e tomar voo. Viu-a pegar algo da cesta que estava no suporte e vir para ele.

—De a volta — ordenou. Gabriel se deslizou de lado sobre a tampa do vaso sanitário de maneira que Mariah pôde ficar de pé a suas costas. Com a ajuda de um pente, Mariah desembaraçou o cabelo dele. Gabriel fechou os olhos e se deleitou com a suave escovação. Não recordava a ninguém mais que fizesse algo assim por ele. E, adorou. Mariah agarrou uma borracha elástica do suporte e prendeu o cabelo em um rabo. Dando um beijo no ombro disse — Pronto.

Gabriel agarrou sua mão e beijou a palma. —Obrigado.

Mariah se deu conta de que estes pequenos detalhes significavam muito para ele. Sem dúvida necessitava um pouco de amabilidade na vida.

—Tenho que me vestir — disse Mariah acariciando seu rosto. Foi ao dormitório olhar o tempo que ficava. Foi para a cama, pegou o vestido e o pôs com cuidado. Pegou um par de sandálias debaixo da cama. Não tinha sentido as pôr já, porque na moto necessitaria de outro calçado, assim, as colocou debaixo do braço, pegou um par de meias e desceu à cozinha para preparar o café da manhã. Gabriel a seguiu com passo mais lento e pescando de passagem uma camiseta e um par de meias da bolsa. Vestiu a camiseta e a colocou dentro da cintura dos jeans enquanto saía do dormitório. Desceu rápido as escadas para ajudar com o café da manhã. Quando



entrou na cozinha viu que Mariah estava atarefada tirando tigelas e cereais. Ele se sentou à mesa e calçou as meias observando à atarefada Mariah.

—Quer que prepare o café? — perguntou. Ela negou com a cabeça.

—Tomarei chá, mas já imaginava que você tomaria café pela manhã — Gabriel assentiu com a cabeça. Gabriel a observou fascinado. Quando todo o café se filtrou, Mariah pegou um saquinho de chá. Meteu-a em uma bule e acrescentou água fervendo. Verteu mais água fervendo no filtro de café para que gotejasse. Quando a xícara esteve cheia, pôs o filtro na pia e passou a xícara ao Gabriel.

—Onde aprendeu a preparar o café assim? —perguntou.

—Meu amigo o fazia assim na universidade e me agradou. — Gabriel acrescentou um pouco de leite e açúcar e disse que estava delicioso. Mariah se serviu de uma xícara de chá e tirou cereais e leite— Não deu para preparar muito para o café da manhã — se desculpou com estupidez.

—Cereais estão bem. Normalmente nem me incomodo em tomar o café da manhã — a desculpou Gabriel. Mariah fez um gesto de negação com a cabeça.

—Não sou capaz de fazer nada na hora de comer se não tomar algo no café da manhã — explicou com ênfase.

—Tem que fazer algo hoje? —perguntou Gabriel.

—Acredito que não.

—Tentarei fazer algo para o jantar assim não terá que se ocupar disso quando chegar a casa — Mariah não podia imaginar nada melhor que chegar a casa e ter um jantar preparado por outra pessoa. Bom, sim, havia algo melhor: Gabriel nu esperando-a na porta para levá-la nos braços acima e fazer amor louca e apaixonadamente. Isso sem dúvida estaria melhor que uma comida caseira e engordaria muito menos, pensou rindo.

—Do que ri? —quis saber Gabriel.

—Bom, já sabe como às vezes a mente salta de um pensamento a outro e não pode detê-la — Gabriel assentiu com a cabeça — Estava pensando que não há nada melhor que chegar a casa e ter uma comida caseira, mas logo me ocorreu algo que sim seria melhor.

—E isso seria? — Gabriel ardeu de curiosidade. Ao ver que ela não queria responder voltou a perguntar fazendo um gesto ameaçador com o dedo— E isso seria?

—E isso seria chegar a casa e te ver me esperando na porta — soltou Mariah de um só golpe.

—Posso te esperar na porta se quiser — respondeu Gabriel com cara de santo.

—Um momento. Não tinha acabado. Gostaria de chegar a casa e te ver me esperando na porta, mas nu — admitiu ruborizada.

—Nu — O sorriso dele era gigantesco.

—Sim, nu. E logo me levaria acima e me foderia como louco.

—Adoraria te esperar nu e te levar acima e fodê-la até que não pudesse mais, mas temo que hoje não possa ser — Mariah ficou decepcionada — Por que não?

—Terei que trazê-la para casa de moto, a não ser que tenham arrumado seu carro. —Um



sorriso encheu o rosto de Mariah.

—Vá. Então hoje teremos que vir juntos — aceitou feliz.

—Veremos o que acontecerá ao chegar a casa — disse Gabriel.

—Vá — Mariah se levantou e levou os pratos à pia — Vou acabar de me arrumar e vamos. — Subiu e escovou os dentes. Logo deu lugar ao Gabriel que tinha entrado para o mesmo. Era uma situação muito íntima estar um ao lado do outro escovando os dentes. Não pôde evitar pensar que era curioso. Acabava de ter o pênis dele na boca e, entretanto, parecia-lhe muito mais íntimo escovar os dentes juntos. Gabriel pegou a capa e a pistola Glock da mesinha de noite. Mariah observou em silêncio pôr ambas e a seguir desceram juntos.

Gabriel pegou outra jaqueta de couro que estava ao lado da porta e a deu a Mariah. Vestiu, pegou os livros e os meteu na mochila junto com as sandálias. Gabriel calçou as botas, a jaqueta e a seguir pegou os dois capacetes da mesa que estava ao lado da entrada enquanto Mariah vestia as meias e botas. Gabriel abriu primeiro a porta de madeira e logo a de rede metálica e fez Mariah passar adiante dele. Fez um gesto de negação com a cabeça ao ver que Mariah não fechava com chave. Teria que acostumar-se a viver no campo.

—O colégio é perto do escritório do xerife? — perguntou lhe passando o capacete. Ela o assegurou com a cabeça e pôs a mochila à costas.

—É na Rua Principal — respondeu olhando Gabriel. Ao fazer este um gesto afirmativo com a cabeça continuou — Passe o escritório do xerife e o colégio é ali ao lado do parque.

—Bom, parece fácil de encontrar. Diga onde quer que te pegue depois. Quer que telefone para saber do carro ou terá tempo de fazê-lo com o passar do dia?

Mariah esqueceu por completo do carro. Se não tivesse sido pela avaria do carro, nunca teria conhecido Gabriel. Talvez devesse lhe dar uma capa de bronze como tributo à colaboração à boa sorte.

—Como o mecânico não tem nem ideia de quem é, será melhor que eu chame na hora de comer. Em seguida te aviso e comunico o que há.

—Certo. Pois então, a falta de outro aviso, pego você depois da aula. A que horas? — Mariah calculou o tempo que demoraria para preparar as coisas para o dia seguinte.

—Venha por volta das quatro e meia. Então já estarei pronta — Gabriel assentiu com a cabeça e pôs o capacete. Montou na moto, pôs em marcha e Mariah montou atrás agarrando-o pela cintura. Com os braços o rodeando e as pernas o tocando Mariah desejou que oxalá fosse uma viagem comprida. Desgraçadamente num abrir e fechar de olhos percorreram os poucos quilômetros e se detiveram na frente do Colégio Hopeville. Ela desceu, tirou o capacete e se dirigiu ao trabalho. Ao passar ao lado de Gabriel, ele a agarrou pelo pulso.

—Não se esqueceu de algo? — perguntou com ironia. Mariah olhou desconcertada.

—Do que me esqueci?

—Disto! —abraçou-a e lhe deu um apaixonado beijo cheio de luxúria. Em seguida disse que fosse trabalhar. Mariah subiu as escadas principais do colégio aturdida. Gabriel pôs a moto em marcha e se dirigiu ao escritório do xerife. Mariah permaneceu nas escadas observando até que já não pôde vê-lo. Ao transpassar a porta do colégio adotou uma atitude profissional e tratou de não



pensar em Gabriel. Foi à sala de aula e se preparou para o dia. Soou a campainha e os meninos foram enchendo a classe. Mariah estacionou os pensamentos que se centravam em Gabriel. Conseguiu não pensar nele durante três minutos, mas logo começou a meter-se dentro dela sigilosamente e surpreendeu a si mesma perguntando-se o que estaria fazendo naquele momento. Os meninos começaram a rir e a falar e Mariah retomou a rotina e lhes deu as boas-vindas e os preparou para o dia de aula. Gabriel ficou relegado a um segundo plano, ao menos no momento.

Capítulo quinze

Gabriel percorreu o curto trajeto que separava o colégio do escritório do xerife. Teve uma decepção ao ver que o carro de Burke já se encontrava estacionado na vaga reservada para o xerife. Sentia-se tão bem que pensou em pregar uma peça no xerife ocupando o estacionamento reservado para ele. Esperava que a reunião daquela manhã não lhe baixasse o ânimo, embora o duvidasse. Sabia por experiência que uma vez que o FBI se misturava num caso, as forças locais passavam a ocupar um segundo posto.

Margaret elevou o olhar quando Gabriel entrou. Estendeu-lhe a mão e disse:

—Olá, sou Margaret. Ontem sequer me apresentaram ao menino novo. Dei um bom puxão de orelhas a esse pirralho do Burke. — Gabriel não pôde evitar sorrir. Não recordava a última vez que alguém o chamara de menino e adorou que se referisse ao Burke como "pirralho".

—Sou Gabriel, Gabriel Blackburn. E espero que tenha dado um bom puxão de orelhas.

Margaret soltou uma gargalhada e disse:

—Filho, acredito que gostarei de você. Ouvi que Mariah já gosta — Gabriel sabia que em uma cidade pequena nada era sagrado e que tudo era notícia, por menor que fosse.

—Não me faça muito caso — advertiu Margaret com um amplo sorriso — Gosto de me relacionar com as pessoas — Adotou um tom oficial e disse — O chefe está te esperando na sala de reuniões. Os federais estarão aqui por volta das zero e novecentos assim entra — Parecia que Margaret olhava muitos programas policiais: os federais chegariam as zero e novecentos. Recordou dos antigos programas da televisão. Sem dúvida, gostava desta mulher.

Burke estava sentado na vazia sala de reuniões. Elevou a vista para ver quem entrava e um sorriso amplo iluminou sua cara ao ver Gabriel.

—Suponho que Margaret te disse que os federais estarão aqui por volta das zero e novecentos — disse rindo.

—Certamente — respondeu Gabriel também com um sorriso— Acredito que assistiu muitas reprises de Canção Triste de Hill Street. Parece estar gostando de toda esta excitação.

—Bom ao menos alguém o faz — disse Burke com ironia— Imagino que me tirarão o caso sem mais, o que me parece bem tendo em conta quem é o personagem embora esperasse que ao menos você tivesse sua oportunidade. Diria que tem um interesse mais pessoal que eu nisto —



Gabriel franziu o cenho pensando que os federais poderiam lhe roubar a oportunidade de levar Simpson a julgamento em Chicago. Sabia que as acusações por drogas que imputariam os federais teriam supremacia sobre qualquer outra acusação estatal. As nove em ponto Margaret interfonou para Burke.

—Os federais já estão aqui, chefe — disse com voz confidencial pensando que assim os federais mesmo ao lado dela não poderiam ouvi-la.

—Por Deus, Margaret, faça-os entrar — foi a resposta exasperada de Burke.

—Vale, vale. Não há por que ficar assim — devolveu Margaret. Abriu a porta da sala de conferências e Margaret deixou passar os dois agentes — Aqui estão os federais — comunicou altiva para Burke — Volto para meu trabalho — E, saiu fechando a porta.

Burke estendeu a mão ao homem alto e de cabelo escuro que deu um passo para frente. Transbordava confiança e Burke soube instintivamente que estava ante um homem que sempre conseguia acabar um trabalho, não importava como. A suas costas havia um homem antissocial e calado que inspecionava a sala com o olhar. Burke se considerava alto, mas este tipo devia passar do metro noventa e, além disso, parecia um armário.

—Burke Forrester — se apresentou — Sou o xerife do condado de Orono — Disse de uma forma que pretendia deixar claro ao agente do FBI que o que quer que aconteça seguia sendo seu condado e seu trabalho era proteger seus cidadãos.

—Simon Lang do escritório de Houston — disse o moreno dando um forte apertão — este é meu companheiro, Taryn Linwood — Linwood inclinou a cabeça em modo de saudação, mas não disse nada.

"Sem dúvida: calado, mas letal" pensou Burke. "Este é um filho da puta."

—Este é um de meus ajudantes — começou a dizer Burke quando Gabriel saiu das sombras. Simon virou para lhe dar a mão e se voltou imediatamente para Burke.

—Merda, xerife! — espetou-lhe incrédulo — Que demônios está fazendo este renegado aqui? — Burke olhou de um para outro sem saber o que dizer.

—Quando disseram que enviariam um agente do FBI, pensei que enviariam um de verdade, não um rato de escritório de férias — disse Gabriel com risada seca. Burke não entendia o que acontecia com Gabriel. Encheria o saco daquele agente e isso traria muitos problemas com os superiores. Em vez de zangar-se Simon jogou a cabeça atrás e explodiu em uma sonora gargalhada. Agora sim Burke estava confuso. Gabriel foi para o agente do FBI, abraçou-o e deu palmadas nas costas.

—Simon, como diabos está? — perguntou. Simon devolveu a palmada com tanta força que se a tivesse dado a qualquer outro homem o teria feito ajoelhar-se.

—Estou genial. Mas, e você? O que faz aqui? — perguntou Simon surpreso.

—Deduzo que se conhecem — interrompeu Burke lacônico.

—Nós dois já estamos de volta — Gabriel sorriu. Olhou Simon e voltou a sorrir. Simon não se recuperara da impressão de voltar a ver seu velho amigo no meio de um nada — Simon estava no FBI em Chicago e trabalhamos juntos em alguns casos. E que tal está a pequena ruiva? — voltou a perguntar a Simon — Como se chamava? Bambi? Mandy? Algo pelo estilo.



—Já sei. Chamava-se Candy e não sei o que foi feito dela. Faz anos que não a vejo — confessou Simon incômodo — Que diabos está fazendo aqui, Blackburn? — perguntou Simon para distrair a atenção das incômodas perguntas a respeito de sua vida amorosa — Pensava que tinha deixado seu traseiro em Chicago causando pena.

—Estou de férias e me dedico a viajar — respondeu Gabriel de forma enigmática.

—Senti muito que ocorreu ao seu companheiro — disse Simon — Era um dos bons.

—Sim, era — O tom que Gabriel empregou bastou para que Simon entendesse que estas não eram umas simples férias a não ser uma oportunidade de lutar com a perda do companheiro — Mas, o que está fazendo você aqui? Entendi que estava em Boston ou por lá no leste.

— Estive em Boston uma temporada, mas então apareceu um posto no escritório de Houston e decidi solicitá-lo. Gosto disto na verdade.

—Sinto interromper esta encantadora reunião — disse Taryn— mas temos que fazer planos para esta noite — Tinha a voz profunda e áspera como um uísque antigo e falava com tanta autoridade que normalmente intimidava as pessoas. Também o perseguiam continuamente as mulheres às que gostavam dos tipos fortes e calados. Não havia homem mais forte nem calado que este agente do FBI. Os quatro homens se sentaram à mesa e Burke tirou as notas que tinha tomado na noite anterior.

—Estão seguros de que era Simpson? — quis saber Simon.

—Sim, Gabriel o identificou ontem à noite quando fomos comprová-lo — disse Burke assentindo com a cabeça.

—Conhece esse tipo? — perguntou Simon a Gabriel.

—Esteve uma temporada em Chicago e digamos que chamou nossa atenção.

—No trabalho não há lugar para sentimentos pessoais. Necessitamos um expediente ímpoluto que se sustente no tribunal — advertiu Simon.

—Escute, sei como fazer meu trabalho. Você se limita a fazer o seu e agarraremos a esse filho da puta — respondeu Gabriel zangado e levantando-se.

—Só estava me assegurando antes de nos pôr em marcha de que conhece as regras. — Simon não reagiu ante a raiva de Gabriel — Sente-se e organizemos isto — Gabriel se sentou e começaram a falar da noite anterior — Não esqueçam que isto é uma operação federal — recordou Simon tanto a Gabriel quanto a Burke.

—Pegamos esse asqueroso filho da puta, o encarceramos e ficaremos satisfeitos. Embora oxalá pagasse pelo tiroteio em Chicago.

—Estou seguro que com as acusações que temos sobre ele o meterão no cárcere durante uma boa temporada — insistiu Simon. Taryn assentiu com a cabeça. Não tinha pronunciado ainda nenhuma só palavra, mas Gabriel tinha a sensação que não escapava nada. Era calado e assustava, mas parecia conhecer bem seu trabalho.

—Hoje devem tentar passar por inadvertidos — avisou Burke a Simon e Taryn — É uma cidade pequena e os estranhos chamam a atenção. Não convém que alguém os veja e perguntem quem são e o que fazem aqui. As notícias, sejam boas ou más, voam num povoado pequeno.

—Bom, e onde sugere que nos escondamos durante todo o dia? — perguntou Simon — Há



um motel ou algum lugar em que possamos passar o dia? Pareceu-me ver um quando chegamos.

—OH, sim! O Viceroy — assentiu Burke — Se ficarem ali será o mesmo que pôr um anúncio no jornal local. À senhora Burns adora falar e toma interesse muito pessoal em todos seus hóspedes. Essa seria uma ideia realmente má.

—Tem alguma ideia boa? —perguntou Simon rindo. Burke ficou pensando.

—Minha irmã tem um monte de lugar em sua casa — sugeriu — E está fora da cidade.

—Não — gritou Gabriel. Os outros o olharam com curiosidade, explicou — Só estou pensando em sua segurança. Não tem nenhum sentido envolvê-la no perigo se podemos evitar — Por nada queria que se encontrasse com dois federais em casa.

—Não vejo como dois agentes federais que passam o dia na casa da minha irmã possam comprometer sua segurança — insistiu Burke, mas logo viu o olhar do Gabriel — Bom, pode ser que seja um pouco arriscado — e obteve um rápido gesto de assentimento de Gabriel — Darei as chaves de meu apartamento e passarão o dia ali. Minha caseira é uma viciada em televisão e nunca se preocupa comigo. É o acerto perfeito — Gabriel suspirou aliviado. A Simon não passou despercebida a reação de Gabriel e em seguida soube que havia algo mais. Por alguma razão não os queria na casa da irmã do xerife. Podia ser que finalmente Gabriel tivesse achado "sua mulher". Já era hora. Sabia que a vida de Gabriel não tinha sido fácil e a morte do companheiro foi um golpe muito duro. Viria bem a ele ter alguém com quem compartilhar a vida. Burke o tirou de seus pensamentos ao dizer:

—Levo-os agora mesmo. É um pouco afastado da cidade de modo que ninguém vai se inteirar se entramos ou saímos.

Após ficar mais um tempo no escritório, partiu com os dois agentes e Gabriel foi para casa. Para casa. De fato já estava começando a considerá-la sua casa embora estivesse fodidamente silenciosa e solitária com Mariah no trabalho. Gabriel se meteu com a moto na larga pista de entrada e sentiu uma estranha sensação no peito. Levou um minuto para identificá-la e era a sensação de voltar para casa, uma sensação de pertencer. Gabriel desceu da moto e ficou um bom momento olhando a casa e logo se centrou nas coisas que Mariah tinha colocado para convertê-la em um lar. Foi junto à enorme árvore no jardim da frente e localizou um ramo que seria perfeito para pendurar um balanço. Imaginou uma pequena menina ruiva que ele ajudava a balançar e que ria alegre com uma risada igual a de Mariah. Logo se fixou na velha cadeira de balanço do alpendre e viu Mariah balançando-se brandamente nela, observando-os e amamentando um bebê de cabelo negro. Gabriel não pôde evitar sorrir ante as imagens que passavam em sua mente. O que há apenas um par de dias era um ridículo sonho de fumaça se converteu numa possibilidade muito real. Não havia razão para não ficar.

Com pensamentos repletos de sua amante, meteu-se dentro da casa. Odiava ter que cruzar aquela porta metálica sabendo que ela não estaria para compartilhar uma nova fantasia. Seria uma boa aventura desperdiçada. Pendurou a jaqueta de couro ao lado da porta principal e deixou também ali as botas. Toda a casa tinha o cheiro dela embora não estivesse. Não era um aroma forte nem esmagador como um perfume barato. Era sutil e fugaz. Antes de começar a cozinhar subiu e tirou a capa e a pistola e as guardou. Voltou à cozinha para ver o que poderia cozinhar.



Queria ver sua cara quando juntos entrassem e ela visse que o jantar já estava preparado sem que ela tivesse que fazer nada. Era uma boa ideia, mas também havia a possibilidade de substituir o jantar por sexo selvagem e apaixonado. Ocorria frequentemente. Amar vinha antes de qualquer outra coisa inclusive comer. A Gabriel não ocorreu uma única razão que se opor a tal circunstância.

Foi à cozinha e abriu a geladeira, tentado decidir o que preparar. Tirou todo tipo de verduras e colocou em cima do balcão. "Tudo o que necessito para fazer calda espaguete" pensou e começou a cortar cogumelos, cebolas e alhos. Pôs numa frigideira grande o azeite de oliva e seguiu com os pimentões vermelhos e verdes, a abobrinha, as cenouras e o aipo. A cozinha cheirava maravilhosamente bem. Acrescentou um pouco de manjerição e orégano. Captou com o olhar uma cesta cheia de tomates frescos que estava no chão ao lado da porta de atrás, pegou um bom punhado e acrescentou ao refogado. Baixou o fogo, pôs a tampa e se dedicou à preparação da sobremesa. Viu uma tigela de pêssegos frescos no balcão e isso lhe deu uma grande ideia. Pôs uma panela grande com água para ferver e poder cortá-los e deu graças em silêncio a uma antiga namorada por ser tão boa cozinheira. A relação não tinha durado muito, mas o ensinou a dirigir-se na cozinha e por isso estava eternamente agradecido. Teve que rir. Mariah sem dúvida também o ensinou a se virar na cozinha seja sobre o balcão ou a mesa ou o chão ou qualquer outra superfície plana sobre a qual pudessem fazer amor. Em toda sua vida nunca fez amor tantas vezes numa cozinha. Agora sequer sabia se seria capaz de comer aqui sem pensar em praticar sexo com ela.

Gabriel verteu um pouco de água fria em outra tigela. Deixou cair uns pêssegos na água quente e retirou-os em seguida para colocar na água fria e assim poder cortá-los. Enquanto os cortava o suco deslizava pelos dedos e os cobria com a essência. Unicamente no que pensava era o sabor delicioso de Mariah quando lhe fazia uma mamada e lambia a succulenta racha. Tinha um sabor muito doce e um pelo no traseiro que parecia suave penugem ou pele de pêssego. Não conhecia ninguém que resistisse a um crocante pêssego. Por fim acabou com o crocante e enquanto esperava que o forno esquentasse, lavou os pratos. Sabia que Mariah ficaria muito mais impressionada pelos dotes culinários se não fosse ela quem tivesse que lavar os pratos. Além disso, não poderiam fazer amor no balcão se estivesse coberto de pratos sujos. Valia à pena planejar com adiantamento. Quando o forno estava quente colocou o crocante de pêssego para assar e pôs o relógio do forno. Como começou a ter fome pegou uma parte de pão e fez um sanduíche pequeno.

Ainda faltavam horas para ir buscar Mariah assim pensou que os cavalos agradeceriam uma visita. Calçou as botas e foi ao prado ao lado do abrigo. Por ser da cidade nunca tinha passado muito tempo com cavalos, mas gostava da camaradagem silenciosa que ofereciam. No princípio sentiram curiosidade por ele, mas depois de um momento voltaram a pastar embora de vez em quando dessem um olhar para ver se ainda continuava ali. Gabriel permaneceu apoiado na cerca durante um bom tempo simplesmente observando enquanto pastavam ou relinchavam ao outro ou trocavam de postura e passavam de um ao lado do outro a um atrás do outro e assim poder morder zonas que lhes ardiam. Despediu-se em silêncio deles e voltou para casa.

Ao voltar se fixou num cortador de grama que estava no celeiro de modo que o tirou para



verificar se tinha gasolina. Não se surpreendeu ao ver que Mariah era muito bem organizada. Estava cheio assim que o pegou e levou a parte dianteira da casa para cortar a grama embora antes verificasse a sobremesa. Faltavam três minutos segundo o relógio do forno, mas tirou o crocante e o pôs para esfriar. Cheirava maravilhosamente bem. Estava seguro de que Mariah se encantaria e inclusive poderia ser que também agradecesse à antiga namorada por ensiná-lo a cozinhar. O jantar estava quase preparado, assim tirou a camiseta e saiu para cortar a grama. Fazer trabalhos manuais o fazia sentir-se bem. O apartamento em Chicago não tinha sequer pátio de modo que nunca teve que fazer trabalhos de jardinagem. Quando acabou limpou a máquina e a guardou no celeiro onde a tinha encontrado.

Tinha calor, estava suado e necessitava urgentemente uma ducha. Ao passar pela cozinha se serviu de um copo de água fria. Subiu e se deu conta de que ainda não tinha tido oportunidade de inspecionar o piso superior já que todo o tempo que tinha estado em cima passou no dormitório de Mariah ou no banheiro tomando banho com ela. Decidiu que já era hora de fazer um pequeno reconhecimento. Mariah seguramente não se importaria. Havia outros quartos no piso de cima. Dois deles se converteram em dormitório, mas o terceiro tinha um escritório e um computador. Tratava-se sem dúvida do lugar de trabalho de Mariah. Os dois dormitórios eram muito acolhedores. Talvez Laura e o bebê pudessem vir visitá-los; também poderia chamar seu irmão e o convidar para passar uns dias ali. Fazia muito tempo que não via seu irmão. Teria que ser ele a dar o primeiro passo e convidá-lo embora tivesse que obrigar a si mesmo a fazer a chamada.

Gabriel abriu a porta do quarto e se encontrou num banheiro imenso dominado por uma magnífica banheira com pés. A banheira estava no meio do quarto como um santuário, quase uma obra de arte. Entrar naquele banheiro era como voltar para o século passado com aquele formoso lavabo com pedestal e aquele maravilhoso espelho antigo pendurado em cima. Em um canto havia um varal de madeira de onde penduravam toalhas suaves e esponjosas. No chão havia um tapete de cor forte. Atrás da porta estava pendurado um penhoar fúcsia. Gabriel reconheceu o aroma de Mariah nele. Pegou-o com ambas as mãos e aproximando-o do rosto inalou aquele exótico aroma único. Com apenas cheirar e recordar Mariah já o pôs duro. Não podia nem imaginar o que aconteceria se ela também estivesse ali nesse momento.

Voltou-se para a banheira, pôs o plugue e abriu a água. Desfrutaria com a banheira. Afinal parecia o suficientemente grande para ter bastante espaço nela. Desabotoou os jeans, os tirou e se meteu na banheira. Era como o paraíso em terra. A cabeceira curvada parecia o abraçar. Recostou-se nela, fechou os olhos e esperou que a banheira se enchesse. A maioria das banheiras eram tão pequenas que não permitiam o luxo de recostar-se e desfrutar. Uma vez cheia a banheira pegou o xampu de uma saboneteira de metal por cima da beirada da banheira. Inclinou a cabeça para trás e molhou o cabelo. Ensaboou a cabeça e logo a enxaguou com uma duchinha que Mariah tinha colocado na torneira. Também usou um pouco de condicionador. Já tinha conseguido que se preocupasse com o cabelo. Terei que ver! Enxaguou o condicionador e permaneceu ali desfrutando da água quente voltando os pensamentos a Mariah.

Perguntou-se o que estaria fazendo naquele momento. Recordou o diminuto sutiã e as



diminutas calcinhas que vestiu pela manhã e como tinha paquerado com ele enquanto os punha. Oxalá estivesse ali porque então poderia recostar-se na banheira e observá-la enquanto os tirava. Agarraria a prega do vestido de verão. O tiraria pela cabeça. Primeiro veria as coxas e logo o pequeno triângulo da tanga à medida que elevasse o vestido. Ficaria presa dentro do vestido ao subi-lo pelo corpo. A seguir revelaria o umbigo e logo os preciosos seios refreados pelo sensual sutiã diminuto que vestia e que mal cobria os mamilos rosados. Pegaria uma presilha e amarraria o cabelo olhando-se no espelho antigo. Escapariam mechas soltas da presilha. Posariam sobre o pescoço e ficariam ali à espera que ele os afastasse e lhe mordiscasse o pescoço. De costas para ele soltaria o sutiã e revelaria os seios. Deixaria que deslizasse pelos braços e o deixaria cair ao chão. O sussurro da tanga seguiria imediatamente. Se afastaria do espelho e ele a admiraria nua e, pronta para ele. Viria para a banheira e levantaria uma perna para entrar dentro. Ao fazê-lo mostraria o lugar secreto de modo que ele estenderia a mão e roçaria a racha com o dedo.

Gabriel olhou o pênis e se deu conta de que tinha uma enorme ereção só de pensar em Mariah. Não necessitava que estivesse no quarto para que o pusesse duro. Agarrou o sabão e ensaboou as mãos. Pegou o membro inchado com ambas as mãos e começou a apertar e a puxar imaginando que era Mariah quem o fazia. Apertou mais forte e aumentou o ritmo até que gozou como um semental com um grito afônico. Recostou-se e deixou que o coração recuperasse o ritmo normal. Logo decidiu ir buscar Mariah. Já estava bem de sexo manual. Preferiria colocar a membro inchado no interior dela e dar prazer também a ela.

Capítulo dezesseis

Mariah olhou o relógio da parede pela terceira vez nos últimos cinco minutos. Estava segura que aquela manhã o relógio estava parado ou que ia na metade da velocidade normal, mas por fim chegou a hora de comer e com ela a tarde e seu inevitável avanço lento por volta do final do dia de aula. Normalmente estava muito interessada nos meninos e o que compartilhava com eles, mas hoje o tempo não passava o suficientemente rápido para adaptar-se a seus propósitos.

—Senhorita Forrester, senhorita Forrester — a chamou Ellen puxando sua manga. A voz estridente de Ellen fez Mariah voltar à realidade. Olhou à menina como se fosse a primeira vez que a via.

—Sim, Ellen, o que aconteceu? — perguntou amavelmente prestando toda a atenção à menina.

—Enquanto você sonhava acordada, Adam atirou um pote de pintura vermelha no chão — anunciou Ellen. Mariah estava envergonhada. Estava pensando na morte da bezerra e o pior era que os meninos se deram conta — Você está bem, senhorita Forrester? Você sempre se inteira quando Adam pega a pintura sem permissão — explicou Ellen.

—Estou bem, Ellen. Obrigada por avisar sobre a pintura. Ajudarei Adam a limpar o desastre — Mariah sorriu à menina. O mesmo ocorreu na hora de comer com as companheiras. Sua melhor



amiga, Shannon, chamou-a três vezes pelo nome antes que respondesse.

—Está bem? — tinha perguntado preocupada — estive falando e não ouviu nenhuma só palavra do que disse.

—Estou bem. Tinha a mente em outra coisa — explicou — Foi um fim de semana muito ocupado. Estou um pouco cansada — Shannon sorriu em sinal de compreensão ante aquela explicação.

—Tem que sair mais, Mariah. Não pode ficar em casa e trabalhar todo o tempo — aconselhou Shannon. Mariah simplesmente tinha sorrido e assentido com a cabeça. Se Shannon soubesse que tinha dedicado o fim de semana a uma maratona de sexo com um homem impressionante, bonito e divertido... Mariah deixou que seguisse pensando que o motivo do cansaço estava relacionado com o trabalho. Não queria explicar a relação com Gabriel. Pelo menos não no momento.

Por fim soou o sinal para indicar o final da jornada e Mariah se assegurou de que todos os meninos estivessem sãos e salvos a caminho de suas casas. Depois de se despedir do último se sentou no escritório e preparou as aulas do dia seguinte. Não sabia o que fariam ela e Gabriel uma vez que a buscasse, mas sabia que não esbanjaria tempo trabalhando enquanto pudessem ficar juntos. De repente se deu conta que ainda não telefonara para a oficina. Desejou que o carro ainda não estivesse pronto porque não havia nada melhor que ir montada na moto de Gabriel. Adorava a sensação dos músculos dele em movimento trocando as marchas e segurar-se naquele corpo firme era o paraíso. Foi à sala de professores e cruzando os dedos telefonou à oficina do povoado. Aleluia! Tinham que pedir uma peça e o carro não estaria pronto até pelo menos na quarta-feira. Acaso poderia melhorar ainda mais a vida? Durante outros dois dias mais montaria com esse homem impressionante na moto e se agarraria àquele corpo de dar água na boca. Sofreria quando tivesse que fazê-lo. O mecânico se desfez em desculpas, mas Mariah somente queria fazer uma dança de vitória ao redor da sala de professores. Assegurou que não tinha nada e que sim, tinha transporte alternativo. Imagine se tinha transporte alternativo! Olhou o relógio e viu que só faltavam uns minutos para que Gabriel viesse buscá-la. Depois de ter passado todo o dia desejando vê-lo não quis esperar nem um minuto mais. Pegou a jaqueta de couro, tirou o capacete debaixo da mesa e pegando também a mochila saiu da classe. Abriu uma porta no fundo do corredor. Shannon saiu e foram juntas.

—Ouça Mariah —Shannon se dirigiu a ela — Não lembro ter visto essa jaqueta antes. Não acredita que faz muito calor para uma jaqueta de couro? — Shannon continuou falando e Mariah agradeceu não ter ocasião de responder — Não vi seu carro no estacionamento esta manhã — Shannon costumava ser uma das últimas a chegar de modo que o estacionamento estava sempre repleto quando chegava.

— Quebrou durante o fim de semana, assim hoje me trouxeram — explicou.

—Foi seu irmão Burke? — perguntou Shannon muito interessada. Shannon não fazia nenhum segredo do fato que gostaria de conhecer melhor o irmão de Mariah.

Mariah, que esperava que não perguntasse quem tinha sido, disse:

—Não, foi outra pessoa, alguém que não conhece.



Shannon abriu a porta principal e saíram ao calor da tarde. Shannon ainda não tinha acabado com o interrogatório.

—Então, quem...? — começou a perguntar, mas não chegou a acabar a oração. Mariah girou para ela para ver por que se calou de repente. Viu que Shannon ficou quieta e estava como encantada olhando o estacionamento frente ao colégio. Mariah se voltou para ver o que estava olhando e o coração deu um divertido tombo. Quem estava ali era Gabriel, apoiado tranquilamente contra a moto e encantado de vê-la. Ao dirigir-se para ele se incorporou. Viu-as aproximar-se cada vez mais encantado.

—Meu Deus! — exclamou Shannon — Quem será esse e o que fará aqui? — Ao aproximar-se, Mariah viu que Gabriel colocava as mãos nos bolsos e se apoiava tranquilamente sobre um lado — É impressionante! — disse Shannon — Quem acredita que é?

—É meu namorado — explicou Mariah.

—Essa foi boa — replicou Shannon.

—Sério, é meu namorado e está me esperando — repetiu à amiga incrédula.

—Sim, claro. Certo. — Shannon riu até que se deu conta de que iam diretamente para aquela criatura impressionante que estendia os braços para abraçar Mariah. Ela foi diretamente para ele e o beijou com todo o desejo que tinha contido com o passar do dia. Gabriel parecia estar tão contente de vê-la que nem se preocupou se alguém os olhava e devolveu o beijo.

—Mariah não vai nos apresentar? — interrompeu-os Shannon.

—OH, sinto muito. Shannon Winstock, este é Gabriel Blackburn. Gabriel, Shannon Winstock. Gabriel deu a mão a Shannon — Encantado.

—Digo o mesmo — disse Shannon — Adoraria dizer que ouvi falar muito de você, mas não é verdade — Franziu o cenho olhando Mariah. Gabriel montou na moto e deu a mão a Mariah para ajudá-la. Ela aceitou, montou na parte de atrás e pôs o capacete antes que arrancassem. Saudou Shannon com a mão e fez o que esteve desejando fazer durante todo o dia: rodeou seu homem com os braços e o apertou com força.

—Acredito que foi bem — gritou para Mariah. Mariah partiu rindo.

—Estou segura que se déssemos a volta agora — gritou Mariah ao ouvido—, a encontraríamos ainda ali de pé tentando descobrir o que acaba de acontecer — Fizeram o resto da viagem em silêncio, felizes por estar juntos. Gabriel pôs a luz de alerta, entrou na pista de entrada rumo a casa. Ao deter a moto, Mariah apeou e foi para a casa. Quando se deu conta de que Gabriel não a seguia, deu a volta para averiguar o que o retinha e o encontrou olhando fixamente a velha árvore frente ao pátio — Gabriel! — chamou-o — O que faz? — Gabriel ficou a seu lado olhando ainda a árvore.

—Estive pensando que essa árvore seria genial para pendurar um balanço. Olhe aquele ramo grande — disse apontando o ramo — Seria o suficientemente resistente.

Mariah o olhou perplexa.

—Já tenho uma preciosa cadeira de balanço antiga pendurando no alpendre principal e gosto muito — disse. Gabriel girou e a olhou diretamente aos olhos antes de falar.

—O balanço não seria para você. Seria para nossa filha. Teria o cabelo avermelhado como o



seu e adoraria rir, sobretudo quando eu a empurrasse no balanço. Também ficaríamos com a cadeira de balanço do alpendre. Seria um lugar legítimo para você. Poderia sentar nela, amamentar nosso filho e ao mesmo tempo nos observar — disse sério. Mariah ficou sem palavras. Não soube o que dizer.

—O que te fez pensar num balanço na árvore? — perguntou por fim.

—Estava cortando a grama e me dei conta de que me sentia como em casa, que isto era como um lar e nesse momento a árvore pareceu me chamar e me pedir que pendurasse um balanço nela.

—A grama está genial e o balanço soa bem, mas falemos um pouco mais do bebê antes que siga adiante e o faça.

—Certo — aceitou ele — Posso esperar. Esperei todos estes anos. Estou seguro de que poderei esperar um pouco mais. — dirigiu-se para a casa com o ela seguindo nos calcanhares.

—Meu Deus! Mas o que é que cheira tão bem? — perguntou Mariah tirando as botas e as meias. Pendurou a jaqueta e foi direto à cozinha. Gabriel a seguiu e teve que apurar o passo para acompanhar o dela, mas quando a alcançou Mariah já estava levantando a tampa da panela para olhar o que havia dentro.

—Isto cheira divinamente. O que é? E onde demônio aprendeu cozinhar assim? — quis saber voltando-se para ele. Gabriel teve que rir.

—É calda de espaguete e ali há crocante de pêssego de sobremesa e foi uma antiga namorada que me ensinou a cozinhar. Era genial na cozinha — respondeu Gabriel de um puxão esperando que Mariah não se zangasse por ouvi-lo falar assim de uma namorada anterior.

—Onde vive? Quero seu número de telefone agora mesmo — urgiu Mariah.

—Por quê? —perguntou Gabriel cauteloso.

—Para chamá-la e dizer obrigado, tolo. Volto para casa do trabalho e você já preparou este delicioso jantar e não tenho nada que fazer. Essa mulher merece minha eterna gratidão — assegurou Mariah.

—Me alegre de que dê sua aprovação — disse Gabriel — Gostaria de acrescentar que você também é genial na cozinha. Genial no balcão, na mesa e no chão. Em qualquer lugar da cozinha é genial. E, além disso, é uma cozinheira bastante boa.

Mariah riu.

—Segue com o mesmo.

—Comecei a considerar a cozinha como, primeiro, um lugar onde fazer amor e, segundo, como um lugar onde comer. Talvez devêssemos pôr uma cama aqui, uma onde possa olhar às montanhas assim poderíamos fazer amor a cada instante e nos levantar só quando tivéssemos fome.

—Bom, sobre a cama não sei, mas sempre quis ter um sofá aqui e agora sei por que. Era para me preparar para quando o conhecesse — Mariah olhou com sorriso ardente — Porei a mesa — disse e passou atrás dele aproveitando para lhe tocar o traseiro de passagem.

Gabriel tentou agarrá-la, mas ela não deixou e foi ao armário pegar pratos e toalha. Gabriel se aproximou por trás e a abraçou. Logo lhe deu a volta e a beijou apaixonadamente. Ele se



afastou primeiro e a deixou ali de pé. Pôs água para ferver para a massa. Olhou-a pela extremidade do olho e viu que seguia confusa pelo beijo. Bem, de vez em quando gostava de fazê-la perder o equilíbrio. Ela fazia isso com ele constantemente.

Enquanto esperavam que fervesse a água, Mariah pôs a mesa. Quando começou a ferver, Gabriel colocou a massa e pôs o relógio. Durante a espera Mariah contou o que sobre o colégio evitando contar que passou o dia pensando nele.

Quando soou o relógio, Gabriel escoadou a água e repartiu a massa nos dois pratos. Mariah verteu o calda sobre o macarrão quente.

—Claro, liguei para o mecânico, mas não estará pronto até dentro de um dia ou dois. Espero que não se importe de me levar amanhã outra vez ao colégio — Gabriel adorou a ideia de tê-la de novo montada atrás na moto lhe tocando as pernas com as suas.

—Claro que não. Também posso ir te buscar.

—Que tal foi a reunião desta manhã? — quis saber Mariah.

—Estranha.

—Mas como? —perguntou Mariah com curiosidade.

—Conheço de Chicago o agente que está no comando da operação. Trabalhamos juntos em alguns casos e fomos bons amigos. Transferiu-se de escritório e perdemos o contato, mas agora trabalha no escritório de Houston. Ficamos de nos reunir no escritório do Burke esta noite e logo sairemos para a casa do Coombe. Tenho que estar ali às oito. —Mariah se levantou e recolheu os pratos. Gabriel se deu conta de que estava preocupada de modo que a seguiu.

—Mariah, é meu trabalho — explicou ao seu lado na pia. Abraçou-a e apoiou o queixo na cabeça dela — É meu trabalho e sou bom em meu trabalho — assegurou — Nunca corro riscos desnecessários. Nunca. — Beijou sua cabeça — E agora com você em minha vida até tenho mais razões para querer voltar para casa depois de uma ação. Prometo que tomarei cuidado.

—Sei que tomará cuidado, mas isso não evita que me preocupe. Que tal se agora comemos esse crocante de pêssego? — disse para trocar de assunto. Gabriel pôs o crocante na mesa e Mariah tirou o sorvete de baunilha do frigorífico.

—As regras seguem sendo as mesmas para um vestidinho de verão e sorvete de baunilha? —perguntou Gabriel servindo o pêssego— Sei que não é um vestido negro, mas não tenho nenhum inconveniente em modificar as regras e te dar tudo o que queira — assegurou a Mariah e moveu as sobancelhas.

—Vale, mas terá que esperar que eu acabe a sobremesa para descobrir o que tenho reservado para você.

—Vá, já estou impaciente. —E certamente que estava. Só pensando em tudo o que Mariah podia fazer, lhe punham os cabelos de ponta. A imaginação dela não tinha limites. Acabaram rapidamente com o crocante, que segundo Mariah era orgástico e a seguir a deixou sair coquetemente para tirar a roupa de trabalho. Gabriel lhe deu uma vantagem de três minutos e logo a seguiu escada acima. Mariah, que o ouviu subir as escadas, calculou o tempo de tal maneira que quando ele entrou na habitação, ela estava de costas e tinha o vestido levantado por cima do traseiro. Ao ouvi-lo na porta, ela se deteve.



—Não, não se detenha — rogou Gabriel. Mariah seguiu levantando o vestido devagar até tirá-lo pela cabeça— Vire para mim — ele pediu. Ela obedeceu lentamente— Desabotoe o sutiã e tire— seguiu ordenando. Ela desabotoou o fechamento na parte frontal e afastou o tecido expondo os seios. Tirou-o todo e o jogou. Ele pegou e aproximando-o do rosto inalou o delicado aroma— Solte o cabelo — disse bruscamente. Ela tirou a borracha que segurava o extremo da trança e logo passou os dedos pelo cabelo para desfazê-la. O cabelo se soltou e caiu sobre as costas chegando justo até em cima da fissura sobre a que gostaria de pôr a boca. Estava ali de pé frente a ele como uma deusa guerreira nua à exceção das minúsculas calcinhas e quando colocou os dedos debaixo das tiras para tirar ele a interrompeu— Espera —foi para ela e se ajoelhou. Começou a lhe cobrir a barriga com pequenos beijos deixando que as mãos procurassem o caminho para cima e manuseassem os seios. Sentiu que ela já começava a derreter-se com o duplo assalto de modo que colocou as mãos dela sobre os próprios ombros para que tivesse onde apoiar-se e não caísse.

—Tem uma boca muito má — conseguiu lhe recriminar Mariah em um sussurro.

—Obrigado. Tento. — E vá se o tentava. Tentava lhe fazer perder o controle. Seguiu beijando e mordiscando enquanto com mãos ásperas lhe torturava os seios. Com a palma da mão esfregou a ponta dos mamilos conseguindo que aquelas palmas ásperas enviassem uma miríade de sensações aos sensíveis seios. Logo os agarrou com o polegar e o dedo do meio e usou o dedo indicador para brincar com eles— Diga quanto você gosta do que estou fazendo — pediu com voz suave.

— Não gosto nada, nada — disse Mariah com os dentes apertados. Gabriel elevou imediatamente a cabeça para olhá-la.

—Você não gosta? —perguntou incrédulo.

—Não, não gosto —repetiu ela— Adoro. E quando tiver que sair esta cena e umas quantas mais se repetirão várias vezes em minha cabeça. — O rosto de Gabriel se iluminou e reatou seu trabalho. Agarrou a parte dianteira das calcinhas com os dentes e começou a baixar. Uma vez que as teve a metade das coxas as usou para imobilizar suas pernas. Sem mover a cabeça, tirou a língua e ferroou com ela o clitóris. Mariah estremeceu. Gabriel a agarrou pelas nádegas e a forçou a projetar a vagina de modo que pôde lhe passar a língua ao longo da doce racha. Afastou as dobras com a língua e dedicou especial atenção a cada uma delas lambendo e chupando. Tinha uns lábios inferiores gordinhos e carnudos. Adorava a sensação deles em sua boca assim como dar um banquete com eles, absorver e saborear com lábios e língua como se fossem pêssegos. Era um banquete incrivelmente erótico.

—Espera, espera! — gritou ela. Ele afastou a cabeça e a olhou. Ela se abaixou e tirou as calcinhas — Preciso afastar as pernas — explicou. Afastou as pernas e Gabriel aproveitou para afastar as dobras com o dedo. Viu aparecer uma pequena gota chapeada no centro assim tirou a língua e a lambeu.

—Adoro seu sabor. É succulenta e está cheia de suco, igual a um pêssego — disse e a fez ajoelhar-se diante dele. Assim podia compartilhar o sabor que tinha na língua. Lambeu o lábio superior e quando abriu a boca oferecendo colocou a língua dentro para jogar com a dela. Mariah



pôde saborear a si mesma sobre a língua dele e isso a fez querer saborear também a essência dele. Empurrou-o e obrigou a estender-se de costas

—Ei! —protestou ele, mas seus lábios foram selados por um dedo. Desabotoou-lhe os botões do jeans. Logo foi engatinhando até os pés e primeiro tirou as botas e as meias e a seguir as calças. Ainda engatinhando escorregou por cima dele ao longo de pernas e barriga, onde se sentou meneando para que ele notasse a racha úmida. Acariciou com o nariz o cabelo do peito beliscando com dentes fortes e brancos os mamilos. Logo mordiscou o corpo até chegar ao pescoço e morder como se fosse uma vampira a zona em que lhe notava o pulso. Gabriel se elevou sobre o chão: não pôde evitar. Era tarde e o queixo já arranhava pela barba, mas passou igualmente o nariz por essa barba incipiente saboreando sua masculinidade.

Gabriel fechou os olhos para gozar do bombardeio de sensações de ter a pálpebra beijada e a frente lambida. Foi plantando pequenos beijos ao longo da bochecha e com o passar do lábio superior riscando os cantos dos lábios antes de colocar sua língua dentro. Houve um duelo de línguas, as duas línguas arremetiam e se retiravam primeiro na boca de um e logo na do outro. A seguir ela se afastou e passou as mãos pelo cabelo do peito. Deu tapinhas acariciando o pelo suave e os flancos. Usou o peito dele para pegar impulso e deslizou sobre o pênis e as coxas dele.

Olhou o pênis com olhos glutões. Estava inchado e enorme, repleto de desejo. Tinha que ser dela. Inclinou-se para frente e depositou um beijo casto na ponta. Viu que uma gota de pré-sêmen deslizava lentamente pela pequena racha da ponta. Era como uma diminuta lágrima. Inclinou-se e a lambeu. O pênis era tão grande que Mariah não sabia se seria capaz de colocá-lo inteiro na boca. Colheu-o com ambas as mãos e o cobriu com a boca. Tratou de relaxar a garganta para poder abranger tudo. Era muito grande e comprido e quase lhe provocou ânsia, mas obrigou a si mesma a relaxar e para deleite de ambos deslizou pela garganta. Com os lábios e a língua aplicou uma sutil pressão conseguindo que os olhos de Gabriel quase exagerassem de gosto. Chupou o membro sugando com as bochechas em seguida passando a língua a todo comprimento.

Gabriel não podia acreditar como somente usando a boca, Mariah conseguia imitar a sensação de estar dentro do canal interior. Apertou as mãos ao lado do corpo. Com cada chupada Gabriel se elevava do chão e introduzia o pênis ainda mais na boca de Mariah. Não se explicava como conseguia abranger tanto dele já que nunca em sua vida havia se sentido tão enorme. Apoiou-se nos cotovelos para poder olhar e a erótica cena que se desdobrou ante si o derrubou. O cabelo de Mariah caía em ondas sobre as pernas dele e impedia em parte vê-la. De repente ela elevou a cabeça e começou a movê-la de cima abaixo de modo que com cada movimento o pênis entrava e saía. Juntando isso à sensação de sucção Gabriel soube que gozaria na boca dela.

—Mariah, espera — pediu. Ela se deteve e olhou resistindo a relaxar a pressão que exercia sobre o encantador pênis — Quero gozar dentro de você. Não faça que goze já! Quero sentir que gozamos ao mesmo tempo — À contra gosto afastou a boca e agarrou os jeans.

—Tem um preservativo aqui? Porque me nego a me mover do lugar — disse. Gabriel tirou a carteira do bolso e tirou um preservativo.

—Desde que a conheço —disse— procuro ter sempre um à mão. Como nunca sei quando vamos necessitar... —Mariah arrancou o pacote e rasgou. Tratou de por a toda pressa, mas ele



deteve suas mãos — Com calma, carinho. Não queremos que dispare antes de tempo nem queremos que ninguém saia ferido — Mariah relaxou. Não queria lhe fazer mal, somente lhe dar prazer assim o pôs com delicadeza, coisa que para ele pareceu ser ainda mais difícil de suportar.

Como gemeu, Mariah disse:

—Você não gosta que ponha isso rápido e não gosta que ponha isso devagar. O que quer?

Agarrou-a pela cintura, elevou-a e se meteu dentro dela até o punho.

—Isto é o que quero: estar tão dentro de você que não possa distinguir onde começa um e onde acaba o outro — Com aquelas palavras começou a mover-se e a levantou e a deixou deslizar de novo sobre ele. Mariah pegou o ritmo e apoiando os pés em ambos os lados das pernas dele, levantou-se o suficiente para deixar somente a ponta do pênis no interior e para logo voltar a baixar-se tortuosamente até ali onde o pelo púbico de ambos se juntava. Quando teve o pênis metido todo o possível, Gabriel viu que seu pelo negro e encaracolado se mesclava com o pelo avermelhado dela, e quando ela se elevou, conseguiu distinguir a cremosa racha e o próprio membro enorme, brilhante com a essência dela, entrando e saindo. Com cuidado girou para ficar ele em cima. Precisava investi-la. Empurrava com tanta força que notava que ela se deslizava com cada investida sobre o chão de madeira. Mariah colocou as mãos em ambos os lados para ter um ponto de apoio e tratar de segurar-se. Uma vez que o fez Gabriel aumentou a força das investidas seguro de tocar o útero cada vez que empurrava.

Mariah tremia pela força do ataque a que era submetida, mas amava cada golpe. Sentiu quando Gabriel se esticou e soube que estava a ponto de gozar. Ela elevou os quadris ficando no ar e os dois corpos ressonaram pela força das investidas e os movimentos de resposta. Sentiu que também o próprio orgasmo estava nascendo com a força de um vulcão em erupção. Tinha a sensação de que o sangue fervia nas veias. Logo essa sensação se estendeu por todo o corpo e soube que estava perdida. O orgasmo veio acompanhado de um forte grito. Gabriel gozou imediatamente depois golpeou com a força de um martelo pneumático. Soltou sua essência em forma de corrente líquida e quente. Incapaz de recuperar o fôlego se deixou cair em cima dela. Respirava como um maratonista. Mariah lhe passou a mão tranquilizadamente pelo cabelo baixando até um lado do rosto.

—Peso muito — disse Gabriel e se afastou ficando de costas e trazendo-a com ele sem que em nenhum momento o pênis saísse de dentro dela— Essa foi outra experiência próxima à morte — reiterou quando por fim pôde pronunciar palavras com ordem coerente.

—Estou segura de que por um instante pude entrever o céu — afirmou Mariah sonhadora. Gostaria de poder continuar ali estendido para sempre, mas Gabriel sentiu o frio do chão chegando aos ossos. Também se deu conta desgraçadamente de que, por muito idílio que aquilo fora, dentro de pouco deveria estar com Burke e os agentes federais.

—Sem dúvida foi o céu, mas, sabe? Este chão está condenadamente frio para um pobre e velho traseiro como o meu — disse com um calafrio. Ela se apartou e se levantou. Gabriel também se levantou e ficou de pé ao seu lado. Agarrou-a sua mão e a levou com ele ao banheiro onde abriu a água da ducha. Quando a água se esquentou já a tinha beijado até a inconsciência. Colocou-a debaixo da ducha e lavou cada centímetro do delicado corpo. Ela desfrutava com a



sensação das enormes mãos seguindo cada curva e depressão de seu corpo, fazendo-a sentir confortável com seu cerco, mas também a excitando além do possível. Ficou atrás dela e passou as mãos ensaboadas pelas costas. Logo a rodeou e massageou os seios até que estiveram duros como bagos verdes. Enquanto Gabriel lhe acariciava os seios doloridos, Mariah se contorcia em seus braços até que tomou o assunto nas próprias mãos. Tocou-se com o dedo do meio. Era fantástico tocar-se enquanto ele brincava com os seios. Tocou o clitóris riscando círculos sobre ele, apartando o capuz protetor. Logo moveu o dedo até a sensível vulva e o usou como um pênis pequeno colocando e tirando da vagina.

Quando Mariah apertou o traseiro contra ele, Gabriel se perguntou o que estaria fazendo. Ao colocar a mão entre as pernas dela soube. Baixou a mão e a colocou em cima da dela. Simplesmente repousava ali e se deixava levar pelo movimento do dedo que entrava e saía do cone. Sentia como dava prazer a si mesma e foi uma sensação incrível. Afastou a mão dela e a trocou pela sua deixando que agora fosse seu dedo do meio que lhe proporcionasse prazer. Ao cabo de uns poucos golpes Mariah gozou e o tremor apanhou o dedo na passagem interna.

—Tenho que me preparar para ir com Burke — disse a contra gosto.

—Talvez queira se vestir antes — advertiu ela com descaramento olhando-o por cima do ombro. Ele sorriu, estendeu a mão por trás e fechou a água. Saiu da ducha, envolveu uma toalha ao redor da cintura e passou uma a ela. Secou-se a caminho do dormitório onde pegou roupa íntima e os jeans.

— Me alegra ver que põe roupa interior — gritou ela do banheiro com uma toalha lhe envolvendo o corpo e outra o cabelo como um turbante.

—Me ocorreu que seria uma boa ideia tendo em conta que não conheço tão bem a esses tipos — respondeu com sorriso malicioso enquanto calçava meias.

Mariah se aproximou e pôs o dedo indicador no peito e golpeando — Se for bonzinho, esta noite quando voltar o deixarei ser escravo de meu harém.

Gabriel agarrou seu dedo, meteu-o na boca e chupou. Liberando-se daquela prisão sensual, disse:

—Não posso prometer que serei bonzinho, mas posso prometer que serei muito, muito mal

— Os joelhos de Mariah começaram a falhar. Sabia o mal que podia comportar-se e o muito que gostava.

—Farei cumprir a promessa, escravo, assim até que voltemos a nos ver, pode ir pesando em como me dar prazer — aconselhou com voz régia.

—Não há nada que me dê mais prazer que pensar em como dar a você, mas agora mesmo tenho que me dedicar a me preparar — disse Gabriel.

Rebuscou na bolsa e encontrou a última camiseta limpa.

—Importa-se se lavar minha roupa? —perguntou. Ao assentir Mariah acrescentou — Também tenho que fazer umas quantas compras. Onde posso fazer?

—Fort Stockton é o suficientemente grande para comprar o que quiser se é em roupa que está pensando — respondeu Mariah.

—Necessito outros jeans e camisetas. Meu vestuário teve que limitar-se ao que cabia nos



alforjes, mas gostaria de comprar algo para pelo menos lavar a roupa e não ter que andar nu por aí enquanto espero.

—E isso te parece mal? —perguntou Mariah espetando-o — Estou segura que inclusive poderia ganhar dinheiro vendendo entradas para que o vissem.

—Estou seguro que sua amiga Shannon compraria uma — disse Gabriel devolvendo a espetada. Mariah não gostou dos sentimentos que despertaram nela ao imaginar Shannon vendo Gabriel nu. Era uma amiga, mas ninguém à exceção dela o veria jamais nu.

—Esquece as entradas. Serei a única que te veja nu, mocinho!

—Parece bom — aceitou e a atraiu para ele e a beijou. Ela sequer se deu conta de que Gabriel tirou sua toalha até que o viu dar um passo atrás com a toalha na mão. Virou e voltou para o banheiro oferecendo uma preciosa panorâmica da sedutora parte traseira. Pendurou as duas toalhas e voltou para pegar uma camiseta e calcinhas de uma das gavetas enquanto ele vestia a camiseta. Gabriel pegou a pistola e a capa da mesma e as pôs. Davam a ele sensação de segurança. Mariah o acompanhou até a porta principal onde calçou as botas e a jaqueta de couro.

—Tome cuidado esta noite — pediu Mariah— Quero que volte bem.

—Acredite se disser que farei todo o possível para voltar para seu lado bem — assegurou e a abraçou com força. Pegou o capacete da mesa e se foi. Mariah ouviu o ruído da moto quando Gabriel partiu para a noite.

Capítulo dezessete

Mariah subiu lentamente. A casa estava atterradoramente silenciosa sem Gabriel. Deu-se conta de que não era só o corpo de Gabriel que enchia a casa. Bem sabe Deus que era o suficientemente grande para fazê-lo! Era também seu aroma, seu espírito, todo seu ser. Esteve com ela tempo suficiente para que já sentisse sua presença ao passear pela casa, agora silenciosa. Meteu-se no banheiro para pentear-se. Ao pegar o pente e passá-lo pelo cabelo não pôde evitar pensar na última vez que o tinha feito: Gabriel ali sentado observando cada um de seus movimentos. Esteve como em transe observando-a, fazendo ela algo tão mundano como escovar o cabelo. Também o tinha encantado que escovasse o cabelo dele. Mariah se perguntou como teria sido a infância de Gabriel. Perguntou-se se seus pais o tinham amado e se tinham passado tanto tempo com ele como haviam feito os pais dela com ela. Sabia que tinha um irmão, mas também que fazia anos que não se viam. O que teria acontecido para afastá-los daquela maneira?

Escovou os dentes e se meteu na cama. Acendeu a luz da mesinha de noite, juntou os travesseiros para apoiar-se, pegou a novela que estava lendo e começou a ler, mas não conseguia concentrar-se porque só podia pensar em Gabriel. Desejava que tudo fosse bem naquela noite e que não saísse ninguém ferido. Leu um capítulo, mas a novela não a prendeu. Não necessitava um herói romântico de ficção: tinha um de carne e osso. Seus olhos foram se fechando e adormeceu. Sonhou com imagens caleidoscópicas de motos e crocantes de pêssego e cavalos e vilões



malvados. Gabriel veio resgatá-la. Estendeu os braços para ela e ela correu para eles.

—Gabriel! Gabriel! —gritou e ele respondeu com um longo beijo apaixonado. O beijo continuava e continuava até que Mariah se deu conta de que estava em sua própria cama e que alguém a estava beijando apaixonadamente. Abriu os olhos, sobressaltada e viu que era Gabriel quem a beijava como se fosse a última comida de um condenado a morte.

—Chamou-me. Pensei que estava acordada me chamando. Mas não estava absolutamente acordada, verdade? —Mariah negou com a cabeça — Deve ter sido um sonho —seguir dizendo Gabriel.

—Sim. Sonhei que alguém me sequestrava e que você me resgatava.

—Sabe que te resgataria estivesse onde estivesse, verdade? — assegurou olhando-a aos olhos. Mariah se incorporou e o abraçou. Aquelas palavras soavam a mel.

—O que faz já de volta? — quis saber.

—Mariah, são quatro da madrugada. Esteve dormindo durante horas. —Mariah passou as mãos pelos seus braços e peito — O que faz? —perguntou Gabriel perplexo.

—Me asseguro de que retornou bem.

—Estamos todos bem, mais ou menos. Tudo saiu sem problemas. Quase. O amigo do senhor Simms apareceu pontual com as drogas e não tinham nem ideia de que estávamos ali. Quase era divertido ver suas caras quando Simon gritou "FBI".

—Disse que estavam todos bem, mais ou menos. O que significa "mais ou menos"? — perguntou Mariah preocupada.

—Recorda o agente do FBI que disse que poucas vezes fala?

—Sim. Chama-se Travis ou algo assim, não?

—Taryn. Chama-se Taryn. E por fim falou. Quando Simon gritou "FBI" o senhor Simms e seus colegas não quiseram render-se sem brigar, assim começaram a nos disparar.

—OH, Meu Deus. Mataram Taryn? —Mariah estava horrorizada.

—Bom, não exatamente. —Gabriel respondeu com evasivas — Estávamos bem escondidos entre as árvores de modo que nenhuma das balas deu no alvo, mas uma bala ricocheteou em algo e atingiu Taryn em uma perna. Não disse nada até que retornamos do cárcere com Simms e seus cupinchas. Estava de pé esperando pela papelada e em seguida estava no chão. Não tínhamos nem ideia do que tinha acontecido assim tentei levantá-lo. E foi então quando por fim disse algo.

—O que disse? —quis saber Mariah.

—Disse "Acredito que me dispararam". Rimos até que vimos o atoleiro de sangue no chão. E nesse instante se armou o São Quintín. Burke chamou uma ambulância, que chegou em poucos minutos. Levaram-no ao hospital e quando o médico viu a ferida mandou que o transferissem para o Midland Memorial. É um hospital maior e está mais preparado para fazer operações complicadas. Burke e Simon ficaram para arrumar a papelada e acompanhei a Taryn na ambulância.

—Pensei que ninguém podia ir nas ambulâncias — comentou Mariah.

—Simon mostrou a identificação do FBI e com isso acabou a discussão — esclareceu Gabriel.



—E o que aconteceu no hospital? —seguiu indagando Mariah.

—Primeiro o levaram ao raio X. Fiquei por ali esperando enquanto estava na sala de cirurgia. Estava muito irascível, mas acredito que achou sua meia laranja quando topou com a médica da emergência.

—Como era?

—Era uma doutora e saltaram faíscas quando tentou lhe dizer o que tinha que fazer. Ela acabou dizendo que se calasse e que a deixasse fazer seu trabalho, que a doutora era ela. Ele não disse nenhuma palavra mais. Foi curioso porque ele, que nunca fala não se calava nem pau com a doutora.

—Ah! —exclamou Mariah.

—"Ah" o que? —perguntou Gabriel.

—Nada. Só me perguntava por que se comportaria de forma distinta com essa mulher, isso é tudo.

Gabriel continuou contando:

—Depois da operação o levaram a um quarto e fiquei para me assegurar de que estava bem. Quis esperar que despertasse para que houvesse alguém a seu lado quando o fizesse. Seria horrível despertar e ver que se está sozinho assim que me acomodei e esperei. Uns quantos meninos da agência tentaram entrar para vê-lo, mas a doutora não os deixou passar. Taryn despertou quando a doutora entrou para comprovar se tudo estava bem e ele voltou a ficar tão intratável como sempre. Não sei o que pensar.

Mariah sim acreditava saber o que acontecia.

—Espera um momento — o interrompeu— Como retornou a Hopeville?

Gabriel riu.

—Consegui convencer um dos tipos trajados para que me trouxesse.

—Vai ver Taryn amanhã? —perguntou ela.

—Tenho que ir ao Fort Stockton de qualquer maneira assim em vez disso irei a Midland. Vou ver se precisa de algo porque a verdade é que não sei se tem família por aqui.

—É uma boa pessoa — disse Mariah.

—Não tem nada a ver com ser boa pessoa ou não — foi a resposta brusca dele — Tem a ver com fraternidade tácita. Podemos não trabalhar para a mesma gente, mas estamos no mesmo bando e isso é tudo — Gabriel tirou a roupa, colocou a pistola e a capa na gaveta da mesinha de noite e se meteu na cama ao lado de Mariah. Atraiu as costas dela para ele, acomodou a cabeça dela sob seu próprio queixo e adormeceu imediatamente.

No seguinte se inteirou que alguém estava montada em cima dele e lhe agarrava o membro com a boca. Vá, isso sim que era uma boa forma de despertar. Despertar com Mariah era como se todos os dias fossem natais. Chupou-o muito suave para convencê-lo a despertar. Entretanto, deu-se conta que o pênis já estava mais que acordado e adotando a postura firme. Estendeu a mão para a gaveta em busca do preservativo, o pôs e a penetrou. Ela já o esperava. Gabriel nem abriu os olhos. Desfrutou de cada deslizamento sedutor que ela fazia acima e abaixo sobre o pênis íngreme até que explodiu dentro dela gritando. Mariah levou duas ou três investidas mais e o



seguiu ao esquecimento.

—Bom dia — o saudou sorrindo.

—Agora sim é — respondeu ele com um sorriso voraz. Mariah desceu de cima dele permitindo que se levantasse e fosse ao banheiro tirar o preservativo. Através da porta aberta ouviu-o levantar a tampa do vaso e logo depois de uma pausa a água. Sim, senhor! Aquele homem se sentia como em casa!

Voltou para a cama e voltou a se cobrir.

—Está com os pés gelados! — protestou ela.

—É obvio. Esperava que me aquecesse — Mariah se afastou dele tratando de escapar dos pés gelados, mas ele voltou a atraí-la para ele e a manteve presa pela cintura. Afastou seu cabelo do rosto e distribuiu beijinhos pelo pescoço e o ombro. A fez ficar de costas e elevou o braço direito por cima da cabeça deixando-o apoiado no travesseiro. Começando pelo pulso foi riscando com os dedos uma linha imaginária ao longo da sensível pele interior do antebraço para voltar a repassar a linha de cima abaixo, de abaixo acima. Mariah sabia que tinha a parte interna das coxas sensíveis, mas o que não sabia era que sentiria isto quando lhe acariciasse a pele dos braços. Gabriel deslizou as mãos para os seios e moveu os dedos pelo montículo receptivo para acabar substituindo a mão pela boca. Mordeu o suficientemente forte para fazê-la saltar, mas logo passou a língua para acalmar a dor. Mariah teve a sensação de estar flutuando, em sintonia com os puxões e dentadas. Sentiu-se indefesa quando Gabriel afastou as mantas e se colocou ao lado da cama para observá-la. Ela o seguiu com o olhar perguntando-se o que estaria tramando.

—Veem e se ajoelhe aqui na beirada da cama — pediu Gabriel com voz suave —Mariah fez o que pediu. Diante dela tinha justamente aquela desenfreada ereção começando a chorar excitada pedindo estar dentro dela — Fique bem na beirada da cama — pediu ele. De joelhos se deslizou para frente, mais para ele — Perfeito. Agora ponha as mãos debaixo dos seios e levante-os para mim — disse Gabriel tranquilo. Algo inquieta voltou a fazer o que pedia — Que formosos! Olhe como me imploram que os toquem. Mas não vou tocá-los nem com as mãos nem com a boca. Agora os junte para mim — ordenou amavelmente. Uma vez mais atendeu seu pedido, ele agarrou o pênis distendido e o deslizou entre os dois seios e pôs as mãos nos ombros de Mariah. Esta baixou o olhar e viu o pênis capturado entre os seios, mas era tão comprido que se sobressaía do berço que estes formavam. Distinguiu a enorme cabeça justo debaixo dela de modo que inclinou a cabeça e lambeu a gota de esperma que cobria a ponta. Brincou com a língua sobre a pequena racha e Gabriel quase caiu de joelhos — Não fiz isto com ninguém — grunhiu — Te parece demais? Quer que pare?

—Não quero que pare — gritou ela — adoro ter este poder sobre você — Juntou mais os seios e ele começou a deslizar o pênis para cima e para baixo. A fricção criada pelos seios era incrível e Mariah sentiu as diferentes mudanças do pênis enquanto este se preparava para ejacular. Soltou os seios rapidamente e se apoderou do pênis para colocá-lo na boca bem antes da erupção. Uma onda atrás de outra era lançada dentro dela e ela desfrutava reunindo na boca toda aquela essência. Soltou o pênis e limpou a boca com o dorso da mão — foi muito intenso — disse ao mesmo tempo em que estendia as pernas e voltava a deitar na cama.



Gabriel se deixou cair ao lado de Mariah incapaz de articular palavra. Tinha ouvido falar de homens que faziam este tipo de coisas, mas nunca se dispôs a tentar ele mesmo. A sensação de ter o membro enjaulado entre os seios dela tinha sido incrível e quando ela se inclinou para lambe a ponta e pôs a ponta da língua na racha, bom, aquilo tinha sido de matar.

—Gabriel, está bem? —perguntou Mariah olhando-o preocupada.

—Estou bem. Só foi uma dessas experiências próximas à morte que sigo tendo cada vez que faço amor com você.

—Foi impressionante. De verdade, me encantou. Como te ocorreu? — quis saber Mariah picada pela curiosidade.

—Lembrei de uma ocasião que um dos policiais jovens andava se pavoneando de ter feito isso com sua namorada e me pareceu um tremendo idiota por andar contando por aí sua vida sexual. Parece-me algo muito pessoal para contar a outras pessoas o que faz com seu par. Entretanto, acredito que devo agradecê-lo, não parece?

—Certamente que deveria estar agradecido. Gostaria de repetir — Gabriel soltou um grunhido. Não sabia se o coração resistiria. Mariah jogou uma olhada ao relógio e fez um gesto de dor — Terei que me preparar para ir trabalhar — levantou-se e foi à ducha, mas desta vez prendeu o cabelo para não molhá-lo. Gabriel continuou deitado, incapaz de mover-se e ouvindo-a cantar na ducha. Sempre conseguia surpreendê-lo. Temia que não aceitasse fazer o que Gabriel queria que fizessem, mas em vez disso recebeu com entusiasmo e o fez prazeroso para ambos. Mariah reapareceu envolvida em uma toalha e disse — Sua vez. Vestirei-me e em seguida preparo o café.

Gabriel se acomodou nos travesseiros e a observou enquanto tirava coisas do armário e das gavetas. Não tirou o olhar de cima quando vestiu outro daqueles escandalosos conjuntos seguido de um vaporoso vestido de verão com botões ao longo da parte dianteira. Estava para comê-la e se não tivesse descido com tanta pressa à cozinha, isso é o que teria feito. Mas, antes Mariah voltou a meter-se no banheiro. Gabriel se levantou e ficou na porta para ver se estava trançando o cabelo. Sim, e quase o tinha perdido. Acaso não sabia ela que aquele era um dos momentos altos do dia? Provavelmente, não. Teria que dizer. Pegou uma toalha e a pôs na beirada do suporte do lavabo para poder observá-la desta vez de frente. Mariah o olhou dissimuladamente e jogou um rápido olhar à ereção em auge. Ele se sentia tão confortável com Mariah que não se importava absolutamente estar ali sentado completamente nu. Isso a agradava. Perguntou — O que está olhando?

—Adoro olhar pelas manhãs quando faz isso com o cabelo. Todo esse montão de cabelo desaparece em uma trança cuidadosa e bem feita, mas sei que mais tarde voltará a soltá-lo só para mim. Adoro passar os dedos pelo seu cabelo e enterrar o rosto nele. É muito suave e cheira muito bem — Mariah seguiu com a tarefa de separar mechas e trançá-las para trás. Quando acabou a trança francesa indicou com gestos que se sentasse de lado sobre o vaso sanitário como havia feito no dia anterior. Gabriel pegou primeiro a toalha. Andar nu por aí tinha seus inconvenientes, sobretudo quando a louça sanitária estava congelada. Sabia que Mariah escovaria seu cabelo e o coração se antecipando se acelerou.

Mariah tirou a borracha do cabelo. Escovou com cuidado a juba para tirar os nós das



mechas. Tinha um cabelo formoso e abundante, como a pele de um animal, e era tão escuro que à luz do sol quase parecia azul. Mariah apertou as coxas sabendo como acabaria o dia quando tirasse a borracha e voltasse a escovar seus cabelos. Inclinou-se, beijou o ombro nu e saiu deixando que se preparasse.

Tinha o membro tão inchado que sabia que seria complicado abotoar os jeans se não resolvesse o assunto quando estivesse debaixo da ducha. Talvez fosse melhor ideia observá-la enquanto se preparava nos fins de semana quando tivessem mais tempo para fazer amor, mas por outro lado estava disposto a sofrer alguns inconvenientes diariamente desde que estivesse com ela.

Enquanto Mariah punha o bule para ferver ouvia a água da ducha no piso de cima. Gabriel se havia por fim avivado o suficiente para chegar até a ducha. Pensou que "avivar-se" talvez não fosse a forma mais correta de expressá-lo. Pensar nele avivado fazia saltar uma campainha entre as pernas. E sem dúvida tinha que preparar-se para ir ao colégio. Olhou o calendário que pendurava da parede e se deu conta de que era terça-feira: supunha-se que nesse dia seu irmão viria para jantar. Com tudo o que passou esquecera por completo, mas Burke com certeza não esquecera. Nunca esquecia um convite para comer porque odiava cozinhar. Falaria com Gabriel e perguntaria se podia preparar algo. Se ele preparava o jantar cabia a ela preparar algo bom para o café da manhã, assim tirou ovos, leite e noz moscada. Misturou tudo e preparou umas rabanadas. Quando Gabriel apareceu minutos mais tarde, recebeu-o o delicioso aroma do pão cozinhando.

—Deus! Mas, o que cheira tão bem? Sem se voltar ela respondeu:

—Estou preparando rabanadas. Ficam prontas rapidamente — Se voltou para olhá-lo — Ora, se barbeou — Desiludiu-a o fato de ter perdido.

—Terá que confrontar o fato de que embora você não esteja presente seguirei fazendo coisas de homens — Agarrou-a pelo queixo e a beijou.

Ela ruborizou ao recordar algumas daquelas coisas de homens que já tinha testemunhado e não se tratava precisamente de barbear-se.

—Está tendo pensamentos sujos — espetou Gabriel quando viu o rubor.

—Já sabe que é culpa sua — se desculpou Mariah rindo.

—Obrigado — Gabriel sorriu — Adoro ser de ajuda — Gabriel ofereceu uma cadeira e ela se sentou. Mariah passou a mão pelo suave queixo e mandou um beijo pelo ar.

Gabriel riu, sentou-se e pegou uma fatia de pão. Enquanto estavam comendo Mariah mencionou que Burke deveria vir jantar. Antes que pudesse pedir que se encarregasse do jantar, Gabriel perguntou o que queria que preparasse.

—Não tem tempo para cozinhar — disse Gabriel — Além disso, depois do trabalho estará cansada. Como de qualquer maneira tenho que ir a Midland comprar algumas coisas e ver como vai Taryn, posso comprar de passagem algo para o jantar. Acredito que prometeu ao seu irmão que haveria lasanha, assim, comprarei o necessário para fazê-la.

—Sabe fazer lasanha? — perguntou Mariah encantada.

—Adoro lasanha assim convenci minha amiga para que me ensinasse a fazer e a verdade é que é bastante fácil. Comprarei também um pouco de pão e algo para fazer uma salada — Mariah



não acreditava em sua sorte. Gabriel era bonito, forte, inteligente e, se acaso isso fosse pouco, sabia cozinhar. Isso no livro vinha sendo uma mescla explosiva. Estavam preparados para ir.

—A que hora quer que a pegue esta tarde? — perguntou Gabriel antes de por o capacete.

—Às quatro e meia. Como ontem. Estarei pronta quando chegar. Ligarei também para a oficina para saber do carro — Montaram na moto e foram para o colégio. Quando chegaram, Mariah viu sua amiga Shannon saindo do estacionamento — Olhe, ali está Shannon. Entro com ela — se afastou uns passos, mas se virou e voltou junto ao Gabriel.

—Esqueceu algo? — perguntou este.

—Sabe que sim — Mariah agarrou seu rosto e plantou um beijo — Não quero que se esqueça de mim durante todo o dia — se justificou Mariah rindo.

—Não se preocupe — gritou ele enquanto se afastava.

—É um tipo realmente bonito — disse Shannon ao lado de Mariah. As duas permaneceram ali de pé vendo-o afastar-se.

—Certamente que sim — admitiu Mariah — Certamente que sim — E viraram para tomar o caminho da escola.

Gabriel foi para o escritório do xerife porque queria parar ali antes de seguir para Midland. Os federais já tinham levado Simpson, aliás, Simms, a Houston e estavam discutindo a respeito de aonde levá-lo a julgamento. Pelo visto vários organismos de segurança do estado queriam uma parte dele por vários delitos cometidos, de modo que Simon disse que ficaria em contato com Burke e comunicaria a decisão final.

—Aonde vai? — perguntou Burke a Gabriel sentado em seu escritório com as pernas cruzadas apoiadas em cima da mesa. Gabriel sabia que embora Burke desse a imagem de ser um xerife um tanto tosco não o era em nada. Era inteligente e estava bem preparado. O único que faltava era a experiência que se adquire trabalhando em uma grande cidade.

—Vou a Midland comprar umas coisas e me ocorreu passar por aqui para ver que tal vai esse menino do FBI.

—Incrível verdade? Disparam em sua perna e não diz nada até que tudo se solucionou. Não sei se o considero incrivelmente valente ou incrivelmente estúpido. —Gabriel assentiu com a cabeça para demonstrar que estava de acordo.

—Acredito que não queria chatear a operação assim esperou o momento oportuno para nos comunicar que o tinham alvejado.

—Não acredito que haja um momento oportuno para dizer que o alvejaram — exclamou Burke rindo. Logo clareou a garganta — Queria te falar a respeito dessa insígnia que te dei — Olhou Gabriel de relance.

—Não a tenho aqui, mas se quiser posso trazer mais tarde quando buscar Mariah — disse Gabriel a contra gosto. Por alguma razão não estava ainda disposto a devolvê-la ao Burke.

—Queria te falar disso. De me devolver isso quero dizer. Gabriel o olhou confuso e disse

—Não te entendo.

—Soletrarei — disse Burke — Gosto de trabalhar com você. É inteligente, está bem



preparado, e por alguma estranha razão, gosta da minha irmã. Não quero que me devolva isso. Ao menos não de momento. Não até que você mesmo tenha decidido o que é o que realmente quer fazer. Se decidir que quer voltar para Chicago, por mim não há problema, mas se decidir ficar aqui, o posto é teu.

Gabriel não soube o que dizer. Tinha dado por certo que o trabalho de ajudante do xerife era algo passageiro para ajudar naquela operação. Não tinha se dado conta de que Burke queria que ficasse.

—Tenho que falar com Mariah. Se ficar aqui, quero que não se importe ter dois homens da lei na família.

A cara de Burke se iluminou com um enorme sorriso.

—Assim, ficará? — perguntou.

—Se ela me quiser — Ao Burke parecia muito bem que sua irmã tivesse alguém como Gabriel. Mariah esmagaria a qualquer brando e o voltaria louco, mas Gabriel era feito de outra massa.

—Falaremos disto na próxima semana — prometeu Gabriel— Agora tenho que ir a Midland e tenho que estar de volta às quatro e meia para buscar Mariah.

—O que aconteceu com o carro? —perguntou Burke.

—Deveria estar pronto um dia destes, mas a verdade é que gosto de levá-la ao trabalho e buscá-la. Acredito que ficarei desiludido no dia que tiver o carro arrumado — admitiu pesaroso — Bom, tenho que ir — dispôs-se a partir, mas se voltou bruscamente — Não se esqueça que o esperamos para jantar esta noite.

Burke riu.

—Mariah não te disse que nunca esqueço um convite para comer? A comida que eu mesmo preparo me cansa e tampouco há tantos lugares por aqui onde possa comer. Quantos pedaços de frango um homem pode comer? — Burke estremeceu — Espere depois do trabalho, por volta das sete mais ou menos — Ao chegar à porta, Burke o chamou — Toma — e atirou um chaveiro — Leve minha picape. Precisarás se vai comprar em Midland.

Gabriel deixou as chaves da moto e o capacete sobre a mesa.

—Então leve a moto quando vier jantar — deteve-se — E, obrigado.

Após Gabriel ir, Burke chamou Margaret pelo interfone.

—Margaret, pode me pôr em contato com Cari, da oficina de Jansen?

—Certo xerife. Porei em minha agenda de hoje de coisas importantes a fazer — respondeu Margaret.

—Margaret! — Podia chegar a ser realmente irreverente, mas a verdade era que Burke não sabia o que faria sem ela.

—Só estava brincando, xerife. Não se irrite. Telefonarei agora — Margaret interrompeu a comunicação e fez a chamada. Burke se recostou na cadeira com cara de satisfação.



Uma hora mais tarde aproximadamente Gabriel chegou a Midland. Fez a primeira parada no hospital. A hora de visitas acabava de começar assim pôde entrar no quarto de Taryn sem mais. A primeira coisa que lhe chamou a atenção ao abrir a porta foi a falta de flores ou cartões e sentiu pena. Quem seria este homem e por que seria um solitário? Gabriel pensou em si mesmo e o caminho solitário que tinha tomado ultimamente na vida, mas a esperança tinha chegado na forma de uma mulher pequena embora determinada e que o fez voltar ao mundo dos vivos a base de gritos e patadas. Pode ser que Taryn necessitasse de uma patada no traseiro embora antes conviesse um exame de consciência e a correspondente cura da alma. Pôs um sorriso para rebater a expressão sombria de Taryn. Aparentemente vê-lo não o fazia muito feliz. Bom, isso não era precisamente uma surpresa. Dava a impressão de não saber se comportar quando estava com gente, mas Gabriel atribuiu à dor e não à falta de graça social. Afinal era um hospital e não um baile de debutantes.

—O que faz aqui? — recebeu-o Taryn com voz áspera obviamente surpreso e aborrecido ao vê-lo.

—Olhe — respondeu Gabriel tentando controlar o próprio aborrecimento — Não quero ser seu amigo da alma, mas de homem da lei a homem da lei, quero me assegurar de que está bem.

—Estou estupendamente. Encerrado aqui dentro, sem poder sair e com essa médica continuamente me incomodando. OH, sim, estou genial — esclareceu Taryn de maus modos.

—Vou às compras. Quer que traga algo? — perguntou Gabriel.

—Que tal uma perna nova ou um médico novo, um atento e amável e não Átila, o Huno? — propôs Taryn sarcástico. Gabriel, que tinha conhecido a doutora a noite anterior, ficou impressionado por sua competência e compostura. Taryn não tinha cooperado, mas ela o tinha levado com calma. Como evocada por aquelas palavras, a porta se abriu e entrou a doutora tão alegre. Sorriu para Gabriel e fez um gesto com a cabeça ao paciente. Taryn permaneceu mudo e não a saudou. Gabriel sentiu certa tensão entre os dois, mas estava claro que não os preocupava. Perguntou-se se talvez não fosse assim brusca com Taryn para ocultar a reação que provocava nela. Se estivesse lendo os sinais de forma correta, estava claro que os dois lutavam contra uma inconveniente atração mútua. Talvez tivesse oportunidade de dar uma mão. Também se deu conta que um médico de urgências não costumava visitar aos pacientes nos quartos, assim aqui havia algo mais do que se via a primeira vista.

—Olá. Sou a doutora Roberts — se apresentou dando a mão a Gabriel.

—Gabriel Blackburn — respondeu.

—Recordo você de ontem à noite quando trouxeram seu amigo — acrescentou pegando o relatório de Taryn aos pés da cama e verificando os sinais vitais.

—Não é meu amigo — disseram Gabriel e Taryn em uníssono. A doutora ficou olhando sem saber o que dizer.

—Sinto muito, pensava que eram amigos.

—Somos mais conhecidos de trabalho — explicou Gabriel e Taryn assentiu com a cabeça.



—Conhecidos de trabalho normalmente não recebem disparos, segundo minha experiência — riu ela.

—Certo. Os dois somos agentes da lei — admitiu Gabriel.

—Imaginei ao ver chegar tantos tipos uniformizados quando o trouxeram. Parecia uma convenção do FBI — Taryn não sabia do que estava falando — Queriam entrar na maldita sala de operações. Tive que lhes pôr freio. Deixei que seu amigo ficasse, mas fiz que os tipos uniformizados fossem para sala de espera — Taryn não tinha nem ideia que ontem à noite também estiveram outros agentes ali. Tinha fama de solitário e não imaginou que alguém se importasse com o que pudesse lhe acontecer.

—Parece que está tudo bem — comunicou a doutora pendurando de novo o relatório — Em um par de dias terá alta — voltou-se para Gabriel e disse — Posso falar com você um momento? — Gabriel a seguiu ao corredor e a escutou.

—Poderá ir para casa dentro de um par de dias, mas não pode se apoiar na perna. Pelo que averigui vive sozinho e o mais provável é que não siga minhas recomendações. De verdade não pode apoiar-se na perna e terá que ir a fisioterapia para recuperar a mobilidade. Alguma sugestão?

—Falarei com o xerife do condado de Orono. Taryn estava trabalhando ali quando lhe dispararam e, além disso, o xerife é meu amigo. Verei se nos ocorre algo e amanhã direi a você. — Enquanto os dois estavam ali de pé falando a porta do elevador se abriu e apareceu um centro de flores enorme levado pelos braços de Simon Lang.

—Olá, Gabriel — saudou — Não quis esperar que entregassem assim me ocorreu trazer em pessoa. Que tal ele está? — Gabriel riu. Era um buque enorme, mais apropriado para um banquete nupcial, mas, sem dúvida, Simon tinha o coração do lado certo.

—Esta é a doutora Roberts — disse Gabriel — Foi ela quem se ocupou ontem à noite de Taryn — Simon fez malabarismos com as flores para poder estreitar a mão da doutora.

"Interessante" pensou Gabriel. "Não reage com Simon e normalmente caem todas rendidas aos seus pés."

—Obrigado por cuidar de meu companheiro. Que tal vai? — perguntou Simon.

—Ficará bem, embora tema que não haja nenhuma pílula contra o mau humor. Sinto muito, não devia dizer isso, mas é que me cai mal — se desculpou suspirando — Acredito que poderemos dar alta dentro de um par de dias, mas o senhor Blackburn lhe falará da conversa que acabamos de ter. Tenho que ir para casa. Estive de plantão toda a noite e preciso dormir. Falamos amanhã, Gabriel — Aproveitou que o elevador acabava de abrir as portas e se meteu rapidamente dentro antes que voltasse a fechar.

—"Falamos amanhã, Gabriel" — imitou Simon com voz aguda de mulher — Para onde vai isto?

—OH, não é em mim que está interessada. Acredito que se interessa em Taryn — disse Gabriel — Quer assegurar-se de irá a um lugar onde possam cuidar dele. Teme que não deixe a perna descansar e, a verdade, é precisamente o que vai acontecer se for para a sua casa. Vive só verdade? Como pressupus que não tem família perto ofereci à doutora que verei se posso fazer



algo a respeito.

—É um tipo muito solitário, mas não é mau homem. Dado o caso te apoiaria até o final.

—Tenho que ir às compras. Pensei em comprar um livro, uma novela de espões ou algo do tipo. Ou isso ou uma novela romântica das muito sensíveis.

Simon soltou uma risada.

—Se fosse você, optaria pela novela de espões. Não vai estar sempre preso à cama e cedo ou tarde poderá tomar represálias por comprar uma novela romântica.

—Pois poderia ser um incentivo para se curar rápido — murmurou Gabriel. Simon abriu a porta do quarto de Taryn.

—De que demônios estão rindo aí fora e quem vai se casar? — Gabriel ouviu ladrar Taryn quando este viu as flores. Poderia ser que por fim optasse por uma novela romântica. O valor da comédia é impagável. Talvez inclusive encontrasse uma novela de romances médicos. Ou, uma sobre uma doutora guerreira e um paciente mal-humorado. Seguiu pelo corredor, muito otimista quanto a sua missão da compra do livro.

* * *

Mariah estava encantada porque hoje ninguém tinha tentado pintar a classe de vermelho enquanto pensava em Gabriel embora seguisse ocupando grande parte de seus pensamentos ao longo de todo o dia. Perguntou-se como estaria no hospital a visita ao agente do FBI. Comeu um sanduíche e passou a hora do almoço trabalhando na sala de aula, assim quando ele chegasse estaria pronta. Surpreendeu a si mesma desejando voltar para casa e contar como tinha sido seu dia. Bom, isso não era a única coisa que estava desejando. Quando juntou os meninos sobre o tapete para ler um conto, desejou que Gabriel entrasse para fazer uma visita. Já ouvia os comentários e as perguntas: por que tem o cabelo comprido? É uma garota? Sabe que só as garotas usam o cabelo comprido. Por que é tão grande? Essa moto é sua? Posso montar nela? Conte uma história? Não tenho papai. Você gosta da senhorita Forrester? É bonita, verdade?

Os meninos eram sinceros e curiosos. Sabia que Gabriel levaria tudo com calma.

* * *

Gabriel não tinha nem ideia de que houvesse tantas novelas românticas no mundo. Havia novelas sobre piratas e vampiros, sobre príncipes e escoceses, sobre sheiks e enriquecidos homens de negócios. Havia as que tratavam de mulheres poderosas sem as quais os homens não podiam viver. Esse tópico lhe tocava.

—Posso ajudar? —ofereceu a balconista.

—Têm algum romance médico? — perguntou Gabriel.

—Está interessado em algum autor em particular? —quis saber, perguntando-se ao mesmo tempo se era possível que a este homem tão grande e bonito agradasse as novelas românticas.

—Não. A verdade é que não. Meu amigo está no hospital e quero lhe dar de presente um



por brincadeira. Quero um que fale de uma médica obstinada e um paciente resmungão.

A mulher elevou as sobrancelhas.

—Entendo — mas em realidade não entendia nada — Olhe nesta seção, estou segura de que encontrará o que está procurando — e indicou uma estante rústica cheia de livros.

—Também estou procurando novelas de espões — acrescentou Gabriel.

—Essas estão ali — disse mostrando várias estantes no outro extremo da livraria. Gabriel repassou as novelas de médicos e encontrou a novela perfeita para Taryn, agarrou o último sucesso em novelas de suspense e pediu que embrulhasse em papel de presente. Quando voltou para a caminhonete passou por uma loja especializada em roupa de jeans assim entrou para ver se tinham o que queria. Saiu meia hora mais tarde com uma grande caixa de presente na mão e um sorriso inclusive maior no rosto. Mal podia esperar para ver a cara que faria quando abrisse a caixa.

De volta ao hospital passou por um centro comercial. Armou-se de coragem e entrou para uma breve incursão para comprar umas camisetas e um par de calças jeans. A atenção que recebia nas lojas sempre conseguia surpreendê-lo. As mulheres o adulavam. Tinha espelho e via como ficava a roupa. Não entendia o que era o que tanto as excitava. Uma vez uma inclusive tentou dar seu número de telefone, mas ele rechaçou amavelmente. Tinha todas as mulheres que necessitava em Hopeville. Gabriel pôs a caixa para Mariah no assento de atrás da caminhonete e foi para o hospital, onde pediu a uma enfermeira que entregasse o presente a Taryn quando tivesse tempo. Por nada queria estar presente quando o abrisse.

Quase já tinha saído da cidade quando se lembrou do jantar. Meteu-se em outras lojas de departamentos e foi diretamente para a zona de verduras para começar com o pedido. Em um abrir e fechar de olhos, estava na caixa com os ingredientes para a salada, pão crocante e uma enorme lasanha congelada. Que demônios! Não gostava de cozinhar ao chegar a casa. Além disso, estava ficando tarde e não queria que Mariah tivesse que o esperar. Tinha que passar antes ainda por casa. Não queria que ela visse a caixa antes do tempo e certamente não queria que a abrisse diante do irmão.

Passou todo o trajeto imaginando como seria a aventura daquela noite quando Mariah abrisse a caixa e visse o conteúdo. Imaginar era muito fácil porque era como ver um filme. Abriria a caixa, ficaria confusa e lembraria das experiências passadas e então ele começaria com o jogo de sedução. Caía-lhe bem seu irmão, mas esperava que não ficasse até tarde. Gabriel se deu conta de que as reflexões tinham durado quase todo o trajeto. Estava entrando na pista que ia à casa de Mariah e nem sequer se deu conta de que já estava quase em casa. Estacionou a caminhonete ao lado da casa e descarregou as verduras, a roupa nova e o presente. Deixou a lasanha sobre o balcão e subiu para esconder a caixa no fundo do armário. Certamente não queria que ela subisse e encontrasse a caixa antes que Burke chegasse ou, o que seria até pior, enquanto Burke estivesse. Sorrindo deixou as compras sobre a cama e escondeu a caixa no fundo do armário atrás da roupa. Quando a pôs a salvo Gabriel olhou o relógio que estava na mesinha de noite e descobriu com surpresa que era hora de buscar Mariah. Perguntou-se como estaria o conserto do carro. Desejou que nunca o arrumassem, mas sabia que isso era uma quimera. Conseguiu chegar ao colégio no



momento em que Mariah saía pela porta junto com sua amiga Shannon.

—Boa tarde senhoritas — saudou ao tempo que descia da caminhonete e as recebia. Deu um abraço forte em Mariah depois de um dia inteiro sem vê-la. Queria levá-la para casa para ficar sozinhos, mas recordou com grande desconsolo que Burke viria. Queria tê-la só para ele e jogar com ela aqueles jogos picantes que tanto gostavam.

—Até manhã, Shannon — se despediu ao entrar na caminhonete.

—Passe bem, céu — se despediu esta por sua vez afastando-se e acrescentando — Não faça nada que eu não faria!

—Isso seguro que nos deixa bastante margem — disse Gabriel a Mariah com um sorriso sensual. O olhar de Mariah deixou claro o quão mau o deixaria ser — Que tal o dia? Burke me emprestou seu carro para ir a Midland — seguiu contando atropeladamente enquanto saiam.

Esperava daquela maneira esquecer o membro emergente. Um só minuto com ela no carro, um olhar de parte dela e era capaz de cravar pregos com o membro. Ela teria ideia do poder que exercia sobre ele?

Quando soltou o freio Mariah se empertigou no assento. Um minuto com ele no carro, um sorriso malicioso de parte dele e já tinha as calcinhas úmidas. Ele teria ideia do poder que exercia sobre ela?

Gabriel a olhou e notou que estava retorcendo-se. Podia ser que acontecesse o mesmo que ele.

—Está bem? — perguntou meio em brincadeira. Ela voltou a mudar de posição e para Gabriel ficou claro que lhe acontecia o mesmo.

—Sim, sim. Estou bem — disse movendo-se outra vez. Estava muito sensível e preparada para seguir sentada durante muito mais tempo. Tinha os lábios inferiores inchados de desejo.

—Quando chegarmos a casa me ocuparei disso — disse Gabriel olhando-a como se soubesse perfeitamente o que acontecia. E ela sabia exatamente do que estava falando. Mariah olhou sua virilha e viu o enorme vulto que saía dos jeans. Pegou-a olhando seu membro inchado e explicou:

—É sua culpa, garotinha.

Ela riu e respondeu com as mesmas palavras:

—E quando chegarmos a casa também me ocuparei disso — Gabriel perdeu o controle do carro e quase saiu da estrada, cego de luxúria.

—Não se esqueça disso até que cheguemos a casa. Não quero que tenhamos um acidente antes de te levar para casa e poder te fazer uma mamada tão boa que goze em minha boca — Mariah começou a retorcer-se de novo.

Gabriel procurou respeitar os limites de velocidade. Não queria que o parassem justo quando mais a desejava. Por fim se meteu na pista e acelerou a fundo para a casa, mas em vez de estacionar diante, levou o carro à parte traseira da casa. Desceu, passou por detrás da caminhonete e abriu a porta.

Agarrou-a pela cintura e suspendendo-a a levou até o capô do carro. Ali a sentou e começou a desabotoar o vestido por cima até ter desabotoado até o último botão. Afastou o



vestido para os lados e abriu o fecho frontal do sutiã. Os seios ficaram expostos como algum tipo de banquete sexual servido no capô de um carro.

— Apoia os pés em meus ombros e levanta o traseiro — pediu ele e ela obedeceu. Quando se levantou lhe tirou as calcinhas e guardou no bolso — Agora o único que tem de fazer é se recostar — Ela se deitou sobre o capô e deixou que ele pusesse em marcha a magia. Olhou-a: que bela estava à luz do sol, com as pernas abertas para ele enquanto uma suave brisa cálida envolvia a ambos. Notou que nela estava uma gotinha, de forma que quando cobriu aquela zona com a boca e ela soltou um agudo grito de angústia.

— Gabriel, por favor! Não me torture! Faz com que goze já! — rogou-lhe. Ele chupou o clitóris inchado e com isso bastou: começaram os foguetes. Estava estendida ao quente sol tentando respirar. Apoiou-se sobre os cotovelos e disse — Puxa menino. Agora é sua vez — Com a ajuda dele desceu da capota e indicou que subisse ele. A caminhonete tinha um para-lama frontal muito grande de modo que pôde sentar-se e apoiar os pés no mesmo e evitar assim escorregar. Ela estava muito sexy ali de pé, com o vestido aberto, quase sem nada por baixo e com o rosto ruborizado pelo orgasmo.

— Está confortável? — quis saber.

— Estou bem.

— Desabotoa os botões do jeans — ordenou Mariah — Agora afaste para os lados — O pênis tinha montado uma loja de campanha com a cueca e estava pedindo alívio. Baixou a cueca com cuidado e o membro saiu disparado para a luz do sol. Parecia um deus grego, com o enorme membro erguido esperando a boca dela. Ela o colheu com as duas mãos. Moveu para cima e para baixo aplicando ao mesmo tempo uma suave pressão.

Apareceu uma diminuta lágrima na ponta do pênis que tirou com a língua.

— Está me matando — disse Gabriel com voz afogada — me libere desta angústia — rogou. Mariah o engoliu e deixou que ao baixar os seios nus se esfregassem contra os jeans. Gabriel pôs as mãos debaixo dos seios e os capturou jogando ao mesmo tempo com os mamilos enquanto ela tragava. Mariah abriu a garganta para poder engolir mais do que ele pensava que seria capaz. Gabriel sentiu como lhe esticaram os testículos e soube que ejaculária. Bramou quando o fez e viu as estrelas pela potência do orgasmo. Abriu os olhos e a viu limpando a boca com os dedos. A seguir os meteu na boca para poder lambe até a última gota daquela essência.

— Não quero desperdiçar nada — disse com um sorriso de orelha a orelha. Gabriel gemeu, desceu do capô e abotoou os jeans. Atraiu-a para ele e abotoou seu vestido. Cada centímetro de pele que desaparecia era trocado por um resistente beijo. Quando todos os botões estiveram abotoados a abraçou com força.

— Isso foi muito bom — disse, satisfeito no momento. Deixou-a ali e abriu a porta do passageiro para pegar a mochila e o capacete de Mariah. Quando entraram na cozinha pela porta detrás Gabriel acendeu o forno para pré aquecê-lo.

— Como andava escasso de tempo comprei lasanha congelada — explicou — Prepararei minha lasanha especial em outra ocasião.

— Não me importa o que tenha para jantar desde que não o tenha que fazer. Vou me trocar



e quando descer preparo a salada — Mariah desapareceu pelo corredor, mas seguiu ouvindo Gabriel trabalhando na cozinha. Não soube se devia estar decepcionada ou aliviada pelo fato de que não a seguisse escada acima. Queria fazer amor com ele, mas não com Burke a caminho. Seria incômodo para todos. Estava tão imersa em seus pensamentos que não ouviu Gabriel subir e ficar na porta. Entretanto, notou que a estavam observando e ao girar o viu apoiado no batente da porta.

—Não há muito que preparar assim me ocorreu que também podia subir e olhar enquanto se troca. Assim posso comprovar em que medida se ajusta à realidade a imagem que estive forjando durante todo o dia em minha mente de você se despindo — sentou-se no divã ao lado da janela. Mariah tirou o vestido e ficou tão somente com um diminuto sutiã. Gabriel trouxe ao dar-se conta de que as minúsculas calcinhas estavam naquele momento em seu bolso. Mariah o olhou e viu que estava ruborizando. Estava se excitando observando o strip-tease e isso a encantou. Enquanto ele seguia olhando, tirou o sutiã e o atirou sobre a cama. Passou diante dele para ir ao armário e desprendeu um vestido curto do cabide. Gabriel tinha escondido o pacote bem no fundo de modo que estava seguro que não o veria. Pôs o vestido sobre a cama. Colocou os braços pela parte inferior do vestido e deixou que deslizasse pela cabeça e o corpo. Rebuscou no armário até encontrar umas sandálias que faziam jogo com o vestido.

—Bom, vou descer e preparar a salada — disse e Gabriel pareceu ficar aturdido.

—Não se esquece de algo, Mariah? — perguntou com voz estrangulada.

—Sim, claro. Que tola! — disse e se sentou e lhe deu um comprido, lento e úmido beijo lambendo primeiro o canto da boca e logo colocando a língua dentro. Ficou de pé inclinada para frente para que Gabriel pudesse olhar dentro do decote enquanto lhe dava um beijo na frente. Os seios penduravam soltos e os mamilos estavam rígidos de excitação.

—Referia-me a que se esqueceu de pôr roupa íntima — explicou Gabriel com voz rouca. Como poderia passar a noite sabendo que debaixo do vestido não levava nada?

—Faz muito calor para pôr isso e Burke estará muito ocupado comendo lasanha para dar-se conta — se justificou acariciando a bochecha dele.

—Pode ser que ele não se dê conta, mas te asseguro que eu sim — gritou Gabriel, mas ela já tinha saído pela porta e fingia não ouvir nada. Se Gabriel tivesse visto sua cara, descobriria um amplo sorriso. Seguiu-a.

—Espera Mariah. Não serei capaz de me concentrar em nada. Só poderei pensar em que debaixo desse vestido não leva nada.

—Sinto muito, Gabriel. Não há tempo para trocar. Burke está a ponto de chegar — disse por cima do ombro.

As mãos de Gabriel tremiam. Nem sequer estava no mesmo cômodo que ela e lhe tremiam as mãos somente ao pensar que não levava roupa íntima. Pensou na pele suave das nádegas. Teve a língua e as mãos sobre elas. Tinha esfregado os lábios contra elas e por isso sabia que tinham o tato suave das pétalas de rosas. Queria ficar detrás dela e levantar o vestido, agarrar o traseiro entre ambas as mãos, ajoelhar-se e lhe colocar os dedos e a língua. Em vez disso voltou a meter-se no dormitório e frustrado tirou a camiseta. Podia dirigir isto. Podia controlar a libido.



Possivelmente. Tirou as botas, as meias, os jeans e a cueca tudo com um só movimento e foi tomar uma ducha bem fria. Enquanto não pensasse naquela mulher sem nada debaixo do vestido talvez conseguisse manter ao indisciplinado membro sob controle. Não era muito provável!

Quando ouviu correr a água da ducha Mariah se deixou cair sobre o balcão. Graças a Deus que não a tinha seguido à cozinha. Não teria sido capaz de resistir e não se entusiasmava com a ideia de estar sobre a mesa com as pernas abertas quando seu irmão chegasse. Estar tombada sobre a mesa com as pernas abertas para Gabriel estaria bem, mas não com a iminente chegada de Burke. Foi difícil fingir indiferença enquanto se vestia. Não pôr roupa íntima tinha sido uma provocação, mas valera a pena tão somente por ver a reação de Gabriel. Sabia o duro que seria para Gabriel controlar-se enquanto Burke estivesse presente e sabia quão duro teria o membro quando partisse. Adorava tê-lo na beira do abismo.

Colocou a lasanha no forno e procurou na geladeira os ingredientes da salada. Então se deu conta de que a ducha já não estava ligada. Deixou as coisas da salada e se apoiou com as mãos no balcão. Imaginou Gabriel saindo da ducha e secando-se. Começaria pelo cabelo e o rosto, passaria dos largos ombros ao peito e acabaria no impressionante pênis. Desejou estar acima e poder tomá-lo na boca recém saído da ducha. Ainda escorregariam gotas de água por ele. As seguiria com a língua e lamperia uma a uma. Não lhe daria quartel, lamperia ao longo e colocaria a ponta na boca, ali ansiosa a rodearia com a língua e tragaría o esperma quente e salgado enquanto ele gritasse de prazer. Agora estaria vestindo os jeans sem roupa interior porque quando estava em casa nunca punha. Assim sempre tinha o delicioso pênis acessível e ao seu dispor. Perguntou-se se teria comprado uma camiseta preta em Midland. Adoraria ver aquele esculpido peito coberto por uma apertada camiseta preta metida nos jeans gastos. Seria um presente para os olhos que saberia apreciar. Estava no balcão fingindo preparar a salada e de repente sentiu como uma gota de nata própria escorregava lentamente pela coxa. Ficava tão excitada só pensando nele que bastava para molhar-se de excitação. Ouviu-o entrar na cozinha e se perguntou como teria descido as escadas sem que se desse conta. Olhou no chão e viu os enormes pés de Gabriel posicionados em ambos os lados dos seus. Que demônios: por isso não o tinha ouvido. Imobilizou seu corpo com o dele contra o balcão. Colocou as mãos entre as pernas e foi subindo para a junção das virilhas. No momento em que deu com o riacho de excitação descendo pelas pernas cantarolou com voz suave:

—Vá, carinho, quer que te dê uma mão?

Mariah assentiu através de uma bruma sensual.

—O que ocorreu, neném? — perguntou acalmando-a — Estava solitária aqui embaixo. Como é que se pôs úmida?

—Ouvi a ducha —soltou— Te ouvi na ducha. — Gabriel sorriu compreendendo.

—No que pensava quando ouviu a ducha? — sussurrou amavelmente. Ela negou com a cabeça. Dava-lhe vergonha revelar os pensamentos eróticos.

—Pode contar — sussurrou ao ouvido — Quero saber.

—Imaginei saindo da ducha e secando-se. Começou pelo cabelo e o rosto e em seguida passou do peito ao membro — Gabriel tragou — Ainda escorregavam gotas de água e quis tirá-las.



—Como? —perguntou afônico.

—Com a língua — respondeu ela. O membro de Gabriel estava empurrando contra o rígido tecido dos jeans e pedindo entrada na racha quente e úmida. Olhou caso a ponta já apareceria por cima da cintura da calça de tão dura e larga que a notava, mas só viu o vulto nos jeans.

—Está muito úmida. Quer que te alivie um pouco? — ofereceu-se e colocou a língua na sua orelha.

—Sim, por favor — pediu Mariah. Sentiu-se despojada de tudo quando Gabriel afastou as mãos, mas ato seguido notou que as tinha metido no bolso. No minuto seguinte ouviu rasgar o pacote da camisinha e sentiu a deliciosa alegria de sentir-se penetrada por trás. Inclinou-a um pouco para frente para que facilitasse uma entrada mais profunda. Tomou seu tempo para que sentisse os contornos do membro enquanto a bombeava. Ela se agarrou ao balcão com tanta força que os nódulos ficaram brancos.

—Você gosta? — perguntou enquanto lhe mordiscava o tendão do pescoço.

—Sabe que sim — confirmou ela e mordeu o lábio inferior esperando uma nova investida. Gabriel teve a sensação de que sua cabeça sairia disparada. Quando pensou que a coisa não podia melhorar, o prazer se intensificou. Aumentou o ritmo e com a força das investidas a levantou sobre o balcão. Sentiu que estava a ponto de gozar assim a agarrou pela cintura para baixá-la mais sobre ele. E gozou. Mariah desabou sobre ele e se alegrou de que a estivesse sustentando.

—O que? Não se alegra de que não leve roupa interior? — perguntou Mariah débil.

—Se estivermos sozinhos, sim, mas como vou me controlar com seu irmão diante?

—Estou segura de que um menino grande e duro como você não terá nenhum problema. — Mariah suspirou quando ele saiu de dentro dela.

—Nunca tive problemas para me controlar — disse — até que a conheci. Perto de você meu autocontrole é nulo, entretanto, estou começando a gostar disso — Mariah abriu a porta debaixo da pia para que pudesse atirar o preservativo no lixo. Viu como voltava colocar o pênis dentro da calça e sentiu ciúmes. Odiava vê-lo desaparecer. Gabriel observou com desgosto como abaixou o vestido. Odiava ver aquele formoso traseiro coberto. Teria que esperar até que Burke fosse para se fazer presente. Como por encanto, nesse momento ouviu o rugido de uma moto entrando na pista. Pelos cabelos. Gabriel agarrou a mão dela para receber Burke.

—Agora é melhor que tome cuidado com as mãos — advertiu Mariah a caminho da porta. Deu-se conta de que o tiro saíra pela culatra porque Gabriel colocou a mão debaixo do vestido e acariciou a pele suave de uma nádega.

—O último tapinha do momento — Gabriel sorriu — Quando seu irmão não estiver olhando, colocarei o dedo na linda rachinha. Farei diante e assim também trabalharei o clitóris. Dessa maneira pensará melhor da próxima vez que pensar me desafiar porque posso aceitar o desafio — O rugido da moto cessou e com isso interrompeu a conversa. Mariah abriu a porta e saíram ao alpendre para dar as boas vindas ao Burke. Se soubesse o que estiveram fazendo há apenas cinco minutos, seguro que não traria um sorriso tão grande. Mariah temeu estalar em uma gargalhada. Ai sim que Burke se perguntaria o que estaria acontecendo. Gabriel a olhou com curiosidade quando viu que Mariah fingiu tossir e tampou a boca com a mão.



—Está bem? — perguntou preocupado.

—Sim. Só estava pensando o que passaria se Burke chegasse cinco minutos antes — sussurrou Mariah.

—Um banquete para os olhos. Não parece? — replicou Gabriel com outro sussurro. Burke subiu as escadas do alpendre e deu um grande abraço em sua irmã. Devolveu a Gabriel as chaves e disse:

—Essa moto é uma obra de arte. Parece que ronrona. Terá que compartilhar algum de seus segredos comigo. Estive pensando em voltar a pôr minha moto na estrada. Me ajudaria?

—Refere a essa preciosidade que está no abrigo? — perguntou Gabriel literalmente babando só de pensar. Burke assentiu com a cabeça — Adoraria — assegurou Gabriel.

—Pois quando voltarem de Chicago podemos começar. Que tal a semana que vem?

—Não vejo por que não. Confirmarei quando retornarmos.

—Não sabia que se dispunha a voltar a pegar a moto — disse Mariah.

—Sim, ao montar a dele — explicou Burke e assinalou Gabriel com a cabeça — Dei conta do muito que sinto falta.

—Por que não entram e seguem falando dentro enquanto tiro a lasanha do forno e preparo a salada? — propôs Mariah.

—Posso fazer isso — se ofereceu Gabriel — Você esteve trabalhando todo o dia.

—Não estou tão cansada para não possa servir o jantar — disse Mariah rindo.

Na cozinha Gabriel passou ao Burke os talhares e os toalha e disse:

—Toma. Você também pode ajudar a pôr a mesa. O que quer beber?

—Tem cerveja gelada? —perguntou Burke e como Mariah assentiu disse — Gostaria de tomar uma.

Gabriel tirou a cerveja da geladeira. Mariah enquanto isso preparou rapidamente a salada. Quando foi tirar a lasanha do forno viu que Gabriel já tinha feito e que a colocava sobre uma toalha dobrada em cima da mesa. Gabriel se voltou para pegar os pratos.

—Burke, você presidirá a mesa. Mariah e eu nos sentaremos aqui — ordenou enquanto punha os pratos na mesa. Mariah ficou surpresa que insistisse que Burke presidisse a mesa e que eles se sentassem um frente ao outro. O mistério resolveu-se ao servir a lasanha e a salada. Ao primeiro bocado de lasanha que Mariah pôs na boca, sentiu o pé de Gabriel fazendo um lugar entre as coxas dela. Custou-lhe tragar porque tocou com o dedo do pé em sua racha. Mariah temeu sair disparada da cadeira com aquele dedo percorrendo-a lentamente.

—Vou pegar algum tempero para a salada — disse Mariah levantando-se de um salto. Burke a seguiu preocupado com o olhar.

—Está bem? — perguntou quando voltou a sentar.

—Estou bem — assegurou Mariah sentando-se e olhando Gabriel. Burke notou que havia certa tensão entre aqueles dois e pensou que talvez tivesse que partir antes do esperado.

—Que tal a caminhonete? — perguntou ao Gabriel para amenizar o ambiente.

—Surpreendeu-me que a emprestasse — soltou Mariah — A mima como se fosse um bebê ou algo assim. Toda a hora a está lavando e polindo.



—De fato, tive muito cuidado. Mariah e eu a estivemos polindo ao chegar a casa — respondeu Gabriel. Mariah teve suas dúvidas quanto a que Burke considerasse polir o que ela e Gabriel faziam sobre o capô da caminhonete. Esperava que ao menos não ficasse rastro disso.

—Por isso a estacionaram na parte de atrás? Para poli-la? — perguntou Burke desconfiado.

—Sim, mais ou menos — disse Gabriel sem comprometer-se.

—Poderia me passar o pão, Burke? — pediu Mariah evitando olhar seu irmão nos olhos. Os três seguiram comendo com uma alta tensão elétrica no ambiente. Burke não tinha nem ideia de que a conexão entre sua irmã e aquele tira de Chicago fosse tão forte, mas se notava no ar. Notava-se em como se olhavam, na forma em que se comunicavam com simples olhares. Teve que admitir que estivesse um pouco enciumado. Queria ter o que tinham eles, mas nenhuma mulher havia jamais feito sentir esse tipo de conexão. Perguntou-se onde estaria a mulher que acenderia a corrente entre ele e ela. Não tinha nem ideia de que no momento em que entrasse em sua vida seria como um tornado que voltaria tudo do avesso. Não tinha nem ideia da agitação que traria consigo.

Gabriel seguiu olhando Mariah pensando na caixa que estava no dormitório. Mariah seguiu olhando Gabriel pensando quando seria um bom momento para pedir a seu irmão que se fosse.

—Ainda não sei nada de Simon — disse de repente Burke fazendo saltar tanto ao Gabriel como Mariah. Deixou escapar um som de desgosto porque se esqueceram de que seguia ali. Empurrou a cadeira para trás e ficou de pé.

—Combinei com o Jake no bar do Lonnie para tomar umas cervejas e jogar umas partidas ao bilhar. Deu-me uma tremenda surra a semana passada, mas é hora da revanche — explicou enquanto saía pela porta de atrás.

—Tem que ir já? — perguntou Mariah.

—Sim. Quanto antes parta daqui, melhor. Gabriel não se esqueça de passar pelo escritório para o posto de ajudante. Adoraria tê-lo no corpo.

Mariah olhou Gabriel que simplesmente sorriu. Devolveu as chaves da caminhonete ao Burke dizendo:

—Falava a sério em ajudar com a moto. Farei saber o que farei quando retornarmos de Chicago.

Capítulo dezenove

Gabriel e Mariah esperaram no pátio detrás até que Burke se foi, despedindo-se com um gesto da mão. Mariah beliscou Gabriel no braço.

—Ei! Mas como? — protestou este.

—Pelo Burke — explicou ela lhe imitando a voz — "Mariah e eu estivemos polindo a caminhonete." Acredito que o que fizemos não tinha muito a ver com polimento.

—Estou seguro de que proporcionou um bonito brilho ao capô — insistiu ele todo sério.



—É incorrigível, Gabriel Blackburn — o admoestou Mariah e entrou na casa. Ele a seguiu e colocou a mão debaixo do vestido. Ela se voltou e espetou — Vê a que me refiro?

—Culpado — teve que admitir Gabriel rindo. Mariah começou a recolher os pratos do rápido jantar — Que corte demos ao Burke, verdade? — Gabriel pôs uma mão sobre a dela e a deteve.

—Acredito que sabia que precisávamos ficar sozinhos e tinha razão. Acompanhe-me acima — pediu Gabriel com sorriso malicioso — Comprei algo e desejo te dar.

—Comprou algo? — repetiu Mariah iludida.

—Bom, é para os dois — retificou Gabriel misteriosamente.

Enquanto iam pelo corredor Mariah perguntou:

—A que se referia Burke sobre o posto de ajudante?

O coração deu um pequeno tombo quando o ouviu responder:

—Pedi que ficasse permanentemente com o posto de ajudante de xerife. Pensei que só tinha sido por este caso, mas quer que me una ao corpo.

Mariah se deteve e deu a volta para olhá-lo.

—O que respondeu? — perguntou com a voz entrecortada.

—Disse que primeiro tinha que falar com você e saber o que opinava sobre ter dois homens da lei na família.

A Mariah fez muita ilusão essa resposta e adorou que a incluísse na decisão.

—Acredito que é você que tem que decidir o que realmente quer — disse ela vacilando. Uma parte dela queria que ficasse, mas a outra queria que estivesse seguro disso ser o que queria fazer.

—Não sei o que quero fazer. Quero que ir com você a Chicago visitar Laura e o bebê. Acabei com minha vida ali, mas restam coisas ali que tenho que resolver para poder voltar com você — Viu que a face dela se iluminou com alegria — Ainda não estou preparado para aceitar a oferta do Burke — Mariah olhou confusa — Não — Tranquilizou-a acariciando sua bochecha — Vou ficar, mas não sei se quero ser ajudante. Nem sequer sei se quero ficar no corpo de polícia. Estive pensando em montar uma companhia de segurança privada ou me dedicar à investigação privada.

—Poderia fazer algo assim num povoado como Hopeville? — duvidou Mariah.

—É o tipo de trabalho que pode fazer-se de qualquer lugar. Você é quem tem que ir aos clientes. Não são eles que vêm a você. Tenho um amigo com quem trabalhei em Chicago. É um perito em segurança. Voa por todo o país montando equipes de segurança e vigilância para companhias e cidadãos particulares. Contratamos seus serviços num par de ocasiões e o consultei em vários casos. Só precisa estar perto de um aeroporto e ter conexão de Internet e se pode montar uma loja em qualquer lugar. Telefonarei a ele para saber se podemos nos ver este fim de semana quando estivermos em Chicago. Assim comento a ideia de montar algo aqui — Olhou para Mariah.

—O que acontece? — perguntou esta.

—Bom, estou fazendo todos estes planos e sequer te perguntei algo tão simples como a possibilidade de usar uma sala como escritório em sua casa.



Mariah o levou pela cozinha e abriu uma porta à esquerda da enorme chaminé de pedra. Afastou-se para que ele pudesse passar. O que primeiro viu foram os raios dourados do sol do ocaso que entravam pelas portas corrediças. Banhavam o cômodo com uma suave e cálida luz. O cômodo mal tinha móveis e era óbvio que mal era usado.

—Serviria como escritório? É tão grande que quase nunca a uso.

Gabriel olhou ao redor e o imaginou com uma mesa de escritório e um computador e se deu conta de que era perfeita.

—Está certa de que não a necessita? — insistiu Gabriel.

—Nunca uso esta sala sequer me lembro da última vez que entrei aqui — assegurou Mariah — Seria um lugar genial para montar o escritório. Poderíamos comprar os móveis em Midland. Tenho acesso à Internet lá em cima, só temos que baixá-lo.

Gabriel estava encantado.

— Gostaria de falar de tudo isto com você, mas também quero te dar o presente que comprei. Que tal se subirmos agora e continuamos a conversa mais tarde?

Mariah saiu correndo e Gabriel a seguiu rindo. Alcançou-a no corredor e a pegou nos braços.

— A levarei nos braços, minha senhora — No quarto a deixou cair sobre a cama zombadoramente e deu um passo atrás. Ao cair, o vestido subiu e ofereceu uma encantadora vista da preciosa vulva. Gabriel tinha esquecido que não vestia nada debaixo. Aproximou-se e ela pôs as mãos diante para detê-lo.

— Nada disso. Nem te ocorra — avisou e abaixou o vestido — Onde está meu presente? — Mariah olhou ao redor, mas não viu nada.

—Parece que está impaciente. —Gabriel riu—. Tive que escondê-lo. Não queria que o visse antes que Burke chegasse. Queria que o abrisse quando tivéssemos tempo de desfrutá-lo. — A curiosidade ardeu em Mariah. O que teria comprado? Gabriel foi cerimoniosamente para o armário. Inclinou-se e ofereceu uma vista maravilhosa do formoso traseiro embutido nos escuros jeans. Levantou de novo com a caixa nas mãos e a deixou cair sobre a cama, ao lado dela — Espero que goste. Certamente eu gosto — disse misteriosamente. Mariah não tinha nem ideia do que poderia haver na caixa. Pesava, mas isso não lhe dava pista alguma do que poderia conter.

—Venha! Abre! —apressou Gabriel. Mariah rompeu a corda e abriu a tampa. Viu que o presente estava envolto em delicado papel de seda. Afastou-o com cuidado para ver o que ocultava. Ficou sem palavras quando tirou um par de ajustadas perneiras de couro muito suave. Eram de uma estupenda cor marrom forte, muito flexível e suave ao toque. Pô-las com cuidado a seu lado sobre a cama.

— Bom, o que lhe parece, Dê? — perguntou ele. Mariah acariciou a suave pele deleitando-se com aquele tato sob a mão.

—Não sei o que dizer, Roy — disse voltando o olhar das perneiras para ele — São muito bonitas. Devo provar isso, tenho a impressão de que são muito justas — Gabriel estava seguro que eram muito justas. Precisamente por isso as tinha escolhido. Não pretendia que as pusesse para montar a cavalo a não ser para montar ele — vou pôr uns jeans e uma camiseta —disse—. Assim



posso ver se me servem.

Gabriel falou.

—Nada de jeans. Nada de camiseta. Quero que ponha isso sem nada debaixo. Por fim Mariah entendeu.

—OH, já entendo. Isto é a vingança por te obrigar a pôr as pernas da caixa do abrigo — reconheceu e assentiu com a cabeça lentamente. Gabriel abrangeu seu queixo com a mão e levantou seu rosto para que o olhasse.

—Não se trata de vingança. Nada mais distante que vingança. Trata-se de prazer, de prazer mútuo — Olhou-a inquisitivamente. Em resposta Mariah agarrou a barra do vestido e tirou pela cabeça.

—Gostaria que pusesse alguma outra coisa ou só as pernas? — perguntou.

—Só as pernas, senhora, só as pernas.

—Não estou muito segura de como fica isto — disse franzindo o cenho.

—Adorarei ajudar — se ofereceu Gabriel galantemente.

—Não tenho a menor dúvida. —Mariah pegou as pernas e abriu a fivela de trás. Apoiou-as contra ela e começou a fechar a fivela na frente — Poderia segurar a parte de atrás enquanto fecho a parte de diante? —pediu enquanto estudava atentamente a parte dianteira.

—Encantado — assegurou e a agarrou pelas ancas para manter a parte de atrás unida.

—Certo. Agora pode fechar a fivela de trás — disse. Gabriel a fechou não muito forte para que não estivessem muito apertadas e para que não lhe fizessem mal.

—Já está. Como se sente? — quis saber ele.

—Rara.

—Necessita ajuda com os zíperes?

—Isso seria estupendo. Não quero me agachar com isto.

Gabriel juntou as duas partes e subiu o zíper com cuidado pela parte interior da coxa. Adorou ver que ao chegar à parte final do zíper estava ao nível com a formosa vulva. Resistiu à tentação e fechou o outro zíper. Desta vez se desfez de toda preocupação e lambeu a delicada racha e mordiscou o clitóris. Mariah deu um passo atrás e Gabriel a observou hipnotizado. As pernas a cobriam como se fosse uma segunda pele. Na loja imaginou como ficariam, mas agora ao vê-la vestida seu coração pulsou mais rápido. Sem dúvida eram ajustadíssimas. O arbusto de cabelo aparecia em formoso contraste com o marrom escuro do couro. Mariah lhe dedicou uma lenta volta para mostrar também a parte de trás. Agora entendia por que esteve tão excitada a noite que ele as vestiu. O formoso traseiro ficava preciosamente emoldurado nas pernas.

—E? O que acha? —perguntou Mariah— Me servem?

—Não pensei que ficariam tão bem — sussurrou Gabriel. As palavras o engasgaram. Mariah o viu olhando-a de cima abaixo e aquele olhar era tão intenso que parecia uma mão acariciando-a. Gabriel pôs as mãos entre suas pernas e começou a esfregar o rosto enorme que tinha sob os jeans. Estava enorme e a desejava — Olhe o que me faz! — jogou na cara. Mariah se aproximou e ficou na frente dele. Desfrutava do papel que lhe adjudicavam as pernas. Tinha determinação no olhar e isso não significava nada bom para ele, melhor dizendo, significava algo muito bom para



ele. Como tinha tanta imaginação não sabia muito bem o que o esperava.

Desde sua posição de superioridade Mariah ordenou secamente:

—Ponha as mãos às costas e não as mova daí.

—Como você mandar — respondeu Gabriel submisso.

—Certamente será como mando — deixou claro uma Mariah altiva. Adiantou-se mais e atirou a pélvis que ficava à altura da boca dele.

—Ponha a boca aí e me dê prazer — ordenou. Gabriel encantado obedeceu. Procurou deixar as mãos atrás como havia dito. Inclinou-se para frente e lambeu as beiradas da suculenta racha.

—Gabriel, o que está fazendo? — Era muito difícil fazer-se de dura quando ao primeiro contato já começava a derreter-se.

Gabriel esfregou o nariz contra o pelo púbico e inalou o aroma único. Adorava a sensação do cabelo crespo. Com a língua percorreu a racha de cima abaixo. Deteve-se para atormentar o clitóris e colocá-lo na boca e sugá-lo, primeiro com suavidade e logo fervorosamente. Não se satisfazia do sabor e ao muito que adorava senti-la na boca. A pele nesta parte tinha um sabor e uma textura únicos. Adorava. Podia absorvê-la com a boca, puxar dela com os lábios ou inclusive com os dentes ou podia simplesmente chupá-la e sentir os delicados contornos e espessura. Perguntou-se se ela sentiria o mesmo quando fazia mamadas nele. Desfrutaria de seu aroma? Desfrutaria também da textura única da pele naquele lugar, tão distinta ao resto do corpo? Desfrutaria da sensação na bochecha do pelo púbico, aquele pelo áspero e duro? Tinha que saber. Já.

—Mariah? — Ela abriu os olhos lentamente ante o tom interrogativo e o olhou—. O que sente quando tem meu membro na boca? — perguntou cheio de curiosidade—. Você gosta de meu sabor? Você gosta da sensação e o aroma?

—Quando o tenho na boca é como se tivesse sua essência em minha boca. Adoro a sensação do pelo em minha cara. É muito duro embora o resto do pelo seja suave e murcho. Adoro o aroma de seu membro. É um aroma de sexo selvagem. Quando fazemos amor tem o membro muito duro e sou capaz de notar o sangue que pulsa nele. Quando te tenho na boca sou capaz de sentir sua força de vida e sei que essa força fluirá através de mim. Às vezes anseio que ejacule em minha boca e que passe a garganta e às vezes preciso te ter muito dentro de mim. — deteve-se—. E seu sabor. —Dedicou-lhe um malvado sorriso—. Não sei se posso explicar com palavras. Às vezes quando te meto na boca ao princípio tem um sabor doce e salgado de uma vez como um caramelo. O sabor muda à medida que se excita. Então cheira a selvagem e malvado e a almíscar e então te desejo dentro de mim e gostaria de abrir as pernas e tê-lo me investindo. Tem sabor disso. Isto responde sua pergunta?

—OH, sim. Isso responde a minha pergunta. E por certo...

—Sim?

—Só se por acaso te interessa, você tem um sabor absolutamente delicioso. —Deixando isso no ar voltou para sua tarefa. Lambeu a racha e colocou a língua bem dentro. Aproveitou para lambe a gota de nata que começava a transbordar—. Já posso usar as mãos? —Não se



incomodou em esperar a resposta. Passou as mãos pela parte de atrás das pernas. A sensação de calor que percorreu o corpo dela fez que ele estremecesse. O couro era suave e fino, mas o calor que sentia era o calor do corpo. Era uma sensação estranha, comê-la e ao mesmo tempo passar as mãos ao longo da suave pele das pernas e do couro. Era um contraste estranho tocar à mesma mulher e, entretanto, sentir duas sensações completamente distintas. Afastou a boca e tratou de jogar com os mamilos. Decidiu atormentá-la com a ordem que lhe tinha dado de deixar as mãos atrás das costas assim deixou de sugar a succulenta racha e disse:

—Posso usar as mãos para jogar com seus mamilos?

—Pode fazer o que quiser — suspirou ela — Mas acaba com esta necessidade que levo dentro!

Gabriel atirou dos mamilos e cada puxão mandou um brilho de prazer ao centro onde puxava com os dentes o clitóris. Para Mariah era como se pequenas descargas elétricas transpassassem o corpo. Com cada puxão os músculos da vagina se encolhiam e logo relaxavam. Parecia inclusive sentir um relâmpago atravessando-a.

Gabriel atirava dos mamilos e os fazia girar mantendo-a na beirada da dor, mas sem lhe fazer mal. Sabia que Mariah não era capaz de distinguir entre as duas sensações: seria dor ou seria prazer? Cada puxão que recebia dos dedos nos mamilos junto com o puxão dos dentes ao clitóris a afundava em um prazer delirante e implorava que a aliviasse.

Soltou os mamilos e colocou o dedo do meio dentro dela. Começou a massagear o ponto secreto. Aquilo a catapultou. Foi muito: a sucção do clitóris junto com a estimulação do ponto a fez gritar, incapaz de respirar. Gabriel seguiu massageando e sugando até que cessaram os tremores internos de Mariah. Logo se sentou de cócoras e a olhou de baixo. Ainda se distinguia no rosto e pescoço o rubor do orgasmo e tinha o olhar perdido como se o corpo ainda não tivesse retornado daquela viagem de prazer a que a tinha catapultado.

Gabriel olhou a habitação em busca de uma cadeira baixa. Descobriu um tamborete em um canto. Era perfeito para o que tinha em mente. Agarrando Mariah com delicadeza pelos ombros e a fez sentar-se na cama e foi pegar o tamborete. Colocou perto da cama. A seguir tirou a camiseta. Os olhos dela se iluminaram quando o viu despir-se. Quando baixou os jeans viu que tal como tinha imaginado tinha prescindido de cueca.

Gabriel tirou um preservativo do bolso, pôs e estendeu a mão para ela. Esta se aproximou, aceitou a mão estendida e deixou que a colocasse em cima dele como se fosse montá-lo enquanto ele estava sentado no tamborete. Gabriel queria que estivesse bem abaixo para poder usar os pés e pernas para impulsionar-se enquanto subia e baixava em cima do pênis ereto. Mariah agarrou o pênis e o colocou na abertura de seu próprio corpo. Conteve a respiração quando aquele membro enorme deslizou dentro dela. Era tão grande que era difícil colocar tudo dentro, mas era uma sensação genial de modo que o engoliu. A enorme cabeça a fez alargar-se enquanto tratava de encontrar o caminho e empurrava contra as paredes internas enquanto ela descia. Durante uns minutos permaneceu sentada sem mover-se tão somente descansando a cabeça no peito de Gabriel e escutando os batimentos do coração dele. Logo, lentamente, usou as pernas para elevar-se e descobriu por que Gabriel tinha escolhido o tamborete. Era mais baixo que uma cadeira



normal e, isso permitia a ela controlar o ritmo.

Gabriel não pôde acreditar nas sensações que o invadiam cada vez que ela se elevava. Ao elevar-se, o couro das pernas acariciava suas coxas que era precisamente a razão pela que tinha optado pelo tamborete. Sabia que cada movimento do corpo dela Mariah significaria um roçar daquela pele suave e flexível contra as coxas e isso era o que tinha querido averiguar: como seria aquela sensação. O couro era suave, mas também estava quente porque o corpo dela lhe dava esse calor. Adorava a sensação que produzia ao deslizar pelas coxas. A sensação dupla da vagina por um lado aferrando-se ao pênis como se fosse um punho e o suave corpo por outro lhe abrasando as coxas era quase insuportável. Falando de dor e deste prazer era tortura. Levantou-se com o pênis metido até o fundo dentro dela e com as pernas de Mariah rodeando sua cintura e foi até a cama. Para grande desconsolo dela ao chegar à cama a levantou de tudo e o pênis saiu de dentro. Gabriel a pôs no chão e lhe deu um pequeno empurrão que a fez cair sentada sobre a cama. Pediu que se deitasse. Afastou as pernas e a penetrou com uma única investida poderosa. Usando as musculosas coxas juntou as pernas dela de modo que o pênis ficou apanhado como em um torno dentro dela. Dessa maneira enquanto colocava e tirava a parte interna das coxas dele sentiam em todo momento a suave pele das pernas e a sedutora massagem. Enquanto entrava e saía, o couro suave como manteiga lhe acariciava as coxas e o voltava louco. Quando comprou as pernas sabia que fazer o amor com elas postas seria algo frenético, mas esta necessidade de possuí-la raiava quase a loucura. Quando ejaculou gritou e se deixou cair sobre ela. Os gritos dela ressonaram nos ouvidos dele como um eco. Pensou que não seria capaz de voltar a mover-se jamais, mas ao fim se incorporou, apoiou-se nos cotovelos e a olhou aos olhos.

Mariah sorriu e disse com voz cansada:

—Arre, vaqueiro!

Gabriel riu e disse a sua vez:

—Isto foi uma cavalgada selvagem. Não sei quantas vezes resistirá meu coração estes jogos de pernas.

Deitou de barriga para cima, mas com ela pega ao coração. Ao longe ouviu um barulho junto com o som de carros que passavam. Gabriel não recordou a última vez que se sentiu tão em paz. O trabalho em Chicago era muito perigoso e inclusive estando em casa a vizinhança estava infestada de ruídos e luzes durante toda a noite. Aqui podia sair, ouvir os ruídos da noite ou simplesmente permanecer estendido e contemplar as estrelas. Pôs um braço debaixo da cabeça e soltou um suspiro de satisfação plena.

—O que foi? —perguntou Mariah ante aquele suspiro que parecia saído da alma.

—Nada de mais. Aqui estou deitado com você entre meus braços, incapaz de mover um só músculo por causa de uma sessão de sexo alucinante. Há uma brisa cálida que me refresca o corpo suarento e você não leva nada mais que um par de pernas extremamente sexys. Não há nada melhor que isto — respondeu pensativo.

—Ainda não tive ocasião de agradecer pelo presente. São preciosas. De onde as tirou?

—Entrei em uma loja em Midland que vendia coisas de jeans.

Mariah acariciou seu cabelo do peito e ao mesmo tempo esfregou a perna contra a sua para



que Gabriel sentisse a pele das pernas contra a própria pele.

—Adoro o tato —confessou Gabriel— São muito suaves e está cálida devido seu calor corporal — Gabriel deixou que se esfregasse contra ele, mas depois a afastou com delicadeza dizendo — Tenho que tirar a camisinha. — Ela afastou o braço para deixá-lo levantar e ele desapareceu no banheiro. Quando retornou viu Mariah de pé ao lado da cama lutando com os zíperes.

—Deixa que ajude — se ofereceu. Abriu com suavidade os zíperes e soltou as pernas das calças pela parte de baixo. Mariah abriu a fivela dianteira e tirou as pernas. Colocou-as com cuidado no respaldo da poltrona. Voltou a meter-se na cama e aconchegou-se contra ele e disse:

—São preciosas. E também gostei deste sexo de alucinar.

Gabriel se encantou que gostasse tanto do presente e também da aventura que tinha provocado. Seria mais uma das aventuras que proporcionariam lembrança extra quando fosse velho e grisalho e tivesse que despedir-se dos laços terrestres.

—Viu Taryn? —perguntou Mariah com voz sonolenta.

—Sim. Estava muito melhor que ontem à noite, mas preocupa a doutora que vá para casa e que não siga o conselho de não apoiar o pé absolutamente para nada. É gracioso ver esses dois amolando um ao outro. Acredito que entre eles há algo que está desejando explodir. Entrei em uma livraria e lhe comprei uns livros: a última novela de espões e um bonito romance médico.

—Um romance médico? —Mariah levantou a cabeça para olhá-lo.

—Queria lhe dar uma boa sacudida. É o que se costuma fazer com os amigos: comprar algo que sabe que vai chateá-los. Acredito que necessita.

—O que disse quando os deu? —quis saber Mariah rindo contra o peito de Gabriel.

—Fui um rato covarde para deixar no quarto — admitiu Gabriel — Assim, pedi a uma enfermeira que os desse quando pudesse. Suponho que amanhã já terá descoberto a parte graciosa.

—Supõe! —particularizou Mariah— Quer que me informe no colégio se há algum lugar em que possa ficar?

—Isso seria genial. Tratarei de falar com ele e fazer ver que não tem muitas alternativas. Ou isso ou vem aqui conosco.

—Verei o que averiguo amanhã. Hoje recebi uma chamada curiosa do mecânico — recordou Mariah.

—A que se refere? O que te disse?

—Disse que num par de dias chegariam às peças e teria o carro arrumado e hoje me chama e diz que houve problemas e que demorará ao menos uma semana. Temo que tenha que me levar amanhã outra vez. Importa-se? — Gabriel gostou de ouvir que o carro não estava pronto. Significava mais tempo com ela agarrada a ele na garupa da moto. Podia inclusive chamar o mecânico para agradecer.

—Amanhã visitarei Taryn de modo que primeiro deixo você e logo sigo para Midland. Parece bem? —Não houve resposta— Mariah? —Um suave ronco— Mariah — O último que pensou antes que o sono se apoderasse também dele era que inclusive gostava do roncar suave



de Mariah.

Capítulo vinte

Mariah se aconchegou mais contra Gabriel. Adorava seu aroma e a textura da pele. Oxalá não tivesse que ir trabalhar e pudesse passar todo o dia com ele na cama. Tinham umas quantas coisas que queria provar com as pernas e a maioria delas levariam grande parte do dia. Esse era o problema de ter uma imaginação ativa: era difícil apagá-la ou inclusive desconectá-la de tudo. Parecia estar sempre em marcha procurando novos cenários para cenas de prazer. Acariciou brandamente seu peito, passou pelo ventre e procurou o membro. Começou a brincar com ele. Sabia que o encontraria duro, cheio e preparado para ela. Mariah afastou o braço e abriu a gaveta da mesinha de noite em busca de uma camisinha. Seria uma vergonha desperdiçar uma junção tão espetacular. Mariah abriu o pacote com os dentes e o desembulhou sobre a enorme ereção.

Encolheram as coxas ao pensar que essa ponta do tamanho de uma ameixa lhe atravessaria a diminuta entrada. Meteu a mão entre as pernas e com o dedo do meio estendeu o próprio lubrificante para facilitar a entrada. O mero feito de pensar que o teria entre as pernas fez que desenvolvesse uma sensibilidade maior. O movimento do dedo mandou ondas de prazer por todo o corpo, ondas que se multiplicariam por mil com a investida do forte pênis. Montou escarranchada sobre ele, agarrou o membro com as mãos e encontrou o ângulo apropriado para dar o maior prazer possível uma vez acolhido no interior do corpo. Manteve-o quieto e moveu o próprio corpo de maneira que o pênis acariciasse o clitóris, ao princípio brandamente e logo com mais força até que quase a fez chorar de prazer.

Gabriel não despertou até que a notou mover-se, mas fingiu seguir dormindo para descobrir o que pretendia fazer Mariah. Sua paciência foi recompensada quando ela se aconchegou contra ele e passou a mão pelo corpo em busca da ereção matinal. Teve que apertar os dentes durante todo o tempo que demorou para chegar ao destino, mas por fim a mão acariciou o pênis como se fosse um gato: lenta e brandamente. Logo afastou a mão e Gabriel quase gritou até que ouviu abrir a gaveta da mesinha de noite e o ruído revelador do pacote do preservativo. Soube que a salvação estava perto, por dizê-lo de algum jeito, e vinha em forma do desdobramento cerimonioso da camisinha.

E, de repente, desapareceu a mão dela. Onde estava? O que estava fazendo? Notou o revelador movimento do dedo contra a perna. Mariah estava se masturbando, assegurando-se assim de estar pronta para recebê-lo. Gabriel sabia que no início a penetração sempre era difícil para ela. Ele era muito grande e ela tão estreita. E, entretanto, quando a penetrava era como se um punho o aferrasse e isso era maravilhoso. Por fim, notou que parou de montá-lo. Pensou que o alívio não demoraria a chegar. Entretanto, Mariah começou a esfregar o rígido clitóris com a ponta do pênis. Gabriel não pôde acreditar como o mantinha na incerteza esfregando-se devagar no início e logo com mais força. Não pôde esperar mais. Agarrou-a pela cintura, elevou-a e lhe disse:



— Coloque dentro.

Mariah o olhou de cima e não a surpreendeu ver que estava acordado. Manteve o olhar enquanto baixava sobre ele e sentia que os músculos internos abriam para a passagem do membro. Ainda estava extremamente sensível pelas sessões de sexo da noite anterior. Tinha a sensação de que o tempo avançava lentamente. Permitiu que o ritmo se adaptasse ao das delicadas malhas que necessitaram um tempo para ajustar-se à invasão dele.

Gabriel acreditou que ficaria louco com o débil ritmo que Mariah adotou, mas pensou que ela certamente estaria dolorida pela sessão a que a submetera ontem à noite. Deixaria que fosse ela a impor o ritmo. Cedo ou tarde permitiria que investisse e então a levaria além das fronteiras do prazer.

Viu que ela fechou os olhos e que se elevou muito lentamente e tanto que mal tinha a ponta do pênis capturada.

Quando Gabriel tentou tirar de tudo, Mariah se afundou de novo, perdida de felicidade.

Gabriel tentou ser paciente, mas precisava gozar.

—Mariah, tenha piedade! —gritou.

Soube que o ouviu porque aumentou o ritmo e acabou golpeando o corpo contra as coxas dele enquanto que ele a posicionava. O corpo de Mariah se esticou antecipando-se às ondas de prazer que a atravessaram e que desembocaram em tormenta no corpo de Gabriel. Uma onda de inegável prazer atrás de outra alagou o corpo e foi diminuindo gradualmente de intensidade até que se converteu em um mero tremor na vagina que seguia beijando o pênis.

Gabriel também notou como se esticava o corpo de Mariah a ponto de gozar. A seguir sentiu a força das ondas que a atravessaram primeiro a ela e em seguida usando o pênis como condutor também atravessaram a ele. Os tremores de ressaca que surgiram quando o orgasmo dela perdeu intensidade foram doces. Passaram da intensidade de um punho fortemente agarrado ao pênis a um apertão pulsando para acabar em um apertãozinho delicado do membro. Estendeu as mãos e passou com muita delicadeza as pontas dos dedos pelas laterais do pescoço, ao longo da clavícula e pelos braços. Agarrou-a com cuidado e a fez deitar sobre ele. Esfregou suas costas com ternura e desejou que a penetração não fosse muito violenta nem que a tivesse machucado.

—Espero não ter machucado você — sussurrou ao ouvido. Teve muita vontade de estar dentro dela, mas ela também esteve muito excitada e muito úmida. Gabriel sabia que era um homem grande e sempre procurava tomar cuidado com seus pares, mas com Mariah perdia a cabeça, a sua e a de seu pênis, de fato. Esteve com outras mulheres, mas nunca tinha sido assim antes. Estava muito agradecido ao ser sobrenatural, fosse qual fosse que os tinha unido salvando-o assim de uma vida em que nunca a tivesse conhecido, nem a ela nem seu amor nem sua amabilidade.

—Me faz muito feliz ter você em minha vida —confessou— Agradeço ao ser que nos uniu, esse ser que sabia que você seria minha graça salvadora.

Mariah se apoiou nos cotovelos e o olhou.

—Está me dando muita importância em tudo isto. Estou segura que seguiria viajando, sim, mas cedo ou tarde retornaria a Chicago e se arrumaria sozinho — disse Mariah com segurança.



Gabriel tomou a querida face dela em suas mãos e disse com semblante sério:

—Pode ser que sim, mas nesse caso teria perdido a oportunidade de te conhecer. Agora não imagino a vida sem você. É o melhor que jamais me aconteceu e quando retornarmos de Chicago quero que nos sentemos e falemos a sério sobre nosso futuro juntos. Esta tarde vou tratar de arrumar um encontro com Alex Randall, o perito de segurança com quem trabalhei em Chicago, e ver o que me diz sobre trabalharmos juntos — Acariciou sua mandíbula e continuou falando enquanto acariciava seu rosto — Tal como está o mundo da comunicação hoje em dia, acredito que inclusive poderíamos trabalhar juntos eu em Hopeville e ele em Chicago. Há um montão de possibilidades. Verei se o interessa algum tipo de sociedade.

Mariah foi para trás e agarrou seu dedo ao fazê-lo.

— Gosto de te ouvir falar do que fará quando retornarmos. Gosto de te ouvir dizer que retornará — disse Mariah e colocou o dedo dele na boca e chupou.

—É uma menina muito má — admoestou tirando o dedo e tocando a ponta de seu nariz — Sabe que tenho que voltar para Chicago. Não fica mais remédio. Tenho que voltar para dar solução ao meu apartamento, meu gato e, sobretudo, meu trabalho. Tenho amigos que quero ver para contar tudo. Não quero fugir em plena noite como um ladrão. Quero poder chamar os tipos com os quais trabalhei se o negócio de segurança segue adiante e além disso não quero perder o contato com alguns amigos muito bons.

—Sei que tem que fazer tudo isso. Será duro te ver partir, mas quando voltar virá livre e liberado. Há alguém, já sabe amigos ou colegas de trabalho, que possam querer trabalhar aqui com você?

Gabriel pensou na proposta.

—Isso seria uma possibilidade — admitiu pensativo — Não tinha me ocorrido. Só estava prevendo falar com Alex, mas conheço gente que aproveitaria uma oportunidade como esta para escapar, sobretudo se expõe sem manchas e conta nova.

Mariah se perguntou quem seriam essas pessoas e que relação teriam com Gabriel. Ele viu o olhar e sorriu.

—Sendo policial se conhece um monte de gente e nem todos são cidadãos modelos. Alguns saíram com um trato duro e alguns me ajudaram com investigações e outros digamos que têm habilidades muito úteis para esse negócio da segurança. Algumas dessas habilidades adquiriram estando do lado errado da lei, mas na segurança essas habilidades são uma grande aliada porque lhe dizem do que terá que proteger às pessoas. Se forem capazes de infiltrar-se em um sistema de segurança, então já nem vale a pena instalar esses sistemas. Sim, a verdade é que alguns desses tipos poderiam ser muito úteis.

Mariah pensava como era bonito estar ali deitados na cama falando, até que olhou o despertador.

—Meu Deus! —e se levantou de repente.

—O que ocorre?— Gabriel não entendeu que bicho a mordeu.

—Me atrasarei se não sair em dez minutos — disse com voz frustrada — Preferia ficar e conversar com você todo o dia, mas não posso chegar tarde ao trabalho. Tenho que estar lá



quando os meninos chegarem.

—O que posso fazer para ajudar? —ofereceu-se Gabriel. Levantou e foi ao banheiro para tirar o preservativo. Quando voltou começou a vestir-se. Estava decepcionado porque hoje não poderia observá-la prazerosamente enquanto se arrumava. Gostava muito daquela rotina matinal.

—Pode preparar umas torradas para que possa comer algo antes de ir? — pediu ela.

—O que quer para o meio-dia? —perguntou Gabriel.

—Pegarei algo na cafeteria.

—Se quiser, posso tentar voltar de Midland para o meio-dia e te levar para comer. Acredito que consigo — propôs Gabriel repassando mentalmente o horário.

—Que simpático! —agradeceu ela — mas prefiro comer algo rápido na cafeteria e trabalhar durante a hora do almoço assim estarei pronta quando chegar.

Simpático. Considerava-o simpático. Nem se recordava quando tinha sido a última vez que alguém o tinha chamado simpático, de fato, nunca ninguém o fez. Ao Hank teria dado algo se a tivesse ouvido chamá-lo assim. Gabriel se deu conta de que era a primeira vez que pensava no Hank sem que encolhesse seu coração. Era uma sensação bonita poder voltar a recordar Hank e todas as loucuras que haviam feito juntos. Obrigado, Deus, por fazer que Mariah existisse.

—Mariah, vá com calma — aconselhou— Não tem por que correr de um lado para outro. Chegaremos a tempo.

—Como sabe? Só temos dez minutos. Gabriel pôs cara de arrependido.

—Tenho que te confessar algo. Ontem à noite me levantei e adiantei o relógio dez minutos. Temi que algum dia tivéssemos este problema. Pensei que esses dez minutos extras nos viriam muito bem; como agora.

Mariah se jogou em seus braços e o encheu de beijos.

—É brilhante, Gabriel. Muito obrigado. Os dez minutos fazem uma diferença, mas não muda que tenho que me pôr a caminho — disse Mariah agarrando roupa do armário e passando a seu lado voando para arrumar-se no banheiro — Se puser um pouco de pão na torradeira, me dará tempo para uma ducha rápida e desço logo que possa — gritou.

Gabriel nem a ouviu porque já estava na metade da escada tentando ajudá-la a estar pronta a tempo. Estava seguro de que qualquer outra mulher teria montado uma cena por haver tocado o despertador. Entretanto, para Mariah esses dez minutos extras eram uma bênção. Quando entrou na cozinha voando, Gabriel ainda estava passando manteiga nas torradas. Estava muito bonita com uma pequena camiseta e uma minissaia de couro. Ao Gabriel pareceu que estava pronta para comer, mas desta vez teria que esperar.

—Sinto não ter carro porque assim poderia tomar o café da manhã pelo caminho — desculpou-se Gabriel.

—Não se preocupe — ela o tranquilizou — Tomo escada acima, escovo os dentes e vamos.

Gabriel se reuniu com ela no lavabo para desfrutar do ritual matinal. Estando ali a seu lado, sua atenção se dividia entre olhá-la no espelho desfrutando de quão bonita estava com a boca cheia de creme dental e entre pensar em todas as coisas que tinha que fazer aquele dia. Pensou em deixá-la no colégio e logo voltar para casa antes de ir visitar Taryn. Pode ser que também



telefonasse ao Burke para saber sobre Simpson e que também telefonasse para Alex Randall. Queria assegurar-se de que podia ficar com Alex o fim de semana. Chegaram ao colégio sobrando tempo. Decidiram que Gabriel a recolheria algo antes já que Mariah tinha pensado trabalhar durante a hora do almoço. Acabava de deixá-la e já estava pensando em recolhê-la e voltar a levá-la a casa. De fato, oxalá nunca arrumassem o carro porque assim sentiria todos os dias as pernas dela apertando-o enquanto estavam na moto. Nunca conseguiria fazer nada, mas isso tampouco parecia algo tão grave.

Mariah entrou correndo na sala de aula cinco minutos antes que os meninos chegassem. No futuro teria que lembrar-se de pôr o alarme do despertador antes porque se seguiam tão empenhados em fazer o amor, depois sempre estaria rendida. Sorriu ao pensar no episódio da noite anterior com as preciosas pernas de couro. A seguir rebobinou até chegar às imagens daquela manhã. Recordou a sensação do pênis do Gabriel pressionando a pequena entrada e empurrando para abrir caminho através do estreito canal. Gabriel era tão grande que sempre temia não ser capaz de ajustar o próprio corpo para engoli-lo, mas ele sempre se assegurava de que estivesse pronta para ele. Logo deslizava dentro dela e começava um prazer de alucinar. Vá tio! Vá que corpão tinha!

—Senhorita Forrester? Senhorita Forrester! —chamou-a uma voz baixa. Mariah olhou para baixo e viu Hayley Winston olhando-a preocupada de abaixo — Está bem, senhorita Forrester? Era como se estivesse sonhando e punha uma cara muito graciosa. Onde estava?

Mariah colocou a mão sobre a cabeça da pequena.

—Estou bem, Hayley. Só estava pensando em algo.

A breve resposta da professora não foi suficiente para contentar Hayley assim continuou com o interrogatório.

—Era algo que gosta de verdade porque estava sorrindo muito, muito? Estava imaginando que comia chocolate? A minha mãe põe a mesma cara cada vez que come chocolate e quando acredita que ninguém a está olhando — disse Hayley de maneira cúmplice. Mariah ruborizou. Não é que estivesse pensando em comer chocolate, mas uns minutos mais de sonho e seguro que estaria pensando em comer ao Gabriel. Era muito melhor e muito mais viciante que o chocolate. Depois que os meninos penduraram as mochilas e guardaram os pacotes dos almoços, Mariah os fez sentar-se no tapete para começar a rotina matinal. Quando estavam sentados a olhando com impaciência, Mariah se esqueceu de todo o resto e começou a fazer aquilo que tanto gostava que era enchê-los de conhecimentos.

Gabriel voltou direto para casa para tomar uma ducha e pegar algo para tomar o café da manhã antes de sair para ver Taryn. Atirou a roupa sobre o chão do banheiro, regulou a temperatura da água e se meteu debaixo do jorro. Perguntou-se o que estaria fazendo Mariah. Recordou-a indo pelo caminho principal para a entrada do colégio. Sabia que era muito boa no trabalho. Sabia pela maneira como falava dos meninos. Desses pensamentos passou a imaginá-la nua e o muito, muito má que também podia chegar a ser. Antes que se desse conta já agarrara o membro e os pensamentos de Mariah o propulsaram a esfregá-lo de cima abaixo com um apertão



firme. Recordou aquela manhã quando Mariah tinha pensado que seguia adormecido e tinha aproveitado aquela vantagem para explorar seu corpo. Gabriel tinha tido a sensação de sair da própria pele quando tinha passado a mão pelo peito e pela barriga para lhe agarrar finalmente o turgente pênis. Não o tinha montado imediatamente, mas, sim o havia feito sofrer passando o membro pelo clitóris até que também este teve uma ereção. Logo tinha começado aquilo do movimento lento com apenas a ponta do pênis dentro dela. Tinha levado uma eternidade engolir no bonito canal o membro dele, mas aquele pequeno e forte punho o tinha agarrado e não o tinha soltado. O movimento lânguido para cima e para baixo havia feito Gabriel suar. Finalmente tinha permitido investi-la e os dois gozaram.

Igual agora pensava olhando o pênis e vendo que saía um jorro de esperma. Inclusive a longa distância essa mulher era capaz de fazer que gozasse. "Vá presente!" pensou com uma risada malévola. Agarrou o sabão e reuniu energia suficiente para lavar-se e desfrutar dos últimos vestígios do orgasmo. Saiu da ducha, secou-se rapidamente, barbeou-se e pôs roupa limpa. Dedicou uns minutos ao café da manhã e logo pegou a moto a caminho para Midland.

Depois do presente do dia anterior não sabia muito bem que tipo de recebimento o esperava. Assim tomou ar e abriu a porta. Taryn estava sentado na cama rindo com a doutora. Ao ouvir a porta abrir, os dois se voltaram ao mesmo tempo com cara de culpados.

—Bom dia — os saudou Gabriel.

—Bom dia, Gabriel — respondeu a doutora Roberts levantando-se da cadeira que estava ao lado a cama— Será melhor que volte ao trabalho. Voltarei mais tarde para ver como vai tudo — disse olhando Taryn de lado — Encantada de vê-lo, Gabriel. Taryn o porá em dia.

Gabriel a seguiu com o olhar quando a doutora saiu do quarto e quando girou viu que Taryn tinha os olhos cravados nela.

—Só queria assegurar-se de que estou bem — disse Taryn na defensiva.

—Pois me parece que está muito bem — comentou Gabriel fixando-se na pequena tenda de campanha que se formou debaixo dos lençóis. Saboreava metendo-se com Taryn. Taryn necessitava deste jogo de machões no que se perde o respeito um ao outro. Bonitas flores — comentou apontando um ramo enorme que estava num vaso ao lado da janela.

—São dos meninos do trabalho — explicou Taryn— Para falar a verdade, surpreendeu-me recebê-las. Não conheço muito bem aos outros agentes. Exceto meu companheiro, Simon. É um bom tipo. Trabalhou com ele, não? —quis saber.

—Colaboramos um par de vezes, mas esse tipo de sociedade nem sempre funciona bem. Tivemos sorte porque confiávamos um no outro. —Gabriel se deu conta de que em cima da mesa ao lado da cama estava a novela de espões, mas a novela romântica não se via por nenhum lado.

—Que tal a leitura? —perguntou com o sorriso torto. Taryn não quis entrar na briga e simplesmente devolveu o sorriso.

—Gosto da novela de espões, mas me cansei tanto de que todo mundo tirasse o sarro por meus gostos literários quando viam a novela do romance médico que acabei guardando-a na gaveta. Certamente que permitiu a todo mundo um desafoço cômico. Inclusive a doutora Roberts achou graça.



—O que diz de sair daqui? —perguntou Gabriel.

—Posso ir amanhã, mas a doutora não quer que vá para uma casa vazia nem que tente fazer tudo sozinho. Faz uma semana a teria ignorado por completo, teria ido a casa e cuidado de mim mesmo, mas agora acredito que necessito um pouco de ajuda. Alguma ideia? — perguntou ao Gabriel, que estava muito surpreso que Taryn tivesse resumido com tanta facilidade. Perguntou-se se a doutora teria algo há ver com essa decisão.

—Mariah vai perguntar hoje no trabalho por um lugar onde possa ficar assim, amanhã venho, recolho você e o levo de volta a Hopeville comigo. Isso se quiser, claro.

—Agradeceria muito sua ajuda — disse Taryn contente de que outra pessoa se preocupasse de tudo— A partir das nove da manhã poderei ir, assim, esperarei que chegue. De todos os modos, aonde iria se sequer tenho carro?

—Bom isso arrumará quando estiver melhor.

Falaram um momento mais, mas Gabriel notou que Taryn estava cansado, de modo que se foi prometendo que o recolheria na manhã seguinte. Teria que pedir emprestada a caminhonete de Burke porque não podia levar Taryn e suas coisas na moto. Fez uma nota mental para lembrar-se de chamá-lo quando chegasse a casa.

De volta em casa Gabriel preparou algo para comer e ligou para o escritório do xerife. Burke disse que o escritório de Houston continuava com a custódia de Simms e que pensavam levá-lo a julgamento. Gabriel não poderia colocar mão no assunto, mas tinha sido uma detenção limpa de modo que haveria acusações e o levariam a julgamento. Os juízes do Texas não olhavam com bons olhos alguém que usava seu território para o contrabando de drogas assim com um pouco de sorte Simpson receberia uma pena longa. Gabriel falou de Taryn e Burke disse que fosse e usasse a caminhonete pela manhã. Mencionou que Mariah estava procurando alguém que cuidasse de Taryn e perguntou se Burke tinha alguma sugestão. Burke disse que pediria a Margaret que se encarregasse disso.

—Se alguém é capaz de encontrar um lugar, esse alguém é Margaret — assegurou.

Gabriel esperava poder convencer Mariah a ir com ele ao Fort Stockton para jantar. Não ficava muito longe e teria a oportunidade de tê-la abraçada a ele com braços e pernas durante todo o caminho. Colocou os pratos de comida na pia e voltou para o colégio. A secretária não soube o que fazer com ele. Estava claro que não era dali, mas queria ver a senhorita Forrester. Chamou à diretora, a senhora Marsden, e também o fez passar pelo terceiro grau.

Finalmente Gabriel disse com voz amável:

—Se telefonarem ao xerife Forrester, ele responderá por mim.

A secretária suspirou aliviada com esta singela solução e fez a chamada necessária. O xerife esteve mais que encantado em responder pelo visitante e comunicou que Gabriel era um oficial de polícia de Chicago. O temor inicial das senhoras deu lugar a uma curiosidade descarada diante tamanho giro dos acontecimentos. Quem era este homem que queria passar a tarde com a classe da senhorita Forrester?

—Está aqui para falar com os meninos do trabalho de um oficial de polícia? —perguntou a senhora Marsden.



—Não, senhora. Estou aqui como voluntário para participar da classe — respondeu Gabriel. Agora às duas mulheres ardeu ainda mais a curiosidade.

—Ela sabe que viria? —aventurou a diretora.

—Normalmente passo para recolhê-la ao final do dia, mas hoje me ocorreu vir antes e ajudar — explicou Gabriel. A secretária estava perplexa. Este pedaço de homem devia recolher todos os dias à senhorita Forrester. Desde quando?

Gabriel achou muita graça da reação que causava naquelas duas mulheres. Constava que os colegas de trabalho de Mariah não sabiam nada de sua existência, mas já que tinha pensado ficar em Hopeville não havia razão alguma para manter a relação em segredo.

—Então, posso ir à classe? —perguntou.

—Passarei a ela o aviso de que tem uma visita — disse a secretária recuperando a compostura. Depois de lhe explicar como chegar à classe Gabriel foi pelo corredor em direção à sala de aula.

Capítulo vinte e um

Mariah não tinha nem ideia de quem poderia ser o visitante. Não esperava ninguém. Ouviu pisadas no corredor e elevou o olhar. Estava sentada no tapete lendo um conto para os meninos quando viu Gabriel entrar pela porta. Somente por vê-lo o coração acelerou. Perguntou se seria capaz de alguma vez olhá-lo sem sentir essa comichão.

—Senhorita Forrester! Senhorita Forrester! Há alguém na porta — gritaram vários meninos. Acredite nos meninos porque sempre dizem o óbvio.

—Sim, já vi. Obrigado — agradeceu e foi para a porta.

—Gabriel, o que está fazendo aqui? —perguntou preocupada— Aconteceu algo a Burke?

—Tudo vai bem. Retornei logo após visitar Taryn e vou levá-la para jantar, assim, como me sobrou tempo decidi vir e ver se necessita de ajuda.

Mariah pareceu duvidar.

—Está aqui para ajudar? —repetiu. Gabriel tocou seu rosto, mas retirou a mão rapidamente quando viu que os meninos soltaram risadas tolas.

—Sinto muito. Não queria te fazer passar por uma situação embaraçosa — se desculpou com doçura—. A diretora e a secretária seguramente logo a farão passar pelo terceiro grau. Já passei por isso.

—Por certo que estão escarafunchando os miolos para descobrir o que acontece. Por aqui não costuma acontecer muito de modo que tudo é interessante — Mariah riu.

—Posso entrar e ajudar ou ir para casa; como quiser — disse Gabriel.

—Não, não. Entra. Adoraria que entrasse e ajudasse. Só tenho que achar algo com que possa ajudar. Antes de tudo vou apresentá-lo aos meninos — Mariah pegou sua mão e o levou para a zona atapetada. Gabriel sentou com cuidado entre as carinhas curiosas. Esperava que Mariah lhe



desse uma mão, mas não foi o caso. A tarde passou voando, ajudando onde precisava: lendo um conto para um grupo reduzido, ajudando com os lanches ou procurando sapatos perdidos. De vez em quando estabelecia contato visual com Mariah pedindo com o olhar que o liberasse, mas ela somente sorria. O dia acabou com os meninos pegando sua mão e sentando-se no tapete e Mariah iniciando o ritual de fim de aula. Todos os dias faziam o mesmo: cantavam a mesma canção e diziam a mesma coisa; sem isso não os deixava sair. Quando os meninos foram recolher suas coisas, Gabriel se deu conta que muitos meninos antes de partir davam um abraço em Mariah. Gabriel entendia muito bem como se sentiam.

Depois de saírem todos e a sala ficar vazia, ele faria exatamente o mesmo. De fato, já sentia saudades de poder abraçá-la e senti-la perto do coração. Alegrou-se muito por ter podido passar um tempo com ela e os meninos. Quando soou o sinal que indicava o final do dia de aula, Mariah entregou alguns dos meninos a alunos maiores que vinham para acompanhá-los ao ônibus. Logo a viu sair ao corredor com os meninos restantes e saudar os pais que tinham vindo recolhê-los. Viu-a rir com eles e contar anedotas das atividades que os meninos haviam feito naquele dia. Uma vez mais alguns dos pequenos não foram sem antes lhe dar outro abraço. Por fim ficaram sozinhos.

—Veem aqui — pediu Gabriel quando voltaram a entrar na sala de aula. Abraçou-a forte.

—Gostou de ficar com os meninos? —quis saber Mariah enquanto desfrutava da calidez do abraço.

—Encantou-me —confessou Gabriel honestamente— Alguns fazem perguntas bastante pessoais, mas suponho que está acostumada a isso.

—Bom, não diria que estou acostumada, mas digamos que já passei por essa experiência — disse dando risada. Gabriel começou a percorrer a sala de aula e recolher os papéis que os meninos deixaram jogados, pôr as cadeiras em cima das mesas e ordenar as cestas e cubos nas estantes— O que está fazendo? —perguntou Mariah.

—Pensei que se recolhesse tudo, podia preparar as coisas para amanhã. Assim saímos antes. Parece bom para você? —disse Gabriel apoiando um braço em uma cadeira pequena que acabava de colocar em cima de uma mesa. A discrepância entre os dois tamanhos fez Mariah sorrir. Gabriel era gigantesco ao lado dos pequenos móveis divididos por toda a classe e, entretanto, encaixava ali. Era como se pertencesse àquele lugar— O que? —quis saber Gabriel intrigado pelo sorriso dela.

—Estava pensando que ao lado de todos estes móveis pequenos fica enorme, uma espécie de Gulliver no país dos liliputianos, e, entretanto combina com os meninos. Nunca os vi tão à vontade com uma visita.

—Pode ser que transmitissem seus pensamentos — disse pensativo. O rosto dela adotou uma cor púrpura e Gabriel teve que rir.

—Espero que não — replicou categoricamente Mariah.

—E em que exatamente estava pensando, senhorita Forrester? —quis saber Gabriel malicioso.

—Bom... —respondeu Mariah evasivamente.

—Sim? —animou-a Gabriel.



—Quando te vi entrar só pensei em como estava contente por vê-lo.

—E depois? —seguiu insistindo Gabriel.

—E depois quis saltar em cima e fazer amor sobre estes diminutos móveis.

Perante tamanha revelação os olhos de Gabriel se obscureceram cheios de luxúria.

—E depois? —seguiu indagando Gabriel.

—E depois simplesmente me alegrei que estivesse aqui e que os meninos o conhecessem e pudessem passar um tempo com você. Nesse momento não teria me importado contar o que estava pensando. Pensando bem só era apto para adultos — teve que admitir Mariah. Gabriel se separou da pequena mesa e se aproximou dela. Mariah elevou as mãos para detê-lo — Alto aí, vaqueiro — ordenou— Se se aproxima mais, não vou poder acabar as coisas.

—Certo, volto para minha parte do trabalho, mas que fique claro que somente está adiando o inevitável — advertiu Gabriel colocando a mão na parte dianteira dos jeans e olhando-se. Mariah seguiu o olhar e viu o enorme vulto— Não pode falar de saltar em cima de mim e esperar que o amiguinho aqui não reaja. Basta pensar na sorte que terá e já sai disparado.

—Se me sair com a minha —disse Mariah— esta noite não só vai ter sorte, mas também vai levar o grande prêmio— Mariah viu que com esse comentário Gabriel trágou saliva.

—Adoro quando leva o grande prêmio. —De repente ficou sério e disse— Nos encarregaremos que para você também saia algo bom.

—Já sei —respondeu ela— Sempre o faz — Dito isso retomou as tarefas do dia seguinte.

Gabriel desfrutava passeando pela sala e recolhendo as coisas, de vez em quando dava uma olhada em Mariah que estava concentrada com as tarefas do próximo dia. Gabriel estava agachado recolhendo umas peças de quebra-cabeças que caíram no chão quando notou uma mão no ombro.

—Já estou pronta.

—Certo — Gabriel se ergueu. Colocou as mãos na cintura de Mariah e a sentou em cima da mesa. Pegou sua camiseta pela parte de baixo e começou a subir, mas Mariah pôs as mãos nas dele para detê-lo.

—Gabriel, o que está fazendo? —Mariah surpreendeu a si mesma desejando esquecer onde estavam e fazer amor ali mesmo.

Ele passou a mão pela bochecha e sorrindo disse:

—Disse que estava pronta. Acreditei que estava pronta para fazer amor. —Colocou um dedo nos lábios, riu e brincou— Só estava tirando o sarro. Nunca comprometeria seu local de trabalho fazendo algo tão estúpido. Só queria que soubesse que pensei o mesmo quando entrei na classe. — Segurou sua mão, desceu-a da mesa e a beijou apaixonadamente — Vamos para casa.

—Só tenho que pegar a bolsa e o capacete.

Pelo corredor se encontraram com a senhora Marsden que estava fechando com chave o escritório. Ao ver Mariah seu rosto se iluminou.

—Que tal foi a tarde com os meninos, senhor Blackburn? —perguntou sorrindo—. Está cansado? A mim vivem cansando.

—Por favor, me chame Gabriel. Não sei se teria energia suficiente para fazer todos os dias.



Ficam o tempo todo saltando de um lado para outro, mas passei muito bem.

A senhora Marsden se abaixou para recolher a maleta ao lado da porta e os acompanhou. Quando Mariah e Gabriel chegaram na Harley, a senhora Marsden ficou admirando a moto.

—Oxalá tivesse vinte anos menos — disse com inveja.

—Está convidada a dar uma volta comigo quando quiser — convidou Gabriel.

—Tome cuidado, juvenzinho, posso aceitar — disse ela e se afastou rindo.

—Bom, está claro que ganhou a aprovação da senhora Marsden — Mariah não podia acreditar. A viu se afastar — Tem ideia de quanto tempo levei para ganhar sua confiança? Meses!

—O que posso dizer? Sou fácil de amar — alardeou Gabriel.

Mariah murmurou para si mesma — Certamente que sim.

Montaram na moto e foram para casa com a brisa cálida acariciando a pele e sentindo os músculos lisos de Gabriel quando este trocava de marcha. Quanto amava este homem! Vê-lo com os meninos tinha aberto seus olhos e tinha visto facetas dele que ficavam ocultas às demais pessoas, talvez inclusive a si mesmo. Mariah abriu as mãos e as subiu pelo peito dele. Queria absorver sua essência e meter-se dentro de sua pele.

Gabriel sentiu que abria as mãos e que as punha no peito. Perguntou o que estaria tramando. Era como se sentisse uma força emanando dela e filtrando-se dentro dele.

Mariah baixou as mãos à altura da cintura e afrouxou a camiseta. Colocou as mãos por baixo da camiseta e se deleitou com o contato da pele nua. Gabriel estava duro como mármore e quente como o sol. Passou os dedos pelo cabelo do peito e brincou com os firmes mamilos; Gabriel a recompensou estremecendo. Era tão musculoso que Mariah foi capaz de distinguir cada músculo e cada tendão das esculturais costas. Notou que a respiração dele se acelerou. Esticou o braço e pôs a mão no vulto. Sorriu ao notá-lo muito duro. Pô-lo a cem sabendo que ele não podia fazer nada exceto sorrir e suportar a fazia sentir-se malvada.

Gabriel entrou na pista que dava na parte detrás da casa como se o perseguissem os cães do diabo. Mariah se apressou a pôr pernas abaixo recordando o que tinha acontecido da última vez que estacionaram atrás da casa. Tinham a caminhonete de Burke e apesar do que Gabriel havia dito não usaram a gentileza precisamente. Gabriel deteve a moto e desligou o motor. Retirou a chave do contato e permaneceu sentado. Mariah esperava que se movesse, mas Gabriel seguia como uma estátua, como se estivesse escutando ou esperando algo.

—Está bem? —perguntou pondo a mão no seu ombro. Gabriel se esticou.

—Não sei se posso levantar da moto — confessou.

—OH, Meu Deus! —gritou Mariah alarmada— O que aconteceu?

—Me pôs tão duro por sua massagem motoqueira que mal posso me mover. Não estou dizendo que não gostei de sentir suas mãos sobre mim. O que ocorre é que levantar a perna por cima da moto pode não ser a melhor opção neste momento.

Mariah apeou e se colocou diante da moto. Gabriel a observou como um gato à espera do que faria. De costas para ele tirou o capacete, abriu as pernas e o pôs no chão. Deixou as pernas retas e a apertada saia de couro se levantou oferecendo a vista do precioso traseiro e do cordão da diminuta tanga metida entre as duas nádegas.



—Não está jogando limpo — se queixou Gabriel.

—Só estou te propondo um incentivo para descer da moto — disse por cima do ombro. Gabriel se levantou e ao ouvir, Mariah saiu correndo para a casa. Abriu a porta de trás e correu rindo pelo corredor com Gabriel nos calcanhares. Mas em vez de ir escada acima como Gabriel pensava que faria, deteve-se no meio da sala e se voltou— Na outra noite tive uma fantasia com esta sala — explicou Mariah com voz rouca. Aquele timbre de voz fez que Gabriel parasse em seco.

—Conte mais — a animou e foi se adiantando passo a passo ansioso por lhe pôr as mãos em cima.

—Lembrei-me deste pequeno sofá — e o assinalou— Pensei que teria a altura perfeita para me inclinar sobre o respaldo e deixar que me colocasse isso por atrás.

—Não estou muito seguro de entender bem o que propõe —disse Gabriel fazendo-se de tolo— Possivelmente deveria me mostrar.

—Encantada — respondeu ela como se não soubesse que estava fingindo. Mariah se aproximou do móvel e se inclinou sobre o respaldo apoiando as mãos nas almofadas do assento. Vendo o traseiro levantado para cima mostrou o amplo leque de possibilidades que oferecia este acerto. Mariah se incorporou e perguntou— E? O que opina? —A seguir o olhou na face. Gabriel tinha os olhos escuros pela luxúria e o desejo e custava respirar. Como gostava daquela fantasia!

À velocidade de um raio ficou atrás dela e a fez inclinar-se sobre o sofá enquanto se ajoelhava. Levantou a saia e começou a morder uma nádega. Girou a cabeça para esfregar com a parte áspera da face. Ela como resposta estremeceu. Colocou as mãos nas costas e a empurrou em cima do sofá forçando daquela maneira que o traseiro ficasse mais à altura de sua boca.

Quando apareceu uma pequena gota de nata na parte interior da coxa dela Gabriel se perguntou se saberia o que viria depois. Estava inclinada sobre o sofá sem nada entre ele e o precioso cone exceto uma minúscula tanga. Gabriel ficou de cócoras e inspecionou o formoso traseiro. Inclinou-se para frente e lambeu o fino fio de quentes sucos. Tinha planejado desfrutar da vista durante uns minutos e prestar especial atenção ao precioso traseiro, mas com esse estímulo não ficou mais remédio que ficar em pé e tirar um preservativo do bolso. Desabotoou os botões dos jeans e afastou a tanga. Estava justo em cima dela e a empurrou contra o pequeno sofá até que com um golpe forte sentiu que ela o acolhia em seu interior. Estava muito duro e muito ansioso, sabia que não podia esperar mais, mas mesmo assim esperou que ela comesse a apertar o membro com os músculos internos. Agora gozariam de uma vez. O ângulo de penetração era perfeito para enchê-la de tudo com cada golpe. Sentiu-a tremer ao iniciar o orgasmo, sentiu como se juntava no interior de Mariah fazendo-se cada vez mais forte como uma onda com força motriz. Então o pegou também e o arrastou com ela estendida debaixo dele.

Gabriel continuava em cima dela, incapaz de respirar. Esta mulher lhe provocaria a morte. Cada vez que faziam amor era mais forte que a vez anterior. Desta vez inclusive temeu desmaiar. Era como se seus circuitos não pudessem com tanta energia e estivessem a ponto de causar um curto-circuito. Por fim, notou que Mariah se movia e se deu conta de que a tinha imobilizado contra o sofá. Endireitou-se e saiu de dentro dela. Ela se queixou ao ficar sem um membro tão



estupendo em seu interior.

—Mulher, será minha morte — grunhiu Gabriel.

—Foi genial, verdade? — disse apoiando os pés no chão. Virou para olhá-lo e riu — Sequer tirei sua roupa — soltou ao ver o pênis saindo dos jeans e embainhado na camisinha.

—Não houve jeito de esperar — admitiu — Não depois desse pequeno espetáculo ali fora. Poderia ter pregado pregos com o membro de tão duro estava. O que me surpreende é que tenha esperado para entrar em casa. Esperava não gozar tão cedo, mas uma vez que vi seu precioso traseiro inclinado sobre o sofá me perdi.

—Show de bola! — recriminou-o Mariah fazendo um gesto de negação com a cabeça.

—Se acredita que isso foi show de bola, espera chegar lá em cima e tê-la nua. Então mostrarei o que é show de bola de verdade — prometeu Gabriel.

—Poderia ir me adiantando algo — propôs Mariah adiantando-se e ficando na frente a ele.

—Não até que pague uma multa — disse Gabriel e se adiantou até que estiveram à mesma altura.

—Uma multa? Que tipo de multa? — perguntou Mariah com voz sedutora e passando o dedo com delicadeza sobre o pênis para tirar o preservativo. Estava na frente a ela e não deixava dúvida de sua enorme presença. Gabriel a ameaçou com o dedo e afastou sua mão.

—Não joga limpo tentando me distrair tocando minhas partes. Fez que cumpríssemos sua fantasia assim agora quero ter minha vez. É justo.

—Quer que façamos realidade sua fantasia — repetiu Mariah com voz baixa e com olhos muito abertos. Custava ter que esperar.

—Bom, mais que uma fantasia se trata de um lugar onde gostaria de fazê-lo — esclareceu Gabriel e se inclinou para beijá-la brandamente—. Você gostaria de provar?

—Claro! — aceitou ela.

—Antes de dizer que sim, não prefere saber onde?

—Não preciso saber. Confio em você — disse Mariah e seus olhos refletiram essa confiança — O que quer que faça?

—Vá até as escadas e me espere no pé da mesma — Mariah juntou as sobrancelhas perguntando-se o que estaria tramando, mas fez o que pediu e foi às escadas. Enquanto isso Gabriel tirou outro preservativo da carteira. Se continuassem nesse ritmo, teria que ter sempre um monte à mão. Tinha vontade de fazer amor com ela a toda hora e convinha estar preparado. Podia deixar muitos em cada cômodo assim não teria que preocupar-se e estariam disponíveis a qualquer hora ou em qualquer lugar. Quando chegou ao saguão viu Mariah esperando com muita curiosidade. Sabia que, sonhasse o que sonhasse, seria prazeroso para ambos e o honrava que ela confiasse tanto nele.

—Quero que suba uns degraus, que se deite e que a perna mais próxima a mim esteja justamente um degrau por cima da outra perna — Tinha muito claro o que queria assim Mariah tentou fazer o que ele pediu.

—É assim como tinha imaginado? — perguntou olhando para trás. Gabriel assentiu lentamente com a cabeça.



—Justamente assim. —seus olhos obscureceram — Não será muito incômodo para você? — perguntou preocupado.

—Bom, não é tão cômodo como uma cama, mas acredito que podemos nos arrumar com isso.

—Então agora coloca a cabeça neste degrau aqui debaixo. Dobra o braço para apoiar a cabeça nele como se fosse tirar uma soneca — pediu com voz rouca ao ver quão deliciosa estava em repouso sobre as escadas. O que ela ainda não se deu conta era que nessa postura a sedosa racha ficava exposta ao ávido olhar de Gabriel e unicamente o que ele tinha de fazer era afastar a parte de tecido da tanga para ter acesso com as mãos, a língua e o pênis. Seu membro começou a pulsar a sério imaginando o movimento de meter e tirar a uma Mariah estendida nas escadas.

—Gabriel?

—Sim?

—A verdade é que não tenho vontade de tirar uma soneca precisamente — ronronou Mariah.

— E do que exatamente tem vontade, neném? —perguntou Gabriel passando ao mesmo tempo a mão pela aveludada pele da perna. Enquanto a mão seguia aquela viagem pela perna, passando pelo joelho até a coxa interna, Mariah não pôde falar — O que acontece, neném? O gato comeu sua língua? — perguntou ele como se estivesse tranquilizando um menino zangado. Quando Mariah começou a falar, ele pôs um dedo sobre o montículo e arrastou para trás seguindo o recorte da diminuta tanga. Mariah quis dizer que parasse. Sentia como os dedos dele deslizavam pela racha, mas justo ali onde ela mais o necessitava a cobria a pequena parte de tecido e o que unicamente notava era uma carícia delicada ao longo dos lábios inchados, mas não na carne nua do cone. Baixou a mão para afastar a tanga para que Gabriel pudesse lhe proporcionar alívio, mas pegou sua mão e deu um golpezinho nela — Ei, Ei, Ei — a admoestou — Esta é minha fantasia assim fica quieta com essas mãozinhas até que diga o contrário.

Mariah se queixou com um grunhido. Por acaso não via o quanto necessitava que a tocasse? Estava matando-a com esse quase toque, o quase tocar o clitóris, o quase tocar o cone, o quase tocar a pequena abertura, mas não de tudo! E justo no momento em que abandonava toda esperança, cravou o polegar na abertura para facilitar a entrada e estendeu com uma suave massagem a nata sobre o clitóris. O clitóris estava rígido e entusiasmado com aquela atenção e tentava alcançar o polegar como uma orquídea em busca de sol. Mariah notou como o clitóris aumentava enquanto Gabriel tentava acalmá-lo com movimentos circulares.

—Mariah, me olhe! — ordenou tirando-a daquela bruma erótica. Ao obrigar-se a girar a cabeça e olhá-lo por cima do ombro, viu-o meter o polegar na boca e chupar — Mhmmm! Está muito rica! Preciso te colocar na boca! É cremosa e rica como a melhor das sobremesas — ajoelhou-se, manteve a tanga afastada com uma mão e se inclinou para poder cheirar o forte aroma de mulher.

—O que faz Gabriel? — gritou quando o ouviu inalar com força.

—Quero te saborear, mas cada vez que me aproximo a seu cone, seu aroma me alaga como um oceano ou como flores exóticas e não posso resistir a tentação de te cheirar simplesmente.



Mariah começou a fechar as pernas porque a envergonhava que Gabriel quisesse cheirá-la. Sabia que estando excitada, o aroma era mais forte e penetrante e a incomodava pensar que ele se desse conta disso.

Gabriel notou que Mariah moveu uma perna lhe impedindo assim o prazer, de modo que tirou a mão e colocou a perna de novo em seu lugar.

—Não tem por que se envergonhar — a tranquilizou — Não lembro ter me fixado nunca no maravilhoso aroma de uma mulher até que a conheci e agora me basta fechar os olhos e sou capaz de evocar seu aroma embora não esteja presente. Entretanto, agora que a tenho aqui, não vou negar-me o prazer de desfrutar de você em sua totalidade, incluindo o aroma de seu cone.

Passou o dorso da mão pelo interior da coxa fazendo cócegas com o roçar suave. Em seguida se inclinou para frente e substituiu a mão pela boca, lambeu a sensível pele em torno do joelho e voltou para cima pela parte interior. Mariah apertou o traseiro para tentar assim aliviar as sensações que a bombardeavam, mas não conseguiu conter. Seguiam propulsando-se para diante esporeadas pela talentosa língua de Gabriel. Dedicou-se com muita paciência àquela tortura, que a deixava louca. Lambia-a com calma para cima e para baixo aproximando-se ao dolorido centro, mas nunca chegando de tudo. Acabou tirando a língua e lambendo a dobra chorosa. Estando a ponto de gozar, Gabriel teve ocasião de saborear com a língua o iminente orgasmo. Soube que umas lambidas mais e gozaria e isso significaria que havia feito bem. Chupou o clitóris quase de forma violenta. Logo colocou a língua no passadiço e a empurrou como se fosse um pênis pequeno, mas foi muito. Mariah se elevou sobre as escadas tentando respirar enquanto o orgasmo a assaltava.

Gabriel viu como a diminuta abertura fez uma ameaça de bocejo ao chegar ao clímax e uma borbulha de nata atestou o prazer. Desta vez tirou as calças antes de pôr o preservativo. Apoiou-se em um joelho para colocar o membro na succulenta abertura. Tentou abrir caminho, o qual sempre era dificultado por seu grande tamanho combinado com a estreita entrada de Mariah. Era como se cada vez fosse a primeira. Era pequena e estreita ao redor dele. Penetrou-a pouco a pouco deixando que notasse cada movimento do pênis abrindo caminho. Por fim esteve todo dentro e se deteve para que ela pudesse adaptar-se à invasão. Assim que notou que relaxou, começou a viagem ao inverso: tirou o membro ao mesmo ritmo lento e enlouquecedor. De tão lento e fácil, ela pensaria que a Gabriel não afetava o aperto firme que os músculos de Mariah exerciam sobre ele, mas não era esse o caso. Custou-lhe cada onça de sua vontade prolongar aquele movimento de maré antes de aumentar o ritmo e aumentar o pênis ainda mais de tamanho.

Mariah não conseguia entender como esse enorme membro cabia em seu interior. Notou que ficava ainda maior deixando-a de todo cheia. O único que notava agora era o ritmo daquele enorme órgão entrando e saindo, enchendo-a e esvaziando-a, enchendo-a e esvaziando-a. Tinha pensado que fazer amor nas escadas seria incômodo, mas proporcionava a ambos os corpos um incrível ângulo de penetração. Com cada arremesso o pênis roçava o clitóris tanto ao entrar como ao sair. Seguiu apoiando a cabeça sobre o braço para proteger-se enquanto ele investia e a golpeava contra o degrau, fodendo-a implacavelmente. Gabriel a agarrou pela cintura. Assim golpeava as costas dela contra seu próprio corpo ao investir. Mariah sentiu vontade de rir porque



temia que Gabriel conseguisse que caíssem escada abaixo. Seria difícil explicar a qualquer um que os encontrasse ainda unidos ao pé da escada.

Deixou que impusesse o ritmo de meter e tirar alternativamente. Era um ritmo duro e furioso. Logo a necessidade foi substituída por uma tormenta de fogo que começou no interior dela. Foi crescendo cada vez mais até que explodiu em chamas e gritou soltando tudo.

Gabriel gozou um segundo depois. Bombeou tudo dentro dela e ficou congelado no movimento enquanto os tremores dela chegaram até o centro e começaram os seus próprios. Seguiram sem parar até que ejaculou implacavelmente. Deixou-se cair contra ela sobre as escadas, incapaz de ordenar ao seu corpo que se movesse. Permaneceram ali estendidos durante uns minutos em postura de colher até que Mariah começou a mover-se e o pênis saiu de repente.

Mariah notava que as bordas dos degraus cravavam nas suas costas e pernas. A esse desconforto somava o peso de Gabriel. Também sentiu o pênis, agora brando, repousando quieto sobre ela. Surpreendeu-a quão rápido passava de ser um aríete batalhador a ser um órgão em repouso, delicado e inócuo.

Gabriel juntou por fim energia suficiente para levantar-se. Levou um momento para recuperar o equilíbrio já que fazia tempo que o sangue tinha deixado de fluir por todo o corpo; centrou-se em fluir no pênis única e exclusivamente. Assim que pôde, rodeou Mariah com os braços e a ajudou a ficar em pé. Manteve-a rodeada até que se sustentou por seu próprio pé.

Também levou uns minutos recuperar o equilíbrio, mas, Deus! Tinha valido a pena, decidiu. Quando aquele tipo tinha uma fantasia não respeitava sinais de pare! Levaria provavelmente dois ou três dias para recuperar-se, mas já estava impaciente desejando uma nova emboscada nas escadas. Gabriel se deixou cair sobre as escadas e a fez sentar em seu colo. Nem sequer se incomodou em tirar a camisinha usada. Isso teria que esperar.

—Está bem? — perguntou ele com evidente tom de preocupação.

—Sim. Não é o primeiro lugar onde me ocorreria praticar sexo louco e apaixonado, mas foi incrível. Pode ser que tenha arranhões das escadas nos braços e que fiquem marcas permanentes no traseiro das bordas dos degraus, mas valeu a pena.

—Sem dúvida, foi divertido, verdade?

—Incrível. Quando estava investindo e golpeando o corpo contra minhas costas, não conseguia respirar de tão intenso que foi.

—Para mim foi muito erótico simplesmente te olhar. O ângulo das pernas deixava exposta sua vagina e via tudo: a pequena abertura com a nata saindo deliciosamente formando uma linha, o pequeno clitóris, inchado e duro e os rosados lábios me rogando que os metesse na boca e mordiscasse. Tem uns lábios inferiores muito formosos: são gordos e deliciosos.

Mariah continuava sentada no colo dele e escondeu o rosto contra seu peito. Estavam tendo uma conversa muito íntima, mas erótica e atraente.

—Como é quando os coloca na boca? — perguntou ela com acanhamento.

A respiração dele soprou contra seu cabelo ao responder.

—Quando ponho a boca sobre eles e os pressiono são quentes e doces e muito suculentos. Gosto de pressioná-los contra o palato com a língua e saboreá-los. São gordinhos e isso me põe



muitíssimo excitado. Às vezes gostaria de colocar só um na boca e outras de colocar os dois de uma vez e chupar. Sempre tenho medo de sofrer um curto-circuito sexual quando jogo com eles. Também escondem a pequena entrada de seu tesouro de modo que quando aplico a língua também tenho acesso a seu sensual reguinho que posso sondar com a língua e onde posso te lambe os lugares secretos.

Mariah começou a retorcer-se sobre seu colo porque o giro erótico que estava tomando a conversa a estava excitando. Gabriel sorriu. Pelos movimentos dela sabia o que estava acontecendo assim continuou falando.

—Também gosto de como se juntam acima esses lábios gordinhos e tentam esconder o clitóris. Isso faz que queira procurá-lo com a língua. Assim, me ponho em sua busca e o encontro escondido na carapaça protetora tentando permanecer oculto, mas logo que nota minha língua começa a florescer e a endurecer e desejando que o tire do esconderijo. É uma coisa muito pequenina esse teu clitóris, mas sinto que fica duro como um pênis e quando o chupo e o esmago com os lábios se volta louco. Igual a você.

Mariah se movia como louca sobre o colo dele.

—Quer que te ajude neném? —ofereceu Gabriel e afastou a tanga. Como ela só foi capaz de assentir com a cabeça, Gabriel se levantou e a fez ficar em pé. Sugeriu:

—Por que não se senta aqui nas escadas e deixa que dê uma olhada?

Mariah sentou no terceiro degrau começando por baixo, correta e formal, com as pernas juntas e as mãos no colo. Gabriel a olhou de cima com um cálido sorriso.

—Terá que abrir as pernas para que eu possa ver o que anda mal aí embaixo — Mariah abriu as pernas um pouco — Terá que abrir um pouco mais para que possa te ajudar — Mariah abriu tudo que podia e Gabriel se ajoelhou diante dela — Somente diga quando chegar a parte que tanto angústia te causa — inclinou-se sobre a vagina. Tirou a língua e primeiro passou a ponta por um dos lábios inferiores e logo pelo outro. Afastou-se ficando de cócoras e viu que Mariah estava com os olhos frágeis.

—É aqui onde está o problema? — Ela negou com a cabeça — Pois então acredito que terei que continuar procurando.

Mariah estremeceu. Gabriel lambeu a racha e acabou no clitóris inchado. Meteu-o na boca e o atacou com a língua. Afastou-se de novo e comprovou com satisfação que Mariah estava excitada, que estava quente e ruborizada graças à talentosa boca dele — É aqui onde está o problema? —Ela voltou a negar com a cabeça — Vejo que tenho que fazer uma exploração mais a fundo — E em seguida voltou a se inclinar para frente e cravou a língua no diminuto portal e a agitou com movimentos rápidos, lambendo a entrada e colocando a língua — Estou me aproximando? — perguntou. Os lábios brilhavam porque estavam molhados com a essência dela. Desta vez Mariah assentiu muda. Mal conseguia distinguir, tão nublada tinha a visão pelo prazer e o desejo — Um bom cientista nunca deixa um experimento pela metade. Tenho que investigar um pouco mais e descobrirei onde está o problema.

Tirou a camisinha usada e deixou cair sobre os jeans ali atirados. Em seguida pegou um novo do monte que tinha no bolso. Trocou de lugar com Mariah, sentou-se no degrau e a fez sentar em



cima dele de uma só vez para penetrá-la. Isso era o que ela necessitava: este homem que a enchia a cada hora do dia, assim, justamente assim. Desta vez foi Mariah quem impôs o ritmo. Fixou os pés no degrau e usando as pernas se elevou para em seguida se deixar cair sobre as pernas dele. Foi ela quem descobriu como solucionar o problema: colocando aquele enorme membro em seu interior e deixando que realizasse sua magia. Dez, nove, oito, sete... decolagem. Ancorou os pés com firmeza no degrau e empurrou com força para que a penetrasse bem. Dessa maneira sentia cada matiz do desafoço dele. A força com que se desafoçou foi apocalíptica: um oito na escala Richter. Quando sentiu que Gabriel acabou de ejacular, notou que agora era o turno dela. Saiu disparada como um foguete. Caiu para frente deixando que a cabeça repousasse sobre o peito de Gabriel. Ouviu como o batimento sólido de Gabriel tentava reatar o ritmo normal.

—Acredito que já estou melhor — disse ironicamente.

—Genial. Me alegre ter sido de ajuda.

—Estou melhor, mas acredito que não vou poder me mover nunca mais.

—Sei ao que se refere. Ocorre-me que poderíamos banhar em bronze estas escadas, como um troféu, convertendo-a em um monumento a nossa resistência sexual.

—Ou em um monumento a sua destreza sexual. É uma autêntica central elétrica fazendo amor.

—Pois, obrigado. Tomarei como um elogio, senhorita Forrester.

—Tome como quiser sempre e quando seguir solucionando meus problemas dessa maneira. Enquanto tiver você como solução não precisarei ir a um psicanalista.

—Alegre-me de ser útil — Gabriel sorriu — Mas só vou poder solucionar seus problemas quando estiver em casa. Não sei se outros seriam tão pormenorizados e se aceitariam a técnica que emprego.

—Quem sabe? Poderia fazer moda — Mariah riu, em seguida ficou séria — Isso sim, só permito solucionar meus problemas e os de ninguém mais.

—Nunca quero tocar outra como toco você — assegurou Gabriel deixando de lado a frivolidade. Nesse preciso instante soou o telefone, que sempre soa nos momentos mais inoportunos. Gabriel e Mariah se olharam perguntando se valeria a pena fazer o esforço de responder. Voltou a soar e continuaram sem mover-se.

—Pode ser importante — sugeriu Mariah ainda empalada sobre o pênis e, portanto, com pouca vontade de levantar para atender.

—Sim, mas também poderia ser alguém tentando vender um aspirador — acrescentou Gabriel secamente, mais interessado em deixar o pênis metido onde estava que em responder o telefone. Voltou a soar e desta vez o som pareceu mais insistente. De algum jeito parecia exigir que atendessem. Mariah suspirou profundamente, usou as pernas para elevar-se e permitir que o pênis saísse de dentro dela. Levantou-se e foi responder o infernal instrumento que os tinha interrompido. Gabriel voltou a se deixar cair sobre as escadas e com a cabeça apoiada no degrau superior escutou o murmúrio da conversa que saía da cozinha. Não entendeu nada, mas desfrutou escutando a voz de Mariah enquanto falava com a misteriosa pessoa que tinha chamado. Ouviu desligar e esperou sua volta, estirado sobre as escadas com os olhos fechados. Ouviu-a vir pelo



corredor e soube que estava ali em frente a ele olhando-o.

—Tem ideia de quão bonito está aí estendido, tão relaxado, com o pênis pendurando com essa espécie de pequeno guarda-chuva? — Mariah soltou uma gargalhada. Gabriel se olhou e também riu. Aí estava a ereção, pendurando, com o preservativo esquisito, desamparado sem Mariah em cima.

—Acredito que sente sua falta. Note o olhar triste de sua cara.

—É difícil distinguir a cara debaixo do guarda-chuva para não mencionar que não tenho muito claro em que lado está a cara — ela comentou observando fixamente o membro.

Gabriel tirou a camisinha, atirou em cima da outra e disse:

—Talvez devesse olhar mais de perto — Mariah não precisou de outro convite para inspecionar em detalhe. É obvio que ao se inclinar para examinar de perto e focalizar a carinha este respondeu de forma tipicamente masculina: fez-se maior, mais gordo e mais largo.

—Está claro que gosta que olhe sua carinha — comentou Gabriel sério.

—Já vejo. Tentou me piscar um olho — respondeu Mariah enigmaticamente. Gabriel se dobrou de rir — Possivelmente queira que lamba a carinha.

—Não sei ele, mas eu adoraria — aceitou Gabriel imediatamente. Mariah abaixou e abriu as pernas dele o suficiente para acomodar-se entre elas. Inclinou-se e lambeu a parte inferior do pênis.

—Se aproxime mais da beirada. Quero agarrar bem as bolas.

Observou como Gabriel deslizou e deixou que os testículos pendurassem da borda do degrau. Supôs que nenhum homem gostaria de se ver exposto dessa maneira. Essas partes eram muito sensíveis para que as tratassem com dureza, de modo que quando pareceu que estava confortável ou pelo menos tão confortável como podia estar naquela postura, Mariah se inclinou e colocou o pênis na boca tudo o que pôde, brincando ao mesmo tempo com os testículos usando ambas as mãos. Eram preciosos: duros e brandos, igual ao membro. Um homem misterioso. Imaginou o amplo sorriso que teria o pênis nesses momentos lá no fundo da garganta dela

Nesse instante Gabriel soltou um uivo, ejaculou com força e uma corrente vulcânica de esperma saiu disparada pela garganta.

Mariah já tinha se dado conta de que ejacularia e estava pronta para recebê-lo porque tinha notado a mudança nos testículo. Era uma sensação embriagadora tomar aquele poder que emanava dele enquanto fluía pela boca e a garganta. Manteve a boca ali até que não ficou nada. Logo se afastou, beijou a ponta e limpou com o dorso da mão.

Ao ver o semblante satisfeito de Gabriel e o gasto membro, Mariah brincou:

—Agora não me cabe a menor duvida de que tem um sorriso de orelha a orelha.

Gabriel olhou o pênis ainda brilhante pela boca de Mariah e só conseguiu dizer:

—Obrigado. Encantou-me tanto como a ele — Logo se recostou e voltou a fechar os olhos. Ficou assim um momento e logo abriu os olhos de repente — Esqueci de perguntar: Quem era?

—OH, é mesmo. Deixei-me distrair pela serpente-calça torta que esqueci de te dar o recado.

—A serpente-calça torta? — repetiu Gabriel elevando uma sobrancelha de forma desdenhosa.



—Não assistiu Monty Python? Tinham uma canção genial sobre o pênis. E essa era uma das formas que chamavam o pênis.

—Sim, conheço, mas nunca vi a graça... até agora — respondeu e fez um gesto zombador — Bom, e quem era?

—Burke. Para dizer que chamou Taryn e te desse o recado de que não precisa que vá buscá-lo amanhã.

—Merda. Não terá decidido ir para sua casa e ficar sozinho, não?

—Não, parece que sua médica tirou uma semana de folga, inesperadamente, e vai levá-lo para casa e cuidará dele.

—Ah!

—Isso foi o que disse Burke.

—Bom. É genial. Essa mulher tem guelra. Via-se a quilômetros que havia chispas entre esses dois. De modo que em vez de ignorar, ela decidiu ver o que acontece. Alegro-me por ela. Alegro-me por Taryn. — Gabriel tomou ar e continuou — Agora que não preciso ir a Midland amanhã, então posso arrumar as coisas para a viagem da sexta-feira a Chicago. Quero fazer uma lista das pessoas que quero ver ou telefonar quando estiver lá. Devo dar uma olhada no apartamento antes de deixá-lo, mas, sobretudo preciso anotar todas as coisas que quero falar com Alex. Preciso ter um projeto de trabalho claro quando falar com ele.

—Gabriel? Seria mais fácil levar a sério se não estivesse meio nu estendido sobre as escadas — Diante desse comentário Gabriel se levantou e tirou a camiseta — O que faz?

—Disse que seria mais fácil me levar a sério se não estivesse meio nu, assim acredito que levará mais a sério se estiver totalmente nu — Deu um tapa em seu peito nu.

—O que?

—Que gracioso é!

Abaixou-se para recolher os jeans e as camisinhas usadas. Mariah que estava no fundo do corredor, deleitou-se com a vista da formosa parte traseira dele ao ir com parcimônia à cozinha. Sabendo que os olhos dela estavam cravados em seu traseiro, dedicou um pequeno meneio de traseiro antes de desaparecer na cozinha. Recompensou-o a gargalhada de Mariah expressando assim o muito que apreciava aquele traseiro nu.

—Sabia que estava olhando meu traseiro — gritou Gabriel da cozinha.

—Homem, exibindo-o dessa maneira... como não olhar — replicou Mariah. Ouviu-o abrir armários na cozinha para atirar os preservativos.

—Quer comer algo? —perguntou ele.

—Tomarei um banho, porém adoraria um sanduíche. Embora a verdade seja que qualquer coisa seria boa — De repente parou e disse — Não íamos comer fora? O que aconteceu com esse plano?

Gabriel apareceu na porta com um pote de maionese na mão e sem um só ponto de tecido que cobrisse aquele magnífico corpo. Mariah tragou. Era um homem muito formoso. Acreditou que nunca se acostumaria a essa beleza. Da porta da cozinha Gabriel viu que ela começava de novo com o revelador costume de mover-se. Sempre fazia quando estava excitada. Trocava o peso



de um pé a outro e ruborizava. Gabriel sabia que o mínimo roçar nas partes íntimas bastaria para fazê-la chegar ao clímax. Fingiu não dar-se conta.

—Não esqueci. Só que me distraí. Se quiser, tanto faz sairmos ou ficar em casa — Moveu as sobrancelhas provocativamente. Sabia com que opção ela ficaria.

—Preparo o banho e você sobe com os sanduíches. Me deve um jantar fora e não vou perdoar isso.

Gabriel assentiu com a cabeça e voltou a meter-se na cozinha. Parou em seco e girou ao lembrar de repente de algo. Para Mariah pareceu igualmente bom visto de perfil como por trás. Inclusive em repouso tinha um pênis formidável e só podia pensar na sensação de plenitude que provocava quando o tinha dentro dela. Só pensar nisso teve que sacudir-se.

—Vai encher a banheira grande?

—Sim.

—Genial. É suficientemente grande para dois.

Gabriel viu que o rubor da excitação tingiu seu rosto e o pescoço de cor escura. Bastava se imaginar na banheira com ele para ficar excitada. Esperou para ouvi-la subir. Aproximou-se sigilosamente do pé das escadas e observou como subia com aquele coquete meneio de traseiro. Gabriel suspirou. Que mulher!

Mariah pôs a tampa da banheira, abriu a torneira e esperou que houvesse um pouco de água no fundo. Acrescentou rapidamente espuma de banho e foi ao dormitório pegar um pouco de roupa. Se a noite continuasse nesse ritmo, a verdade era que seria uma tolice vestir algo porque estaria tirando pouco depois.

Gabriel preparou rapidamente dois sanduíches e pegou algo para beber da geladeira. Encontrou uma bandeja e colocou o improvisado jantar em cima. Quando chegou acima, Mariah estava comodamente instalada na enorme banheira e a água chapinhava com suavidade pelos seios. Gabriel entreviu os mamilos escuros justamente abaixo do nível da água e os cachos acobreados se faziam presentes a cada vez que as borbulhas se moviam, proporcionando um antiquado e ao mesmo tempo pícaro pequeno show. Aproximou um tamborete da banheira, colocou a bandeja em cima e entrou na banheira recostando as costas contra a cabeceira. Fechou os olhos, afundou lentamente e deixou que a água acalmasse seu corpo cansado. Fazer amor esparramado sobre as escadas era duro para o corpo: excitante, porém, duro.

—Gabriel! —Abriu os olhos de repente e viu que a água estava a ponto de transbordar pela beirada da banheira. Tirou meio corpo da banheira para que Mariah pudesse deixar sair um pouco de água. Seus braços cansaram de sustentar o peso do corpo, assim se apoiou nos pés à espera que saísse um pouco mais de água.

—Parece Poseidón — disse Mariah olhando-o com olhos famintos. Era como o deus dos mares ressuscitado, pensou e não pôde evitar olhá-lo, vendo como escorregava a água pelo seu corpo, pelos compridos e finos membros e pelo musculoso e tonificado peito. Gabriel se deu conta de que olhava fixamente seu pênis e também se deu conta de que sairia toda a água se não a avisasse.

—Mariah! —Ela seguiu com os olhos cravados nele — Mariah, volte a colocar a tampa —



Mariah agitou a cabeça como voltando a si depois de ter estado em transe e colocou a tampa com força.

—Parece um deus com a água jorrando por seu corpo. Quando era pequena costumava ver todos esses filmes antigos de Jason e os Argonautas e todos aqueles tipos eram como você.

—Esses tipos costumavam levar umas graciosas túnicas e coisas assim.

—Sim. Costumava gozar com isso. Gosta de uma festa de togas?

—Não, mas sem dúvida gosto dessa parte em que diz que me pareço com um deus. Os galanteios desse tipo nunca são suficientes — se pavoneou.

—É um convencido — disse Mariah vendo-o afundar de novo na banheira e ocultando aquele precioso corpo até que, segundo ela, tinha escondido muito debaixo da água. Mariah se deixou ficar estendida por uns minutos, mas a seguir, muito sutilmente, estendeu o pé e começou a esfregar pela coxa e o pênis.

Enquanto o talentoso pé seguia viajando ao longo da tíbia, passando o joelho e a coxa até descansar no pênis, Gabriel observou o rosto de Mariah. Tinha os olhos entreabertos. Via que desfrutava da mudança de textura de pele que tinha lugar ao longo da perna. Quando começou a brincar com o pênis, estava brando e flácido, mas em um abrir e fechar de olhos começou a crescer sob o pé dela. Gabriel agarrou o pé e colocou em seu colo pressionando os dedos para aliviar o cansaço. Ela fechou os olhos de tudo para desfrutar mais da massagem. De repente Gabriel a puxou e afundou na água. Mariah subiu à superfície cuspiendo e soltando água por todos os lugares.

—Miserável! — ladrou afastando o cabelo molhado dos olhos.

—Miserável?

—Sim, miserável!

—Essa palavra me faz sentir Vitoriano. Muito Vitoriano e muito peralta — disse Gabriel com sorriso ardente — Uma noite poderíamos brincar de cortesã vitoriana e duque desobediente — Mariah lhe deu um olhar que dizia "Em seus sonhos, colega" — Lembra como foi divertido brincar de Roy Rogers e Dê Evans. Estou seguro que encontraríamos fantasias apropriado para essa fantasia.

Mariah odiou ter que admitir que a ideia a atraía muito. Via a si mesma no papel de cortesã seduzindo-o em uma penteadeira na penumbra e ele vestido com as bombachas da época e que moldava cada curva e com as botas altas de couro. Como se chamavam? Hessianas era isso. Ela usaria um vestido muito decotado com um apertado espartilho mostrando os seios à espera da aprovação de Gabriel. Poderia inclusive que a ajudasse a atar o espartilho pensando em quão divertido seria voltar a desatá-lo.

—Mariah, no que está pensando? Só estava brincando com você — Mariah o olhou.

—Acredito que é uma ideia genial. Adoraria pôr um desses espartilhos apertados e um vestido muito decotado para poder te seduzir em minha penteadeira. Você poderia atar os cordões do espartilho e me ajudar a colocar o vestido. Também vestiria meias e ligas. Estou certa que você gostaria de me ver vestida assim —Gabriel só pôde pensar no primeiro dia que tinha visto Mariah, inclinada sobre o carro e com o vento levantando sua saia e mostrando as meias e a



liga. A ideia de vê-la com algo assim junto com um espartilho muito apertado fez que sua masculinidade se levantasse para ter maior atenção.

—Onde conseguiríamos algo assim? —perguntou Gabriel com voz rouca—. Certamente que aqui, em Hopeville, não.

Diante essa sugestão Mariah riu. Primeiro, o fato de procurar uma loja em Hopeville que vendesse esse tipo de roupa, comprá-la sem que ninguém se inteirasse disso...

—Não tenho nem ideia, mas também teríamos que comprar umas bombachas para você e essas botas altas que os homens costumavam usar naquela época — disse divertida.

—O que? —Gabriel não estava muito seguro de querer ouvir a resposta.

—Imagino galopando pelo campo levando só umas bombachas apertadas e botas altas.

—OH, não, nem sonhe!

—Imagine-se galopando pelo campo e a cortesã com pouca roupa estaria te esperando. Inclinar-se sobre a sela e me agarraria no ar para me colocar diante de você na sela. Desde que não desmaiasse antes com o espartilho. Certamente que em Chicago há lojas que vendem esse tipo de fantasias. Pode ser que dê uma olhada no fim de semana.

Gabriel tinha se esquecido de que voariam para Chicago na sexta-feira. Não sabia se seria capaz de arrumar tudo sabendo que enquanto isso ela estaria comprando essas vestimentas. Embora, também podia ser que inclusive acabasse antes sabendo o que o esperava ao chegar a casa.

Mariah pegou a esponja da saboneteira metálica que pendurava em cima da banheira e verteu um pouco de gel em cima. Elevou a perna para que Gabriel pudesse ver melhor e ensaboou primeiro uma perna e logo outra. Lavou os braços e o pescoço tomando tempo e provocando água na boca em Gabriel.

—Quer que empreste a esponja? —perguntou Mariah fingindo inocência.

—É obvio — disse Gabriel e aceitou a esponja levantando de tudo — Acredito que preciso de um pouco mais de sabão — murmurou ao mesmo tempo em que olhava a esponja. Mariah olhou com a boca aberta quando Gabriel separou as pernas e se inclinou para frente para pegar o gel. O pênis já estava firme e ao inclinar-se, Mariah observou como penduravam os testículos entre suas pernas. Estava de comer ou pelo menos de chupar.

Gabriel pôs mais gel na esponja e se endireitou para lavar-se. Mariah observava como passava a esponja por um braço fingindo indiferença perante o olhar faminto dela. Levantou o braço despreocupadamente e lavou a axila e o pelo suave e sedoso dessa zona. No caminho para o outro braço deu uma passada superficial no peito com a esponja e mudou de mão. Repetiu o movimento no outro braço levando tempo como se estivesse realmente sujo e não se tratasse simplesmente de um exercício para deixá-la louca. Elevou o braço mostrando o suave cabelo sedoso e esfregou com toda tranquilidade. A seguir passou a esponja pelo rosto e pescoço e se voltou para que Mariah pudesse desfrutar do espetáculo que ofereciam os músculos das costas quando ele tentou chegar à mesma.

Quis oferecer ajuda, mas as cordas vocais pareciam incapazes de acatar a ordem de falar. Gabriel esfregou primeiro uma nádega e logo outra e, por um ínfimo momento, fez com que ela



desejasse ser a esponja para ser esfregada por todo o corpo daquele homem.

Gabriel girou para ela e Mariah soube instantaneamente o que a esperava. Ele deixou cair a esponja, agarrou o pênis ereto na mão, em seguida a estendeu para ela e disse com voz firme:

—Me ponha um pouco de gel na mão.

Mariah fez o que pedia. Esperava que fizesse o que ela estava desejando que fizesse. Gabriel não afastou o olhar dos olhos dela. Agarrou a ereção com ambas as mãos ensaboadas e as passou lentamente por todo pênis. As orações de Mariah foram atendidas. Viu-o fechar os olhos e se perguntou o que estaria sentindo ao saber que ela o olhava enquanto se masturbava. Viu que mudou a pressão das mãos e que impôs mais firmeza ao mesmo tempo em que dava um passo para a frente. Parecia muito forte, muito varonil, muito seguro de si mesmo, capaz de masturbar-se enquanto o olhava. Viu que os testículos se endureceram e ficou encantada pelo ritmo das mãos, para cima e para baixo, para cima e para baixo, cada vez com mais firmeza. Nem tinha se dado conta que sua própria mão estava entre as pernas em busca do delicado clitóris. Tão logo o tocou deu um coice. Ao ouvi-la Gabriel abriu os olhos e a viu esfregar brandamente o sexo.

—Abre os olhos — mandou e observou com satisfação que piscava e que tentava centrar o olhar nele — Quero que me olhe enquanto a observo — disse sedutoramente — Olhe minhas mãos — ordenou embora não teria que ter se incomodado porque Mariah já tinha os olhos fixos nelas — Quer que o faça brandamente? — Acompanhou a pergunta com a correspondente ação e acariciou o membro e os ovos com suavidade — Ou quer que faça brutalmente? — e agarrou o membro e esfregou de maneira violenta.

A cada pergunta Mariah respondia com um fraco gemido deixando-se levar pelo prazer que os dedos proporcionavam a ela mesma ao masturbar-se. Com um grito entusiasmado se adiantou fazendo que a água saísse pela beirada da banheira.

—Me olhe! — gritou Gabriel e ao mesmo tempo deu uns últimos golpes e ejaculou como um cavalo de corrida. Mariah observou como entre uma cortina de névoa Gabriel gozava e como se deixava cair de novo na água soltando um suspiro.

—Isso foi muito intenso — disse ela — O que terá sido essa forma de foder como se tivéssemos feito toda a vida?

—Que linguagem, e de uma professora, nem mais nem menos — Gabriel riu — A verdade é que desfrutei muito. Adoro que me olhe.

—Já sabe que adoro te olhar e saber que não pode se reprimir e também que veja o prazer que me dá — Mariah pegou uma toalha pequena do lado da banheira e secou as mãos — Não sei você, mas estou morta de fome assim vou comer antes de fazer qualquer outra coisa — Dizendo isto pegou um dos sanduíches da bandeja. Gabriel lavou as mãos, secou e tirou o sanduíche de suas mãos.

—Ei, devolva isso — gritou Mariah, mas ele o sustentou em cima da cabeça fora do alcance dela.

—Obrigado pelo sanduíche — disse e enviou um beijo pelo ar. Ela pegou o outro sanduíche da bandeja, mas ao sentar-se de novo procurou pisar com cuidado na ponta do pênis de Gabriel. Pegou-o tão de surpresa que quase deixou cair o sanduíche na água.



—OH, sinto muito. Meu pé escorregou — se desculpou ela escondendo um amplo sorriso atrás do sanduíche.

—Bom, já que parece que esta noite vamos jantar em casa, o que quer fazer? — perguntou Gabriel.

—Além de te comer? — quis saber Mariah rindo — Sabe o que realmente gostaria? — Gabriel negou com a cabeça — Não fazer nada de nada, simplesmente me atirar no sofá e assistir um filme.

—Nem sequer sabia que tem televisor — ele comentou e deu a última dentada no sanduíche.

—Há um no dormitório detrás. É uma espécie de quarto de hóspedes, mas instalei ali o canto da televisão. Posso fazer umas pipocas, nos aconchegarmos no sofá e vemos um filme.

— Adoraria aconchegar-me com você. Inclusive pode ser que tenha oportunidade de te sovar um pouco enquanto nos aconchegamos.

Mariah o salpicou com água e riu.

—Posso fazer algo melhor. Se for bonzinho, posso me sentar em seu colo.

—Tendo em conta o orgasmo estrondoso que acaba de ter, diria que já fui bonzinho — Gabriel riu da própria piada e Mariah se apoiou na beira da banheira e ficou em pé. Saiu e se secou. Gabriel se recostou para desfrutar da vista que oferecia ao secar os braços, as pernas e o traseiro. A seguir também ele se levantou. Mariah pegou uma toalha seca e lhe secou as costas e o traseiro escuro. Ajoelhou-se e secou as pernas de cima abaixo aproveitando para lhe dar um pequeno beijo na ponta do pênis.

—Não o excite de novo. Tem vontade de ver um filme e quer desfrutar de um tempo de qualidade com você.

Mariah lhe passou a toalha e disse:

—Vou me vestir e dar uma olhada aos filmes para ver se encontro algo que possa agradar aos dois.

Ao sair e ir pelo corredor ao dormitório, Gabriel gritou:

—Por mim não precisa que se vista. Já sabe.

Como resposta recebeu um grunhido. Acabou de secar-se. Não acreditava como gostava de passar simplesmente um momento tranquilo com ela, aconchegados no sofá, comendo pipocas e vendo um filme. Seus amigos de Chicago teriam dito que estava se tornando um brando, mas se isto era converter-se em um brando, gostava. Olhou no espelho, fixou-se em seu corpo musculoso e decidiu que de forma alguma tinha pinta de brando.

Quando Mariah voltou para esvaziar a banheira e limpar, Gabriel se desiludiu ao ver que já estava completamente vestida com shorts folgado e uma camiseta sem mangas. Estava genial, mas para seu gosto usava muita roupa. Embora admitisse que parecesse fácil de tirar chegado o momento. Ao endireitar-se após tirar a tampa da banheira, Gabriel perguntou:

—Tenho pinta de brando?

—Sim, sem dúvida. Um verdadeiro molenga. Sobretudo aqui — e tentou lhe tocar a barriga. Não havia nem um só grama de gordura. Tinha um corpo incrivelmente tonificado e elegante — A



verdade é que só identifico uma parte branda em você — admitiu e olhou o pacote no meio das pernas — Mas disso me ocuparei mais tarde.

Gabriel tentou bater em seu traseiro com a toalha quando passou ao seu lado, mas Mariah fugiu antes pela porta.

—Terá que esforçar-se um pouco mais, mocinho — gritou enquanto fugia pelo corredor para o quarto de hóspedes. Uns minutos mais tarde Mariah o ouviu ir descalço ao dormitório. Foi até a porta para espionar aquele fabuloso traseiro. Tio! Isso sim que era um traseiro impressionante! Quando Gabriel se reuniu a ela, estava de quatro verificando os títulos das caixas.

De pé atrás dela, perguntou:

—Há algo bom?

Mariah deu um salto.

—Céus! Que susto me deu! Aproxima-se com tanto silêncio...

—Defeito profissional.

—Muito gracioso — replicou Mariah com sarcasmo pondo a mão no peito para dar mais ênfase — O certo é que tem essa habilidade inata de se mover por aí sem fazer ruído. Às vezes me desconcerta a facilidade com que faz.

Gabriel não soube o que responder por que a verdade era que tinha razão. Pessoas com as quais trabalhara tinha comentado em mais de uma ocasião o fato de que um homem tão grande pudesse se fazer quase invisível. No trabalho, em mais de uma ocasião, tinha caído bem e, de fato, tinha salvado sua vida um par de vezes. Entretanto, o certo era que não fazia conscientemente; era sua maneira de ser.

—Tentarei não voltar a me aproximar de você assim, mas pensei que soubesse que estava aqui.

—Suponho que estava tão concentrada repassando os filmes que não te ouvi entrar. Daria um estupendo ladrão da luva branca.

—Talvez em uma próxima vida. Nesta tenho outros planos — sentou-se no chão com as pernas cruzadas e disse — Bom, e quais são as propostas?

—Abrangem uma grande variedade — respondeu Mariah passando o dedo pela lombada das caixas — Têm os típicos filmes românticos — Ante essa proposta Gabriel torceu a cara — Há uns quantos de espões — o rosto de Gabriel se iluminou de modo que Mariah as tirou e fez um monte com os "possíveis".

—Algo mais?

Mariah seguiu lendo os títulos em voz alta.

—Há uma e outra comédia antiga de Louro e Hardy ou dos irmãos Marx — Mariah olhou Gabriel para comprovar sua reação. Ele negou com a cabeça — Me deram de presente a coleção "Senhor dos Anéis". Nem sequer a desempacotei. Gosta?

—Não gosto de algo tão intenso. Não há algo onde não se tenha que pensar muito? Algo que possa simplesmente ficar sentado tranquilamente comendo pipocas e que possa te dar um beijinho sem perder informação vital?

Mariah riu diante destes pedidos tão singelos. Indicou que se aproximasse e desse ele



mesmo uma olhada.

—Por que não dá você mesmo uma olhada? Será melhor.

—Certo. O que acha? Um par de sedutores. Já assisti o qual aumenta o fator beijinhos grandemente. Posso fingir estar olhando o filme e ao mesmo tempo te morder o pescoço.

—Parece bom. Adoro Michael Caine e este filme não é tão mal. Coloca enquanto preparo as pipocas — Gabriel a seguiu porque queria participar de algo tão mundano como fazer pipocas. Quando entrou na cozinha, Mariah estava lutando para tirar um pacote de pipocas do armário.

—Deixa que ajudo — Gabriel pegou o pacote e colocou sobre o balcão. Mariah deu a volta para agradecer, mas as palavras ficaram engasgadas. Depois de sair do banheiro Gabriel se vestiu. Pôs uma camiseta negra e a tinha por dentro da cintura de jeans apertados e gastos. A camiseta acentuava os peitorais e os braços poderosos. Mariah temeu babar olhando-o. Parecia um modelo de capa da revista GQ com esse físico e cabelo espetaculares. Perguntou-se se agora também não vestia cueca. Aparentemente só punha quando saía para algum lugar. Sempre podia ter esperanças!

Gabriel se fixou na expressão rara de Mariah e se perguntou o que pensaria.

—Está bem? —perguntou preocupado.

—OH, Gabriel. É tão bonito!

Gabriel não soube o que dizer. Também sempre lhe dizia umas coisas tão escandalosas... Teria que mudar de tema!

—Não vai colocar um desses pacotes de micro-ondas? — perguntou quando viu que conectava a máquina de fazer pipocas.

—Nem sequer tenho micro-ondas. Imagine que é um pioneiro — ela sugeriu rindo.

—Certo. O que posso fazer para ajudar?

—Pode pegar uma tigela grande do armário que está ao lado da cozinha e ver se encontrar um pouco de manteiga na geladeira. Corte uma parte e põe em uma frigideira pequena e derrete. Enquanto isso vejo se encontro as pipocas — Mariah rebuscou no armário movendo coisas de um lado para outro até que encontrou um pote e o elevou — Aqui está. Vamos por bom caminho.

Gabriel aproximou a tigela. Mariah deixou cair uns quantos grãos de milho na parte superior da máquina de fazer pipocas e colocou a tigela debaixo do cano de saída.

—Aprendi a usar esta porcaria à força de golpes. Nunca o conecte até que esteja preparado porque senão, ao conectá-lo as pipocas saem disparadas. Terá que assegurar-se que a tigela esteja justamente debaixo do cano de saída porque senão, tem pipocas voando por todos os cantos. É a voz da experiência que fala. Tive que recolher muitas pipocas até que consegui dominá-lo.

Gabriel riu enquanto pôs a frigideira no fogo para derreter a manteiga. Já se ouvia o ruído dos primeiros grãos caindo na tigela.

—Não há nada que cheire melhor que pipoca recém feita — observou Gabriel enquanto removia lentamente a dourada manteiga já derretida. Trabalhavam cotovelo a cotovelo com o delicioso aroma das pipocas enchendo a cozinha. Gabriel virou para Mariah e disse:

—Esqueci de perguntar se encontrou um lugar onde Taryn possa ficar. Se sim terá que telefonar e deixar o aviso de que afinal não virá para Hopeville.



—Obrigado por me recordar disso. Uma das professoras me disse que sua mãe é enfermeira aposentada e que poderia ficar com ela uns dias. Telefonarei para Ângela e direi que Taryn não virá.

—Ângela? Detecto uma pequena destreza casamenteira?

—Ângela está felizmente casada e tem três filhos, assim, nada de casamenteira. Só um lugar onde poderia ficar.

Gabriel afastou a frigideira do fogo enquanto que Mariah fez a ligação. Ouviu-a agradecer a Ângela e dizer que esta comunicasse sua mãe sobre a mudança de planos.

—Se assegure que saiba o muito que agradeço seu oferecimento — ouviu dizer — Não se esqueça que na sexta-feira não estarei, portanto, não almoçarei com vocês. Até mais tarde.

—Costumam sair para comer juntas nas sextas-feiras?

—Algumas de nós gostamos de escapar e vamos comer na cidade. É uma mudança agradável para a comida diária do colégio.

—Poderia vir comer em casa?

—Quer dizer dar uma rapidinha ao meio dia? — disse Mariah movendo as sobrancelhas. Gabriel soltou uma gargalhada.

—Não, queria dizer que podia vir almoçar — Viu que Mariah se ruborizou pela conclusão precipitada que tirou — Embora a verdade seja que a ideia de uma rapidinha ao meio dia não me parece nada mal. Poderia ser pela manhã, outro ao meio dia e outro de noite. Qualquer hora do dia é perfeita para fazer amor com você.

—Seria genial, mas tenho minhas dúvidas se seria capaz de voltar para o colégio depois. Já sabe como somos.

—Sei muito bem como somos e só te escutando já me está pondo duro.

Mariah pegou a frigideira e uma espátula de borracha para verter a manteiga na tigela e misturar com as pipocas.

—Se pegar uns guardanapos e algo para beber estaremos prontos.

Gabriel a seguiu pelo corredor até o quarto de hóspedes. Mariah colocou o filme e sentaram juntos no sofá. Após uns minutos Gabriel começou a rir. Tinham levado meia hora para decidir-se por um filme e preparar as pipocas e transcorridos só cinco minutos Mariah já tinha adormecido.

Capítulo vinte e dois

Quando Mariah abriu os olhos viu seu amante observando-a com sorriso beatífico. Tinha estado observando-a enquanto dormia e tomado uma decisão. Teria que fazer uma compra importante quando estivessem em Chicago. Faria a sós e esperava que gostasse do que escolhesse.

—Bom dia — a saudou com voz baixa acariciando seu rosto com um dedo — Já estava me perguntando quando despertaria. Levo um bom tempo te observando — Agarrou seu rosto com



uma mão e com o polegar debaixo do queixo. Mariah voltou a fechar os olhos, apoiou-se contra a mão e se regozijou com a força cálida e silenciosa de Gabriel até que este voltou a falar.

—Julgando pela quantidade e intensidade de seus roncos diria que estava bastante cansada — disse brincando.

—Roncos? Não ronco! — espetou Mariah aborrecida. Logo se deteve — Ronco?

—Estava tirando sarro. Não ronca.

Mariah pareceu aliviada. Afastou as mantas e tirou as pernas. Olhou-o por cima do ombro e disse:

—Vou tomar uma ducha rápida.

Gabriel esticou as mãos para apanhá-la, mas fugiu e foi para o banheiro entre risadas. Gabriel a ouviu andar pelo banheiro. Estava cantando. A voz amorteceu ao meter-se debaixo da ducha e fechar a porta do box. Gabriel seguiu ali deitado observando como a brisa fazia ondular as cortinas e como o sol deslizava no chão. Levantou e pegou um preservativo da gaveta da mesinha de noite. Foi ao banheiro, urinou, abriu o box e se meteu na ducha com ela. Mariah se assustou.

—Tornou a fazer! Tornou a me dar um susto de morte! — queixou-se e lhe deu um golpe no braço.

—Esta vez não foi minha culpa. Fiz bastante ruído, mas com a água correndo não se ouve nada.

—Bom, perdoo-o se esfregar minhas costas.

—Estou disposto a aceitar essa penitência — disse de bom grado Gabriel. Tirou a esponja de sua mão e verteu gel sobre ela. Mariah ofereceu as costas e Gabriel ficou maravilhado com a graciosa silhueta. Passou os nódulos ao longo da espinha dorsal de cima abaixo e seguiu a linha de cada vértebra com o dedo. Inclinou-se e beijou o lunar pequeno na base das costas e de passagem lhe colocou a língua na fenda. Passou a esponja com lentos movimentos circulares por todas as costas. Logo a fez voltar-se para poder lavar a parte frontal. Tinha os mamilos tão duros que Gabriel teve a impressão que doíam. Girou a mão e colocou o dorso sobre o montículo. Além disso, inseriu o dedo do meio entre os escorregadios lábios inferiores. Estava tão excitada que explodiu ao tocá-la. Arqueou-se contra a mão dele e dessa maneira permitiu que acariciasse o interior. Gabriel deixou a mão ali e notou que os músculos pulsavam enquanto se aliviavam. Ao mesmo tempo observou seu rosto à medida que se entregava à queda livre. Abriu a porta para pegar o preservativo. O pôs, voltou-a e investiu com golpes frenéticos. Ver que ela estava a ponto de gozar fazia que também ele estivesse à beira, de modo que com uns poucos golpes, uns quantos apertões por parte dos músculos internos dela e também ele entrou em erupção.

Mariah notou que Gabriel se punha duro e soube que gozou. Ondas de alívio atravessaram a ambos. Pareciam corredores de maratona lutando para pegar ar. O corpo dele envolvia a dela. O braço com o qual rodeava sua cintura a mantinha erguida. Cada centímetro do corpo dela estava em contato com o dele enquanto que a água seguia caindo sobre eles. Mariah disse algo e as palavras saíram em ofegos.

—Tenho que tentar me arrumar para o dia de hoje e, entretanto, só quero me aconchegar a você na cama e fazer amor o dia todo.



—Por mim não há problemas — sussurrou Gabriel em seu ouvido. Saiu de dentro dela devagar porque não queria machucá-la.

—Tenho que ir ao trabalho para deixar as coisas prontas para amanhã já que não estarei — Gabriel seguiu esfregando suas costas com a mão em um movimento suave e reconfortante. Também queria que passasse o dia com ele, mas sabia que isso era impossível.

Abriu a porta do box e saiu. Tirou o preservativo e começou a secar-se. Esperou para se barbear assim que ela partisse. Deixou muito claro o que opinava de perder suas "coisas de homens".

—Enquanto você acaba de se arrumar vou preparar o café da manhã.

Mariah tirou o sabão, fechou a água e saiu da ducha. Gabriel tinha deixado uma toalha limpa. Envolveu-se nela e foi em busca de roupa. Outro vestidinho de verão e alguma roupa íntima e estava pronta para descer para tomar o café da manhã. Gabriel estava ocupado passando manteiga nas torradas.

—Reservo minhas habilidades culinárias para o jantar que vou preparar hoje — prometeu — Tenho que fazer uns telefonemas, mas vou buscá-la depois das aulas.

Era interessante ver com que rapidez tinham adotado uma rotina matinal. Mariah tirou os pratos e os copos enquanto Gabriel colocou as torradas, a manteiga e a geleia.

Comeram ao lado da janela observando os cavalos na cerca perto deles. Ao ver os cavalos Mariah recordou a conversa a respeito das fantasias Vitorianas para cortesã e cavalheiro. Imaginou se haveria alguma loja em Chicago que vendesse esse tipo de objetos. Só seria questão de procurar. Quando chegassem poderia olhar nas páginas amarelas ou inclusive procurar na Internet antes de partir. Teria que fazer sem que Gabriel se inteirasse.

Enquanto olhava pela janela Gabriel pensava na maneira de sair para comprar em Chicago sem a companhia de Mariah. Como tinha que ficar com Alex Randall, podia aproveitar então. Nunca antes havia feito algo assim, mas queria que fosse perfeito.

—Tenho que retornar uns quantos recados.

—Tenho que comprar algumas coisas.

Riram porque os dois falaram ao mesmo tempo.

—Você primeiro — cedeu Gabriel.

—Não estive nunca em Chicago assim pode ser que aproveite para fazer algumas compras. Seguro que poderei me arrumar sozinha — acrescentou rapidamente temendo que ele quisesse acompanhá-la estragando dessa maneira a surpresa.

Gabriel viu em seguida a oportunidade para ir às compras sem ela e disse:

—Tenho que ver Alex Randall. Posso te deixar onde quiser ou inclusive pode ser mais fácil que tome um táxi.

—Podemos decidir isso na hora. Se sequer sei aonde quero ir.

—Poderia pedir a Laura que a ajude.

Mariah quase se engasgou com a torrada. Não podia se imaginar perguntando a uma mulher que acabava de conhecer onde comprar fantasias para um jogo erótico.

—Sim, estupendo — disse afastando o olhar para que Gabriel não visse. Tinha que se sentir



muito cômoda para perguntar a outra mulher "Ouça, por acaso sabe onde posso conseguir uma fantasia de cortesã e um espartilho?". Entretanto, o da roupa era sério. Era muito fácil o imaginar com bombachas apertadas, botas e nada mais, galopando pelo campo enquanto ela fingia estar fugindo para evitar que a sequestrasse. A apanharia, colocaria diante dele na sela e sairia correndo com ela presa no colo. Oxalá fosse um bom cavaleiro. Para aquela fantasia teria que ser. Seus sonhos foram interrompidos quando Gabriel se levantou para recolher os pratos. Acabaram na cozinha e subiram para terminar de se arrumar. Escovaram os dentes juntos, pegaram os capacetes e saíram.

Depois de deixar Mariah, Gabriel se dirigiu ao escritório de Burke e o pôs em dia com os planos. Burke desgostou do fato de que ser ajudante de xerife não formasse parte desses planos, mas como tinha suposto Gabriel, prometeu fazer uma lista de possíveis clientes para a empresa em embrião. Gabriel adorou que Burke aceitasse sua relação com Mariah como um fato consumado. Era o que pretendia e o faria oficial ao retornar de Chicago. Burke se ofereceu para levá-los ao aeroporto no dia seguinte já que tinha o dia livre. Gabriel teve a impressão que agradecia ter algo a fazer. Parecia o tipo de homem que só estava feliz quando trabalhava ou muito ocupado. Gabriel sabia que não seria cômodo levar a bagagem de moto até o aeroporto de modo que aceitou agradecido. Burke disse que passaria cedo porque preferia esperar no aeroporto que ficar preso no tráfico ou na estrada e arriscar que perdessem o voo.

Já de volta em casa Gabriel ligou para Alex Randall e marcou um encontro para o sábado. Alex, que já havia feito uns tantos telefonemas por sua conta, estava ansioso por reunir-se para traçar planos para a aventura empresarial. Gabriel sabia que juntando o arsenal de conhecimentos de um e de outro formariam uma equipe formidável, sobretudo pelos contatos que já tinha Randall. Gabriel nem recordava a última vez que algo relacionado com o trabalho o estimulasse tanto. O trabalho em Chicago fazia muito tempo que tinha perdido essa capacidade, embora tivesse seguido colocando tudo nele. Talvez por isso o atraísse tão pouco agora. Era momento de avançar. Sentou-se à mesa da cozinha e fez uma lista do que necessitaria para montar um escritório para ele e Alex. No sábado a mostraria e assim poderia ver o que já tinha e o que ainda teria que comprar. Alex levava tempo suficiente no negócio para ter grande parte da equipe, mas Gabriel queria assegurar-se de contribuir também com seu grão de areia.

A seguinte ligação foi para Benjamin, outro de seus contatos em Chicago. Gabriel e Benjamin não se conheceram nas melhores circunstâncias: Benjamin estava a ponto de roubar o carro de Gabriel quando este o pegou com a mão na massa. Deu uma olhada naquele menino fracote e miúdo e o bastante estúpido para roubar o carro de um policial, entretanto, em vez de entregá-lo às autoridades o tinha acolhido em sua casa. Quando contactou com os pais descobriu que o tinham dado por perdido fazia muito.

O pai havia dito a Gabriel:

—Faça o que quiser com ele. Para nós é como se estivesse morto.

Resultou que o menino procedia de uma família abastada de Chicago, mas haviam se despreocupado quando se deram conta de que não valia à pena incomodar-se com que seguisse o negócio familiar. Gabriel se deu conta que o comportamento de Benjamin se devia a que só



pretendia chamar a atenção dos pais para que se fixassem nele e nem tanto nos negócios. Os pais passavam muito tempo dando jantares aos amigos de sua própria condição social ou indo a eventos do clube de campo. A mãe era a esposa perfeita: conhecidíssima na boa sociedade, membro do número necessário de juntas e comitês e uma grande arrecadadora de recursos. O pai era um grande golfista, um homem de negócios ardiloso e que mantinha uma amante inteligente e cheia de preparo. Benjamin não encaixava naquele estilo de vida. Já não era o lindo bebê, perfeito para as fotos, e tampouco o menino pequeno sempre desejoso de que tirassem uma foto com os papais em qualquer acontecimento social. Além disso, não perdoava o pai por seu débil compromisso com os votos matrimoniais. Convertera-se em um jovem com ideias próprias que não estava interessado no alvoroço social. De fato, declarava-se abertamente contra muitos aspectos que eram muito apreciados pelos pais. Como resultado estes estiveram mais que encantados podendo desfazer-se do filho rebelde em vez de tentar entendê-lo.

Recordava nitidamente a expressão no rosto de Benjamim quando sentiu a mão de Gabriel no ombro e se deu conta de que o tinham pegado. Não tentou liberar-se contando alguma mentira, mas sim aceitou resignado as consequências. Quando Gabriel por fim conseguiu lhe arrancar como se chamava e disse que chamaria seus pais, surpreendeu-o ver que Benjamim riu. Era uma risada amarga, uma risada que esclareceu tudo a Gabriel. Quando falou com os pais descobriu que aquela risada estava mais que justificada. Desse lado não haveria nenhuma ajuda. Desligou o telefone e a vida de Benjamin mudou nesse preciso momento. Ao ver a derrota e a resignação naqueles olhos jovens, Gabriel soube que tinha que fazer algo, assim tomou aquele menino sob suas asas. Não era fácil para nenhum dos dois porque Ben brigava a cada passo dado, afinal era a única coisa que sabia fazer. Entretanto, quando conseguiu o título de bacharel não foram seus pais os que o animaram da primeira fila mas Gabriel. Gabriel gostava de pensar que os pais de Ben estariam muito orgulhosos dele se vissem o jovem em que se converteu. Diabos, inclusive tinha montado sua própria companhia de software! Ainda era pequena, mas estava se defendendo sozinho e a companhia estava crescendo a passos longos.

Gabriel se deu conta que Benjamin formava parte de sua vida, mas que era uma parte de sua vida que mantinha muito privada. Os amigos sabiam da existência de Ben porque Gabriel gostava de usar seus cérebros para pedir conselho e para compartilhar com eles os êxitos de Ben, mas não queria que as pessoas pensassem que era uma espécie de alma caridosa. Por isso não dava muita importância a essa parte de sua vida. Mariah certamente também o tomara sob suas asas, uma vez que falasse dele, claro. Agora mesmo Benjamin estava estudando ao mesmo tempo em que seguia com a empresa de software. É verdade que já não era um adolescente, mas Mariah tinha um coração brando com todo mundo, fosse jovem ou velho, e Benjamin não seria uma exceção. Gabriel o chamou e deixou uma mensagem em que perguntava se podia ir buscá-los no aeroporto no dia seguinte. Se não pudesse pegariam um táxi, mas Gabriel sabia que Ben se zangaria se antes de qualquer coisa não fizesse contato com ele.

Logo começou a fazer a lista das coisas que necessitaria para mudar-se para Hopeville com todas suas posses. A lista começou a aumentar rapidamente: avisar sobre o apartamento, pagar o aluguel do mês seguinte, falar com o capitão, entregar o distintivo, ir ao banco e transferir as



contas. Se não conseguisse fazer todo o proposto, teria que voltar um dia ou dois mais para atar todos os fios soltos. Uma vez feito isso seria livre para ir e começar do zero com Mariah. Ligou para Laura e acertaram que passariam à noite para visitá-la e ao bebê. Ocupavam o primeiro posto na lista de pessoas que queria ver. Por fim teria a oportunidade de conhecer o pequeno Gabe. Estava ansioso. Olhou o relógio e se deu conta que tinha o tempo justo para tomar uma ducha rápida e barbear-se antes de sair e buscar Mariah. Teve que fazer ainda uma última ligação: à oficina que supostamente estava arrumando o carro dela. O proprietário pareceu muito evasivo ao falar de quando estaria pronto o carro. Gabriel não entendia o que podia estar acontecendo até que lhe acendeu uma lâmpada no cérebro. Recordou a expressão divertida de Burke quando mencionou o conserto do carro.

—O xerife telefonou? — quis saber

— Pode que sim, pode que não — disse o mecânico evasivo.

—Bom, pois pode seguir adiante com o reparo do carro. Já não preciso dessa desculpa para nos juntar.

—Graças a Deus. Já estava me cansando de inventar desculpas cada vez que Mariah ligava. Alegro-me que fique. O xerife fala muito bem de você e a nossa Mariah é muito querida por aqui assim esperamos que cuide muito bem dela.

Gabriel se perguntou se chegaria a acostumar-se a viver em um aquário, mas também sabia que a cercania da comunidade também significava muito na hora de jogar raízes juntos. Perguntou-se se Mariah saberia o que seu irmão tinha tramado para que seguissem juntos na moto. Seguro que não. Quase certo que pensava que seu irmão não tinha tido um pensamento mau em toda sua vida. De fato surpreendia a ele mesmo. Estava claro que tinha obtido a aprovação de Burke e que podia seguir adiante com o romance com a irmã do sabichão. Não o desagradava a ideia de ter obtido a aprovação de Burke, mas por outro lado, o não tê-la obtido tampouco teria importado muito. Já tinha se proposto a tê-la e a aprovação do irmão estava bem, mas não era imprescindível. Uma rápida olhada ao relógio mostrou que tinha que preparar-se para ir buscar Mariah. Já tinha vontade de voltar a vê-la. Mal estacionou a moto diante da porta principal a viu sair, porém com cara infeliz. Deixou a moto e se reuniu com ela.

—O que aconteceu? — perguntou esperando que não fosse nada grave — Passa algo?

—Não, não passa nada. É só que na última hora ligaram da oficina me dizendo que milagrosamente já arrumaram o carro. Parece estranho. O mecânico não tinha nem ideia de quando estaria pronto e de repente, assim sem mais, está pronto e posso ir buscar quando quiser.

Gabriel não pôde conter a risada, o que a incomodou ainda mais.

—O que? Admito, adorava que me trouxesse e buscasse no colégio. Adoro ir montada na moto e sentir o movimento de seu corpo ao trocar de marcha e ao entrar em uma curva. Excita-me e me alegro de admitir.

Gabriel a agarrou entre seus braços e a apertou contra seu corpo, o qual reagiu de forma previsível ante a proximidade do corpo dela.

Ao notá-lo grosso e comprido entre os dois corpos Mariah disse:

—Parece que há alguém que se alegra de me ver.



Gabriel passou a mão pelo cabelo dela. Estava encantado de vê-la e tê-la entre seus braços.

—Alegrou-me ter uma desculpa para te levar todos os dias, mas o certo é que temos que agradecer ao seu irmão por esta prolongada alegria.

Mariah se afastou e o olhou.

—O que tem ele a ver com o conserto de meu carro ou não?

Não cabia dúvida de que não tinha nem ideia de que Burke esteve ajudando-os em sua relação.

—Acredito que nos estava juntando para nos ajudar em nossa relação.

Foi fazendo uma luz.

—Ok, parece que tem o selo Forrester de aprovação.

—É bom saber que aprova que a persiga.

Mariah fez uma cara ante aquela escolha de definição.

—Te seduzir? — Ante essa opção riu.

—Se apaixonar? —Ante essa sorriu.

—Te cortejar? — Com essa assentiu porque gostava das conotações vitorianas. Essa era a definição perfeita. Se isto era cortejar, adorava.

—Posso te levar na oficina para recolher o carro e logo nos vemos em casa.

Mariah montou atrás e indicou por onde tinha que ir. Como Hopeville era muito pequena chegaram logo. O mecânico saiu bem a tempo de ver que Gabriel se despedia com um beijo. Gabriel imaginou que não importaria muito porque certamente todo mundo na cidade sabia que a senhorita Forrester tinha um namorado novo. A verdade é que gostava de ser o namorado novo da senhorita Forrester. O que mais gostava eram as vantagens que implicava ser o novo namorado da senhorita Forrester como, por exemplo, sexo louco e apaixonado no dormitório, sexo louco e apaixonado na cozinha, sexo louco e apaixonado na sala e sexo louco e apaixonado no banheiro. Além disso, também gostava de ficar com ela sem fazer amor. Deus! Gostaria de estar com ela em todas as horas. Estava desejando resolver os assuntos em Chicago e começar uma nova vida com ela.

Quando Mariah se meteu na pista que levava para a entrada principal da casa, Gabriel já estava sentado nas escadas esperando. Antes que parasse o carro se levantou e veio ao seu encontro. Mariah baixou a janela e esperou observando os ágeis movimentos parecidos com os de um felino. Imaginou agarrando-a por atrás e mordendo seu pescoço como se fosse uma pantera ao mesmo tempo em que a penetrava. Inclusive podia ouvir o ronronar profundo ao tê-la aprisionada com seu corpo e entrar e sair dela igual um pistão. Saiu de seu sonho e se encontrou com Gabriel apoiando os cotovelos na janela aberta chamando-a. Não tinha nem ideia de quanto tempo levava ali de pé, mas julgando pelo sorriso em seu rosto estava claro que sabia no que estivera pensando. Inclinou-se para dentro e a beijou profundamente, absorvendo a língua e saboreando antes de soltá-la de novo.

—O gato comeu sua língua? — perguntou ele. Mariah não pôde evitar rir ante o acertado comentário. Como demônio sabia que estivera sonhando acordada com gatos enormes, gatos enormes que a perseguiam implacavelmente para montá-la por trás grácil e poderosamente?



—Estava sonhando acordada. Sabe que se move como um felino? Notava como me arrepiava o cabelo da nuca antecipando o que está por vir.

—la perguntar se gostaria de jantar em Fort Stockton esta noite, mas tenho que possuí-la quanto antes.

—Por que não entra no carro? — perguntou ao mesmo tempo em que desabotoou os botões da blusa. Gabriel observou como a cada botão que abria entrevia um pouco mais daquela cremosa pele. Quando desabotoou o último botão, Mariah afastou a blusa e revelou os montículos dos seios elevados pelo extravagante sutiã para um estudo consciencioso. Gabriel temeu deixar o carro cheio de baba só por olhá-la. Mariah se abanou com a mão e em seguida subiu a saia dizendo:

—Que calor faz aqui dentro! Não sei se este é um bom momento para contar que na oficina fui ao lavabo e tirei a calcinha. Faz muito calor e ainda agora ainda mais.

Gabriel baixou o olhar e distinguiu os cachos dourados do pelo púbico e os lábios inferiores que se sobressaíam rosados e aparentemente irritados. Passou pela frente do carro, abriu a porta do passageiro e caiu literalmente sobre o assento. Mariah riu. Quando via algo que queria, estava claro que sabia se mover, e sem a maldita graça felina. Mas quando viu o olhar de fome no olhar dele ficou séria.

—Por favor, me diga que tem um preservativo à mão — pediu. Agora os levava a toda a hora porque sempre queria estar preparado para fazer amor com ela. De modo que colocou a mão no bolso, tirou um e atirou sobre o console. Mariah colocou a mão debaixo do assento para puxar a alavanca que deslizava o assento. Necessitaria de algum espaço para manobrar se queria chegar até ele. Agradeceu ser baixa e poder deslizar e ficar escarranchada sobre Gabriel. Ao desabotoar os jeans dele saiu disparado o membro ansioso para que se servisse dele. Mariah adorou comprovar que não vestia roupa íntima. Isso facilitava muito as coisas.

Gabriel pôs a camisinha em seguida situou Mariah em cima da ponta do pênis. Usando os joelhos ela se equilibrou nessa postura e o atormentou esfregando o pênis de um lado a outro pela racha. Se fosse por Gabriel gritaria de agonia por ter que esperar até que a vagina o engolissem em sua totalidade. Mariah apoiou as mãos nos ombros dele para se segurar e se elevou deixando só a ponta do pênis dentro, logo se deixou cair de novo até que notou que o pelo púbico se mesclou com o dela. Cada movimento para cima e para baixo vinha acompanhado de um som suave de sucção que se amplificava no silêncio do carro. As respirações eram como a dos cavalos ao chegar à linha de chegada. Mariah esticava e relaxava os músculos ao redor de Gabriel. Movia apenas esses fortes músculos na parede do útero. Gabriel notava como os músculos o seguravam e massageavam. Estava seguro que ela sabia que com isso o deixava louco. Então notou que aquelas paredes começaram a agitar-se e soube que Mariah estava a ponto de gozar. Ato seguido ela jogou a cabeça para trás, chiou os dentes e o apertou como se fosse um parafuso. Seguiu e seguiu até que notou a resposta nos testículos e pênis. Apertou, apertou e apertou e por fim o bendito alívio. Desta vez foi ele quem inclinou a cabeça para frente e a apoiou contra o peito de Mariah. Ouviu o coração desta lutando por voltar ao ritmo normal.

Passou bastante tempo antes que Gabriel pudesse voltar a pensar com clareza. Esta mulher



tinha a assombrosa capacidade de pô-lo do avesso. Adorava! Deixou-se cair contra o encosto do banco, jogou a cabeça atrás e fechou os olhos até que notou a mão dela acariciando a mandíbula e a sombra da barba.

Mariah o viu abrir os olhos languidamente ao sentir-se acariciado. Aqueles preciosos olhos escuros ainda jogavam chamas de desejo o que indicou que esse somente tinha sido um entretenimento até que estivessem em um lugar mais cômodo para se amarem. Aquele encontro apenas acalmou o desejo que sentiam um pelo outro; entretanto, quando Gabriel estendeu o braço para tocá-la, o estômago de Mariah soltou um sonoro grunhido. Gabriel deu uma olhada interrogante, metade sorriso metade cenho.

—O que estava dizendo a respeito de ir jantar? — perguntou Mariah com a respiração ainda entrecortada — Sinto, mas pulei o almoço para deixar tudo preparado para amanhã e agora morro de fome.

—Queria levá-la a Fort Stockton para jantar. Deve algum lugar ali onde possamos comer, não? — antes de poder responder, Gabriel emoldurou seu rosto e a atraiu para que ambas as bocas se encontrassem. Não se fartava daquela deliciosa boca. Com os dentes puxou o lábio superior. Mordeu o suficiente para fazê-la saltar. Repassou os contornos dos lábios com a língua e introduziu para travar um duelo entre as duas. Mariah deixou que desse prazer à boca, mas logo se afastou para desgosto de Gabriel.

—Sinto muito, Gabriel, mas de verdade estou esfomeada. Preciso comer algo.

—Só temos que descobrir como nos separar e podemos ir.

Mariah solucionou o problema separando-se dele usando as pernas e decidiu que odiava a sensação que ficava cada vez que se afastava. Gostaria de tê-lo dentro para sempre para lhe dar prazer sempre que quisesse, mas sabia que tinha que ser prática, assim tirou um lenço da bolsa e deu ao Gabriel.

—Pode envolver a camisinha aqui — Assim o fez. Em seguida desceu e abotoou a calça.

—Faz muito calor para usar roupa íntima? — perguntou Mariah com sorriso malicioso enquanto Gabriel colocava o pênis dentro da calça e fechava os botões. Ele somente lhe dedicou o sorriso que prometia coisinhas.

—Necessita de algo antes de ir? — Gabriel abriu a porta de tecido metálico para que Mariah pudesse passar. Mariah atirou as coisas em cima da mesa que havia no saguão e gritou subindo as escadas:

—Gostaria de pôr algo bonito para nosso encontro. Importa-se de irmos de carro em vez da moto?

—Por mim não há problema. Desfaço-me da camisinha e a espero na varanda. —Gabriel sentou na cadeira de balanço da varanda porque supôs que teria que esperar bastante tempo, mas após dez minutos Mariah estava ali pronta. Abriu a porta e saiu. Levava um vestido curto vermelho muito apertado. Tinha alças muito finas e uma prega que parecia um lenço e que ao andar grudava ao corpo. Levava uns sapatos combinando, com salto impossível estilo me chupe-a-ponta que quase o fizeram se engasgar. Não usava a trança de sempre, mas sim o cabelo caía solto pelas costas roçando a parte superior das pernas. Esquecera o quanto era comprido quando não o



tinha trançado.

—Preparado para ir? — quis saber ela.

—Sim, mas melhor preparado para voltar — disse Gabriel — Esse vestido deveria ser proibido por lei.

Mariah se olhou decepcionada. Comprou o vestido por capricho e nunca o tinha vestido até agora. Além disso, adorava.

—Você não gosta? — perguntou.

—Gostar dele? Gostaria de arrancar isso e te foder aqui mesmo — grunhiu Gabriel ficando em pé e indo para ela.

—Nem te ocorra rasgar o vestido — avisou estendendo as mãos em um gesto defensivo. Entretanto, em vez de arrancar o vestido pôs o braço atrás dos joelhos e a suspendeu. Para deleite dela deu umas voltas. O cabelo ondeou no ar. Quando os dois estiveram meio enjoados se deixaram cair na cadeira de balanço sustentando-a ainda nos braços.

—Está tão preciosa que tão logo possa tirarei seu vestido.

Deixou-a no chão, a pegou pela mão e a levou ao carro. Era um vestido realmente apertado e isso fez que Gabriel perguntasse se teria optado por não usar roupa íntima. Demorava averiguar. Abriu a porta, ela se sentou e colocou as pernas dentro. Esperava poder dar uma olhada quando se sentasse, mas o carro era muito baixo, assim, decepcionado, dirigiu-se à porta do motorista. Mariah deu as chaves e ele ligou o carro sem antes jogar um último olhar de lado se por acaso espionava algo da possível roupa íntima.

Capítulo vinte e três

Gabriel estava na cama repassando mentalmente a noite. Não recordava a última vez que se divertiu tanto com uma mulher, de fato, não recordava a última vez que se divertiu tanto, ponto. Dirigiram até Fort Stockton, mas Mariah o fez deter-se assim que chegaram à cidade para poder tirar uma foto dele ao lado de Patrício Pete. Gabriel odiava tirar fotos, mas ela não admitiu não como resposta.

—Farei que valha a pena — prometeu e assim o fez. Quando retornou ao carro levantou o vestido para mostrar o que levava por debaixo: nada.

Levou-o ao seu restaurante mexicano favorito. Esperava dele que entrasse e comesse tranquilamente sabendo que não levava mais que essa insinuação de vestido. Conseguiu fazê-lo, mas a verdade era que temeu a todo momento que o membro duro não tivesse espaço debaixo da mesa. Ela se inclinava continuamente para frente para falar com ele. Finalmente chegou à conclusão que precisamente por isso não pode convencê-la que se sentasse ao seu lado. Mariah tinha se mantido firme quanto a sentar-se de frente para ele e depois esteve a todo o momento inclinando-se para frente. Sabia perfeitamente que desse modo Gabriel podia olhar dentro do decote e ver os fantásticos seios implorando que os metesse na boca. Inclusive viu como os



mamilos endureciam a cada olhar. Quando não olhava dentro do decote, fixava-se na parte dianteira em que os mamilos se sobressaíam tentando perfurar o apertado vestido. Gabriel temeu levantar a mesa com a junção que levava. Essa mulher era uma fantasia de diabo. Tentou manter os pensamentos puros, pensar em quão bonita estava com o vestido e o muito que desejava o arrancar com os dentes. Pensamentos puros, pensamentos puros!

Uma vez que teve a enorme ereção mais ou menos sob controle jogou uma olhada ao restaurante que Mariah escolheu. Visto de fora não prometia muito, mas ao entrar descobriu que era um lugar impressionante. Soava música de algum lado, as pessoas riam e cantavam e um aroma maravilhoso enchia o ar. Riram, falaram e comeram quantidades imensas de comida picante acompanhadas de Dois X. A comida era incrível e a cerveja estava muito fria. Conseguiu esperar todo o trajeto de volta a casa antes de lhe tirar o vestido que cobria o impressionante corpo. Descobriu encantado que era tal como imaginou: debaixo não levava absolutamente nada. Era certo que não conseguiram chegar acima, mas já estavam se acostumando a fazer amor nas escadas. Desta vez não se sentiu como um nó ao levantar-se. A ideia de distribuir preservativos por toda a casa foi um grande acerto porque antes de fazê-lo na cama houve outro encontro na cozinha. Apenas deu tempo para tirar a camisinha do bolso quando teve Mariah em cima dele e ele investindo-a. Poderiam distribuir pires com caramelos por toda a casa só que em vez de enchê-los com caramelos os encheriam com preservativos. Economizaria o trabalho de ter que estar sempre preparado, embora pudesse ir acompanhado de perguntas.

Mariah deu um pequeno pulo e Gabriel a observou ali adormecida entre seus braços. Sem chegar a despertar, ela afastou uma mecha de cabelo da face e se aconchegou mais contra ele ao mesmo tempo que enterrava a mão no cabelo do peito dele. Não era de estranhar que estivesse tão profundamente adormecida depois das frenéticas sessões de sexo. Ele também começava a sentir-se mais receptivo em algumas zonas, sobretudo naquelas em que gostava de lhe morder.

Permaneceu deitado pensando no destino e no papel importante que tinha jogado na direção que tomou sua vida nos últimos dias. Como podia ser que Mariah tivesse uma avaria com o carro justo nesse trecho de rodovia se na verdade ele sequer tinha planejado tomar aquela estrada? Tinha decidido assim sem mais ir por uma estrada menos transitada. Outra pessoa poderia ter passado antes que ele e havê-la ajudado. Assim quando ele passasse, ela já teria ido há tempo. Fosse o que fosse o que o destino tivesse em mente naquele dia, queria agradecer de joelhos por tanta generosidade e senso de humor ao juntar aos dois. Não imaginava uma companheira melhor, com tanto senso de humor, tanto sentido de jogo limpo e tanto sentido para as aventuras sexuais. Sabia que ele não era um bom partido, mas faria o possível para ser um bom companheiro e fazê-la feliz.

O próximo que soube foi que ainda não tinha saído o sol, mas que Mariah já estava escarranchada sobre suas coxas lhe pondo a camisinha. Que maneira tão estupenda de ser despertado: olhar à face da mulher que ama enquanto ela te acolhe em seu corpo. Adorava a sensação de ser engolido e do corpo dela acomodando devagar o seu tamanho. Mariah sorriu e impôs um ritmo matinal tranquilo que o fez despertar lenta e languidamente. Era como se sentisse que o sangue se acelerava enquanto corria pelo corpo bombeando do pênis, como o coração



delator do Poe. Esta vez Mariah se inclinou para trás apoiando-se nas coxas de Gabriel. Dessa maneira o ângulo de penetração pareceu mais agudo e profundo. Usando as mãos se levantou e deixou baixar sobre o pênis inchado enquanto este elevava o corpo para ir ao encontro dela. De repente ela se levantou de tudo e ficou fora de seu alcance, mas antes que Gabriel pudesse fazer alguma pergunta se virou de costas e deslizava sobre ele de um ângulo completamente diferente. Gabriel não pôde acreditar o muito que essa mudança de posição intensificou as sensações. Era como se todo seu ser estivesse concentrado no pênis e o suave meneio do corpo dela enquanto o ordenhava.

Gabriel deixou durante um momento que fosse Mariah quem desse prazer a um ritmo lento e sedutor, logo a empurrou para frente, ajoelhou-se e a penetrou por trás. Desta posição podia lhe morder as costas cada vez que a investia. Com os dentes se aferrou ao tendão do pescoço, mordiscou todo o comprimento seguindo a delicada linha do pescoço até chegar ao ombro. Esta posição facilitava muito a penetração e isso fazia que o prazer de Gabriel aumentasse, mas a julgar pelos gemidos e gritos de prazer, ela desfrutava do mesmo. Gabriel se sentia como um garanhão montando uma égua e os gritos de Mariah faziam que sentisse que também seu membro era como o de um garanhão. Sabia que desta vez não seria capaz de esperar por ela a não ser que desmaiasse, o qual seria mais que provável. Soltando um rugido como o de um leão ejaculou dentro dela agarrando-a pelos ombros e afundando o membro o máximo possível. Felizmente ouviu a resposta de Mariah em forma de grito e uns segundos mais tarde também ela se rendeu. Ele desabou sobre ela e durante o que pareceu uma eternidade Mariah suportou o peso de ambos. Por fim Gabriel se deixou cair de lado levando-a consigo. A cálida brisa os pegou unidos como um casulo quando penetrou pela janela e os acariciou ali estendidos.

—Hoje não tenho que ir trabalhar — sussurrou ela excitada.

—Vamos viajar, carinho — ele recordou ao mesmo tempo que a pegava pela cintura e fazia cócegas. Ela lutou sem muito entusiasmo para soltar-se, mas na verdade não queria deixar o calor dos braços dele, assim, agarrou suas mãos e as prendeu ao próprio corpo.

—A que hora temos que ir? — Esperava ficar aconchegados na cama o máximo de tempo possível.

—Como não temos que pedir emprestado o carro do Burke, tampouco iremos tão cedo como pensei. Podemos levar seu carro e deixá-lo no estacionamento do aeroporto, a não ser que queira que peça a caminhonete.

—Tem mais sentido levar meu carro e deixá-lo no aeroporto. Com um pouco de sorte continuará ali quando retornarmos no domingo — disse encolhendo os ombros.

—Quando estivermos no caminho lhe dou um toque. Não vale a pena despertá-lo tão cedo — Gabriel deu um forte abraço tentando prolongar até o último minuto o tempo juntos antes de ter que levantar-se e se arrumar. Queria manter o mundo encurralado um pouco mais e fingir que não havia nada mais que eles dois.

Mariah se ajustou mais a ele como uma colherzinha a outra e se maravilhou de quão bem encaixavam um no outro. Ele cobria o delicado corpo de Mariah com o seu tão poderoso. Os cabelos do peito faziam cócegas nas costas ao se mover. Mariah notou a reação automática



quando o pênis endureceu e procurou o caminho através das dobras. Parecia uma barra de ferro aquecida em uma forja. Sabia que se alongasse a mão para trás e o acariciasse, toparia com uma pele cálida e suave embora nesse momento não estivesse nada suave mas dura como o aço. Pegou um lenço da mesinha de noite, tirou a camisinha usada e a envolveu no lenço. A seguir pôs uma nova e deixou que a penetrasse por trás. O fato de que tomasse todo o tempo do mundo para introduzir o membro latente na racha foi uma tortura deliciosa. A passagem estava muito suave por causa dos recentes combates amorosos e mesmo assim notou como se estreitava para acomodar a incrível longitude e grossura.

Gabriel pôs as pernas sobre as suas e a cravou na cama e deixou que os corpos estabelecessem um ritmo lento e fácil. Ao ter as pernas de Mariah presas debaixo das suas a cada golpe parecia levá-lo mais até o fundo até que o corpo dela se abrandou e ficou mais escorregadio com cada golpe. Gabriel notou que a respiração dela ficou entrecortada e logo veio o revelador aperto que indicava que estava pronta e isso foi o que fez com que o arrastasse com ela até as estrelas. Gabriel mudou o ritmo para ejacular e gritou em seu ouvido quando gozou. Seguiu um absoluto silêncio quebrado tão somente pelos sons de dois amantes tentando voltar à terra: respiração forte, beijinhos, a brisa matinal acariciando os corpos suarentos.

Permaneceram deitados, perdidos cada um em seus pensamentos até que Mariah deu uma olhada no despertador e se deu conta que desgraçadamente era hora de se levantar e por a caminho. Tinham que arrumar-se porque preferia esperar no aeroporto a chegar no último minuto. Gabriel lutou por seguir agarrado enquanto ela se afastava e saía da cama. Mariah ficou de pé ao lado da cama e o olhou. Perante a imagem que mostrou teve que sorrir: era uma combinação de homem bonito e extremamente sensual com o cabelo emaranhado depois de dormir e a sombra escura da barba matinal ressaltando mais ainda a forte mandíbula.

—Tenho que me arrumar e pegar algumas coisas — disse e sentiu abandonar o calor do corpo de Gabriel — Enquanto faz sua mala tomarei uma ducha — Elevou as mãos quando viu que Gabriel se levantava — Não. Fica um minuto mais. Será melhor que tome banho sozinha porque senão, não acabarei a tempo na vida.

Gabriel a olhou com olhos de cachorrinho pidão quando disse que tomaria banho sozinha, mas sabia que tinha razão. Um minuto com ela na ducha, contemplando a formosa pele suave e manuseando os preciosos seios e estaria procurando outro preservativo na suíte.

Gabriel riscou um X sobre o coração e levantou dois dedos para selar a promessa. Disse com voz monótona, como se estivesse fazendo um juramento:

—Prometo ser um menino bom e me arrumar enquanto você estiver na ducha —Logo acrescentou— Por muito que isso vá contra meus desejos mais vis.

Essa promessa fez Mariah rir. Sabia o poderoso que eram esses desejos vis. Felizmente esteve ao outro extremo dos mesmos em múltiplas ocasiões e podia dar fé de quão bons eram esses desejos vis. Virou e foi para o banheiro oferecendo uma esplêndida vista da retaguarda. Gabriel cruzou as mãos atrás da cabeça e ficou olhando o teto enquanto ouvia a água da ducha e o box deslizando. Soube que agora ela estaria entrando e estaria pondo gel nas mãos para ensaboar o corpo. Queria ser essas mãos para acariciá-la. Soltou um sonoro grunhido e se levantou



tentando bloquear os sons procedentes do banheiro. Inclusive fechou a porta, mas a verdade era que não importou muito. Embora não pudesse ouvir ainda podia imaginar: estava ensaboando os seios, a barriga e a virilha. Inclusive podia sentir suas próprias mãos na virilha dela, puxando os generosos lábios vaginais, massageando e apertando.

Bolsa. Tenho que encontrar uma bolsa pensou e afastou à força a mente das imagens da ducha. Abriu uma gaveta e rebuscou nela. Tirou um par de jeans limpos, umas quantas camisetas, meias e cuecas. Colocou tudo em uma bolsa que encontrou no armário. Em seguida, sem fazer ruído, dirigiu-se para a porta do banheiro e abriu. Distinguiu o corpo de Mariah através do vidro esmerilhado e que estava lavando os braços e as pernas e inclusive o contorno do traseiro ao inclinar-se.

—Sei que está aí — gritou ela. Gabriel riu.

—Como demônios sabe se não fiz ruído?

—Desta vez não foi necessário. Acredito que por fim meu sexto sentido funciona. Já fez a mala? — perguntou ao sair da ducha.

—Pus um pouco de roupa em uma bolsa que encontrei no armário. Não sei se fiz bem? — Gabriel pegou uma toalha do monte que havia na estante e envolveu Mariah com ela. Quando ela a agarrou, Gabriel aproveitou para colocar a mão debaixo e afastar o cabelo e começou a secá-la delicadamente com outra toalha.

—Pensei em te dar uma bolsa antes de entrar na ducha, mas fez que me esquecesse.

Gabriel sorriu maliciosamente.

—Creio ter esse efeito nas mulheres — disse com sarcasmo. Mariah sabia que estava brincando porque era muito consciente de que Gabriel não tinha nem ideia do efeito que tinha nas mulheres. Deu-se conta pela primeira vez no restaurante em Fort Stockton. Pela maneira como o olharam ao passar era como se nunca tivessem visto um homem em sua vida. Julgando pela atenção que a garçonete tinha dado a Mariah, esta devia ser invisível. Entretanto, esmerou-se em atender Gabriel. Deu um rápido olhar em Gabriel e soube por que. Era muito forte e poderoso e, entretanto, tinha algo de tranquilo. Tampouco ajudava muito os cabelos e que tivesse um aspecto impressionante. Deus, mas esse cabelo era material de fantasia feminina. Quando faziam amor e a juba ondeava de um lado a outro e sobre ela, era como a carícia de um amante de modo suave, delicada e sedutora.

Gabriel se fixou em como ela o estava olhando. Sabia que não o estava olhando, mas sim estava pensando em algo. Tinha um sorriso endiabrado e se perguntou o que estaria passando pela cabeça.

—No que pensa? — quis saber. Mariah se concentrou em seu rosto e se deu conta de que estava falando com ela — No que pensa? —repetiu Gabriel.

—Que não tem nem ideia de quão impressionante é. Que não se dá conta de que as mulheres se atiram em cima tentando chamar sua atenção e que quis fazer pedaços à garçonete do restaurante pela maneira que te olhava — espetou elevando cada vez mais a voz. Aquelas palavras surpreenderam Gabriel. A verdade era que não tinha nem ideia de que as mulheres o vissem dessa forma. Sabia que não era feio, mas tampouco se considerava uma estrela de cinema.



Mas adorou descobrir que Mariah tinha ciúmes. Possivelmente sentisse o mesmo que ele. Bem! Não sabia o que responderia quando lhe mostrasse o presente, mas estava esperançoso.

—Tenho que me vestir e fazer a mala — disse ela passando ao seu lado e um pouco desgostosa pelo que tinha revelado. Não sabia muito bem o que ele sentia por ela, mas esperava que fosse algo que pudesse converter-se em amor. Não fora sua intenção justificar-se com ele, mas era o efeito que Gabriel tinha sobre ela. Ele tinha razão. Era certo que tinha esse efeito nas mulheres!

Gabriel a seguiu e se sentou na cama enquanto dizia:

—Simplesmente vou ficar aqui sentado olhando.

Mariah lançou um olhar fulminante. Entretanto, Gabriel não se alterou e a observava com sorriso angélico enquanto ela ia de um lado a outro.

—Não se esqueça de colocar algumas dessas lingerie tão sexy — disse Gabriel — Embora, pensando bem, melhor que não coloque nenhuma. Gosto mais dessa ideia.

Um sutiã de renda veio pelo ar ao encontro dele e foi parar em seu rosto seguido de Mariah que atravessou o quarto correndo e se equilibrou sobre ele. Caíram rindo sobre a cama. Gabriel a abraçou com força e cobriu sua face de beijos. Pretendia demonstrar o muito que se importava.

—Gabriel? — disse em voz baixa. Ele levantou o olhar para pousar naquele belo rosto — Te quero — disse ela.

—Eu também te quero — respondeu Gabriel sabendo que era certo. Nunca antes havia dito a uma mulher porque nunca antes tinha sentido por uma mulher o que sentia por ela. Mariah ficou em pé e Gabriel a seguiu abraçando-a de novo — Terá que celebrar este acontecimento. Não é todo dia que a mulher que amo me diz que me quer. Por que não paramos para tomar o café da manhã no caminho ao aeroporto? — perguntou solenemente.

— Adoraria tomar o café da manhã com você, sobretudo se isso implica que não temos que nos incomodar em preparar o café da manhã nós. Do outro lado de do Rio há uma pequena cafeteria muito acolhedora. Podemos parar ali.

—Soa bem. Dirigimos um pouco e logo fazemos um descanso e tomamos o café da manhã.

Mariah seguiu movendo-se pelo quarto pegando coisas que necessitaria colocando na cama para mais tarde colocar na bolsa. Foi ao banheiro e Gabriel a ouviu escovar os dentes e juntar loções e poções que necessitaria em Chicago. De repente, Gabriel se levantou e pegou a caixa de preservativos que estava na mesinha de noite. Pensou que não tinha sentido ter que preocupar-se por proteção. Havia muitas possibilidades que fizessem amor em Chicago e não queria ter que sair correndo para comprar. De fato, foi muito útil que tivesse comprado uma caixa grande. Mariah apareceu na porta do banheiro com o nécessaire na mão. Dirigiu-se diretamente à mesinha de noite e a abriu, mas por um momento pareceu desconcertada ao ver que a caixa de preservativos tinha desaparecido.

—Gabriel... — começou a dizer.

—Já os guardei — disse ele antecipando-se à pergunta. Deu um sorriso e deixou cair a nécessaire ao lado do montão de roupa que havia sobre a cama — Vai necessitar toda essa roupa? Dá-se conta que só estaremos fora o fim de semana?



—Não sei o que vamos fazer assim quero levar de tudo para cobrir qualquer imprevisto. Isto tudo cabe em uma bolsa pequena, verá — assegurou. Ao Gabriel surpreendeu comprovar que era certo e nem sequer teve que espremer algo. Quando fechou a bolsa, Mariah esfregou as mãos e deu um sorriso de triunfo.

— Tinha minhas dúvidas — admitiu de bom humor.

Depois de uma ducha rápida e barbear-se antes que Mariah se desse conta, Gabriel escovou os dentes, colocou alguns de seus utensílios de banho na bolsa e decidiu que estavam preparados para ir. Pegou as duas bolsas, desceu as escadas e deixou ao lado da entrada. Ao virar-se para dizer algo a Mariah, deu-se conta de que não tinha descido.

—Não vem? É hora de irmos — foi ao pé das escadas para esperá-la ali — O que está fazendo? — gritou.

—Estou procurando as chaves.

—O que? — Não podia acreditar — Como é que de repente necessita das chaves?

Mariah apareceu na parte alta das escadas balançando as chaves.

—Tento não esquecer de fechar com chave cada vez que saio. Esperava que se sentisse melhor se o fizesse — explicou enquanto descia as escadas.

—Acredito que é uma boa ideia — assentiu Gabriel ao tempo que procurava as chaves da moto no bolso da jaqueta de couro — Deixarei a moto na parte detrás da casa e podemos ir.

Beijou-a rapidamente na boca e saiu. Mariah ouviu o rugido do motor. O rugido foi diminuindo ao ir para a parte de atrás da casa. Quando Gabriel girou pelo canto da casa, Mariah já tinha as bolsas na varanda e estava fechando com chave a porta. Gabriel observou surpreso que escondia a chave debaixo de um vaso de barro que estava no suporte da janela. Era muito típico dela esconder em um lugar no que inclusive um bebê a encontraria.

—Mariah, por que esconde a chave em um lugar tão óbvio? —perguntou desconcertado.

—Escondo aí há anos. Se mudar de esconderijo, não lembrarei o esconderijo novo. — Gabriel fez um gesto negativo com a cabeça sem chegar a se convencer de todo dessa lógica. Esteve a ponto de sugerir que levassem a chave com eles quando se deu conta de que na realidade não importava muito. Isto não era a grande cidade e as possibilidades de que alguém entrasse na casa à força durante sua ausência eram escassas. Quase se sentiu aliviado ao dar-se conta de que não importava se fechavam ou não com chave. Continuava sendo seguro. De todo modo o agradou saber que ela queria que estivesse tranquilo e que por isso tinha fechado com chave.

Colocaram as bolsas no porta-malas e arrancaram. Era uma hora estupenda para viajar. Tão cedo havia muito silêncio e tranquilidade que se dissipariam com a saída do sol. Dirigiram em silêncio durante quase meia hora, durante tanto tempo que Gabriel pensou que Mariah adormeceu. Sobressaltou-se quando falou e sua voz rompeu o silêncio.

—Quem vai nos buscar no aeroporto? — quis saber — Lembro que me disse isso, mas me parece que faz semanas.

Virou para olhar Gabriel. Adorava ver como o sol da manhã o dourava. Era um homem muito bonito, seu homem, e a queria. Gabriel se deu conta de que não tinha contado muito a respeito do Ben assim respirou fundo e contou a história de seu encontro e em que sentido Ben era como um



filho para ele.

—Agora não se ponha sentimentalóide — a avisou quando a ouviu sorver o nariz.

—Não posso evitar. É um homem muito bom. Já tenho vontade de conhecê-lo.

Gabriel seguiu contando ao que se dedicava Ben agora e o que tinha pensado fazer com sua vida.

—Uma companhia de software parece um negócio arriscado — comentou Mariah.

—Pode ser muito arriscado, mas ele anda com cuidado — disse Gabriel orgulhoso —Oxalá seus pais tivessem o suficiente sentido comum para dar-se conta do que estão perdendo, mas suponho que a perda deles é meu ganho.

Mariah permaneceu pensando em Ben durante um tempo.

—É uma vergonha que os pais o deserdassem dessa maneira. Não sabem quão afortunados são. Um monte de gente trocaria de lugar com eles agora mesmo.

Gabriel sorriu por causa de sua pequena bola de fogo pessoal. A ela preocupava muito a injustiça.

Ao passar pelo rio Mariah indicou como chegar à pequena cafeteria e pouco depois estavam sentados desfrutando de pães caseiros, café bem quente e suco de laranja recém espremido. Fizeram um brinde pelo amor, deixaram uma gorjeta generosa à garçonete e voltaram à estrada.

—Liguei para Burke enquanto estava pagando a conta — disse Mariah — Não se esqueça que na próxima eu convido. Não quero que você pague sempre.

Ao Gabriel não interessava discutir isso. Ela estava ali porque ele tinha pedido, assim, ele seguiria pagando, mas aceitou para manter a paz, por hora.

—Me esqueci completamente de chamá-lo — virou para ouvi-la rir.

—Pareceu envergonhado quando comentei que arrumaram por fim o carro e que não necessitávamos da caminhonete. Disse que você ficará, assim que deixe de tentar nos unir. Riu e desejou que o ficassemos bem em Chicago.

Ao chegar aos subúrbios de Santo Antonio o tráfico denso os engoliu-os ao centro da cidade. Mexia com os nervos depois da viagem íntima desde Hopeville. Todos esses carros zumbindo, literalmente ao seu lado, punham medo em Mariah. Gabriel, que vinha de Chicago, levou com calma e seguiu conduzindo tranquilamente.

—Ontem procurei na Internet a rota para chegar ao aeroporto — disse Mariah enquanto tirava uma folha da bolsa.

—Brilhante! — O rosto dele se iluminou — Ter ao menos uma ideia rápida de onde ir facilitará bastante as coisas.

—Temos tempo de sobra, assim, embora nos percamos, não passa nada. Não se preocupe — Mariah se fixava nos sinais enquanto Gabriel conduzia. Chegaram ao estacionamento sem complicação. Ao deter o carro, Gabriel se inclinou para frente e lhe deu um beijo — Fez um grande trabalho como guia — disse sem vontade de afastar-se.

O ônibus os levou ao terminal, onde fizeram o check in. Ainda ficava tempo para dar um passeio pelo aeroporto sem o desconforto de ter que carregar as bolsas. Passearam de mãos dadas entrando em lojas e quiosques. Gabriel comprou um bichinho de pelúcia para o pequeno



Gabe e Mariah escolheu algo bonito para Laura e antes de dar conta já tinham passado pelo detector de metais e estavam na sala de embarque.

Quando anunciaram o voo embarcaram e se acomodaram nos assentos. Mariah estava tão emocionada que não parava quieta. Gabriel achou graça na emoção que provocava nela toda aquela aventura. Ele por sua vez tinha vontade de ver Ben e se perguntou se poderia jantar com eles. Havia alguns restaurantes favoritos em Chicago e esperava que Mariah não estivesse muito cansada para ir jantar. Tirou-o de seus pensamentos a mão dela procurando a sua ao iniciar a decolagem. Agarrou-se a ele durante o momento que durou a decolagem. Virou-se para olhá-la e sorriu ao ver que tinha os olhos fortemente fechados e que murmurava algo, provavelmente estaria rezando. Apagou a luzinha dos cinturões e reiniciou a atividade no avião. O voo foi rápido apesar de Gabriel não conseguir convencê-la de que deviam unir-se ao Clube da Milha Alta. Olhou-o como se estivesse louco.

—Mal há lugar aí dentro para que gire um gato. Nem posso imaginar tentar fazer acrobacias sexuais em um lugar tão reduzido — disse, mas o olhar revelava intriga. Possivelmente a convencesse no voo de volta. Diria que só era questão de ser criativos. Teria um par de dias para trabalhar nisso. Pessoalmente nunca o tinha tentado, mas admitia que a ideia fosse interessante. Possivelmente fossem outras sensações a essa altura. O que estava claro era que não seria melhor, porque isso era impossível.

A voz sem corpo comunicou a todos que se prendessem os cintos e que colocassem os assentos em posição vertical porque aterrissariam em Chicago às 14h31 em ponto. Mariah viu aparecer a paisagem através da janela e que mudava à medida que se aproximavam da Cidade do Vento. A aterrissagem foi tão suave que Mariah teve vontade de aplaudir, mas em vez disso virou para sorrir ao Gabriel.

Ele sabia que Mariah se alegrava de voltar a estar em terra firme. A espera pela bagagem pareceu mais longa que o próprio voo, mas por fim atravessaram as portas corrediças e procuraram Ben. A altura de Gabriel permitia estar acima dos outros assim era fácil dar uma olhada à multidão em busca de Ben, mas foi em vão. Caminharam pelo corredor olhando a direita e esquerda, mas Gabriel não conseguiu localizá-lo. De repente a multidão diante deles se dividiu e ao final do corredor viu uma mulher pequena com um bebê amarrado diante do corpo. Estudava os passageiros, escrutinando cada um deles à medida que apareciam pelo túnel humano. No cérebro de Gabriel levou uns segundos registrar o que estava vendo e quando o fez temeu chorar. Agarrou Mariah pela mão e a arrastou com ele. A mulher os viu finalmente quando se aproximaram dela. Seu rosto se iluminou, foi correndo para eles e se jogou nos braços de Gabriel. O bebê se aconchegou entre ambos. Mariah não entendia o que estava passando. Quem era essa mulher pequena com o bebê?

—Gabriel! — Corriam lágrimas pela face da mulher. Elevou as mãos para colocar em ambos os lados do rosto dele e assegurar-se que era real. Gabriel a abraçou com mais força e girou a cabeça de modo que os dois tivessem lugar sob seu queixo. Arrastou Mariah e a incluiu também no abraço. A multidão seguia desfilando ao redor do pequeno grupo completamente alheia a tudo.



—Deixemos de atrapalhar aos outros — disse Gabriel tentando dominar o nó que tinha formado na garganta e guiando o grupo para um lado.

—Mariah, esta é Laura — Apresentou pondo o braço ao redor da mulher pequena—, e suponho que este pacote pequeno é Gabe.

Laura adiantou a mão para apertar a de Mariah, mas esta a abraçou e lhe sussurrou ao ouvido:

—Muito obrigado por nos convidar. Não tem nem ideia do muito que isto significa para Gabriel.

Laura se afastou e sorriu:

—Me alegro muito de que você também tenha vindo. Tinha curiosidade por conhecê-la depois que falei com Gabriel ao telefone. Estive muito preocupada com ele e quando por fim ligou soava como se tivesse encontrado um lar. Queria conhecer a mulher que lhe proporcionou esse lugar.

Mariah notou que se ruborizava com as palavras de Laura e se virou para o bebê adormecido para ocultar o desconforto — Este é Milagre?

—Chama-se Milagre Gabriel Hunter, mas o chamamos de Gabe. Chamamos assim em honra ao melhor amigo de meu marido — Laura agarrou Gabriel pela mão como se não pudesse acreditar que estivesse realmente ali. Mariah tocou com um dedo o cabelo suave do bebê maravilhando-se ante aquela suavidade.

—É precioso — disse com um suspiro. Sentiu o desejo cada vez maior de experimentar a proximidade de um filho próprio, maturar com um bebê e rodeá-lo de amor de mãe e de pai. Gabriel deve ter notado o que estava pensando porque a rodeou com um braço e a aproximou dele deixando que seu próprio calor e amor entrassem nela. De repente o pequeno grupo se deu conta de que a multidão ao redor se dispersou e que estavam sozinhos na porta de chegada.

—Talvez devêssemos ir — sugeriu Laura rindo — Temos que fazer algo mais aqui?

Tanto Gabriel como Mariah negaram com a cabeça. Pegaram as malas e Laura os precedeu para os elevadores. Saíram perto da garagem. Seguiram até o carro. Depois de guardar as malas no porta-malas, Laura prendeu o bebê no assento próprio atrás ao lado de Mariah. Enquanto isso Gabriel se sentou no assento da frente. Esperou que Laura saísse do recinto do aeroporto e se dirigisse para o centro da cidade antes de falar.

—E a que se deve que você esteja aqui e não Ben? Não que não nos alegre — acrescentou. Laura conduzia com cuidado embora relaxadamente apesar de ser uma cidade grande como Chicago.

—Ben ia vir, mas disse que tinha muita vontade de vê-lo. Discutimos, mas ganhei e aqui estamos o pequeno Gabe e eu. Ben disse que os veria amanhã à tarde.

Mariah gostou do senso de humor desta mulher e esperava poder passar algum tempo com ela enquanto estivessem na cidade.

—E como estão as coisas? — perguntou Gabriel e a olhou. Não tinha pensado fazer a pergunta tão cedo, mas queria assegurar-se de que estava bem.

—Pouco depois da morte do Hank as coisas ficaram bastante duras, mas tinha Gabe para me



centrar nele e isso fez que seguisse em frente mesmo que não quisesse. Havia dias em que sair da cama era muito duro, mas olhava Gabe e sabia que uma parte do Hank sempre estaria comigo — Laura secou as lágrimas. A dor ainda era muito recente — Os colegas de trabalho de Hank foram muito bons comigo, mas têm suas próprias famílias e às vezes o que me incluam é muito doloroso porque Hank não está. Não sei se quero tomar parte da vida passada ou se quero começar do zero em algum outro lugar. Sei que finalmente chegará o dinheiro do seguro. Não gosto de pensar nisso, mas é um fato e proporcionará ao pequeno Gabe e a mim outras opções. Sei que haverá dinheiro se nos propusermos a nos mudar.

Permaneceram em silêncio uns minutos cada um perdido em suas próprias lembranças de Hank. Gabriel estava muito contente de voltar a ver Laura e, entretanto, reavivava o fato de que Hank já não estava. Foi e a dor seguia aí, mas descobriu que era capaz de dirigi-la. Graças a Mariah.

Mariah se perguntou o que estaria pensando Gabriel estando com Laura e sabendo que Hank não estava. Em Hopeville tinha sido mais fácil falar da morte do Hank, mas agora de volta em Chicago as coisas estavam mais próximas. Oxalá se encontrasse bem.

Como se tivesse lido sua mente, Gabriel falou.

—Pensava que ficaria vagando por aí eternamente tentando escapar da culpa que sentia, culpa que, por outro lado, considerava que merecia — Olhou Mariah para reunir forças com sua presença e continuou — Dei com Mariah no meio de um nada ela ali com o carro avariado, e pensei que era um anjo colocado ao lado da estrada.

Mariah riu ao ver como interpretou o primeiro encontro de ambos.

—Tirou o capacete e pensei que era Lúcifer, que vinha para me levar — ela lembrou. Também recordou a luxúria que sentiu quando se olharam nos olhos e que desde esse preciso momento soube que era inevitável que fossem juntos à casa dela e fizessem amor. Julgando pela cara de Laura, deduziu que gostava de ouvi-los contar seu primeiro encontro.

—Resta dizer que me ajudou a superar a morte de Hank e me animou a me pôr em contato com você. Mas agora quero falar de outra coisa se não se importar — Tanto Mariah como Laura assentiram com a cabeça. O bebê começou a fazer ruídos embora continuasse adormecido. Mariah viu que a boquinha de casulo se movia como se estivesse mamando. Pegou a mão com suavidade e notou que para ser um homenzinho tão pequeno se agarrava com força. Olhou Laura quando esta falou.

—Não sabia se gostaria de jantar esta noite. Pensei que seria melhor que vocês decidissem. Os deixarei em sua casa, Gabriel. Ben já deixou o carro preparado se por acaso necessitar.

—A verdade é que não falamos sobre o que íamos fazer quando chegássemos. O que está claro é que queremos estar contigo e o pequeno Gabe. Olhe, deixamos as coisas, descansamos um pouco e nos vemos dentro de um momento. Não quero te causar nenhum problema — disse Gabriel. Laura se deu conta de como estes dois se olhavam de modo que imaginou que descansar significava fazer amor. Gemeu porque era algo que desde a morte de Hank sentia muita falta: a intimidade com um homem. Ela e Hank faziam amor inclusive durante a gravidez. Tinham desfrutado descobrindo novas posturas à medida que ficava mais gorda. Sentia muita falta e



esperava encontrar algum dia a outro homem especial que a amasse e ao Gabe.

—Não me importaria me sentar um momento e recuperar o fôlego antes de voltar a sair — interveio Mariah — Levantamos cedo e até o aeroporto foi uma longa viagem. Gostaria de me sentar e pôr os pés para o alto um tempinho. Isso se ninguém se importar.

—Tenho lasanha preparada de modo que posso ir fazendo e a comemos quando chegarem — Laura deteve o carro diante de um velho e bonito edifício de pedra marrom — Chegamos — Laura abriu o porta-malas e Gabriel e Mariah desceram. Gabriel tirou as bolsas do porta-malas. Abriu a porta do passageiro e se despediu. Disse que passariam um par de horas. Com as duas bolsas na mão Gabriel guiou Mariah para o edifício. Deixou as bolsas no chão, colocou a chave na fechadura e a empurrou rápido dentro da casa. O diminuto elevador os levou até o terceiro andar onde Gabriel abriu a porta do apartamento. Ele adiantou o pé para evitar que escapasse o gato, que tinha por costume escapar quando abriam a porta, mas logo se deu conta de que Ben levou o velho e desalinhado amigo quando Gabriel decidiu dedicar-se à vagabundagem. Laura tinha razão. Mariah mal teve tempo de maravilhar-se do organizado que estava a pequena sala de estar quando Gabriel a agarrou por atrás, levou-a ao dormitório e tirou sua roupa.

—Ainda não te fiz o amor em Chicago — explicou. A ela essa pareceu uma razão tão boa como outra qualquer. Tirou a saia e a camiseta com muita delicadeza.

—Fez trapaça — disse Gabriel admoestando-a com o dedo — vestiu roupa íntima. E pensei que não as usaria.

—Isso é o que esperava — corrigiu Mariah rindo — Sou prática e usar roupa íntima era prático — Gabriel adorou tirar a lingerie com os dentes. Em seguida ela teve sua vez para despi-lo. Quando caíram juntos na cama Gabriel disse:

—Me alegro muito de que tenha vindo e que compartilhe isto comigo. Quero você. Sabe disso verdade?

Começaram a fazer amor lentamente e com muita ternura, com muitos beijos apaixonados e delicadas carícias. Estendidos na cama olhando um ao outro, Gabriel estremeceu quando Mariah passou um dedo com o passar do braço e o quadril. Viu-a trazer o dedo para frente e colocar no osso do quadril. Cruzou a barriga passando pelo umbigo e seguiu para o outro osso do quadril. Adorou quão leve era a carícia: tocava-o como se fosse algo precioso e frágil e estivesse atormentando-o com pistas do que estava por chegar. O pobre pênis balançava diante dela implorando que lhe desse atenção, mas ela o ignorou e continuou a linha ao longo da perna até chegar ao joelho e logo depois de novo para cima pela parte interior.

Gabriel apertou os dentes para não uivar quando subiu o dedo pela parte interna da coxa. Era uma mescla de sensações: fazia cócegas, atormentava-o, torturava-o, provocava-o. Sentia a pele muito esticada e era difícil respirar.

Soltou uma espécie de suspiro de alívio quando Mariah o empurrou para ficar de costas e agarrou o membro. Bufou ao rodear a ponta com a língua e riscar uma linha por todo o comprimento. Com a outra mão massageava os testículos e com um dos dedos percorria o pequeno atalho rugoso que ia dos testículos até o buraco franzido.

Era uma linha pequena muito pronunciada e adorou que a percorresse. E então se deteve.



—Gabriel, podemos tentar algo diferente? — perguntou indecisa.

—Suponho que sim. O que quer fazer? — perguntou picado pela curiosidade do que lhe estaria passando pela mente.

—Poderia ficar de quatro? — Mariah não estava segura se ele se sentiria confortável fazendo aquilo, mas, afinal, ela não tinha tido nenhum reparo ao fazê-lo para ele. Gabriel a olhou um momento longo tentando decidir o nível de comodidade. Mariah já estava quase a ponto de dizer que esquecesse quando se separou dela e, diante dela, ficou de quatro patas. Mariah não podia acreditar o quão formoso era deste ângulo. A parte superior da perna era muito musculosa e peluda. Tinha um traseiro tão firme que não pôde resistir a passar a mão pelas nádegas. Notou como em resposta o corpo de Gabriel estremeceu. Ela se sentou de cócoras e lhe separou as pernas um pouco mais. Foi recompensada com uma vista espetacular dos testículos e do enorme pênis ereto pendurando entre as pernas. Sabia que algumas pessoas considerariam aquilo de mau gosto e feio, mas ela desejou ser artista para poder pintar todas as cores e texturas que compunham esse corpo, inclusive ali, no lugar secreto. A linha ao longo da racha vista daqui era muito proeminente e fez que situasse o dedo sobre ela e seguisse o traçado.

Gabriel quis esticar os músculos e se por de lado. Não estava muito claro como se sentia, mas Mariah tinha sido tão liberal e generosa com seu próprio corpo que decidiu relaxar e deixar que o explorasse. Notou que seguia a diminuta linha e estremeceu pelo íntimo que lhe pareceu aquele gesto. Sabia que Mariah daquele ângulo era preciosa, com todas as cores e dobras secretas, mas não acreditava que seu próprio corpo peludo e enorme tivesse a mesma fascinação sobre ela.

—Visto daqui é muito formoso — disse ela com veneração. Isso respondeu sua pergunta mental. O traseiro de Gabriel não era nada feio. Antes que Gabriel tivesse ocasião de responder, ela se colocou em cima dele e esfregou os seios contra as nádegas. A pele dos seios era muito suave, mas os mamilos estavam tão duros que pareciam ponteiros esfregando-se contra ele. Logo se elevou mais e passou as mãos pelas costas mordendo a pele na parte baixa para acabar mordiscando as nádegas. Gabriel não tinha nem ideia de que aquela parte fosse tão sensível. Com cada toque o membro se endurecia mais e se movia nervoso. Quase pulou da cama quando por trás lhe agarrou o pênis com a pequena mão quente.

Encantou-o a sensação ao agarrar o membro deste ângulo. Permitia que agarrasse como se ele mesmo se estivesse agarrando e apertando brandamente moveu a mão para cima e para baixo como se o estivesse masturbando.

Gabriel não acreditava no que estava fazendo. Estava usando a mão como ele faria se quisesse fazer uma palha, mas era ela quem estava fazendo. Teve que apoiar a cabeça na cama e apertar os dentes. Era quase impossível de suportar e, entretanto, queria pedir que não parasse, nunca. Notou que Mariah deixou cair as mãos e com um grito de angústia a olhou por cima do ombro.

—Por Deus — rogou Gabriel — Não me deixe assim. Preciso gozar.

Mariah lhe deu tapinhas no traseiro para tranquilizá-lo e rebuscou na bolsa para pegar uma camisinha. Ao estar esta colocada, Gabriel ficou de costas e a convidou a ficar em cima, coisa que



ela fez.

—Isso foi incrível — disse Gabriel com voz baixa. Estendeu as mãos para por nas pernas dela. Deixou que ela estabelecesse o ritmo e a olhou enquanto tomou a dianteira.

—Espero que não te pareça muito estranho. Você gosta de explorar meu corpo e nunca me senti o suficientemente cômoda com um homem para satisfazer minha curiosidade sobre o corpo masculino. Adoro sentir as diferentes texturas de sua pele e ver todas as diferentes matizes de cor. Adoro te tocar o membro e sentir que fica duro sob minha mão. Saber que provoco isso em você, que posso te levar a beira da loucura me faz sentir muito poderosa.

Inclinou-se e o beijou apaixonadamente. Isso bastou para aumentar a energia. Gabriel deu a volta aos dois. Apoiou-se em seus braços e a penetrou como um pêndulo tentando chegar até o fundo. Penetrou-a uma e outra vez. Queria meter-se dentro e converter-se em parte dela. Não pôde esperar que ela também gozasse. Ela teria que fazê-lo por sua conta, o qual fez apertando-se contra o pênis até que gozou segundos depois. Gabriel não quis machucá-la assim ficou de costas e a trouxe com ele deixando-a por cima. Mariah permaneceu assim estendida tentando recuperar o fôlego. De repente notou que no peito dele estava a ponto de estalar uma bolha cheia de gargalhadas.

—Pode-se saber o porquê de tanta graça? — perguntou irritada. Levantou-se apoiando nos cotovelos e o olhou de cima ao mesmo tempo em que se perguntava como podia rir em um momento assim.

Gabriel colocou as mãos debaixo da cabeça oferecendo uma imagem de relaxação total, mas Mariah sentia os batimentos acelerados do coração e ainda se distinguia o rubor da excitação. Podia estar rindo, mas acabava de estar tão excitado como ela.

—Rio porque quer saber se isto me parece estranho. Não me pareceu nada estranho. É com o que todo homem sonha. O que acontece é que não quer admitir até que acontece como eu.

—Gostou do que te fiz? Sei que a princípio não estava muito cômodo. Notei que tentava manter as pernas relaxadas.

—Nunca considerei essa uma vista particularmente bonita de meu corpo, mas você pareceu gostar. Além disso, foi erótico que me agarrasse por trás como se fosse minhas mãos e isso que não passo muito tempo me dedicando ao sexo seguro comigo mesmo. Embora, agora que penso desde que te conheço o fiz bastante porque basta pensar em você para me pôr duro como o granito.

Mariah gostou que ele desfrutasse tanto com tudo o que faziam juntos na cama. Gabriel era muita liberal com seu corpo quando agradava a ela explorá-lo ou tentar novos métodos de proporcionar prazer. Sempre conseguia converter algo que ela queria explorar em prazer mútuo. Deixava que fizesse com ele o que quisesse, mas sem descuidar que também ela recebesse seus cuidados.

—Mariah, é possível que Laura se pergunte o que foi feito de nós se não formos logo para lá. Dissemos que passaríamos em um par de horas e a verdade é que gosta muito de estar com o bebê. Importa-se? — inclinou-se com cuidado para que Mariah pudesse levantar-se.

—Perdi a noção de tudo à exceção do que estava passando aqui. Gosto muito de estar com



a Laura e Gabe. Acredita que se pedirmos, viria nos visitar?

—Podemos averiguar o que diz. Parece que não está muito segura em querer ficar em Chicago. Quem sabe? Possivelmente venha nos visitar e possa ficar ali.

Mariah e Gabriel não demoraram em arrumar-se porque queriam estar com Laura e o bebê. Em vez de pegar o carro de Gabriel chamaram um táxi porque não tinha sentido sofrer para atravessar a cidade. A casa de Laura era em um bairro antigo e tranquilo onde ao entardecer as pessoas se sentavam nas varandas para falar com os vizinhos. As bicicletas e as minivans se esparramavam nas pistas de entrada às casas que estavam resguardadas por enormes árvores que davam sombra. Mariah imaginou que se tivesse que viver na grande cidade, este seria o tipo de bairro no qual viveria. Laura já os estava esperando e fingiu não saber o motivo pelo qual tinham demorado tanto. O pequeno Gabe ainda estava acordado e parecia notar que algo muito especial estava passando porque sorria e fazia ruídos de bebê. Apesar dos protestos de Laura, Mariah ajudou a preparar a salada e pôr a mesa. Ao trabalhar com crianças, sabia que a Laura não sobrava muito tempo para ela mesma nem para passar um momento com outros adultos. Além disso, Mariah queria estar com ela porque queria conhecê-la melhor. Também imaginou que, se queria averiguar algo de Gabriel, Laura seria a pessoa mais adequada para lhe dar informação confidencial. Mariah nem recordava a última vez que esteve com outra mulher na cozinha. Algumas das melhores lembranças eram aquelas em que esteve com amigas ou familiares na cozinha preparando pratos e rindo até não poder mais. Era uma sensação agradável compartilhar isto com Laura, sobretudo quando ao mesmo tempo ouvia Gabriel na sala entretendo Gabe.

Em dado momento ambas se aproximaram da porta para dar uma olhada e ver o que estavam fazendo aqueles dois. Gabriel estava deitado de costas com o bebê sentado sobre seu peito e lhe falava de seu pai. Estava dizendo que seu pai tinha sido um grande tipo.

—Às vezes era um grão no traseiro — explicava Gabriel ao bebê que o olhava encantado — Mas seria ele quem escolheria para me proteger. Quando for um pouco maior te mostrarei fotos de quando seu pai era jovem. Adorava pescar e, não conte isto a sua mãe, adorava correr de moto. Sua mãe não sabe. Acredita que seu pai era sempre muito responsável e muito bom menino, mas às vezes gostava de desmamar-se um pouco.

Mariah se virou para Laura e ao ver que as lágrimas corriam por seu rosto, passou o braço pelo ombro e a atraiu para ela. Viram que Gabriel fazia que o bebê ricocheteasse brandamente sobre seu peito ao mesmo tempo em que falava com voz baixa. O pequeno homenzinho desfrutava e ria e um pequeno fio de baba ia caindo pelo queixo. Laura se separou do abraço de Mariah e a olhou. Sorriu ao ver que também Mariah chorava.

—Esse menino vale a pena, sem dúvida — disse entre lágrimas.

O rosto de Mariah se iluminou com um sorriso sonhador quando respondeu:

—Sim, é um bebê adorável. — riu e Laura beliscou seu braço pela piada.

—Referia-me a Gabriel. Vale a pena, mas isso já sabe verdade? — Laura meneou a cabeça lentamente e ficou olhando Mariah — Porque pensou ficar com ele, não? — Ao assentir Mariah com a cabeça, Laura soltou um agudo grito e a abraçou. Assim abraçadas, as duas mulheres começaram a saltitar ao redor.



—Está tudo bem por aí? — gritou Gabriel preocupado.

—Sim, sim — gritou Laura em resposta— Tudo perfeitamente bem — disse com um grande sorriso de satisfação na cara — Perfeitamente.

—Estive esperando anos que chegasse este momento — confessou para Mariah ainda agarrada a ela — Sabia que acabaria encontrando sua alma gêmea e que tudo acabaria encaixando. Está aqui para recolher todas as peças de sua vida em Chicago, verdade?

As mulheres foram para a mesa para sentar e falar. Laura serviu duas xícaras de café e indicou que Mariah continuasse.

—Tem uma lista com todas as coisas que quer fazer. Vai ver o capitão para comunicar a transferência para Hopeville. Meu irmão ofereceu um posto como ajudante de xerife, é o xerife local, mas Gabriel planeja montar uma empresa de segurança particular e trabalhar de casa. Acredita que tem suficiente experiência para fazer que o negócio funcione. Além disso, quer falar com Alex Randall a respeito da possibilidade de trabalharem juntos. Conhece Alex? Gabriel não me falou muito dele.

—Sim, sim conheço Alex. É outro dos garanhões que se encontram no estábulo de cavalos escuros e que formam parte dos amigos do Gabriel.

Mariah explodiu em gargalhadas.

—Sinto muito — se desculpou entre risadas — Mas a palavra garanhão me evoca imagens completamente diferentes das que evoca um cavalo escuro. O qual seria o garanhão ou o cavalo escuro?

Laura não riu. Por sua expressão Mariah deduziu que falava muito a sério.

—Sem dúvida ainda não se encontrou com ele porque senão, saberia que é ambas as coisas.

Para Mariah já demorava conhecê-lo.

—Se se mudar para Hopeville, as mulheres se voltarão loucas. É impressionante, mas também diferente dos traços aos quais as mulheres não podem resistir. Sempre querem ser essa mulher que o faça mudar e que o façam aceitável, mas ainda falta muito para achar sua meia laranja.

—Bom Hopeville cairia bem uma pequena sacudida. Já sabe o quão pequenos podem ser as cidades. Sota, cavalo e rei. Uma sacudida lhes virá bem.

Mariah considerou que o giro que estava tomando a conversa servia como bom ponto de partida para perguntar a Laura se conhecia uma loja que vendesse fantasias para ela e Gabriel. Assim de forma vacilante abordou o tema, afinal não sabia qual seria a reação de Laura. Ficou desconcertada quando esta saiu disparada da cadeira para o telefone.

—Quem vai chamar? — perguntou perplexa.

—Minha irmã. Quero perguntar se pode ficar com o Gabe amanhã. Por nada do mundo perderia uma rodada de compras como essa. Tenho meu leite no congelador. Pode tomar tranquilamente em uma mamadeira assim não tenho que me preocupar com amamentá-lo. Embora não aguento muito tempo sem fazê-lo porque se não explodiria — Mariah olhou Laura e se pôs a rir — Não estou brincando. Se não o faço, dói e fica difícil amamentar depois. Mas,



acredito que por uma manhã não tenha nada.

Mariah permaneceu calada enquanto Laura falava com sua irmã.

—Diz que adorará ficar com ele toda a manhã. Acredito que se alegra de que saia de casa e faça algo. Além disso, ela tem dois meninos que adoram ficar com Gabe. Agora só resta averiguar aonde ir e conseguir o que necessita.

Quando Gabriel entrou um momento mais tarde na cozinha com um bebê muito cansado nos braços, encontrou as duas mulheres procurando algo nas páginas amarelas. Tinham as cabeças muito juntas e riam como loucas com o que fosse que estavam lendo. Como era de supor nenhuma o ouviu aproximar-se.

—O que estão fazendo? — perguntou tentando espionar por cima dos ombros das mulheres. As duas deram um salto assustadas e olharam com cara de culpa. Mariah fechou o guia de telefones rapidamente.

—Nada — responderam as duas em uníssono.

—Pois não tenho a impressão de que estivessem fazendo nada — disse Gabriel tentando ver a página que estava inspecionando tão atentamente, mas antes de poder ver algo já tinham fechado o livro de repente.

—Amanhã vamos às compras e estávamos procurando... — Mariah virou para Laura para que ajudasse porque a ela não ocorreu nada que dizer.

Vendo-se nessa situação, Laura disse que primeiro veio à cabeça.

—Restaurantes. Estávamos procurando restaurantes para poder tomar algo — disse. Lutando por encontrar uma resposta se ruborizou. Deveriam estar mais bem preparadas se por acaso as pegava, mas Gabriel ficava tão silencioso quando queria pegar alguém despreparado que as deixou sem saber o que dizer.

Gabriel sabia muito bem que não estiveram procurando restaurantes porque senão, não teriam fechado o livro com tanta rapidez. Ardeu-lhe a curiosidade, e muito, mas esperaria o momento oportuno. Acabariam desmoronando e confessando.

Enquanto embalava o bebê perguntou:

—Assim vão sair amanhã. Isso é genial, mas e o menino?

—Minha irmã está sempre disposta a ficar com o Gabe, mas eu sempre venho com desculpas, de modo que quando telefonei faz um momento para pedir que fique com ele amanhã, ficou encantada. Tem dois filhos que se encantam por Gabe. Este pequenino vai monopolizar toda a atenção.

Gabriel seguiu olhando primeiro uma e logo a outra tentando averiguar o que estavam escondendo, mas era óbvio que não colaborariam. Decidiu mudar de estratégia.

—Então, o que farão amanhã? —perguntou muito inocente. Não conseguiu enganar Mariah com esse ar despreocupado. Via perfeitamente que estava ansioso por averiguar o que estavam tramando, mas não conseguiria estragar a surpresa. Ante a pergunta, Laura se levantou de repente e pegou o bebê.

—Vou trocá-lo e colocá-lo no berço — Deixou que Mariah se arrumasse sozinha.

Ao passar ao seu lado, Mariah mostrou a língua e sussurrou:



—Galinha.

Laura saiu pela porta rindo às escondidas.

—Se importaria de me contar o que está acontecendo? — insistiu Gabriel — Parece que se tornaram muito amigas. E duplamente culpadas — acrescentou rindo. Mariah cruzou os braços diante do peito e o olhou diretamente aos olhos.

—Vamos às compras amanhã enquanto a irmã de Laura fica com Gabe. Depois iremos comer e depois retornaremos para que possa dar de mamar ao bebê. Tenho uma razão oculta para ir às compras, certo, mas não vou dizer.

—É algo do que possamos desfrutar os dois? — perguntou ansioso.

—Certamente. —Mariah assentiu com a cabeça.

—Genial!

—Não quer saber mais? —perguntou perplexa ao ver que mudava de atitude.

—Sabendo que proporcionará prazer aos dois chega — disse e a abraçou — Se quer comprar algo que aumente nosso prazer, eu aprovo. — Agarrou seu rosto entre as mãos, inclinou-se e roçou os lábios com os seus. Foi um beijo doce e tenro, mas prometia fogo e calor.

—Sinto muito. Não queria interromper — se desculpou Laura da porta — A próxima vez chamarei ou farei ruído para que saibam que vou entrar.

Gabriel e Mariah riram e se separaram. Laura adorou ver Gabriel assim feliz. Tinha temido que nunca voltasse a ser como antes, mas a faísca havia voltado e essa mulher era a causa.

—Morro de fome — disse — por que não nos sentamos e comemos?

Comendo no refeitório, Gabriel se deu conta que Laura era dessas pessoas às quais podia ficar muito tempo sem ver porque era como se tivesse sido ontem. A conversa era livre e fácil e embora Hank não estivesse ali fisicamente, seu espírito sim. Laura e Mariah falavam como duas velhas amigas. Gabriel não pôde evitar pensar no quanto afortunado era ao ter aquelas duas mulheres tão especiais em sua vida. Entretiveram tomando a sobremesa e o café e desfrutaram da mútua companhia. Laura não aceitou ajuda para recolher a mesa, mas insistiu que ficassem sentados e relaxassem. No momento em que Gabriel se inclinou para beijar Mariah, Laura entrou de novo. Não pôde evitar sorrir ao ver o quanto melosos estavam esses dois. Alegrava-se muito por Gabriel.

—Não me dei conta de como estou cansada — disse enquanto bocejava — Gabe despertou cedo hoje e a viagem até o aeroporto cansou os dois. Vou ser mal educada e vou deixá-los assim poderei dormir um pouco. Além disso, preciso estar descansada se vamos passar a manhã em compras — Deu uma piscada para Mariah — Já chamei um táxi e estará aqui em minutos. Estou certa que saberão como se entreter enquanto não chegam à casa de Gabriel. — Gabriel e Mariah sabiam que tudo era uma desculpa para deixá-los sós e aceitaram o jogo.

—Não acredito que isso seja um problema — disse Gabriel e empurrou Mariah para a saída. As duas mulheres se abraçaram e gozaram do calor daquela nova amizade.

—Amanhã passo para te pegar — disse enquanto dava um abraço forte — No caminho, deixo Gabe na casa da minha irmã. Pode ser inclusive que antes dê tempo de procurar mais alguns restaurantes.



Mariah bufou com a menção dos restaurantes. Sabia que se referia a procurar lugares onde conseguir a fantasia de cortesã e que passariam muito bem nas compras. Depois do último abraço deixaram que Laura fosse dormir e saíram. O táxi já os esperava.

—Acredita que de verdade estava cansada? — perguntou Gabriel durante a rápida viagem de táxi.

—Nada, mas certamente que não vou ser eu quem se queixe de que arrumasse para que passássemos um momento juntos — respondeu Mariah com um sorrisinho.

Gabriel a rodeou com o braço e a atraiu para si.

—Poderíamos nos aproveitar de ter motorista — disse e pôs a mão debaixo do queixo e fez que o olhasse. Olhou-a nos olhos enquanto baixava a boca para a sua. Entretanto, em vez de beijá-la agarrou o lábio inferior com os dentes e se entretteve com ele. Chupou até que começou a pulsar cheio de sentimento. Parecia inchar por causa dos cuidados que recebia. Quando Mariah abriu a boca para soltar um gemido de agonia, ele aproveitou e introduziu a língua na cavidade aveludada. Mariah procurou a língua dele e a perseguiu no interior da boca descobrindo o interior das bochechas e seguindo a fila de dentes. Era como o jogo infantil da safada-safado: perseguiu-o e tentava tocá-lo, mas ambos sabiam que os dois ganhariam a partida. A partida do amor.

—Chegamos — disse o taxista. Mariah se afastou e tentou concentrar-se no que o taxista estava dizendo. Por um momento tinha desaparecido, perdeu-se no mágico tato de Gabriel. Foi difícil soltá-lo. Gabriel se inclinou para frente para pagar o taxista. Abriu a porta, saiu, estendeu a mão e a ajudou a sair. Presa pela mão, a levou para as escadas de pedra da entrada principal. Soltou sua mão à contra gosto para procurar a chave e abrir, mas, uma vez dentro voltou a agarrar com força.

—Não quero te soltar, nunca — confessou fervorosamente arrastando-a ao interior do elevador — Estive esperando-a toda minha vida. Não vou permitir que agora, que a encontrei se vá.

Deu uma olhada no painel do elevador, apertou o número do andar e a empurrou de costas contra a parede do elevador. Ergueu sua perna até que estivesse à altura do quadril. Com uma mão segurou a perna nessa postura e a outra colocou debaixo da saia e começou a acariciá-la por cima das calcinhas.

—Está úmida. Para mim. — Surpreendeu com que rapidez reagia o corpo dela perante o menor estímulo. O corpo estava se preparando para recebê-lo. Através do tecido úmido notou o contorno dos lábios gordinhos, mas precisava tocar sua pele, assim, colocou o dedo com cuidado debaixo do tecido.

Mariah arqueou a cabeça e pousou no peito dele. Desfrutava das sensações que proporcionava aquele dedo explorador, que a saqueava no diminuto elevador. Ambos sabiam que o elevador podia parar a qualquer momento e que as portas podiam abrir, mas não se importaram. Gabriel sabia que a essa hora da noite a maioria dos vizinhos estariam em seus apartamentos. Não era de esperar que os interrompessem.

—Gabriel, preciso de você dentro de mim. Não posso esperar mais. — Gabriel apertou às cegas o botão de emergência e o elevador se deteve. Sabia que só tinham uns poucos minutos



antes que soasse o alarme.

Tirou um preservativo do bolso. Graças a Deus tinha sido suficientemente providente para por no jeans um preservativo do monte que guardava em casa. No ritmo que estavam usando, poderia acabar acionista da companhia. Ou procurar uma solução melhor e mais permanente. Embora se Mariah ficasse grávida, não teriam que se preocupar com controle de natalidade. Adoraria ter um filho com ela. Deviam falar disso embora melhor em outro momento, quando não estivessem de novo sobre o fio da navalha. Com uma mão desabotoou o jeans e Mariah conseguiu, não soube como, lhe pôr o preservativo. Agarrou a outra perna e a segurou com força contra a parede. Agora as duas pernas estavam enroscadas ao redor de seu quadril. Ele afastou as calcinhas para o lado e se meteu fundo. Úmida como estava Mariah colocou e tirou facilmente, mas não era suficiente. Queria que fosse algo suave e delicado, mas não havia maneira de conseguir porque só sentia a luva aveludada agarrando-se ao pênis.

—Como quer? — murmurou com os dentes apertados — Suave e delicado como isto ou profundo e duro como isto? — E colocou com dureza fazendo-a deslizar para cima pela parede de tanto desejo que tinha de estar no mais profundo dela.

Nesse momento soou o alarme, mas o ignoraram por completo.

Mariah arqueou as costas e quando ele a penetrou golpeou contra ele para introduzir ainda mais em seu interior. Ele gozou e antes de ter tempo de levá-la a beira também ela gozou e gritou no reduzido espaço do elevador. Permaneceram nessa postura um momento: Mariah apoiada contra a parede e as pernas ao redor da cintura dele. Então ouviram o som do elevador ao ser chamado insistentemente de outro piso. Sem saber muito bem como, Gabriel conseguiu que o elevador voltasse a subir. Quando uns minutos mais tarde as portas se abriram os dois estavam de pé um ao lado do outro com aspecto um pouco cansado. O casal de velhinhos que estava esperando se separou para deixá-los sair e Mariah ouviu dizer a velhinha:

—Deve ter notado como a garota tem um aspecto íntimo.

Mariah não chegou a ouvir a resposta porque o elevador se fechou e levou o casal.

Gabriel abriu a porta do apartamento e a colocou dentro. Tomou só tempo para jogar com uma mão as chaves sobre uma mesa no saguão e com a outra a mantendo ao seu lado. Em seguida a empurrou de costas contra a porta e imobilizou suas mãos por cima da cabeça.

—É você, sabe? — sussurrou ele ao ouvido. O quente fôlego acariciou o pescoço e a fez sentir calafrios. Tinha-o muito perto, pressionando o enorme corpo duro contra o dela, tanto que sentia cada centímetro de desejo. Sabia que estava falando, mas a neblina vermelha de paixão a impedia de entender.

—Sou o que? — perguntou confusa. Do que estavam falando? Como se concentraria com toda essa carne varonil empurrando-a?

—É íntimo. — Fez o comentário e a lambeu do ouvido até a lateral do pescoço. Colocou a ponta da língua no pulso. Notou a mudança de lento e regular a selvagem e feroz — vou soltar suas mãos, mas não quero que as baixe. Faria isso por mim? Pode manter no alto?

Colocou um dedo debaixo do queixo e levantou a cabeça de maneira que pudesse olhá-lo. Sabia que lhe custava controlar o desejo.



Mariah assentiu com a cabeça embora não estava segura a que. A verdade era que tampouco importava. Confiava nele. Gabriel levantou as mãos e as colocou sobre as dela. Logo foi baixando ao longo dos braços. Passou pelo braço interior e demorou nos antebraços, que sabia eram muito sensíveis. Ela teve vontade de sair da própria pele. Era muito. Quando trouxe as mãos para frente e passou pelos seios, Mariah teve uma risada frouxa.

— Isto não parece o procedimento policial correto — apontou Mariah — Está seguro que é assim como se revista?

Em vez de responder Gabriel baixou as mãos e tirou sua diminuta camiseta. Descansou o olhar nos montículos cheios empurrados para cima pelo sutiã. Com a língua tocou o profundo vale que havia no meio e lambeu a ponta do primeiro e logo a do segundo. A seguir se afastou e percorreu o contorno do torso dela com as mãos, logo os quadris e finalmente as pernas.

— É um policial muito mau — o provocou. As pernas começavam a falhar, custava manter-se em pé, sobretudo quando Gabriel mudou de tática e começou o percurso ao inverso pela parte interior das pernas — Te direi tudo o que queira — conseguiu articular ela com respiração entrecortada e tentando juntar as pernas para pôr fim à tortura, mas Gabriel era muito forte para ela.

— Basta que me diga que me quer — sussurrou ele e ela repetiu as palavras que tanto precisava ouvir. Gabriel seguiu atormentando-a. Deu vários toques de mariposa para cima e para baixo na parte interna das pernas dela e quando esta perdeu o controle subiu lentamente com o passar da coxa interna. Mariah custava distinguir entre o prazer e a quase dor, entre se queria que continuasse ou que parasse. Antes de tomar uma decisão, Gabriel a agarrou nos braços e a levou pelo pequeno corredor até o quarto.

— Quero te fazer amor no quarto e não contra uma porta. Quero fazer amor à mulher que quero em minha cama. — Soltou-a e deu um passo atrás. Rindo disse — Mas antes tenho que me desfazer da camisinha. — Mariah soltou uma risada quando Gabriel se meteu no pequeno banheiro anexo.

— Já me perguntava o que tinha pensado fazer com ela — gritou ela.

— As coisas foram muito depressa quando o elevador começou a se mover. Só deu tempo de abotoar os jeans e esperar que tudo saísse bem — explicou ao voltar a reunir-se com ela.

Gabriel se sentou na cama e colocou Mariah entre as pernas. Adiantou-se e com a bochecha áspera lhe acariciou a suave pele da barriga. Sabia que seria como uma lixa fina arranhando a pele. Notou que Mariah se estremeceu ante aquela sensação contraditória. Gabriel girou a cabeça para deixar que agora sentisse o úmido calor da língua lambendo primeiro do umbigo até o esterno. Logo voltou a percorrer a úmida linha que tinha ficado, mas desta vez mordiscando-a, como quando dá bocados muito pequenos a algo tão doce e rico que não quer terminar rapidamente. Como o rico chocolate negro que deve ser desfrutado ao máximo, que deve ser devorado lentamente, não engolido.

Mariah era igual: teria que desfrutá-la centímetro a centímetro para apreciar os distintos sabores e a riqueza de sua pele. Gabriel desabotoou o sutiã pela frente e cobriu seus seios com as mãos. Quase sentiu como se faziam mais pesados ao serem manipulados com tanta delicadeza. Os



mamilos se fizeram mais firmes e se alargaram. Girou-os entre o índice e o polegar puxando ao mesmo tempo.

Mariah pôs as mãos em seus ombros. Imaginou que as pernas dela já não suportariam o peso do corpo a ponto de derreter-se.

—Preciso de você dentro — gemeu e se aferrou aos ombros dele em busca de apoio.

Gabriel soltou os mamilos e colocou a mão no bolso dos jeans. Tirou uma camisinha, que Mariah lhe pôs sem mais demora. A toda velocidade tirou as calcinhas e se livrou dos sapatos com um chute. Deu um passo para frente, colocou os joelhos a cada lado das pernas dele e abaixou sobre ele. Gabriel agarrou o pênis e o sustentou de maneira até que notou que o corpo dela o engoliu. Sentir que o membro desaparecia pouco a pouco dentro dela era algo glorioso. Afastou a mão e Mariah se deixou cair diretamente em cima dele. Nenhum dos dois se moveu. Gabriel notava como o sangue pulsava dentro do pênis. O batimento era amplificado pela pressão que exerciam sobre ele as paredes da passagem de Mariah. Agarrava-o com tanta força que cada pulsar do coração fazia eco no batimento da ereção.

Mariah olhava aos preciosos olhos azuis enquanto se elevava. Viu que o azul dos olhos de Gabriel se fazia mais escuro chegando a parecer o azul de um céu de tormenta. Enquanto Mariah se inclinou para frente para abraçar-se aos ombros de Gabriel, este também se inclinou para diante para que sua boca talentosa brincasse com os seios dela. Aplicando um esmagamento colocou mais quantidade de mamilo e peito na boca e aplicou um movimento rápido ao mamilo ao mesmo tempo em que o chupava. Mariah empurrava os ombros dele para baixo para elevar-se melhor e deixar cair com força, sempre com ele apanhado dentro dela.

Gabriel deixou que ela decidisse o ritmo e logo respondeu empurrando para cima cada vez que ela golpeava para baixo até que se viu engolido dos pés a cabeça pela voragem sensual reservada aos amantes. Felizmente o grito de alívio dela seguiu ao dele. Ao grito seguiu uma ordenha sem fim do membro viril. Espremeu-o até a última gota que pôde lhe oferecer. Mariah se lançou para frente e apoiou a cabeça no ombro dele. Deixou que se relaxassem os músculos para conceder alívio também a ele.

Gabriel se levantou e a levou para o banheiro no final do corredor. Deixou-a sobre o suporte da pia e ligou a ducha. Tirou rapidamente a camiseta e os jeans.

Atirou o preservativo usado no lixo e também tirou a roupa dela. Entraram debaixo da ducha. Gabriel ensaboou primeiro o satisfeito corpo dela e logo o seu. Mariah parecia argila moldável sob as mãos dele. Estava cansada da viagem e de fazer amor. Saíram da ducha, secaram-se e voltaram para o quarto para meter-se em cama e juntar os corpos debaixo das cobertas.

Capítulo vinte e quatro

Gabriel estava sonhando algo muito interessante. Ele e Mariah estavam de novo no elevador do edifício. Ele estava estendido nu no chão e ela estava de pé em cima dele com um uniforme



policial muito apertado que era uma minúscula camiseta puída e umas botas negras de couro por cima do joelho. Era um sonho genial que incluía um monte de detalhes e que não eram precisamente pétalas de rosas ou bigodes de linda casa de jogo clandestino. A saia era tão curta que de onde estava Gabriel via que não vestia nada debaixo da diminuta parte de tecido. Deus! Sustentava um porrete com o qual golpeava a palma da mão enquanto o castigava por ter sido um menino muito mau. Estava explicando o que faria com as algemas quando soou a campainha de alguém no outro andar chamando o elevador. Tentou centrar-se no porrete e nas algemas brilhantes que penduravam dos dedos dela, mas continuava ouvindo a maldita campainha. Mataria quem quer que estivesse apertando o botão do elevador. Não sabiam descer pelas escadas?

Despertou sobressaltado ao dar-se conta de que a campainha do sonho era em realidade a porta do edifício e que não estava deitado nu com a Agente Sem Piedade. Que pena! Foi aos tropeções até a porta e apertou o botão do interfone.

—Olá — grunhiu.

—Bom dia, Gabriel — respondeu Laura com voz cantante — Espero não tê-lo despertado. — Não soava precisamente isso. De fato soava como se esperasse ter interrompido algo. De fato soava muito satisfeita consigo mesma.

—Não, não me despertou — mentiu Gabriel para não ferir seus sentimentos.

—Bem — riu ela — Então poderia abrir e me deixar entrar já que passei cinco minutos aqui de pé tentando chamar sua atenção.

—Meu Deus! Que horas são? — gemeu — Não tinha nem ideia de que estaria aqui à alvorada.

—Acredito que ninguém considera às oito da manhã alvorada — apontou Laura rindo — Não se incomode em abrir. Vou à padaria da esquina que você tanto gosta comprar uns pães-doces para o café da manhã enquanto você prepara café e acorda Mariah.

Gabriel ouviu o clique indicando que Laura se foi. Virou e se dirigiu à cozinha para preparar café. Pareceu justo deixar que Mariah dormisse uns minutos mais, Afinal a teve acordada ao longo de quase toda a noite. Descobriu que gostava de tê-la em cima, sobretudo quando o amassava até fazê-lo explodir e ver uma roda de cores na cabeça ao gozar. Estava de pé, nu, apoiado contra um extremo do balcão observando como o café ia filtrando. Embora ela não fizesse ruído algum, Gabriel soube o momento exato em que entrou na cozinha. Foi pela mudança que percebeu no ar. Não saberia explicar. Fosse pelo que fosse.

Aproximou por trás, rodeou-o com os braços e apoiou a cabeça nas costas. Desfrutava com o calor do corpo daquele homem, com o aroma de sua pele e os músculos firmes do abdômen. Tentou beliscar o tablete de chocolate, que eram seus abdominais, mas não havia nada que agarrar de tão liso que estava tudo. Não cabia dúvida de que estava em forma. Gabriel pôs as mãos em cima das dela e as apertou contra ele.

—Pensei que ainda estava adormecida. Ia despertar dentro de um tempinho — Mariah girou a cabeça e passou a língua ao longo da fenda da espinha dorsal passando por cada uma das vértebras no percurso para cima. Tinha sabor de almíscar quente. Era sem dúvida uma situação



matutina que a punha a cem.

—Como não estava vim te buscar e convencer para que volte para a cama — soltou uma das mãos e recorreu a um método infalível de persuasão: a mão errante percorreu a linha do suave pelo debaixo do umbigo, sempre com um claro destino em mente. Gabriel agarrou a mão justamente antes que chegasse ao objetivo e a levou a boca. Deu-lhe a volta e beijou a palma. Disse que Laura os estava esperando e que estaria de volta da padaria dentro de pouco esperando tomar um café quando subisse.

Dando um grito Mariah saiu disparada para o banheiro e depois de uma ducha rápida revolveu a bolsa em busca de algo para vestir. Endireitou-se com um sorriso ao recordar a missão de Laura. Perguntou-se se teria encontrado algo. Quando Gabriel entrou com uma xícara de café para ela, Mariah já estava vestida e escovando o cabelo e fazendo uma dessas complicadas tranças que Gabriel tanto gostava de desfazer. Laura voltou e as duas mulheres se abraçaram como duas velhas amigas. Devoraram os bolos e o café em um abrir e fechar de olhos. Agora podiam dedicar toda a manhã às compras. Com o último adeus fechou a porta e reinou o silêncio.

Gabriel se deixou cair em uma poltrona grande e fofa. Com a força que emanavam essas duas mulheres lhe dava a impressão de ver-se apanhado por um torvelinho. Quando se juntavam falavam e riam como amigas de toda a vida embora em realidade acabavam de se conhecer. Chamaram-lhe a atenção os olharzinhos às escondidas que se davam. Sabia que estavam tramando algo, mas não tinha nem ideia do que seria. Também estava seguro de que incluía a ele, fosse o que fosse, mas não lhe importou absolutamente. Se as duas pessoas que mais queria no mundo estavam urdindo um plano, estava seguro que seria um bom e que o desfrutaria imensamente.

Sorriu ao pensar na surpresinha que tinha preparada. Estava um pouco nervoso porque não estava seguro de qual seria a resposta de Mariah. Não era normal para ele que algo o pusesse nervoso. No trabalho de policial não havia lugar para enganos. Por essa razão procurava sempre manter os nervos controlados e também os sentimentos, mas Mariah tinha entrado em sua vida como um furacão e mudado tudo. Bastava ver o efeito que teve sobre Laura: tinha-a tirado de sua concha, havia feito querer sair e viver de novo, algo que, lhe constava, não tinha feito desde a morte do Hank. O espaço vazio que se estabeleceu ao redor do coração de Gabriel depois da morte dele se encheu rapidamente com os atos inconscientes de Mariah, com a maneira que Mariah o tinha ajudado a enfrentar à morte do Hank, com a maneira em que fazia amor. Tinha esse efeito nas pessoas e sequer se dava conta disso.

Gabriel permaneceu ali sentado um momento mais sem querer mover-se pensando no quão contente estava por ver Laura e Gabe e no muito que tinha sentido falta dela. Sempre que ele e Hank tinham tido um caso especialmente duro, ela esteve aí. Nunca pressionava, mas sim os ajudava silenciosamente a recuperar o equilíbrio e a realidade afastada frequentemente do mundo sórdido em que trabalhavam. Oxalá Laura viesse a visitá-los. Possivelmente gostasse tanto para ficar. Seria maravilhoso ter Gabe perto e o ver a todas as horas. Além do que, sair de Chicago viria bem a ela. Tinha que falar com Mariah para ver o que opinava. Da maneira como as duas combinavam só podia ser bom que estivessem perto uma da outra. Gabriel jogou uma olhada ao



relógio e se deu conta de que esteve ensimesmado em seus pensamentos durante quase vinte minutos. E tinha encontros a cumprir. O primeiro que tinha a fazer era ir à delegacia de polícia e ver o capitão. Alex Randall passaria por volta das onze e as duas tinham que estar na galeria de arte para ver sua amiga Katherine e recolher o anel que tinha desenhado. Falou com ela há só um par de dias, mas quando ouviu o que pedia disse que poria de lado todos outros projetos e que se dedicaria ao seu imediatamente.

Ele e Katherine se conheciam fazia muito tempo. Foi casada com um amigo do Gabriel, mas resultou que esse amigo era um espancador. Katherine sempre tinha uma desculpa à mão para os hematomas e cortes, mas Gabriel sempre suspeitou que havia algo mais. Uma noite ela o chamou por telefone e pediu aos gritos que fosse ajudá-la. Quando chegou, seu amigo a estava ameaçando de morte com uma faca no pescoço. Katherine tinha decidido abandoná-lo quando ele voltou para casa e descobriu. Tinha visto as malas na porta e um só olhar tinha bastado para saber o que significavam. Com um rugido tinha ido atrás dela. Feito uma fera atirou abaixo a porta do quarto onde ela havia se escondido tentando escapar da raiva assassina. Tinha tido tempo de chamar Gabriel antes que ele derrubasse a porta, mas não pode proteger-se dos duros golpes que caíram sobre ela antes que Gabriel chegasse.

Quando Gabriel viu o sangue que emanava do nariz e o estranho ângulo em que tinha o braço, nublou sua vista e viu tudo através de uma neblina vermelha, cheio de raiva. Não se explicava como alguém era capaz de bater em alguém mais fraco que a gente mesmo. Só quis dar uma surra no amigo até deixá-lo inconsciente. Assim ao menos aquele amigo teria que se ver com alguém de seu tamanho. Nada agradava mais Gabriel do que uma briga justa. Tinha o convencido que soltasse a faca e a deixasse ir, mas quando tentou o esmurrar, Katherine interveio dizendo que não valia a pena ir ao cárcere por ele. Com a ajuda de Gabriel colocaram o marido dela em um programa especial em que o poderiam ajudar e Katherine tinha começado uma nova vida. Seu marido tinha que cumprir condenação, mas ao estar em um programa de reabilitação esta se reduziu. Katherine o tinha visto desde sua liberdade e embora parecesse muito arrependido pelo que tinha feito não a interessava reatar uma vida juntos.

Foi Gabriel quem conseguiu o trabalho em uma galeria local de arte. Havia visto algumas das joias que havia desenhado quando estava na escola de desenho. Durante o desastroso matrimônio, o marido tinha menosprezado suas tentativas de fazer joias. Havia dito que ninguém estaria interessado em uma merda assim. Entretanto, Gabriel tinha visto o verdadeiro gênio que encerravam as joias, igual ao proprietário da galeria. Não só queria exibir e vender as joias, mas sim, também ofereceu um emprego. Gabriel a animou a aceitar o trabalho e assim Katherine começou a recuperar sua vida. Quando Gabriel telefonou dizendo o que queria, ficou muito contente de ter oportunidade de agradecer tudo o que havia feito por ela. S tinha intrigado o pedido de um anel de prata com ametistas incrustadas ao redor. Seria interessante desenhá-lo. Fosse o que fosse o que criasse, Gabriel sabia que adoraria. E esperava que Mariah também. Tinha vontade de ver Katherine e descobrir o desenho do anel de Mariah.

Levantou-se da poltrona e foi tomar banho e barbear-se. Sentiu falta de Mariah ao fazer essa "coisa de homens". Sem ela era simplesmente rotina, algo que teria que fazer. A ducha foi rápida e



sem acontecimentos e o barbear, normal sem ela observando. Assombrou-se do pouco tempo que necessitou para fazer tudo isso sem ela presente. Seria mais rápido, mas nem a metade de divertido. Inclusive o fato de vestir-se foi mundano sem ela presente para ver quão duro se punha pensando nela, tão largo e grosso que se punha de desejo ao imaginá-la ao seu lado, com os olhos cravados em seu corpo e em seu pênis. Voltou ao presente e se preparou para encontrar-se com o Capitão Jenkins e comunicar sua decisão.

Se pegasse a Linha Vermelha, chegaria à delegacia de polícia com tempo suficiente para falar com o capitão. E assim fez. Com o que não contou foi com todos os companheiros que se alegravam de vê-lo e queriam falar com ele. Aguentou a perseguição durante meia hora. Logo se desculpou dizendo que tinha que falar com o Capitão Jenkins. A reação dos companheiros o assustou. Imaginou a situação de uma maneira completamente diferente: que o levariam ao gabinete do capitão entre olhadas glaciais dos antigos amigos e colegas de trabalho, mas não foi o caso de maneira nenhuma. Uns quantos deles tinham ido imediatamente ao seu encontro e lhe dado um abraço de urso e um forte golpe carinhoso nas costas: assim contentes estavam por voltar a vê-lo. Os comentários chegavam de todos os ângulos: "Está estupendo"; "Onde demônio esteve?"; "Me alegro de voltar a vê-lo"; "deixamos sua mesa tal como você deixou, quer dizer, um desastre". Aparentemente ninguém o culpava pelo que tinha acontecido com Hank. Mariah tinha razão. Sabiam que tinha sido coisa do destino, que Hank estava no lugar errado na hora errada. O Capitão Jenkins levantou o olhar quando o viu entrar. Ofereceu a mão e Gabriel a estreitou. O capitão indicou com um gesto que sentasse enquanto voltava a tomar assento atrás da mesa e colocava os braços sobre a maltratada superfície.

—Me alegro que tenha retornado de umas férias, mas não veio para ficar, verdade? Vejo em sua cara. Volta para o Texas, não é? — Depois de Gabriel assentir com a cabeça, o capitão golpeou o punho contra a palma da mão e com um amplo sorriso na cara continuou — Ganhei o pote de apostas. Disse a esses caras que algo estava acontecendo. Só não sabia como ela se chamava. Porque há uma mulher no meio, não?

—Sim. Trata-se de uma mulher que encontrei quando estava atravessando o Texas a caminho de nenhum lugar. Devolveu-me à vida e quero ficar com ela. Bom, se ela me quiser, claro — acrescentou Gabriel rindo. O Capitão Jenkins olhou-o com o rosto iluminado por um sorriso.

—Me alegro por você, filho. Merece isso depois do inferno que viveu durante estes últimos meses. Assim, me conte, quais são seus planos?

—Espero montar uma empresa de segurança particular com Alex Randall. Imagino que posso administrar de qualquer lugar. Burke, o xerife com quem falou me quer como ajudante, mas estou preparado para deixar o trabalho policial para trás, ao menos por enquanto.

—Esse Alex Randall é um tipo agudo. Além disso, tem um monte de contatos. De sua parte é uma jogada inteligente, mas o que diz ele de deixar Chicago?

—Disse que o alegrava mudar-se, mas descobrirei mais quando me encontrar com ele agora às onze. — Gabriel se deteve porque custava falar — Você já tem meu distintivo e minha arma, mas tinha que vir e comunicar minha decisão pessoalmente. Levei um monte de coisas para casa quando peguei a licença. Olharei o que falta recolher.



O Capitão Jenkins saiu detrás da mesa e pôs a mão no braço de Gabriel.

—É um dos melhores, Gabriel — assegurou dando palmadas no ombro — Sei que a empresa irá bem. Tem sorte de ter a oportunidade de fazer o que quer. Desejo todo o melhor. Se quiser, olhe o que tem que empacotar e nos ocuparemos de mandar.

—Pensei fazer com que Ben passasse por aqui e levasse. Poderia guardar enquanto isso.

—Soa bem. Por certo, como está Ben? — o rosto de Gabriel se iluminou imediatamente.

—Nos estudos vai muito bem. Veremos-nos esta tarde. Falarei com ele sobre recolher minhas coisas. Mas agora tenho que ir, fiquei de me encontrar com o Alex às onze.

—Não se esqueça de saudar Breanne quando sair. Ela se encarregará de te enviar o pagamento e tudo o que te corresponda.

Os dois homens permaneceram um momento em pé olhando-se. Para Gabriel era difícil falar e o capitão tinha os olhos suspeitosamente úmidos. Por fim Gabriel deu um último aperto de mãos no capitão e cruzou a chefatura. Esperava chegar até a entrada principal sem que ninguém notasse, mas não foi o caso. Todo mundo parecia estar em sua mesa e todos levantaram o olhar ao mesmo tempo ao abrir a porta do gabinete do capitão. David Sinclair, outro dos detetives com quem Gabriel tinha trabalhado se aproximou.

—Assim, é verdade? Demitiu-se? — Gabriel assentiu com a cabeça — Sentiremos muito sua falta. A que demônio se dedicará ao deixar de ser policial? — Gabriel contou que ficaria em Hopeville e que montaria uma empresa de segurança privada — Alguns dos meninos continuam reunindo-se aos sábados de noite no bar de Clancey. Por que não passa um momento esta noite e traz Mariah? Adoraríamos conhecer a mulher que conseguiu que Gabriel Blackburn fique seus joelhos — disse rindo com vontade — Nunca pensamos que se deixaria caçar por uma mulher e que te imobilizasse.

"Bom, certamente que conseguiu que me coloque de joelhos", pensou Gabriel. "E em mais de uma ocasião, para grande deleite meu. E adoro quando me imobiliza!"

Gabriel tentou não rir, mas não pôde evitar que a mente decidisse seguir os próprios roteiros.

—Tentaremos. Agora tenho que ir falar com a Breanne, mas espero vê-los logo.

Gabriel preencheu toda a papelada necessária, deu a Breanne um endereço onde mandar tudo e foi para sua mesa. Alguém deixou uma caixa e tão logo esteve cheia Dave a pegou e disse:

—Asseguraremos de que isto chegue a você.

Gabriel saiu escamoteado da delegacia de polícia. Deixar tudo atrás era mais difícil do que esperava.

Chegou em casa com apenas uns poucos minutos livres. Tirou os papéis que tinha preparado para apresentar a Alex. Oxalá este quisesse participar da aventura. Gabriel necessitava da experiência e perícia de Alex para pôr o negócio em funcionamento. Alex chegou pontual, impecavelmente vestido como sempre. Dos pés a cabeça era como um modelo de uma capa da GQ, com o comprido cabelo mogno e os chamativos olhos verdes. Fosse onde fosse os olhares femininos o seguiam igual às partes de papel com os números de telefone. Alex simplesmente encolhia de ombros e continuava seu caminho. Trabalhava com multimilionários, estrelas de rock



e magnatas: de tudo. Daí que o aspecto físico era tudo em sua linha de trabalho. Gabriel sabia que quando estava em casa usava jeans rasgados e camisetas puídas pelas inumeráveis lavagens que passou. Alegrou-se muito em vê-lo. Alex se sentou na mesa, abriu o notebook e mostrou a Gabriel no que tinha trabalhado até então. Gabriel ficou boquiaberto. Alex tinha uma lista de possíveis clientes, um estudo de viabilidade, uma lista do material que já tinha mais uma lista do que gostaria de ter. As mudanças na tecnologia, explicou a Gabriel, eram contínuas de modo que sempre havia um aparelho ou traste novo que gostaria de ter. Gabriel jogou a cabeça atrás e riu a gargalhada limpa enquanto Alex ficou olhando.

—O que ocorre? Você não gosta do que vê? — perguntou confuso. Em resposta Gabriel tirou a lista em que esteve trabalhando e mostrou que os dois estavam na mesma onda. As coisas que Gabriel não podia contribuir Alex sim podia, mas, ainda assim não estava seguro se Alex estaria disposto a mudar-se. Sabia que podia levar o negócio, embora não vivessem na mesma cidade, mas não era assim que queria Gabriel. Alex tinha um grande olfato para segurança particular, mas Gabriel não queria um sócio a distância. Queria alguém que estivesse à mão se necessitasse de ajuda ou ideias. Se Alex não estava disposto a mudar-se, teria que se chatear e procurar outra pessoa.

—Isto parece fantástico! — disse Gabriel por fim — mas... — Alex levantou o olhar dos papéis e olhou Gabriel tentando encontrar uma pista no rosto deste do que diria a seguir.

—Mas o que?

—Não quero um sócio a distância. Sei como trabalha e confiaria minha vida, por isso não estou interessado em montar isto com outra pessoa, mas não quero tentar pôr isto em marcha com cada um de nós em uma cidade diferente, diabos, em um estado diferente. — depois deste pequeno discurso Gabriel viu que Alex estava sorrindo — O que?

—Necessito um mês para atar cabos soltos: fechar o escritório, esvaziar o apartamento e acabar todas as obrigações atuais. Parece o suficientemente logo para você? — perguntou Alex ainda sorrindo.

—Assim sem mais. Fechará o negócio aqui em Chicago e se mudará para Hopeville, sem conhecer — disse Gabriel dividido entre incredulidade e alívio.

—Sim — respondeu Alex com determinação. A cara de Gabriel adotou a mesma expressão.

—Genial — O sorriso de Gabriel se estendeu de orelha a orelha — Terei o escritório montado e pronto para que forme parte de "Segurança Randall e Blackburn". Suponho que terei que procurar uma secretária que faça também a vez de recepcionista. Pode ser que Mariah conheça alguém. Comentarei com ela.

—Também posso perguntar a Helena se quer vir para Hopeville — disse Alex pensativo. Gabriel conhecia a gerente de escritório. Era como Alex em versão feminina, com aspecto de estrela de cinema. Mas sabia que levava o negócio sem problemas. Era discreta, eficiente, impressionante, e, ela e Alex tinham uma relação volátil que Gabriel supunha que se devia a que nenhum dos dois quereria admitir que se sentiam atraídos um pelo outro. Gabriel esteve no escritório quando em ocasiões a senhorita Helena dava bronca em Alex por se por em perigo desnecessariamente ou ter se aproximado muito de alguma imbecil estrela de cinema a que



estava protegendo. Gabriel não imaginava a deslumbrante senhorita Helena querendo juntar todos os bens para se mudar para Hopeville. Mas coisas mais estranhas aconteciam. Se tivesse que escolher entre ficar em Chicago sem Alex e ir para Hopeville para estar com ele, Gabriel estava bastante seguro que se mudaria. Embora como represália faria da vida de Alex um inferno, ao menos durante algum tempo. Só de pensar Gabriel teve que rir. Alex era como ele: teria que tomar uma sacudida para que visse o que tinha diante do nariz. Gabriel esperava estar perto quando estalassem os foguetes.

— Claro, vá em frente. Peça a Helena. Interessaria saber o que diz. — Ante o tom de voz de Gabriel, Alex se virou para olhá-lo — O que? Vá em frente, peça.

Alex sabia que não seria capaz de deixar Helena para trás. O que era aquilo? Sabia que a faria sofrer se pedisse que se mudasse, mas de algum modo desejava isso.

— Pedirei — disse e endireitou as costas.

Alex entregou seu cartão de visita a Gabriel.

— Aqui tem meu endereço de correio eletrônico, assim pode ir me mantendo em dia com o que vá acontecendo. Se puder ir antes do fim do mês, o farei saber, mas tenho contratos a cumprir.

— Enquanto isso tentarei ir adiantado o máximo possível para quando chegar, mas terá que me guiar um pouco.

— Se necessitar de ajuda, me ligue. Quero que isto seja bem montado. Não abriremos o negócio até que tudo esteja em seu lugar. Neste negócio não se permitem cagadas porque senão, vai pelo ralo.

— Virá de carro ou avião?

— Acredito que enviarei tudo o que necessite e em seguida irei de carro. Pode procurar uma casa embora seja temporariamente? Não me importa o que seja. Imagino que passaremos grande parte do tempo nos estabelecendo e logo, ao menos um dos outros terá que fazer o trabalho de estrada.

— Ainda tem esse precioso Porsche vermelho?

— OH, sim.

— Isso fará que algumas cabeças de Hopeville se virem — disse Gabriel imaginando o muito chamativo percorrendo a rua principal de Hopeville. Se também viesse Helena, seria demais. Alex e Gabriel repassaram detalhes de última hora e logo Alex recolheu o notebook e se foi.

Gabriel ligou para Ben antes de ir atrás de Katherine. Acabou deixando uma mensagem pedindo que o chamasse de volta. Surpreendeu-o que Ben ainda não tivesse entrado em contato com ele. Não era típico dele não telefonar sabendo que Gabriel estava aqui. Esperava que não tivesse acontecido nada mal. Afastou os pensamentos lúgubres da mente e foi buscar o anel.

Sabia que Katherine tinha um gosto delicioso, mas não estava preparado para a preciosidade de anel que tinha desenhado. Era um desenho complicado de prata e ametistas. As ametistas pareciam estar implantadas no coração da prata. Era impressionante, como a mulher para o qual se destinava. A reação de Gabriel levou Katherine ao êxtase. Quis que fosse extraordinário para demonstrar o agradecida que estava por tudo o que havia feito por ela. Katherine não quis cobrar,



argumentando que era seu presente de casamento.

—Está se adiantando aos acontecimentos — disse Gabriel, mas Katherine estava segura que Mariah era "a mulher". Sabia através de como ele falava dela e como tinha mudado. Sentia-se muito melhor consigo mesmo e não continuava arrastando com ele a culpa da morte de Hank. "Bem vindo de novo ao mundo dos vivos, Gabriel Blackburn." depois de prometer que a convidaria para o casamento, Gabriel voltou correndo ao apartamento para ver se Mariah já havia retornado e para tentar pegar Ben.

Capítulo vinte e cinco

Encontrou-a tombada no sofá com os olhos fechados e rodeada de um monte de sacolas e caixas cujos logotipos Gabriel desconhecia. Laura provavelmente saiu a toda pressa para buscar Gabe. Ainda ficava um suave rastro de seu perfume no ar. Deduziu que acabava de sair. Foi para o sofá e o coração começou a pulsar com força enquanto observava sua amada deitada em meio a toda aquela confusão. Sentia-se como um Neandertal. "Esta é minha mulher e devo reivindicar meu direito sobre ela." Sentia o peso da caixinha no bolso e soube que muito em breve a faria dele. Mariah abriu os olhos e ao vê-lo dedicou um tímido sorriso de boas vindas. Gabriel se ajoelhou e deixou que Mariah o envolvesse em um terno abraço. Era como se fizesse dias que não a visse. Isso devia ser amor. Era como voltar para o lar.

—Que tal foi tudo? — perguntaram os dois ao mesmo tempo. Rindo Mariah disse:

—Você primeiro.

Gabriel se sentou de cócoras. Assim podia olhá-la enquanto falava. Tentou achar palavras que descrevessem o encontro com o Capitão Jenkins. Mariah notou que era muito duro para ele falar disso, deixar uma carreira profissional atrás, uma carreira que apreciava muito. Mariah sabia que Gabriel estava arriscando muito abandonando Chicago para estabelecer-se em Hopeville, mas ela estaria ali a cada passo do caminho para apoiá-lo em tudo o que pudesse.

—Isto não me dá medo — disse Gabriel com voz suave — falei com Alex e estamos sem dúvida na mesma onda. Precisa de um mês para fechar o escritório aqui em Chicago. Logo irá para Hopeville e montaremos o negócio ali.

—Está realmente desejando isso, verdade? — perguntou Mariah.

—Agora que já não estou no corpo da polícia, sim. Quero me mudar e montar o negócio. Esta tarde tenho que falar com meu zelador e depois tenho que ver o Ben. —Preocupava-o não saber ainda nada dele. Por que não ligou para contar no que estava metido? Não era próprio dele não ficar em contato. Onde demônios estava? Mariah o distraiu de seus pensamentos ao agarrá-lo pelo queixo e passar a mão pela áspera mandíbula.

—Quer ver o que comprei hoje na Victoria's Secrets? Nunca estive em uma loja assim, mas uma vez dentro não pude resistir. — Mariah não contou nada de sua estadia no Leather and Lace na seção de Victoria's Secret dedicada a fantasias da época vitoriana. Laura e ela tinham passado



um tempo genial ali, provando roupa e sapatos. Guardava para Gabriel uma grande surpresa ao chegar a casa. O espartilho que Mariah comprou era vermelho e negro com um conjunto de meias negras que chegavam acima do joelho. Mariah temia que tivesse um enfarte quando desfilasse diante dele. O vestido de cortesã tinha um decote muito baixo. Os seios eram empurrados para cima e o vestido mal ocultava os mamilos. O espartilho ressaltava o efeito do sutiã do vestido mostrando um amplo decote e um peito exuberante. Gabriel adoraria. Nada mais para mencionar sobre Victória's Secret se pôs em pé e o levou pelo corredor para o quarto para lhe oferecer um passe privado.

—Que cor prefere que mostre primeiro? Comprei negro, vermelho escarlata, lavanda e verde azulado. — Como Gabriel não tinha muito clara que cor era o verde azulado decidiu começar pelo negro. A primeira vez que tinha visto Mariah e o vento levantou sua saia viu a minúscula lingerie negra que vestia naquele dia. Daí sua debilidade pelo negro.

—Quinhentos dólares pelo negro, por favor — disse. Mariah riu e começou a rebuscar com cuidado nas sacolas.

—Como quer que faça? Me troco aqui ou em outro lugar e te mostro um a um o que comprei? — Mariah permaneceu de pé pacientemente à espera da resposta. Ele pensou uma e outra vez, antes de decidir-se, como se fosse uma decisão de negócios. Que decisão mais difícil!

Cada uma das opções tinha seu mérito. Queria que se despisse diante dele e revelasse luxuriosamente seu corpo centímetro a centímetro enquanto ele observava, ou queria que abandonasse o quarto para deixar que fantasiasse com o que estava fazendo? Em vez de observá-la poderia fechar os olhos e a imaginar despindo-se, tomando tempo e atormentando-o com um lento strip-tease. Mariah seguia esperando pacientemente, sorrindo enquanto Gabriel tentava tomar uma decisão.

—Tenho uma ideia — sugeriu Mariah interrompendo as dúvidas de Gabriel — Posso abrir a porta do armário e ficar atrás. Assim pode ouvir tudo o que faço, mas não poderá ver. Você gostaria?

Gabriel assentiu com a cabeça como um cachorrinho. Se tivesse rabo, teria abanado. Bom, não tinha rabo, mas notou como outra coisa começou a mover-se.

Mariah pegou uma sacola na cama. Deixou a porta do armário aberta e foi para trás. Gabriel ouviu como deixou cair a sacola, logo o ruído de papel. O som do papel unido às vivas imagens que a mente dele evocava bastou para que esticasse os testículos e fazer assim contrapeso ao pênis que já estava formando a barraca de campanha atrás dos jeans. Viu que Mariah mostrou uma mão por trás da porta e que deixou cair a camiseta ao chão. O membro dele moveu. Voltou a aparecer a mão para agora deixar cair a pequena saia. O membro se alargou. Apareceu o sutiã e também foi parar ao montão. Se seguir muito mais disso, teria que desabotoar a calça para dar lugar ao pênis. Por último apareceu uma pequena parte de tecido pendurado de um dedo e supôs que se tratava das diminutas calcinhas. Observou boquiaberto como o pedacinho de tecido foi escorregando pelo dedo até cair flutuando sobre o resto de roupa desprezada. Sabia que agora Mariah estava nua. Gabriel teve que cravar os dedos na roupa de cama para não ir correndo para aquela porta.

Mariah procurou prolongar o pequeno strip-tease atrás do armário o máximo possível.



Julgando pela respiração de Gabriel este estava desfrutando do espetáculo. Por isso quis prolongar. Ficou tentada a dar uma olhadinha por trás da porta para comprovar quão excitado estava, mas era mais prazeroso fechar os olhos e imaginar o enorme membro oculto nos jeans puídos, estirado, largo e duro e muito longo para que ela pudesse abranger com os dedos. Juraria que o ouviu gemer quando apareceram as calcinhas e foram parar flutuando no monte de roupa. Tirou a fina lingerie da bolsa onde a tinha colocado em cima do papel escarlate e a vestiu.

—Vá! — Gabriel ouviu-a se queixar.

—O que foi? Necessita de ajuda?

—Não. Estou bem. O que acontece é que estas são as coisas do Leather and Lace e não da Victoria's Secret — disse um pouco aborrecida.

—E isso é mau?

—Não é mau. Só diferente. — Mariah apareceu de trás do armário. Gabriel teve que se lembrar de respirar. Mariah vestia um sutiã e umas calcinhas que pareciam tirados de uma fantasia masculina. Eram preciosos. Eram de renda e o material estava pontilhado com florzinhas vermelhas. O sutiã era de corte baixo e elevava os seios. Expunha-os como se fosse um banquete para um faminto. As calcinhas eram minúsculas e altas nas laterais. Estavam cobertas pelas mesmas florzinhas do sutiã. Era tão sexy que Gabriel quis levantar de um salto e atirá-la na cama. Ali ele poderia golpear o peito e uivar como um selvagem. Viu que Mariah se olhava com olhos críticos. Gabriel não entendia que problema poderia haver: não acreditava que aquilo pudesse melhorar. Ficava genial.

—O que acontece? — perguntou — Parece perfeito.

—Isto não é para usar todos os dias. Tem uns detalhes especiais que pensei que você gostaria. — Gabriel temeu começar a babar. Aquele conjunto era tão sexy que não era capaz de imaginar quais seriam esses detalhes que melhoravam.

—Que detalhes especiais? — perguntou vacilante. Mariah se sentou a mesa afastando as coisas com cuidado para fazer espaço. Quando se acomodou indicou Gabriel com o dedo que se aproximasse. Ficou ao seu lado em um abrir e fechar de olhos.

—Vê estas lindas flores vermelhas? — perguntou Mariah assinalando as que adornavam o sutiã. Gabriel assentiu com a cabeça — Bom, pois algumas delas não estão costuradas sobre o tecido. — Gabriel levantou uma sobrancelha não de todo seguro de entender a que Mariah estava se referindo.

—Olhe — Mariah pegou duas flores um pouco maiores que as demais, logo acima dos mamilos e as afastou de lado mostrando assim a Gabriel que os mamilos ficavam expostos saindo pelo buraco que as flores acabavam de liberar. O sutiã agora tinha um burquinho a cada lado pelo qual saíam os mamilos duros e muito eretos. Gabriel se inclinou para frente para colocar um na boca, mas Mariah o afastou

— Ajoelhe — ordenou — e mostrarei o outro detalhe — Gabriel teria caminhado sobre brasas para saber. Rapidamente se ajoelhou diante dela. Esta esperou que se acomodasse. Logo abriu as pernas lentamente. Gabriel não conseguia afastar o olhar do malvado sutiã de modo que Mariah teve que dizer — Olhe entre as pernas — Gabriel baixou o olhar e seu rosto iluminou com



um amplo sorriso ao dar-se conta de que o fundo das calcinhas não era mais que uma fresta pela qual se via a racha cremosa de Mariah.

—São lindas — cantarolou Gabriel. Tinha a vista cravada na malha delicada de Mariah exposta pelas malvadas calcinhas. Mariah estava tão úmida que Gabriel não teve mais remédio que inclinar-se e lambar seu creme. Nem sequer teve que afastar as calcinhas. Permitiam o acesso fácil do qual ele tirou vantagem sem pensar. Com o dedo percorreu a fresta afundando a ponta do dedo no cremoso suco. Enquanto Mariah olhava de cima, Gabriel afastou o dedo e o meteu na boca para lambar. Com essa imagem erótica as pernas de Mariah se abriram mais.

—Tem um sabor delicioso — comentou Gabriel com voz suave — Tem sabor de pêssego com creme. Rico. — Colocou a cabeça entre as pernas dela para demonstrar o muito que gostava de seu sabor. De fato, não se saciava: mordia, chupava e colocava a língua dentro. Tudo isto facilitado pela celestial racha das calcinhas. Mariah observava hipnotizada como Gabriel ia comendo como se fosse a coisa mais doce, desfrutando de cada lambida, cada mordisco e cada enfiada da língua. Ao colocar a língua mais dentro, Gabriel notou que o corpo dela se esticou. Isso se tinha convertido no arauto do iminente orgasmo. Notou como as coxas esticaram e o apanharam no meio, como se esticou as esbeltas costas antecipando-se o que estava por chegar e elevando a vulva para a boca ávida. Com um estremecimento violento, Mariah explodiu na boca de Gabriel. A deliciosa nata banhou a língua dele. E este em troca, como se fosse um felino selvagem, limpou-a com a língua e quase ronronou. Gabriel tirou uma camisinha do bolso da calça e não deu tempo a ela para recuperar-se. Abriu todos os botões do jeans, pôs o preservativo, pegou-a da mesa e a colocou em cima dele. O pênis procurou o caminho para o interior transpassando a racha das calcinhas. Vestida com as calcinhas era muito erótico porque cada vez que colocava e tirava as bordas do tecido também se agarravam a ele. Era como uma carícia dupla: a da racha sedosa das calcinhas e a da própria racha succulenta de Mariah. Encaixava como uma luva ao redor dele e a passagem resultava ser mais fácil de atravessar pela grande excitação de Mariah.

—Adoro esta racha — sussurrou e passou a língua pelo interior da orelha.

—Qual? — quis saber ela ao mesmo tempo em que girou a cabeça para morder o ombro dele. Como recompensa sentiu o calafrio que atravessou Gabriel. Acalmou a mordida passando a língua por cima. Foi baixando a boca e desta vez mordeu os peitorais. Cruzou com a língua e mordiscou o outro peitoral.

—Qual o que? — conseguiu perguntar Gabriel das profundezas do prazer.

—Qual das rachas é a que você gosta? — esclareceu Mariah antes de lhe morder o mamilo. Gabriel deu um salto colocando a membro até o fundo.

— Adoro as duas. O que acontece é que não tenho muita certeza se permitirei que ponha estas calcinhas em qualquer outro lugar que não seja em casa. É uma tentação muito grande para usá-las em outro lugar. Imagine o que aconteceria se estamos por aí e de repente me lembro dessa formosa racha cobrindo sua formosa racha. Poderia te pôr contra uma parede e cravar meu membro de granito. Em qualquer lugar. A qualquer hora. Umas poucas investidas bastariam para gozarmos. Você gostaria?

Mariah não conseguia entender como Gabriel sempre conseguia dar a volta daquela



maneira. Sempre que pensava que era ela quem o estava tentando, ele dava um giro à conversa de modo que era ela quem acabava desesperada por possuí-lo. Como agora! Enrolou as pernas ao redor da cintura dele e se balançou para cima e para baixo para colocá-lo bem em seu interior. Gabriel a ajudou pondo as mãos debaixo do traseiro. Que razão tinha! Tão somente umas poucas estocadas e os dois gozaram em meio a foguetes. Gabriel temeu que lhe falhassem as pernas e que os dois acabassem rodando pelo chão.

— Parece-me que isto foi um claro sim a favor da nova lingerie — disse Mariah rindo e segurando com força o pescoço de Gabriel. Nessa postura podia olhar seu rosto de cima e ver que seguia ruborizado pela excitação. Gabriel suspirou.

— O que ocorre?

— Deixei-me levar tanto pela racha das calcinhas que me passou por completo brincar com os mamilos. Da próxima vez começarei por eles e não deixarei que nada me distraia. — prometeu seriamente — Comprou algo mais desse tipo?

— Comprei uns conjuntos encantadores e convencionais na Victoria's Secret — respondeu de forma evasiva.

— E...?

— E, sim, comprei mais coisas na Leather and Lace. Mas não vou mostrar isso agora porque todas elas têm seus detalhezinhos especiais que terá que descobrir por você mesmo — De repente Gabriel se sentiu um pouco como Cristóvão Colombo ou o Capitão Kirk em "ir audazmente aonde nenhum homem foi antes".

— Diga se todos têm a racha? — quis saber.

— Não vou contar isso. Terá que descobrir sozinho. Considere como práticas trabalhistas.

— Minhas práticas não se pareciam em nada a isso, céu. Mas as práticas com você eu adoro — Gabriel a levantou com cuidado e deixou que ficasse em pé. Os dois gemeram com a sensação deliciosa do último roçar ao sair de dentro dela. Gabriel tirou o preservativo e o atirou no cesto de papéis que estava ao lado da cama. Abotoou o jeans e a atraiu para ele para que se sentasse em seu colo.

— Falando de práticas trabalhistas — disse — alguns dos meninos com quem trabalhava na Delegacia de polícia Número Nove vão tomar umas cervejas esta noite no bar do Clancey. Pediram que fosse e que te leve comigo. Querem conhecer a mulher que me fez ficar de joelhos. — Mariah pensou no último episódio ajoelhado com a racha das calcinhas e começou a rir. Gabriel soube perfeitamente no que estava pensando — Não acredito que saibam com que rapidez faz que me ajoelhe. Acredito que era só uma maneira de falar, mas sem dúvida é uma de minhas favoritas.

— Adoraria conhecer seus amigos. Está certo que está bem com tudo isto? Viveu em Chicago grande parte de sua vida e é aqui onde foi tira durante muitos anos. Está preparado para abandonar tudo isto? — Mariah esperou a resposta cheia de ansiedade. Este era o momento de recuar, se era isso o que precisava.

— Senti-me estranho quando entreguei minha demissão. Ser tira é a única coisa que sei fazer, entretanto, não tenho a menor dúvida de estar fazendo o correto. Depois de ter falado com Alex sei que vamos levar adiante a empresa e que vai ser um êxito. Além disso, quero estar com



—você e sei com certeza que não seria capaz de manter uma relação à longa distância. Quero estar com você em Hopeville.

Mariah levantou e pegou outra sacola, desta vez uma com o logotipo de Victoria's Secret e tirou outro conjunto de lingerie fina de cor negra. Desta vez se tratava de um body negro com uma liga e uma tanga negra combinando. O conjunto tinha pequenos distintivos brancos na parte dianteira do body. Da mesma sacola também saíram um par de meias que tirou lentamente do pacote. Gabriel olhou a sacola e disse com voz rouca:

—Não me dirá que esta é a liga convencional? — Mariah assentiu com a cabeça — Meu Deus, se isto for o convencional, já estou impaciente por ver o resto das coisas do Leather and Lace.

Mariah se alegrou de ter passado tanto tempo com Laura olhando a lingerie antes de passar no departamento de roupas Vitorianas. Todo o provar e as risadas valeram a pena julgando pela reação de Gabriel. Enquanto ele continuava olhando, Mariah desabotoou o sutiã e tirou as calcinhas de racha. Gabriel se recostou apoiado nos cotovelos para desfrutar do espetáculo. Mariah vestiu a tanga negra e logo o body. Fechou os ganchos da parte dianteira ocultos pelos distintivos. Tirou as meias do pacote e pegou uma. Enrolou-a para poder colocar o pé. Quando meteu o pé o colocou em cima da cama ao lado dele para que pudesse desfrutar de perto como subia lentamente a meia ao longo da perna para segurá-la no final com a liga.

Gabriel não recordava ter visto nunca uma mulher vestir a meia e se tinha visto, nunca daquela forma. Gabriel jogou uma olhada ao pênis indisciplinado, que empurrava contra o tecido do jeans e se perguntou se aguentaria o tempo da outra meia.

Mariah viu que o pênis estava empurrando contra os botões da calça. Pegou a outra meia e começou a pô-la colocando também desta vez o pé sobre a cama. Deu uma olhada ao vulto do Gabriel. Sorriu ao ver que o membro engrossava. Mariah subiu a meia lenta e sedutoramente. Passou-a pelo joelho e seguiu subindo pela coxa onde tentou prender na liga. Fingiu ter problemas. O sempre galante Gabriel se ofereceu para ajudar. Primeiro segurou o elástico de fora. Isso já mandou sensações prazerosas por todo o corpo de Mariah, mas quando ele pôs as mãos na parte interior da coxa para segurar o elástico interior soube que estava perdida. Gabriel passou a mão pela parte de dentro da coxa. Pôs um dedo debaixo da parte superior da meia para poder chegar ao elástico traseiro. Os dedos ásperos causavam cócegas na sensível pele e mandaram calafrios ao longo da espinha. Por fim Gabriel conseguiu segurar a liga, mas deixou que os dedos se entretivessem acariciando delicadamente a suave pele. Gabriel se inclinou para frente e deu beijinhos de mariposa enquanto lhe acariciava o cabelo. Mariah estendeu a mão, o fez primeiro levantar-se em seguida sentar na cama se colocando entre as pernas.

A barraca de campanha nos jeans provocada pela desenfreada excitação indicou que a Gabriel encantaria o que tinha preparado. Agarrou a calça e a desabotoou. Deixou que o membro saísse disparado ao encontro da ansiosa boca dela. Esta vez foi Gabriel quem olhou para baixo ver enquanto lhe dava prazer com a boca. E que prazer estava dando, disso não cabia a menor dúvida. Sob o ávido olhar Mariah o colocou inteiro na boca, tanto que chegou a tocar na garganta. Então começou a sugar com a ajuda das bochechas. Ao afastar-se teve oportunidade de prestar mais



atenção à ponta chorosa. Lambeu com a língua as primeiras lágrimas de esperma. Logo percorreu com a língua o pênis em todo o comprimento. Voltou a colocar na boca para aumentar a pressão da língua e bochechas. Desta vez notou que Gabriel esticou o corpo, por tudo, estava a ponto de gozar. Mariah pôs as mãos nas nádegas dele e o aproximou ainda mais. Logo o pegou com a mão para marcar o ritmo. Puxou e apertou para chegar ao clímax. No momento em que soube que estava a ponto voltou a colocá-lo na boca e deixou que seus fluídos escorregassem pela garganta.

Gabriel seguiu soltando uma corrente eterna de fluido quente até que se sentiu completamente seco e sem essência. Mariah se afastou e limpou a boca com o dorso da mão. Sorria feliz. Gabriel juntou energia suficiente para devolver o sorriso embora o que em realidade gostaria era de cair de joelhos. Cair de extenuado e adorar a deusa que o fazia sentir tão fodidamente bem. Agarrou o pênis com cuidado e voltou a colocá-lo dentro da calça. Finalmente abotoou de novo os jeans. Mariah observava, sem esconder seu interesse. Fez com que ela se levantasse e lhe deu um forte abraço.

—Amo-a — disse — mais do que jamais saberá. — Mariah apoiou a cabeça no peito dele em busca de calor e conforto.

—Também o quero.

—Temos que nos preparar se vamos ao bar do Clancey. Ainda quer ir? — Não queria obrigá-la a passar toda a noite com seus antigos colegas de trabalho a não ser que realmente gostasse. Mariah sabia que para ele era importante estar com os amigos assim pediu o tempo justo para acabar de vestir-se. Gabriel saiu do quarto para outro lugar. Sabia que se ficasse Mariah não acabaria nunca, disso se asseguraria ele, de modo que a deixou tranquila. Minutos mais tarde se reuniu com ele vestindo uma camiseta de alças, uma saia rodada e o cabelo solto que chegava até o traseiro.

—Quer que escove seu cabelo? — ofereceu a Gabriel com a escova na mão.

—Adoraria — aceitou e se sentou no braço do sofá para que ela pudesse alcançar. Mariah tirou o elástico do cabelo e começou a escovar com cuidado a formosa juba em ritmo quase hipnótico.

—Como é que o deixavam andar com o cabelo assim no trabalho? — quis saber.

—Deixei para um disfarce. Quem imaginaria um policial com o cabelo comprido? Permitia que entrasse em lugares nos quais um tira normalmente não seria bem recebido. — Gabriel seguia quieto. Desfrutava da sensação da escova acariciando o cabelo e da mão dela na cabeça assegurando-se de não dar nenhum puxão e não o machucar. Por fim notou que voltava a prendê-lo. Tinha acabado. Ele não queria que acabasse.

—Pronto. Já está apresentável.

—Quer que agora escove o seu? — propôs. Embora ela já o tivesse feito, deduziu pelo tom de voz dele que gostava muito de penteá-la de modo que aceitou. Gabriel a colocou entre as pernas e passou penteá-la. Tinha uma juba muito longa, suave e sedosa. Deu umas quantas passadas e logo levou o cabelo ao nariz para poder cheirar. O xampu que usava deixava apenas um perceptível aroma cítrico que adorava. Deixou que a juba caísse solta pelas costas e tentou desembaraçar com cuidado todos os nós.



—Pronto — Mariah agarrou a escova.

—Coloque a escova em seu lugar e vamos.

Minutos mais tarde saíram e de táxi chegaram ao bar do Clancey. Uma olhada em Mariah bastou aos amigos de Gabriel para saber por que queria ir para Hopeville. Uma vez que começaram a falar com ela ficou claro que era a mulher perfeita para ele. Riam baixo quando viam o muito que a protegia embora não tinha por que. Ela só tinha olhos para ele. Entusiasmaram-se em comprovar que além de tudo era inteligente e de que não deixava passar nenhuma tolice de Gabriel apesar de apoiá-lo em tudo.

—Gostei muito de seus amigos — disse Mariah quando já estava com a cabeça apoiada no ombro dele no assento detrás do táxi. Despediram-se dos companheiros em meio a promessas de seguir em contato e de advertências de cuidar de Mariah porque era realmente uma boa partida.

—Me alegro que tenha chegado a conhecê-los. Você também os agradou muito. Espero que saibam que podem vir a Hopeville quando quiserem.

—Acredito que depois das inúmeras vezes em que os convidou isso ficou muito claro — comentou ela rindo.

—Algum desses meninos seria uma boa adição no negócio novo, mas vou esperar para ver como vamos Alex e eu.

O táxi os deixou diante do prédio de Gabriel e no momento em que o zelador estava tirando o lixo. Gabriel tinha pensado em falar com o senhor Walker pela manhã, mas este era um momento tão bom como outro qualquer. Depois de uns minutos de bate-papo leve Gabriel comunicou a decisão de mudar-se para o Texas.

—Essa menina atrás de você não será parte da razão, não? — perguntou o zelador sorrindo.

—Olá. Sou Mariah Forrester — se apresentou apertando a mão.

O senhor Walker adorou e se alegrou por Gabriel. Merecia uma alegria na vida e esta senhorita parecia ser muito capaz de dar isso ao Gabriel. Ele contou como se conheceram e o muito que gostava de Hopeville. Também falou um pouco da empresa de segurança particular que queria montar. O senhor Walker escutava atentamente enquanto Gabriel seguia falando.

—Não me importarei em pagar outro mês de aluguel — disse finalmente.

—Já me pagou o aluguel do primeiro e do último mês — recordou o senhor Walker — De fato, o filho de minha irmã precisa de um lugar onde ficar. Virá para o colégio aqui. Poderia entrar no final do mês. Devolverei o aluguel do mês seguinte. Não me parece bem cobrar o mesmo mês em dobro. Não se preocupe por isso.

Como o apartamento já estava mobiliado quando Gabriel foi viver nele, combinou com o senhor Walker em ir no fim do mês para recolher e levar suas coisas. O senhor Walker disse que sentia muito que Gabriel fosse.

—É genial ter um tira vivendo no edifício — explicou para Mariah — Todo mundo se sente muito mais seguro. Embora não esteja sempre em casa basta saber que há um policial vivendo aqui. Sentirei sua falta — disse agarrando Gabriel pelo braço — Mas porque é uma boa pessoa, não porque seja um bom tira.

—Nos veremos quando recolher minhas coisas — assegurou Gabriel e lhe deu tapinhas no



braço.

Mariah e Gabriel chegaram agarrados pela mão à porta do apartamento. Gabriel abriu e empurrou Mariah dentro.

—Obrigado por ter me acompanhado — agradeceu enquanto a levava para quarto. Uma vez ali começou a despi-la ansioso por ver a sensual roupa íntima. Ela tentava despir a ele no minino tempo. Feita uma confusão de braços e pernas e em meio de risadas acabaram caindo sobre a cama. Muito mais tarde estavam ali aconchegados debaixo das mantas planejando com voz baixa o que fazer no dia seguinte. O agudo som do telefone interrompeu o silêncio. Gabriel estendeu o braço por cima de Mariah para atender. Alegrou-se ao ouvir a voz do Ben.

—Espero não chamar muito tarde — se desculpou. Gabriel estava tão contente em ouvi-lo que não teria importado a que hora fosse.

—Não tem nada — assegurou Gabriel tentando se concentrar no que Ben estava dizendo enquanto a mão de Mariah estava riscando um caminho ao longo da barriga para se dirigir ao destino final: o pênis ansioso.

—Pare! — articulou Gabriel com os lábios dirigindo-se a ela, mas ela o ignorou fingindo não entender o que queria dizer.

O que estava acontecendo era que Ben tinha uma namorada que vivia com ele. Esqueceu de todo o resto em seu afã por estar com ela. Gabriel entendeu perfeitamente a situação. Ben prometeu ir buscá-los no dia seguinte e levá-los ao aeroporto. Ao menos assim conheceria Mariah. Poderiam passar um momento juntos antes que saísse o voo. Quando Gabriel voltou a estender o braço para deixar o auricular, Mariah aproveitou para agarrá-lo por baixo.

—Está desafiando o destino, senhorita! —adverteu Gabriel.

—É isso que pretendo — respondeu ela ao mesmo tempo em que o acariciava.

—Sabe o que fazemos com as meninas que não sabem ficar com as mãos quietas? — perguntou com sorriso de pirata.

—Não, mas espero que me ensine. — E imagine se não a ensinou. De fato, depois da demonstração do que se fazia às meninas más os dois ficaram exaustos.

—Espero que tenha aprendido a lição — disse Gabriel e lhe deu um tapa no traseiro.

—Não estou muito segura. É possível que tenha que repetir a lição em outro momento. Mas agora mesmo acredito que vou dormir um momento.

No minuto seguinte Gabriel a ouviu respirar profunda e regularmente. Adormeceu abraçada a ele.

Na manhã seguinte despertaram com tempo suficiente para estar prontos quando Ben chegasse. Gabriel passeava pelo apartamento para ter uma ideia do que teria que embalar e do que jogaria fora. Voltaria ao fim de um par de semanas para pôr tudo em ordem e os laços que uniam a tudo aquilo seriam rompidos definitivamente: começaria uma vida nova. Mariah chamou Laura para agradecer toda sua ajuda e fazê-la prometer que iria visitá-los. Quando Laura perguntou se Gabriel tinha gostado da roupa íntima que tinha comprado, Mariah respondeu:

—Direi que estive à altura das circunstâncias.

As duas mulheres estalaram em gargalhadas.



—Acredito que gostará da fantasia de época que comprou.

—Acredito que se encantará.

Quando Gabriel pegou o telefone para agradecer a Laura por ter ido buscá-los no aeroporto e preparado o jantar, Mariah desapareceu no quarto.

—Gabriel, tem uma mochila onde possa colocar tudo o que comprei? —gritou.

Gabriel ficou sem fôlego ao entrar e ver toda lingerie exposta sobre a cama. Era como o melhor sonho erótico feito realidade. Avançou para ela com olhar faminto, mas Mariah estendeu as mãos e disse:

—Não temos muito tempo antes que Ben chegue.

Gabriel seguiu caminhando para ela com intenções evidentes. Ela começou a rir à medida que se aproximava. Quando chegou junto a ela colocou a mão debaixo da cama e tirou uma mochila pequena.

—Só ia te dar uma mochila — disse maliciosamente. Mariah lhe deu uma palmada no braço e pegou a mochila. Gabriel observava enquanto ela dobrava tudo com cuidado, mas ordenou que ele saísse do quarto. Não queria que estragasse a surpresa.

Quando acabou saíram juntos para comer algo em uma cafeteria do bairro. Na volta se encontraram com Ben que estava esperando nas escadas. Gabriel tinha o coração na mão quando os apresentou. Mas como era de esperar, em minutos Ben e Mariah estavam falando como se fossem dois velhos amigos. Restava muito pouco para empacotar e em uma hora já estavam a caminho do aeroporto. Despacharam as duas malas, mas Mariah se negou a deixar a bolsa de lingerie. Guardaria com a bagagem de mão. Não a perderia de vista por nada do mundo. Ben se sentou com eles em um lugar tranquilo do aeroporto e falou de sua namorada. Tinha conhecido através de um trabalho que fez para a companhia e a relação se transformou em algo sério. Gabriel o pôs em dia sobre a empresa de segurança particular que estava planejando. A três por quatro os olhos de Gabriel se dirigiam para Mariah e Ben viu que a coisa era séria. Quando Mariah se desculpou para ir ao banheiro, Ben abordou o tema.

—Vai a sério com esta mulher, verdade?

—O suficientemente sério para ter neste instante um anel no bolso e querer lhe prometer toda uma vida.

—Ei! Nunca pensei que chegaria este dia, mas tenho que admitir que gosto muito.

—Talvez possa vir nos visitar e passar algum tempo conosco em Hopeville.

—Asseguro que irei ao casamento.

—Sim, sempre e quando me aceitar — disse Gabriel inseguro.

—Está louca por você! Claro que vai aceitar. Quando vai dizer?

—Não sei. Terei que escolher uma ocasião romântica. Já sabe como são as mulheres com estas coisas. — Ben não disse que sabia muito bem como era isso porque o seu romance também era muito sério e ele também pensava em dar o grande passo. Mas ainda não queria contar a Gabriel. Era o grande momento de Gabriel e não queria estragar. Além disso, ele ainda necessitava de algum tempo mais para pedir a Alana que se casasse com ele. Queria que quando pedisse, estivesse segura. Quando Mariah voltou seguiram falando um momento, mas logo tiveram que



despedir-se. Gabriel prometeu que se veriam dentro de poucas semanas quando voltasse para recolher as coisas do apartamento e o gato. Ao abraçar Mariah, Ben sussurrou no ouvido que era perfeita para Gabriel e pediu que cuidasse dele. Para Mariah não foi nenhum esforço prometer isso.

Passaram pelos detectores de metal, saudaram uma última vez Ben e desapareceram pelo corredor da sala de embarque à espera que anunciassem seu voo. Por fim anunciaram o voo 1707 da American Airlines com destino a Santo Antonio de modo que se uniram à fila com todos os outros. Como só levavam a bolsa pequena, meteram-na no bagageiro que tinha acima. Por alguma razão desconhecida Mariah não conseguiu convencer Gabriel que guardasse também a jaqueta. Ele se manteve firme em não desprender-se dela. A seguir começaram a discutir qual dos dois se sentaria desta vez do lado do corredor. Gabriel argumentou que precisava sentar-se ali porque assim tinha espaço suficiente para esticar as pernas. Mariah contra-argumentou que ele já tinha ido sentado aí no primeiro voo de modo que agora era ela. Gabriel viu que ela não daria o braço a torcer assim cedeu cavalheirescamente esperando poder convencê-la para trocar de lugar na metade do voo, uma vez que suas pobres pernas tivessem adormecido por falta de circulação. Os aviões comerciais não estavam feitos para pessoas de seu tamanho. Ao sentar Mariah voltou a agarrar-se a sua mão e se negou a soltar até que os indicadores dos cintos se apagaram e estiveram a salvo no ar. Por fim conseguiu relaxar e olhar ao redor. Gabriel não pôde relaxar. Não quis guardar a jaqueta porque dentro tinha o anel e não o queria perder de vista. Sabia que deveria escolher um momento e um lugar mais romântico, mas com ela sentada tão perto não tinha mais remédio que confessar o que sentia. Colocou a mão no bolso pela enésima vez para assegurar-se de que a caixinha continuava ali. Girou o melhor que pôde nos limites do assento e disse:

—Mariah?

—Sim, Gabriel?

—Sei que foi recentemente que nos conhecemos e que não tenho muito a oferecer, mas acredito que deveríamos nos casar. — Gabriel a olhou sabendo que quanto ao aspecto romântico havia pifado.

Fosse o que fosse o que ela esperava ouvir de Gabriel nesse momento, certamente não esperava isso.

—Está claro que sabe como xavecar uma mulher. "Você, né, acredito que deveríamos nos casar." Ora, não sei o que responder a uma proposta tão romântica.

Sim, sem dúvida tinha pifado quanto ao romantismo. Deduziu pelo olhar incrédulo dela.

—Isso é um não terminante? — perguntou sem saber bem como continuar.

—Bom, não é precisamente a proposta com que sonha uma garota. "Acredito que deveríamos nos casar."

Gabriel esperou não tê-la vexado de tudo. Bem, era ex-policial. Supunha-se que devia saber como virar à omelete.

—Desculpe — disse e se levantou — Me deixa passar? — pediu a ela.

Mariah se perguntou aonde pensava ir agora, depois de soltar uma pergunta assim. Não



restavam muitos assentos livres no avião para os quais escapar. Mariah afastou as pernas a um lado para deixá-lo passar. O traseiro estupendo dele passou justo diante de seus olhos. Apesar da proposta medíocre, gostou de dar uma dentada ao traseiro. Gabriel sabia que a parte seguinte tinha que ser dirigida com delicadeza. Depois de 11 de setembro não queria alarmar nenhum passageiro nem causar nenhum problema. Colocou-se no corredor, levantou os braços e disse:

—Desculpem. Sou Gabriel Blackburn, policial de Chicago.

Esperava que na Grande Conspiração das coisas lhe perdoasse aquela mentirinha. As pessoas levantaram o olhar sem saber o que estava acontecendo. Depois daquele 11 de setembro nada mais era igual. As pessoas se sentiam inseguras, mas dava a impressão de que Gabriel não pretendia fazer nada mal. Mariah o agarrou pelo braço.

—Gabriel, o que faz?

Ele simplesmente sorriu e lhe deu uns tapinhas na mão.

—Acabo de pedir minha noiva que se case comigo, mas não disse que sim. — Todo mundo começou a rir agora que viam o que estava acontecendo. Mariah ruborizou e tentou fazê-lo sentar.

—A verdade é que tampouco pedi exatamente que se case comigo. Disse que deveríamos nos casar o que não é exatamente o mesmo. Esperava que dissesse sim, mas agora não sei muito bem o que devo fazer.

Uma anciã no assento atrás disse em voz alta:

—Rastejar um pouco pode ser que sirva. — Todo mundo riu.

—Serviria? — Gabriel perguntou para Mariah, mas ela estava muito envergonhada para falar.

—Tem que se ajoelhar e pedir como Deus manda — sugeriu outra senhora — Assim fez meu Horace faz cinquenta e sete anos e eu não disse que não. — Deu uns tapinhas carinhosos ao senhor que tinha ao lado e o rosto deste iluminou. Depois de cinquenta e sete anos ainda havia amor.

Gabriel se ajoelhou no corredor e agarrou a mão de Mariah. Todo mundo segurou a respiração. Não se ouvia um só ruído quando Gabriel olhou Mariah nos olhos.

—Mariah Forrester. Quero-a de todo coração. Não posso imaginar a vida sem você. Quero ter filhos com você. Quero te fazer o amor a toda a hora onde possa e onde queira. Quero cuidar de você, te mimar e ficar velho ao seu lado de modo que a última coisa que veja antes de deixar este mundo seja sua preciosa face. Quer, por favor, se casar comigo e me fazer o homem mais feliz do mundo?

—Sim, Gabriel, sim quero. — Gabriel a rodeou com os braços e lhe deu um forte abraço.

—O que respondeu? — gritou alguém do fundo.

—Disse que sim — gritou em resposta a esposa do radiante Horace enquanto Gabriel fez Mariah se levantar e a beijou no corredor diante de todo mundo. Gabriel tirou a caixinha do bolso e abriu.

—OH, Gabriel! É precioso!

—Minha amiga Katherine desenhou exclusivamente para você. Quero-a de todo coração,



Mariah Forrester — jurou Gabriel enquanto punha o anel e voltava a beijá-la apaixonadamente em meio do júbilo de outros passageiros.

—Também quero você, Gabriel Blackburn. Estou louca para chegar em casa e te mostrar o que mais comprei em Chicago.

—OH, não! Sou um homem morto!

A cabine explodiu em aplausos.

Fim



Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>